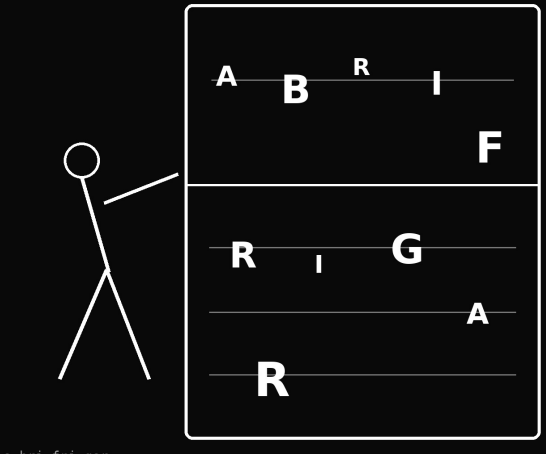
LEXICOGRAFIA / POESIA / HUMOR

DICIONÁRIO DAS PALAVRAS QUE AINDA NÃO EXISTEM

Palavras para coisas que já existiam antes delas



a·bri·fri·gar

Vítor Rua

ASOKA MIAU EDITIONS / LISBOA / 2026

DICIONÁRIO DAS PALAVRAS QUE AINDA NÃO EXISTEM

Palavras para coisas que já existiam antes delas

Vítor Rua
ASOKA MIAU EDITIONS · Lisboa · 2026

© Vítor Rua, 2026

Dicionário Das Palavras Que Ainda Não Existem
Palavras para coisas que já existiam antes delas

Autoria: Vítor Rua
Concepção editorial, composição e capa: Asoka Miau Editions
Primeira edição provisoriamente definitiva
Academia das Palavras Inexistentes — fundada amanhã
Lisboa, 2026

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta edição pode ser reproduzida, armazenada ou transmitida por qualquer meio sem autorização do autor, salvo nos casos previstos na lei.

«Um dicionário normal diz-nos que palavras existem. Este tenta descobrir quais estão em falta.»

MAPA ALFABÉTICO

Vinte e cinco territórios para 571 palavras provisoriamente definitivas.

A **54**

B **82**

C **89**

D **96**

E **103**

F **110**

G **128**

H **144**

I **162**

J **175**

K **191**

L **198**

M **213**

N **229**

O **245**

P **257**

Q **272**

R **281**

S **295**

T **306**

U **318**

V **324**

X **339**

Y **344**

Z **347**

Introdução

I. Antes da palavra

Antes de existir uma palavra para uma coisa, a coisa não deixa necessariamente de existir. A chuva caiu antes de alguém lhe chamar chuva. A fome apertou estômagos antes de haver uma palavra para fome. Alguém terá sentido pela primeira vez a ausência de outra pessoa muito antes de alguma língua ter encontrado uma maneira de dizer saudade. O mundo não esperou pacientemente que aparecessem substantivos para começar a acontecer. Mas existe uma diferença entre uma coisa acontecer e nós conseguirmos reconhecê-la como uma coisa.

Uma criança muito pequena pode sentir medo antes de conhecer a palavra medo. Pode experimentar uma contracção no corpo, procurar protecção, chorar, recuar. Mais tarde, alguém lhe diz: «isso é medo». A partir desse momento aconteceu algo extraordinário. Aquela experiência, que antes era apenas uma alteração do corpo e da consciência, passou a pertencer a uma categoria. Pode regressar amanhã e ser reconhecida. Pode ser comparada com a de ontem. Pode ser comunicada. Pode até ser antecipada: «tenho medo de que aconteça». Uma palavra não criou necessariamente o sentimento, mas construiu-lhe uma morada. É possível que grande parte da história da linguagem tenha começado assim: fazendo moradas.

Dar um nome a alguma coisa é recortá-la do contínuo do mundo. Olhamos para milhares de seres diferentes — altos, baixos, verdes, secos, tortos, jovens, centenários — e chamamos-lhes «árvores». Nenhuma árvore sabe que pertence à categoria árvore. Essa categoria é nossa. Inventámo-la para que o mundo, infinitamente particular, se tornasse transportável dentro da cabeça.

Fazemos isto constantemente e já nem reparamos na violência delicada da operação. Dizemos «mesa» e desaparecem por instantes todas as diferenças entre uma mesa de cozinha, uma mesa de autópsia, uma mesa onde foi assinada uma declaração de guerra e aquela pequena mesa instável que alguém herdou da avó e se recusa a deitar fora. A palavra reúne objectos que nunca se encontraram e

provavelmente teriam pouco para conversar. A linguagem é, deste modo, uma fabulosa máquina de simplificar o universo.

Sem essa simplificação seria provavelmente impossível viver como vivemos. Teríamos de inventar novamente o mundo todas as manhãs. Cada cadeira seria uma criatura inédita. Cada rosto começaria do zero. Cada sentimento teria de ser experimentado sem antecedentes. As palavras permitem-nos guardar experiências em pequenas caixas transportáveis. Algumas caixas dizem «amor». Outras «cansaço», «distância», «ontem», «talvez», «imposto», «girafa». Graças a elas conseguimos conversar sobre uma girafa sem termos uma girafa na sala, recordar uma pessoa que morreu, combinar um encontro para quinta-feira e discutir coisas que talvez nunca venham a existir. É difícil imaginar uma invenção mais poderosa, mas toda a caixa tem paredes.

Quando aprendemos uma palavra, aprendemos também uma fronteira. Se isto se chama tristeza e aquilo se chama alegria, em algum lugar entre ambas foi desenhada uma linha. A linha pode ser vaga, móvel e cheia de excepções, mas está lá. E começamos a distribuir aquilo que sentimos pelas gavetas que a língua colocou à nossa disposição. O problema é que talvez existam mais coisas do que gavetas.

Sentimos tristeza, certamente. Mas será a tristeza que sentimos ao abandonar uma casa onde vivemos durante vinte anos a mesma tristeza que sentimos quando percebemos que uma pessoa querida envelheceu? É a mesma que surge, sem motivo aparente, numa tarde de domingo? É a mesma que aparece dentro de um momento feliz quando percebemos subitamente que aquele momento vai acabar? Dizemos «tristeza» porque a palavra está disponível, mas talvez estejamos a colocar quatro animais diferentes na mesma jaula apenas porque ainda não lhes demos nomes diferentes.

Não acontece apenas com as grandes emoções. Acontece com as pequenas experiências de todos os dias, muitas delas tão banais que ninguém parece ter considerado necessário baptizá-las. Por exemplo, entramos numa divisão da casa para ir buscar alguma coisa e, quando chegamos,

esquecemo-nos completamente do que íamos buscar. Permanecemos alguns segundos no meio do quarto, como um actor que entrou em cena sem ter recebido o texto. Isto acontece a milhões de pessoas. É suficientemente comum para provocar reconhecimento imediato quando o descrevemos, mas precisamos de uma frase inteira para o dizer.

Ou abrimos o frigorífico. Observamos o interior. Não encontramos nada que nos interesse. Fechamo-lo. Dez minutos depois tornamos a abri-lo. Sabemos perfeitamente que ninguém entrou em casa entretanto para colocar lá uma tarte, um queijo extraordinário ou uma pequena travessa de camarões. Conhecemos o conteúdo do frigorífico. Ainda assim voltamos a verificar. Talvez não procuremos sequer comida. Talvez estejamos apenas a consultar o frigorífico como quem consulta um oráculo particularmente frio. Para isto também precisamos de uma frase.

Há milhares destas pequenas acções sem nome. Voltar atrás para confirmar se realmente fechámos a porta quando sabemos que a fechámos. Adiar durante três dias uma tarefa que demora quatro minutos. Continuar a ver um filme mau porque já vimos uma hora e seria «desperdiçar» essa hora desistir agora. Experimentar um prazer inexplicavelmente intenso quando alguém cancela um compromisso ao qual, curiosamente, tínhamos aceitado ir de livre vontade. Guardar uma caixa vazia porque «pode vir a dar jeito». Voltar a ler uma mensagem que nós próprios acabámos de enviar, como se esperássemos encontrar nela alguma novidade.

Não são propriamente sentimentos. Não são exactamente pensamentos. Algumas são comportamentos, outras estados passageiros, outras misturas de hábito, expectativa, absurdo e personalidade. Existem, repetem-se, são reconhecíveis, podem ser descritas — mas permanecem lexicalmente desalojadas. Talvez uma das maneiras de medir uma língua seja precisamente observar tudo aquilo que ela ainda nos obriga a explicar.

Quando dizemos que determinada língua «tem uma palavra» para qualquer coisa que a nossa não tem, surge

muitas vezes uma espécie de fascínio. Descobrimos que outra comunidade linguística decidiu individualizar uma experiência que nós deixámos dissolvida numa frase. De repente, aquilo que parecia apenas uma sensação vagamente familiar apresenta-se diante de nós com contornos. Reconhecemo-la e pensamos: «então isto tem nome». É uma frase curiosa. Não dizemos apenas «então existe uma palavra para isto». Dizemos frequentemente «isto tem nome», como se o nome acrescentasse à coisa uma segunda forma de existência. Talvez acrescente.

Uma experiência nomeada pode ser convocada. Pode entrar numa conversa. Pode transformar-se numa pergunta. Pode tornar-se objecto de humor, estudo, discussão ou vergonha. Podemos perguntar a alguém se já a sentiu. Podemos descobri-la num romance escrito há trezentos anos. Podemos reconhecê-la quando regressa e podemos transmiti-la.

Uma palavra é uma espécie de ficheiro comprimido da experiência humana. Dentro de meia dúzia de letras pode caber uma história enorme. «Luto» pode conter uma casa inteira depois de alguém morrer. «Ciúme» pode conter noites sem dormir, mensagens relidas, suspeitas, ridículo, medo e desejo. «Saudade» pode transportar uma pessoa, uma cidade, uma infância, uma voz, um cheiro e uma tarde de Agosto dentro de sete letras. Mas qualquer sistema de compressão perde informação.

Talvez seja por isso que passamos a vida a acrescentar adjectivos às palavras. Tristeza profunda. Tristeza doce. Tristeza inexplicável. Tristeza antiga. Tristeza antecipada. Tristeza serena. É como se estivéssemos continuamente a pedir desculpa à palavra «tristeza» por lhe confiarmos trabalho a mais. Também dizemos «uma espécie de...», «é como se...», «não sei explicar, mas...». Estas expressões são talvez pequenas luzes vermelhas no painel da linguagem.

Dizemos «é uma espécie de saudade, mas não é bem saudade», ou «é como vergonha, mas não exactamente», ou ainda «não é medo; quer dizer, é medo, mas é outra coisa». Sempre que aparece um «mas não é bem», talvez haja uma palavra em falta. Este dicionário nasce precisamente dessa suspeita.

Não nasce da convicção de que tudo precisa de ser nomeado. Há coisas que talvez devam continuar sem nome, assim como existem lugares onde uma estrada seria uma agressão. Nem nasce da pretensão de corrigir a língua portuguesa, que viveu perfeitamente bem até hoje sem qualquer auxílio destas páginas e continuará provavelmente a ignorá-las com admirável tranquilidade. A proposta é outra: tratar as zonas ainda não nomeadas da experiência como territórios por cartografar.

E se, em vez de aceitarmos que determinadas situações exigem vinte palavras, inventássemos uma? E se criássemos termos não apenas para os grandes mistérios da consciência — a perda, o desejo, o tempo, a memória — mas também para as pequenas anomalias da terça-feira à tarde? A língua não foi entregue à humanidade acabada. Ninguém recebeu, numa manhã remota, um dicionário completo acompanhado de instruções de utilização. As palavras foram sendo feitas.

Algumas nasceram de outras palavras. Algumas viajaram entre povos. Algumas mudaram de significado. Outras morreram. Há palavras que começaram por significar uma coisa e acabaram séculos depois a significar quase o contrário. Há palavras que foram consideradas erradas até ao momento em que tanta gente começou a usá-las que deixaram de o ser. Uma língua está sempre inacabada e talvez seja essa uma das suas maiores virtudes.

Se estivesse concluída, seria uma língua morta mesmo que milhões de pessoas ainda a falassem. Inventar uma palavra não é, portanto, cometer necessariamente uma heresia contra a linguagem. É repetir um gesto tão antigo como a própria linguagem: descobrir uma falta e tentar preenchê-la com som.

Algumas das palavras deste livro talvez pareçam perfeitamente naturais. Outras terão um ar suspeito. Algumas serão imediatamente compreensíveis; outras precisarão de definição antes de começarem a fazer sentido. Haverá palavras para acontecimentos interiores e palavras para acontecimentos perfeitamente exteriores. Palavras sérias e palavras completamente desnecessárias. Palavras para comportamentos que talvez fosse melhor não

termos. Palavras para coisas tão específicas que poderão ter apenas três utilizadores no planeta, dos quais dois provavelmente nunca comprarão este livro. Isso não constitui problema algum.

Um dicionário convencional parte das palavras existentes e procura explicar aquilo que significam. Este parte das coisas existentes e procura saber que palavras lhes faltam. Há uma diferença importante entre as duas operações: a primeira pergunta «o que significa esta palavra?»; a segunda pergunta «onde está a palavra para isto?». É nessa segunda pergunta que este livro começa.

II. A invenção da linguagem e a prisão que veio com ela

A linguagem é talvez uma das mais extraordinárias tecnologias alguma vez inventadas pelo ser humano, embora ninguém saiba ao certo quem a inventou, porque provavelmente ninguém a inventou. Não houve uma reunião inaugural, nem uma primeira comissão encarregada de decidir que som deveria designar a água, que ruído serviria para chamar alguém ou qual seria o termo adequado para indicar que um animal perigoso se aproximava pela esquerda. A linguagem terá emergido lentamente, acumulando gestos, sons, associações, repetições, convenções e equívocos até se transformar num sistema suficientemente estável para que um grupo pudesse confiar nele. E, quando esse sistema começou a funcionar, aconteceu qualquer coisa de radical: o mundo deixou de existir apenas enquanto presença e passou também a existir enquanto representação.

Uma pedra continuava a ser uma pedra, mas podia agora ser evocada quando não estava presente. Um animal podia ser mencionado depois de ter desaparecido. Uma pessoa podia ser lembrada sem estar diante de nós. Talvez tenha sido aí que começou uma das primeiras formas de libertação humana em relação ao instante. Com a linguagem, tornou-se possível falar de ontem, imaginar amanhã, avisar alguém de um perigo que ainda não chegara, recordar uma caça que já terminara, combinar uma acção futura ou inventar um acontecimento que nunca existiu. A palavra libertou-nos da obrigação de viver apenas

dentro daquilo que estava diante dos olhos.

Mas toda a libertação cria também os seus próprios limites.

A linguagem tornou possível sair do presente, mas fê-lo oferecendo-nos um conjunto de caminhos já traçados. Para comunicar, precisamos de usar sinais que os outros reconheçam. Se cada pessoa inventasse a sua própria palavra para água todas as manhãs, provavelmente morreríamos todos de sede durante a explicação. A eficácia da língua depende precisamente da repetição. Uma palavra funciona porque não é inteiramente nossa. Herdámo-la. Já significava alguma coisa antes de a pronunciarmos pela primeira vez.

Quando nascemos, entramos portanto num mundo que não está apenas cheio de objectos, animais, corpos, sons e acontecimentos. Está também cheio de nomes. Há uma palavra para mãe, uma palavra para chão, uma palavra para frio, outra para dor. Muito antes de termos capacidade para discutir a adequação dessas categorias, começamos a utilizá-las. A língua instala-se em nós antes de termos consciência de que existe. Não a escolhemos. Não examinamos várias possibilidades linguísticas aos dois anos de idade e decidimos, depois de ponderada reflexão, qual delas descreve melhor a realidade. Recebemos um sistema pronto a usar, embora nunca terminado, e aprendemos a movimentar-nos dentro dele.

É aqui que a metáfora da prisão começa a tornar-se útil, desde que não seja tomada literalmente. A língua não é uma cela fechada da qual não consigamos sair. Podemos inventar palavras, aprender outras línguas, criar metáforas, escrever poesia, produzir música, desenhar, gesticular, permanecer em silêncio. Há inúmeras maneiras de exceder o vocabulário que recebemos. Mas isso não significa que esse vocabulário seja neutro. As palavras disponíveis oferecem caminhos de menor resistência. São corredores já iluminados. Aquilo que tem nome tende a ser mais facilmente reconhecido, recordado, partilhado e comparado. Aquilo que não tem nome pode continuar a existir, mas permanece muitas vezes numa zona mais difusa.

Talvez sejamos, por isso, menos prisioneiros daquilo que podemos pensar do que prisioneiros daquilo que conseguimos pensar com facilidade.

A diferença é importante. Não precisamos de acreditar que uma pessoa seja incapaz de experimentar uma emoção por não possuir uma palavra para ela. Basta admitir que duas experiências muito próximas podem permanecer confundidas durante anos porque a língua lhes oferece a mesma etiqueta. Se dispomos apenas de uma grande gaveta chamada «tristeza», podemos colocar nela coisas muito diferentes. Se mais tarde aprendemos ou inventamos termos que distinguem perda, nostalgia, desalento, vazio, antecipação da perda, saudade de uma versão anterior de nós próprios ou tristeza diante da passagem do tempo, talvez comecemos a reconhecer essas diferenças mais depressa.

A linguagem não nos diz apenas o que existe. Sugere-nos também onde devemos procurar diferenças.

É possível observar isso em coisas muito simples. Uma pessoa que começa a aprender os nomes das aves deixa frequentemente de ver apenas «pássaros». Onde antes existia uma mancha indiferenciada de pequenos animais com penas, começam a aparecer melros, piscos, estorninhos, gaios, andorinhas. As aves já lá estavam. A aprendizagem dos nomes não as criou. Mas alterou aquilo que a pessoa consegue distinguir no mesmo cenário. A paisagem mudou sem que uma única ave tivesse mudado de lugar.

O mesmo acontece quando alguém aprende vocabulário musical. Uma pessoa pode ouvir uma peça e dizer apenas que é «triste», «estranha» ou «rápida». Depois aprende a distinguir timbre, pulsação, síncope, textura, dissonância, ostinato, glissando, polirritmia, reverberação. Não passou necessariamente a ouvir mais sons físicos do que antes, mas passou a organizar a escuta de outra maneira. Aquilo que era uma impressão global tornou-se um território cheio de diferenças. As palavras funcionaram como focos de luz.

O vocabulário pode, portanto, ser entendido não apenas como um armazém de nomes, mas como um instrumento de resolução. Quanto mais fino é o vocabulário disponível para

uma determinada área da experiência, mais pequenas podem tornar-se algumas das distinções que fazemos dentro dela. Um cozinheiro reconhece diferenças que alguém sem vocabulário culinário pode reduzir a «sabe bem» ou «sabe mal». Um perfumista consegue falar de famílias aromáticas e notas que para outra pessoa são apenas «um cheiro». Um mecânico ouve um ruído num motor e distingue nele possibilidades que para a maioria de nós se resumem a «o carro está a fazer uma coisa esquisita».

Não há nenhuma razão para supor que o nosso mundo interior seja diferente.

É possível que muitas das nossas emoções, pensamentos e pequenas experiências quotidianas estejam ainda numa espécie de baixa resolução lexical. Não porque sejam misteriosas ou demasiado profundas, mas porque ninguém sentiu necessidade de as separar. Uma pessoa pode perfeitamente sobreviver sem uma palavra específica para o alívio provocado pelo cancelamento de um jantar. Pode viver uma vida longa e digna sem possuir um verbo para a acção de consultar repetidamente o frigorífico. A civilização não parece depender dessas descobertas. Mas a ausência de necessidade prática não significa ausência de realidade.

Os dicionários tradicionais dão-nos facilmente a impressão de que a língua é um inventário estabelecido do mundo. Procuramos uma palavra e encontramos uma definição. A ordem alfabética, as abreviaturas, as categorias gramaticais e a solenidade tipográfica produzem uma sensação de estabilidade. Parece que alguém já fez o trabalho. As palavras existem, os significados foram classificados e resta-nos apenas consultar a gaveta certa. Mas qualquer dicionário é apenas uma fotografia provisória de uma língua em movimento. Enquanto se imprime uma edição, aparecem novas palavras, outras mudam de sentido, algumas desaparecem do uso quotidiano e outras começam discretamente a significar coisas que ainda não significavam quando a página foi composta.

Há qualquer coisa de tranquilizador e simultaneamente enganador num dicionário. Ele apresenta a língua como território conhecido, quando na realidade estamos sempre a

viver nas suas fronteiras.

Todos os dias inventamos maneiras novas de usar palavras antigas. Criamos abreviaturas, deformações, ironias, sentidos privados, expressões familiares, gíria profissional, palavrões transformados em afecto e palavras afectuosas transformadas em insulto. A língua oficial corre atrás da língua real com alguns anos de atraso, tentando registar aquilo que os falantes já fizeram sem pedir autorização. É talvez a única instituição em que a desobediência sistemática dos utilizadores acaba por modificar as regras.

E há nisto uma pequena justiça poética. Se herdámos a língua sem a escolher, também recebemos a possibilidade de a modificar.

Cada geração recebe um edifício que não construiu e deixa-o ligeiramente diferente. Abre portas, fecha outras, acrescenta pisos, deita paredes abaixo, instala palavras estrangeiras na cozinha, abandona certas expressões numa arrecadação e, de vez em quando, constrói uma divisão inteira porque apareceu qualquer coisa que antes não precisava de nome. O edifício nunca fica pronto. Talvez uma língua só permaneça viva enquanto alguém continuar a fazer obras sem licença.

Mas a maior parte dessas transformações acontece por necessidade histórica, científica, tecnológica ou social. Aparecem novos objectos e precisamos de os nomear. Aparecem novas práticas, novas profissões, novas máquinas, novas formas de comunicação. O léxico acompanha a invenção material do mundo. Quando surge uma tecnologia inteiramente nova, ninguém se surpreende por ser necessário encontrar palavras novas para ela.

Estranhamente, somos bastante menos ambiciosos quando se trata de inventar palavras para experiências que sempre existiram.

Aceitamos sem dificuldade uma palavra nova para uma aplicação de telemóvel que não existia há cinco anos, mas continuamos a descrever com vinte palavras um comportamento humano que talvez exista há milhares. Aceitamos vocabulário novo para máquinas, interfaces e processos industriais, mas tratamos frequentemente as

nuances da consciência, os pequenos hábitos ridículos, as hesitações sociais e os acidentes quotidianos como se a língua já tivesse cumprido todas as suas obrigações nessa matéria.

Talvez tenhamos confundido antiguidade com completude.

O facto de uma experiência existir há muito tempo não significa que já tenha sido devidamente observada. Há fenómenos tão familiares que se tornam invisíveis precisamente por estarem sempre presentes. Ninguém estranha atravessar a casa e esquecer-se do motivo até alguém descrever a situação; nesse momento, várias pessoas riem porque reconhecem imediatamente o que foi dito. O riso é quase uma confirmação lexicográfica antecipada: aquilo existe, eu também faço isso, apenas nunca pensei que pudesse merecer um nome.

Talvez seja exactamente aqui que começa uma pequena possibilidade de libertação.

Se a língua é em parte uma arquitectura herdada, inventar palavras permite-nos alterar essa arquitectura. Não se trata de destruir as palavras que temos nem de substituir o vocabulário existente por milhares de neologismos impraticáveis. Trata-se de abrir pequenas janelas em paredes que julgávamos inevitáveis. Uma palavra nova pode ser inútil durante toda a vida e ainda assim revelar uma coisa que, até esse momento, estava escondida à vista de todos.

A liberdade linguística não consiste em viver sem palavras. Isso seria regressar a uma impossibilidade anterior à própria pergunta. Consiste talvez em perceber que as palavras que recebemos não são as únicas palavras possíveis. Aquilo que está no dicionário não constitui a fronteira natural da experiência humana. É apenas aquilo que, até agora, alguém conseguiu ou decidiu nomear.

Se houver uma prisão na linguagem, as suas grades não são feitas apenas de palavras. Algumas são feitas precisamente das palavras que faltam. E talvez inventar um vocabulário para essas ausências seja uma maneira, ainda que pequena e deliberadamente absurda, de começar a serrá-las.

III. Pensamos apenas aquilo que conseguimos dizer?

Se uma pessoa não possuir uma palavra para determinada experiência, será incapaz de a pensar? A pergunta é sedutora precisamente porque permite uma resposta extrema: talvez a linguagem seja uma espécie de fronteira da consciência e só consigamos pensar aquilo que conseguimos dizer. Se assim fosse, cada língua construiria um mundo mental próprio e os seus falantes viveriam dentro dele como habitantes de territórios parcialmente incompatíveis. Uma palavra inexistente corresponderia, de algum modo, a um pensamento impossível. O problema é que a realidade parece ser simultaneamente mais complicada e mais interessante.

Pensamos sem palavras muitas vezes. Reconhecemos um rosto antes de nos lembrarmos do nome. Imaginamos a disposição dos móveis de uma casa sem precisarmos de descrever mentalmente cada cadeira. Um músico pode antecipar uma sequência sonora que ainda não sabe nomear. Podemos perceber que alguma coisa está errada numa imagem antes de conseguirmos explicar o quê. Uma criança experimenta estados emocionais muito antes de possuir vocabulário suficiente para os descrever. Outros animais resolvem problemas, reconhecem indivíduos, antecipam acontecimentos e aprendem relações sem disporem, tanto quanto sabemos, de um dicionário interior semelhante ao nosso. Seria portanto difícil defender que todo o pensamento necessita obrigatoriamente de palavras.

Mas daí não resulta que as palavras sejam apenas etiquetas colocadas posteriormente sobre pensamentos completamente formados. Entre a ideia de que «só conseguimos pensar aquilo que conseguimos dizer» e a ideia oposta de que «a língua não interfere em nada naquilo que pensamos» existe um território imenso, e é precisamente nesse território que este dicionário se instala.

Durante o século XX, esse problema ficou particularmente associado aos nomes do linguista e antropólogo Edward Sapir e do seu discípulo Benjamin Lee Whorf. Tornou-se habitual falar de uma «hipótese Sapir-Whorf», embora nunca tenha existido propriamente um manifesto escrito

pelos dois autores com esse nome e contendo uma única hipótese claramente formulada. A expressão foi consolidada posteriormente e acabou por reunir sob o mesmo rótulo ideias de intensidades bastante diferentes acerca da relação entre língua, cultura e pensamento. Numa versão forte, frequentemente chamada determinismo linguístico, a língua determinaria aquilo que somos capazes de pensar. Numa versão mais moderada, a estrutura e o vocabulário das línguas influenciariam certos hábitos de percepção, atenção, memória e classificação do mundo. É esta segunda possibilidade que continua a produzir perguntas interessantes e investigação, enquanto a versão de uma língua funcionando como prisão mental absolutamente intransponível é demasiado rígida para descrever aquilo que sabemos sobre a cognição humana.

Talvez a palavra «influenciar» pareça tímida depois de tantas promessas filosóficas, mas é precisamente aí que começa a parte mais perturbadora do problema. Não é necessário que uma língua nos proíba de pensar alguma coisa para exercer poder sobre o pensamento. Basta que torne algumas distinções automáticas e deixe outras dependentes de esforço. Basta que nos obrigue repetidamente a reparar numa característica do mundo enquanto outra língua obriga os seus falantes a reparar noutra. Ao fim de milhares de frases pronunciadas, ouvidas e pensadas, essas pequenas exigências podem transformar-se em hábitos.

Há uma diferença enorme entre não conseguir ver uma coisa e não estar habituado a reparar nela. Imaginemos duas pessoas diante da mesma paisagem. Ambas possuem olhos biologicamente semelhantes e recebem aproximadamente a mesma luz. Uma conhece apenas algumas palavras para as plantas que vê. A outra distingue dezenas de espécies pelo nome. A primeira não é cega às diferenças; se lhe pedirmos que compare duas folhas, consegue provavelmente encontrar características distintas. Mas a segunda poderá reconhecer imediatamente categorias que para a primeira só aparecem depois de uma observação deliberada. O vocabulário não acrescentou novas árvores à paisagem. Alterou a velocidade e a facilidade com que certas diferenças se tornam relevantes.

A cor oferece um exemplo particularmente sugestivo porque o espectro visível não vem dividido por linhas naturais com etiquetas penduradas. A passagem entre muitas tonalidades é contínua, enquanto as línguas distribuem esse contínuo por categorias lexicais. Os repertórios de termos básicos de cor variam entre línguas, embora também existam regularidades importantes entre culturas. A investigação das últimas décadas não sustenta a ideia simplista de que uma pessoa seja fisicamente incapaz de ver uma cor por não possuir uma palavra específica para ela; mostra, porém, que as categorias lexicais podem participar na maneira como as cores são classificadas, recordadas e processadas. O olho recebe luz, mas a língua pode ajudar a decidir onde desenhamos algumas das fronteiras.

É talvez útil imaginar a linguagem não como uma parede colocada diante da realidade, mas como um conjunto de linhas desenhadas sobre ela. O mundo continua por baixo. Podemos atravessar as linhas, apagá-las, redesenhá-las e aprender as linhas que outras línguas traçaram. Mas, enquanto as utilizamos todos os dias, começamos facilmente a confundi-las com divisões naturais do próprio mundo.

Uma das características mais poderosas de uma língua é justamente obrigar-nos a fazer distinções às quais já não prestamos atenção consciente. Ao construir uma frase, não precisamos de parar continuamente para consultar as regras que aprendemos na infância. Elas actuam com uma velocidade extraordinária. Escolhemos tempos verbais, singular ou plural, artigos, pronomes e relações sintácticas quase sem perceber que estamos a tomar decisões. Noutras línguas, algumas dessas decisões podem não ser necessárias e outras, que para nós parecem irrelevantes, podem ser inevitáveis. Cada sistema linguístico distribui de maneira diferente aquilo que deve ser dito, aquilo que pode ser omitido e aquilo que precisa de ser especificado.

Isto não significa que os falantes de duas línguas habitem universos mutuamente inacessíveis. A tradução seria impossível se assim fosse. Significa antes que podem chegar ao mesmo território por caminhos diferentes e que, durante o percurso, um deles foi obrigado a reparar em

coisas às quais o outro não teve necessariamente de prestar atenção. Uma língua pode pedir continuamente ao falante que determine uma relação que outra deixa em aberto. Outra pode oferecer uma palavra comum para uma distinção que nós só conseguimos explicar por meio de uma perífrase. Nenhuma dessas diferenças determina por completo o pensamento, mas todas elas podem participar nos hábitos mentais que adquirimos.

Esta distinção é essencial para o presente livro, porque seria tentador afirmar que existem emoções que nunca sentimos simplesmente porque não temos palavras para elas. Seria uma afirmação espectacular e provavelmente excessiva. Talvez já tenhamos sentido muitas delas. Talvez o problema seja exactamente esse: sentimo-las sem as separar.

Podemos ter experimentado dezenas de vezes a tristeza particular de saber, durante um momento feliz, que esse momento terminará. Podemos tê-la misturado com nostalgia, medo, felicidade e consciência da passagem do tempo. Como nenhuma palavra nos obrigou a individualizá-la, talvez tenha permanecido dissolvida nessa mistura. No dia em que alguém lhe der um nome convincente, pode acontecer uma coisa curiosa: começaremos a reconhecê-la. Não porque a palavra tenha criado retrospectivamente uma emoção que nunca existiu, mas porque colocou um contorno à volta de uma configuração emocional que antes não isolávamos.

A diferença pode parecer pequena, mas é enorme. Uma coisa que pode ser reconhecida pode ser procurada na memória. Uma coisa que pode ser nomeada pode ser comunicada sem precisar de ser reconstruída do princípio em cada conversa. Uma coisa que pode ser comunicada pode ser reconhecida por outras pessoas. Depois disso, pode entrar numa história, numa canção, numa discussão, numa piada ou num diagnóstico errado. Pode adquirir sinónimos, opostos e derivados. Pode envelhecer. Pode tornar-se antiquada. Pode eventualmente sobreviver às pessoas que a inventaram.

As palavras não são apenas etiquetas; são também instrumentos de atenção. Quando dispomos de uma palavra,

adquirimos uma espécie de pequeno detector mental. Começamos a encontrar exemplos daquilo que ela designa. Isto acontece de maneira banal quando aprendemos um conceito novo e, durante os dias seguintes, parece que ele está em toda a parte. Provavelmente já estava. Nós é que não o separávamos do fundo.

É também por isso que aprender uma palavra estrangeira sem tradução exacta pode produzir um prazer tão peculiar. Não recebemos apenas uma sequência nova de sons. Recebemos uma hipótese acerca da experiência. Uma língua distante parece aproximar-se e dizer-nos: «nós reparámos nisto». Às vezes reconhecemos imediatamente aquilo que ela decidiu nomear e ficamos quase surpreendidos por a nossa própria língua nunca ter considerado necessário fazer o mesmo. Durante alguns segundos, um espaço anteriormente contínuo ganha uma fronteira.

Mas existe também o movimento inverso. A extraordinária diversidade das línguas recorda-nos que nenhuma delas é uma descrição completa e inevitável da realidade. Se todas dividissem sempre o mundo exactamente nos mesmos lugares, poderíamos suspeitar que o vocabulário era apenas um espelho passivo de categorias universais prontas a serem descobertas. O facto de encontrarmos diferenças mostra-nos que uma língua contém também escolhas históricas, culturais e colectivas acerca daquilo que vale a pena distinguir.

Algumas dessas escolhas são tão antigas que deixaram de parecer escolhas.

Quando dizemos «passado», «presente» e «futuro», por exemplo, é fácil imaginar que estamos apenas a enumerar três compartimentos evidentes do universo. Quando dizemos que um acontecimento «está à nossa frente», que «deixámos alguma coisa para trás», que «gastámos tempo», que «perdemos uma hora» ou que precisamos de «ganhar tempo», transportamos para a experiência temporal metáforas de espaço, movimento, posse e economia sem termos de pensar conscientemente nelas. São formas tão familiares de falar que parecem pertencer às próprias coisas, quando pertencem também à maneira como

aprendemos a falar delas.

É precisamente por isso que o encontro com línguas estruturalmente diferentes pode causar uma espécie de vertigem filosófica. Não porque nos revelem povos incapazes de compreender aquilo que compreendemos, nem porque comprovem fantasias românticas segundo as quais cada comunidade estaria encerrada numa realidade metafísica própria, mas porque demonstram uma coisa mais simples e talvez mais profunda: aquilo que nos parece inevitável pode ser apenas habitual.

E o habitual é particularmente difícil de ver.

Uma pessoa não sente o peso da própria língua cada vez que abre a boca. As palavras parecem disponíveis, transparentes, quase naturais. Só reparamos na estrutura quando alguma coisa não cabe nela. É o momento em que dizemos «não sei como explicar», «não é exactamente isso», «há uma palavra noutra língua para isto» ou «devia existir uma palavra para esta situação». Nesses pequenos acidentes torna-se visível a moldura.

Talvez seja aí que possamos regressar à ideia da prisão sem cair no exagero de imaginar grades absolutas. A língua não nos impede necessariamente de sair da cela, mas pode fazer-nos esquecer que existe uma porta. Podemos sentir alguma coisa sem saber nomeá-la, imaginar sem descrever, reconhecer sem classificar e até criar sem compreender completamente aquilo que criámos. Mas, quando uma nova palavra aparece, abre-se uma passagem entre uma experiência privada e um objecto mental partilhável.

Nesse sentido, este dicionário não pretende libertar pensamentos que seriam biologicamente impossíveis sem ele. A ambição é simultaneamente mais modesta e mais estranha: pretende criar palavras que talvez nos façam reparar em coisas nas quais já vivíamos sem reparar suficientemente. Não oferece novos sentimentos como quem distribui órgãos suplementares. Propõe novas divisões dentro daquilo que já sentimos, pensamos e fazemos.

Talvez algumas dessas divisões sejam inúteis. Talvez outras sejam tão convincentes que, depois de nomeadas, pareça

incompreensível termos vivido tanto tempo sem elas. É impossível saber antecipadamente. Uma palavra inventada é uma experiência lançada sobre a língua: desenha-se uma fronteira e espera-se para perceber se alguém reconhece o território.

Se alguém reconhecer imediatamente uma experiência numa palavra que nunca existiu, acontece então uma pequena anomalia lógica que está no centro deste livro. A pessoa compreende uma palavra que nunca aprendeu para uma coisa que nunca soube nomear e, ainda assim, sabe exactamente do que estamos a falar. Nesse momento, talvez descubramos que a palavra era inexistente, mas o lugar que veio ocupar já estava à espera dela.

IV. Outras maneiras de dividir o mundo

É difícil perceber que uma língua divide o mundo de uma determinada maneira enquanto vivemos dentro dela. As categorias que aprendemos na infância parecem tão evidentes que tendemos a confundi-las com propriedades naturais das próprias coisas. Há passado, presente e futuro; há esquerda e direita; uma quantidade é um, dois, três, quatro; uma cor é azul ou verde; uma coisa está diante de nós ou atrás de nós. Tudo parece simplesmente estar onde sempre esteve. Só quando encontramos uma língua que distribui essas mesmas experiências por fronteiras diferentes percebemos que algumas das divisões que julgávamos pertencer ao mundo pertencem também à maneira como aprendemos a falar dele.

O caso dos Hopi tornou-se talvez o exemplo mais famoso e, por isso mesmo, um dos mais mal compreendidos. Benjamin Lee Whorf interessou-se profundamente pela maneira como a língua hopi, falada por um povo indígena do sudoeste dos Estados Unidos, organizava linguisticamente o tempo. Algumas das suas formulações foram posteriormente resumidas numa afirmação espectacular: os Hopi não teriam palavras ou conceitos correspondentes ao nosso passado, presente e futuro e, por consequência, viveriam numa experiência temporal radicalmente diferente da nossa. A história é irresistível. É também demasiado simples. Estudos posteriores, em especial o extenso trabalho de Ekkehart Malotki publicado em Hopi Time em

1983, documentaram abundantemente a capacidade da língua hopi para exprimir relações temporais, durações, sequências e acontecimentos situados relativamente uns aos outros. Os Hopi não vivem num eterno presente nem são incapazes de distinguir aquilo que aconteceu daquilo que ainda acontecerá.

Isso não torna o caso menos interessante; torna-o melhor. A questão deixa de ser a fantasia de uma comunidade humana «sem tempo» e passa a ser a observação muito mais subtil de que o tempo não precisa de ser gramaticalmente tratado exactamente como o tratamos. Whorf reparara, entre outras coisas, que as línguas europeias tendem a transformar o tempo em algo muito semelhante a uma substância mensurável. Dizemos «três dias» com a mesma naturalidade com que dizemos «três maçãs», dividimos uma hora em partes, acumulamos tempo, gastamo-lo, poupamo-lo, perdemo-lo e organizamo-lo numa linha sobre a qual os acontecimentos parecem ocupar posições. Algumas análises do Hopi sublinharam maneiras diferentes de relacionar acontecimentos, duração, repetição e expectativa, sem que daí se possa concluir que o conceito de tempo esteja ausente. A lição mais interessante dos Hopi talvez seja precisamente esta: uma diferença linguística não precisa de produzir uma humanidade exótica para nos obrigar a reconsiderar aquilo que julgávamos universal.

Podemos fazer uma experiência muito simples sem sair do português. Se alguém nos disser que «o Natal ainda está à nossa frente», ninguém procura uma localização física alguns metros adiante. Se alguém disser que «deixou o passado para trás», ninguém supõe que os acontecimentos de 1994 tenham ficado estacionados algures nas suas costas. Utilizamos espaço para pensar o tempo com uma facilidade tão automática que esquecemos que estamos a usar uma metáfora. O futuro fica à frente porque ainda caminhamos para ele; o passado fica atrás porque já o atravessámos. Parece uma geometria evidente até encontrarmos uma língua em que a geometria se inverte.

Entre falantes de aimará, uma língua andina, foram documentadas expressões e gestos em que o passado é associado ao espaço diante da pessoa e o futuro ao espaço atrás dela. A lógica deixa imediatamente de parecer

absurda quando se percebe o princípio que a sustenta: o passado é conhecido, foi visto, encontra-se diante dos nossos olhos; o futuro é desconhecido e, portanto, está onde não conseguimos vê-lo, atrás de nós. Num estudo de Rafael Núñez e Eve Sweetser, publicado em 2006, essa organização não apareceu apenas nas palavras, mas também nos gestos espontâneos de falantes de aimará. O corpo acompanhava a metáfora. Aquilo que para nós parece uma seta natural — passado atrás, futuro à frente — revela-se afinal apenas uma das maneiras possíveis de desenhar a viagem.

A diferença é suficientemente simples para provocar uma pequena perturbação. Nós caminhamos linguisticamente para um futuro que vemos diante de nós, embora seja precisamente a única parte do tempo que não podemos ver. Os aimarás colocam diante dos olhos aquilo que já conhecem e atrás das costas aquilo que ainda não chegou. Nenhuma das duas soluções é obrigatoriamente mais verdadeira. Ambas transformam uma entidade abstracta, o tempo, numa configuração espacial compreensível através do corpo. O interessante não está em decidir quem tem razão, mas em perceber que até uma coisa tão aparentemente elementar como a posição imaginária do futuro pode ser negociada pela linguagem.

Noutro lugar do mundo, nas montanhas da Papua-Nova Guiné, encontramos uma organização ainda diferente. Entre os Yupno, investigadores observaram que as relações temporais podem ser representadas espacialmente através da própria topografia do território. Em gestos espontâneos, o passado surgia associado a «rio abaixo», o futuro a «rio acima» e o presente à localização do falante. O tempo não se organizava simplesmente numa linha abstracta projectada diante do corpo; apropriava-se da paisagem, das encostas e do vale. A montanha entrava na gramática da memória.

Talvez não devamos imaginar estas diferenças como curiosidades etnográficas coleccionadas por uma cultura ocidental que observa maneiras «estranhas» de falar. A estranheza funciona nos dois sentidos. Vista de fora, a nossa insistência em dizer que «gastámos duas horas», que «o tempo é dinheiro», que «estamos a ficar sem tempo» e

que precisamos de «investir tempo» numa relação poderá parecer uma peculiaridade cultural bastante extravagante. Transformámos uma dimensão fundamental da existência numa espécie de conta bancária invisível que pode ser administrada, desperdiçada ou rentabilizada. Estamos tão habituados a fazê-lo que raramente ouvimos o absurdo das próprias frases.

O espaço oferece outro exemplo particularmente revelador. Em português, como em muitas línguas europeias, organizamos grande parte das relações espaciais a partir do próprio corpo. Uma chávena está à minha esquerda, uma porta está atrás de mim, alguém está sentado à tua direita. Para compreender estas frases é necessário saber a orientação da pessoa que serve de referência. Se ela se virar, esquerda e direita mudam com ela. Parece um sistema tão intuitivo que custa imaginar alguém a conversar normalmente sem depender constantemente dessas coordenadas.

No entanto, falantes de Guugu Yimithirr, uma língua indígena australiana, ficaram célebres nos estudos sobre linguagem espacial precisamente por privilegiarem um sistema absoluto de orientação, equivalente, em termos aproximados, às nossas direcções cardeais. Em vez de depender sistematicamente de «esquerda» e «direita», as relações espaciais podem ser organizadas por direcções que permanecem estáveis independentemente da posição do falante. Um objecto continua a estar numa determinada direcção mesmo que a pessoa se vire. Estudos associados ao trabalho de Stephen Levinson mostraram que esta organização linguística acompanha uma extraordinária atenção habitual à orientação espacial.

É tentador contar esta história dizendo que essas pessoas «têm um sentido de orientação extraordinário», como se possuíssem um pequeno GPS biológico que nos tivesse sido retirado à nascença. A explicação interessante é talvez menos mágica. Se para falar correctamente sobre o mundo é necessário saber continuamente onde se está orientado, prestar atenção à orientação deixa de ser uma habilidade ocasional e transforma-se numa exigência quotidiana da comunicação. A língua pede repetidamente determinada informação, e o falante habitua-se a tê-la disponível. Mais

uma vez, não encontramos uma prisão que impeça uma pessoa de pensar de outra maneira; encontramos um treino silencioso que se repete milhares de vezes ao longo da vida.

Os números levam esta questão ainda mais longe, porque estamos tão habituados a eles que dificilmente conseguimos imaginar uma mente adulta sem a sequência «um, dois, três, quatro...». Os números parecem existir no universo da mesma maneira que as pedras ou as árvores. Há sete cadeiras numa sala independentemente de alguém saber contar até sete. Mas uma coisa é reconhecer que um conjunto contém mais elementos do que outro; outra é possuir o conceito exacto de sete enquanto quantidade abstracta que pode ser aplicada indiferentemente a sete cadeiras, sete sons, sete dias, sete pensamentos ou sete estrelas.

É aqui que os Pirahã, um povo indígena da Amazónia brasileira, se tornaram centrais numa das discussões mais fascinantes sobre linguagem e cognição numérica. Um estudo de Peter Gordon, publicado em 2004, descreveu inicialmente o seu sistema através da fórmula simplificada «um, dois, muitos» e encontrou grandes dificuldades em determinadas tarefas que exigiam correspondências numéricas exactas para quantidades superiores a pequenas colecções. A conclusão parecia fornecer um exemplo extraordinariamente forte da influência da linguagem sobre o pensamento: sem palavras para números exactos elevados, certas operações exactas tornavam-se muito difíceis.

Mas a história voltou a tornar-se mais interessante quando foi examinada com maior detalhe. Em 2008, Michael Frank, Daniel Everett, Evelina Fedorenko e Edward Gibson voltaram a estudar tanto as palavras de quantidade dos Pirahã como o seu desempenho em tarefas numéricas. Concluíram que os termos anteriormente interpretados aproximadamente como «um» e «dois» não funcionavam, afinal, como numerais exactos correspondentes aos nossos. Os Pirahã não dispunham de um sistema linguístico para expressar cardinalidades exactas, nem sequer de uma palavra equivalente de forma estável ao nosso «um». Contudo, quando os objectos permaneciam visíveis e a tarefa permitia uma correspondência directa, conseguiam

produzir correspondências exactas mesmo com conjuntos relativamente grandes. As dificuldades aumentavam quando era necessário conservar a quantidade exacta na memória através do tempo, do espaço ou de uma mudança de modalidade.

Esta diferença é preciosa para a questão deste livro. A ausência das palavras não parece apagar a capacidade de perceber correspondências quantitativas exactas quando elas estão diante dos olhos. Mas as palavras numéricas funcionam como uma tecnologia cognitiva extraordinária: permitem transportar uma quantidade exacta para longe da situação em que foi percebida. O número «sete» cabe na memória de uma maneira que sete objectos separados não cabem necessariamente. Posso sair de uma sala onde vi sete caixas, caminhar durante dez minutos e dizer a outra pessoa que eram sete. Uma pequena palavra carregou a exactidão consigo.

Outro povo amazónico, os Munduruku, oferece uma variação complementar. Estudos mostraram que falantes com um repertório muito limitado de numerais podem comparar e efectuar operações aproximadas com grandes quantidades que ultrapassam largamente os números que conseguem nomear, ao mesmo tempo que encontram dificuldades em certas tarefas de aritmética exacta para valores além desse repertório. Isso sugere a coexistência de capacidades numéricas aproximadas que não dependem de uma lista extensa de palavras e de uma tecnologia simbólica — contar — que permite manipular quantidades exactas de uma forma muito mais poderosa.

Nós próprios somos uma demonstração quotidiana dessa tecnologia. Poucas pessoas conseguem olhar durante meio segundo para cinquenta e sete pontos espalhados numa folha e saber que são exactamente cinquenta e sete. Precisamos de os contar ou de utilizar alguma estratégia de agrupamento. Depois de contados, porém, a quantidade transforma-se numa palavra ou num símbolo e pode viajar. Podemos escrever 57 numa folha, comunicá-lo por telefone, somar-lhe 23, multiplicá-lo por quatro ou discutir uma população de cinquenta e sete milhões que nunca conseguiríamos perceber directamente como conjunto de indivíduos. Uma parte gigantesca da civilização foi

construída sobre a capacidade de substituir quantidades por sinais.

A pergunta deixa então de ser apenas «podemos pensar sem palavras?» e passa a ser «que tipos de pensamento se tornam mais fáceis, estáveis ou transportáveis quando inventamos determinadas palavras?». Talvez muitos pensamentos não necessitem da linguagem para nascer, mas precisem dela para serem conservados com determinada resolução. A palavra pode não criar o território, mas pode permitir que regressemos ao mesmo ponto sem nos perdermos.

As cores contam uma história semelhante, embora aí seja particularmente necessário resistir às conclusões demasiado espectaculares. As línguas não dividem todas o espectro cromático exactamente nas mesmas categorias, mas isso não significa que os olhos dos seus falantes vejam mundos fisicamente incompatíveis. O russo, por exemplo, utiliza termos básicos distintos para azuis claros e azuis escuros — goluboy e siniy — onde muitas situações em português ou inglês podem ser abrangidas simplesmente pela categoria «azul». Um estudo muito citado de 2007 encontrou uma vantagem de rapidez em falantes de russo ao discriminar tons que atravessavam essa fronteira lexical; essa vantagem desaparecia quando uma tarefa verbal concorrente interferia com o processamento linguístico. Estudos posteriores mostraram, contudo, que o efeito é mais complexo e menos absoluto do que uma versão popular da experiência poderia sugerir. A língua participa na categorização das cores, mas não redesenha simplesmente a retina.

O que interessa aqui é precisamente essa zona intermédia. Um falante de português consegue evidentemente distinguir dois azuis diferentes sem possuir nomes básicos independentes para cada um. Pode dizer azul-claro e azul-escuro, comparar amostras, inventar descrições ou aprender terminologia especializada. Mas uma língua que obriga habitualmente a escolher entre duas categorias lexicalmente distintas torna essa fronteira mais disponível. O mundo físico mantém-se contínuo; aquilo que muda é uma das redes que lançamos sobre ele.

E há ainda algo particularmente belo no facto de essas redes não coincidirem completamente. Algumas diferenças entre línguas surgem em domínios tão fundamentais como quantidade, orientação, cor e tempo. Outras aparecem em parentesco, movimento, evidência, posse, textura, formas dos objectos ou maneiras de indicar como sabemos aquilo que afirmamos saber. Cada língua constitui uma longa experiência colectiva sobre o que merece ser distinguido com facilidade.

Isso não significa que devamos transformar línguas indígenas em instrumentos filosóficos para provar ideias que nos agradam. Durante demasiado tempo, relatos sobre povos distantes foram exagerados precisamente porque serviam de cenário perfeito para fantasias europeias acerca de sociedades «sem tempo», «sem números», «sem propriedade», «sem passado» ou dotadas de alguma relação supostamente pura com a realidade. Uma diferença linguística verdadeira é mais interessante do que essas caricaturas. Não precisamos de inventar um povo incapaz de compreender o futuro quando basta descobrir que o futuro pode ser colocado linguisticamente atrás das costas.

Talvez a função mais importante destes exemplos seja devolver estranheza à nossa própria língua. Depois de sabermos que o tempo pode ser organizado através do relevo de um vale, que o futuro pode estar atrás, que a orientação espacial pode ser constantemente absoluta e que uma língua pode existir sem numerais exactos, «passado», «direita», «azul» e «sete» deixam por instantes de parecer janelas transparentes abertas sobre a realidade. Começamos a vê-las como invenções extraordinariamente eficazes que herdámos e usamos sem pensar na quantidade de decisões históricas escondidas dentro delas.

E então surge inevitavelmente outra pergunta. Se as línguas que já existem conseguem dividir de maneiras tão diferentes coisas que todos os seres humanos encontram — espaço, quantidade, tempo, cor —, quantas divisões possíveis ainda ninguém fez? Quantas fronteiras entre experiências permanecem por desenhar simplesmente porque nenhuma comunidade precisou delas, nenhuma circunstância histórica as tornou urgentes ou nenhum falante teve a imprudência suficiente para lhes dar um

nome?

Talvez haja uma diferença entre duas formas de saudade que continuamos a tratar como uma só. Talvez exista um estado mental perfeitamente reconhecível entre querer fazer alguma coisa e desejar já tê-la feito sem passar pela inconveniência de a fazer. Talvez o gesto de verificar o telemóvel dois segundos depois de o pousarmos mereça uma palavra diferente do gesto de abrir pela quarta vez um frigorífico inalterado. Talvez exista uma categoria específica para as coisas que guardamos exclusivamente porque um dia poderão vir a servir para qualquer coisa, categoria essa que ameaça já ocupar metade das arrecadações do país. Se outras línguas nos ensinam que o mundo pode ser dividido de maneiras diferentes, nada nos obriga a limitar essa descoberta às divisões que a história já realizou.

A partir daqui, a questão deste dicionário começa a deslocar-se. Já não precisamos de perguntar apenas o que acontece quando uma língua possui ou não determinado conceito tradicional. Podemos olhar para a experiência quotidiana como se ainda não estivesse completamente cartografada e procurar as fronteiras que ninguém desenhou. Algumas estarão em regiões profundas da emoção e da memória; outras poderão estar numa cozinha, numa fila de supermercado, num elevador, numa mensagem que não devíamos ter enviado ou naquele segundo exacto em que percebemos que trouxemos o telemóvel para procurar o telemóvel.

O mundo está cheio de coisas que já foram nomeadas, mas também de acontecimentos que continuam a passar por nós sem documentação lexical. Talvez não sejam menos reais por isso. Talvez sejam apenas habitantes sem morada oficial numa língua que, apesar dos seus milhares de palavras, continua infinitamente menor do que tudo aquilo que nos acontece.

V. As coisas que existem sem terem palavra

Depois de observarmos línguas que dividem o tempo, o espaço, a quantidade ou a cor de maneiras diferentes,

torna-se difícil regressar à nossa própria língua com a mesma confiança de antes. Começamos a suspeitar de todas as zonas onde uma única palavra parece carregar demasiadas coisas às costas e de todas as situações para as quais precisamos de uma frase inteira. O problema deixa então de ser apenas antropológico ou filosófico. Torna-se doméstico. Entra connosco em casa, senta-se à mesa, acompanha-nos no elevador, aparece numa mensagem de telemóvel, espera numa fila de supermercado e abre o frigorífico sem nenhuma razão convincente.

Há experiências que parecem demasiado pequenas para terem merecido uma palavra. Talvez tenha sido esse o motivo de nunca terem sido baptizadas. As línguas cresceram sobretudo ao redor daquilo que era necessário distinguir: animais, alimentos, perigos, parentesco, ferramentas, propriedades, lugares, doenças, profissões, tecnologias. Mas a vida humana é constituída também por milhares de acontecimentos minúsculos que não são suficientemente importantes para mobilizar uma comunidade linguística e, ainda assim, são suficientemente comuns para serem imediatamente reconhecidos quando alguém os descreve.

Quase toda a gente conhece a experiência de entrar numa divisão da casa e esquecer-se completamente do motivo que a levou até ali. Há um instante muito particular em que ficamos parados diante de uma cómoda, de uma janela ou de uma máquina de lavar roupa, tentando reconstruir a intenção desaparecida. Não estamos propriamente esquecidos de alguma coisa importante. Sabemos quem somos, onde estamos, que dia é e provavelmente conseguimos recordar acontecimentos de há trinta anos com uma precisão desnecessária. O que desapareceu foi apenas a pequena missão que justificava aqueles sete metros percorridos desde a sala. Ainda assim, durante alguns segundos, parece que o corpo chegou ao destino e a consciência ficou no corredor.

Também conhecemos a experiência de procurar os óculos quando os temos na cabeça, procurar as chaves que seguramos na mão ou, numa versão tecnologicamente mais recente, utilizar a lanterna do telemóvel para procurar o próprio telemóvel. Nenhuma destas situações constitui uma

doença rara nem uma questão metafísica particularmente profunda. São simplesmente pequenos desencontros entre aquilo que sabemos e aquilo que fazemos. Talvez por isso sejam tão cómicos. Durante alguns segundos, uma parte de nós dispõe exactamente da informação que outra parte procura desesperadamente.

Há depois aquela forma de hesitação que surge quando estamos deitados, confortavelmente instalados, e percebemos que deixámos a luz acesa noutra divisão. A distância real pode ser de quatro metros, mas ocorre uma transformação extraordinária da geometria doméstica. A cozinha parece passar para outro concelho. O interruptor adquire uma distância quase geológica. Ficamos alguns minutos a negociar connosco próprios, como se levantar para apagar uma lâmpada exigisse uma expedição polar, enquanto a quantidade de energia mental gasta a decidir se devemos levantar-nos é provavelmente superior à energia física necessária para o fazer.

Algo semelhante acontece quando adiamos repetidamente uma tarefa mínima. Há telefonemas de dois minutos que conseguem permanecer três semanas numa lista mental. Há formulários que demorariam cinco minutos a preencher e que, pela simples existência, produzem durante dias uma sensação persistente de obrigação. Há mensagens cuja resposta poderia ser «sim, combinado» e que conseguimos deixar amadurecer durante quarenta e oito horas. Quando finalmente fazemos aquilo que evitámos, descobrimos muitas vezes que a tarefa era ainda mais pequena do que imaginávamos. Falta-nos talvez uma palavra para o extraordinário talento humano de transformar quatro minutos de acção em vários dias de incómodo.

A relação com os objectos domésticos contém numerosas regiões lexicais ainda por explorar. Existe, por exemplo, o acto de guardar uma embalagem vazia porque «pode vir a dar jeito». Não sabemos exactamente para quê. Não existe projecto, necessidade ou acontecimento futuro identificado. Existe apenas a convicção de que deitar fora aquela caixa robusta seria uma forma de imprudência. Meses depois, encontramo-la dentro de outra caixa cheia de outras caixas igualmente destinadas a um futuro que parece não chegar. O objecto perdeu a função original, mas adquiriu uma

função imaginária, e essa função imaginária é aparentemente suficiente para lhe garantir alojamento permanente.

Também mereceria uma palavra própria o fenómeno pelo qual um cabo eléctrico que foi cuidadosamente enrolado se transforma, depois de algumas horas dentro de uma gaveta, num nó que parece ter exigido actividade consciente. Ninguém o tocou. Não havia espaço suficiente para grandes movimentos. Ainda assim, quando regressamos, três cabos diferentes estabeleceram entre si uma relação estrutural de tal complexidade que seria necessária uma pequena equipa de topólogos para a compreender. Talvez as gavetas tenham uma vida nocturna que ainda não foi devidamente investigada.

A cozinha oferece, naturalmente, uma das maiores concentrações conhecidas de experiências sem nome. Abrir o frigorífico sem fome, inspeccionar o conteúdo, fechar a porta e voltar a abri-la poucos minutos depois é apenas o começo. Há também aquele gesto de olhar para a data de validade de um alimento, descobrir que expirou ontem e começar imediatamente uma negociação metafísica acerca da natureza do tempo. Ontem parece suficientemente próximo para ser desprezado. Três dias exigem alguma coragem. Uma semana transforma a pessoa num investigador criminal. Cheiramos, observamos, tocamos e procuramos indícios, como se o iogurte pudesse testemunhar em sua própria defesa.

Existe igualmente o momento em que provamos qualquer coisa directamente da panela, queimamos a língua e, apesar de dispormos agora de informação experimental perfeitamente conclusiva acerca da temperatura, voltamos a provar quase de imediato. É difícil explicar que vantagem evolutiva possa ter produzido este comportamento, mas ele sobreviveu com admirável sucesso até aos nossos dias.

As relações sociais são talvez ainda mais férteis. Há uma sensação muito específica quando alguém cancela um compromisso que nós próprios aceitámos com entusiasmo. Podemos gostar da pessoa, desejar sinceramente vê-la e ter estado convencidos, até cinco segundos antes, de que queríamos sair. Então chega a mensagem: «desculpa, não

vou conseguir». E aparece uma alegria imediata, pura, quase infantil. Subitamente, recuperámos uma noite que já não nos pertencia. Não estamos contentes porque a outra pessoa teve um problema. Estamos contentes porque o calendário nos devolveu uma pequena parcela de existência.

O fenómeno inverso também existe. Há convites que recusamos e dos quais começamos a arrepender-nos assim que percebemos que as outras pessoas se estão a divertir. Durante toda a tarde estivemos absolutamente certos de que não queríamos ir. Bastam duas fotografias numa rede social para surgir a convicção de que aquele era afinal o acontecimento decisivo do ano e de que todos os presentes estão provavelmente a formar amizades inesquecíveis, a descobrir novos sentidos para a existência e a comer uma sobremesa extraordinária sem nós.

Também há aquele momento delicado em que nos cruzamos com alguém que conhecemos muito pouco e, à distância, ainda não conseguimos perceber se a relação exige cumprimento. As duas pessoas aproximam-se lentamente. Surge uma espécie de cálculo social silencioso. Olhamos, desviamos o olhar, voltamos a olhar. Talvez uma delas faça um pequeno movimento com a cabeça. Talvez ambas finjam repentinamente interesse por uma montra. Durante dez segundos, dois seres humanos perfeitamente adultos ficam presos numa negociação diplomática acerca da existência ou inexistência de um «olá».

Outra situação merecedora de entrada própria ocorre quando contamos uma história a alguém e percebemos, a meio, que já lhe contámos aquela história. Às vezes percebemos porque a pessoa começa a antecipar detalhes. Outras vezes é o próprio narrador que reconhece subitamente o terreno e tenta continuar como se nada estivesse a acontecer. Existe então uma bifurcação moral: confessar a repetição ou terminar a história numa espécie de cumplicidade clandestina em que ambas as partes sabem que já estiveram ali.

E que palavra poderia designar o instante em que fazemos uma piada num grupo e ninguém reage, apenas para, dois segundos mais tarde, alguém dizer praticamente a mesma

coisa e toda a gente rir? A experiência contém injustiça, surpresa, humilhação e uma pequena vontade de exigir direitos de autor. É demasiado específica para «frustração» e demasiado banal para «tragédia», embora durante alguns segundos possa parecer uma mistura perfeitamente equilibrada das duas.

A tecnologia não criou a necessidade de palavras para pequenos absurdos humanos; apenas multiplicou as oportunidades. Existe agora o gesto automático de pegar no telemóvel, desbloqueá-lo e descobrir, alguns segundos depois, que não sabemos o que pretendíamos consultar. Percorremos duas aplicações, fechamos o aparelho e, quase imediatamente, lembramo-nos do motivo. Voltamos a desbloqueá-lo e há uma probabilidade não desprezível de nos esquecermos novamente.

Há também a leitura repetida de uma mensagem que acabámos de enviar. Conhecemos cada palavra porque fomos nós que a escrevemos, mas voltamos a lê-la como se tivesse adquirido vida independente durante o trajecto. Procuramos talvez uma mudança de tom que só se tenha tornado visível depois de carregar em «enviar». Uma frase perfeitamente inocente escrita há vinte segundos pode começar subitamente a parecer seca, agressiva, excessivamente entusiasmada, ambígua ou socialmente ruinosa. A mensagem não mudou; mudou o facto de já não podermos alterá-la.

O silêncio digital produziu igualmente uma fauna emocional nova, ou pelo menos tornou antigas experiências muito mais mensuráveis. Uma mensagem lida e não respondida durante três minutos pode não significar absolutamente nada. Durante três horas começa a adquirir interpretações. Ao fim de um dia, algumas pessoas já construíram uma teoria social completa. A ausência de uma resposta transforma-se em matéria narrativa. Talvez a pessoa esteja ocupada. Talvez esteja zangada. Talvez esteja a pensar numa resposta. Talvez tenha decidido emigrar. A tecnologia forneceu-nos instrumentos extremamente precisos para saber quando alguém não nos está a responder, o que não é necessariamente o mesmo que melhorar a comunicação humana.

Há ainda experiências tão comuns que a sua ausência de nome parece quase negligência administrativa. O pequeno choque ao perceber que já estamos a dizer «obrigado, igualmente» antes de descobrir o que a outra pessoa acabou de desejar. A tentativa de abrir uma porta empurrando-a quando a inscrição diz claramente «puxar». O acto de aumentar o volume do rádio enquanto procuramos uma morada, seguido da percepção de que, aparentemente, ouvimos menos para vermos melhor. O impulso de verificar repetidamente a hora quando estamos atrasados, embora cada nova consulta confirme apenas que continuamos atrasados e roube alguns segundos adicionais ao percurso.

Existe também aquele estranho fenómeno pelo qual um objecto perdido se torna imediatamente visível no exacto momento em que outra pessoa vem ajudar a procurá-lo. Durante quinze minutos não estava em lado nenhum. Revirámos a mesa, a gaveta e a mala. Chega alguém, aponta para o objecto que esteve aparentemente o tempo todo diante de nós e pergunta, com uma tranquilidade ofensiva, se é aquilo. Talvez determinados objectos só sejam visíveis na presença de testemunhas.

Todas estas coisas são pequenas demais para aparecerem nos grandes mapas do pensamento. Não mudam governos, não fundam religiões e raramente provocam guerras. No entanto, ocupam uma parte considerável das nossas vidas. São o tecido conjuntivo do quotidiano, acontecimentos entre acontecimentos, microdramas que desaparecem quase no momento em que acontecem. Precisamente porque são pequenos, talvez a linguagem tenha podido ignorá-los sem grande prejuízo. Mas ignorar não é o mesmo que inexistir.

Há depois experiências mais difíceis de tratar com humor, embora partilhem a mesma condição lexical. Sentir saudades de uma pessoa que ainda está ao nosso lado porque, por alguma razão, somos subitamente atingidos pela consciência de que um dia deixará de estar. Reconhecer num gesto nosso uma maneira de fazer que pertencia a alguém que morreu. Entrar numa casa onde vivemos e sentir simultaneamente intimidade e estrangeirismo. Perceber que uma versão anterior de nós

próprios desapareceu, embora continuemos a ter acesso às suas fotografias, cartas ou objectos.

Uma palavra como «saudade» aproxima-se de algumas destas experiências, mas não as esgota. «Nostalgia» aproxima-se de outras. «Luto» poderá cobrir parcialmente algumas. Ainda assim, sentimos frequentemente a necessidade de acrescentar explicações porque aquilo que estamos a tentar dizer não cabe completamente em nenhuma das categorias existentes. Talvez seja precisamente essa fricção que nos interessa: o momento em que uma palavra conhecida chega perto, mas pára alguns centímetros antes da experiência.

Também existem estados que se encontram entre emoções reconhecidas. O prazer de regressar a casa depois de uma viagem contém alívio, familiaridade, cansaço e uma espécie de reencontro com os objectos. A tristeza de terminar um livro de que gostámos não é exactamente tristeza pelo enredo nem tristeza por uma perda real; é o fim de uma convivência imaginária que ocupou parte da nossa vida durante dias ou semanas. A sensação de ouvir uma música e ter a impressão de recordar uma coisa que nunca aconteceu combina memória, invenção e reconhecimento sem pertencer completamente a nenhum deles.

Podemos chamar a tudo isto «emoções complexas» e considerar o problema resolvido, mas a expressão funciona sobretudo como uma caixa maior onde colocamos aquilo para que não encontramos caixas pequenas suficientes. A precisão não é uma obrigação moral da linguagem. Podemos viver perfeitamente com categorias amplas. Mas existe um prazer particular em reconhecer uma diferença que antes não sabíamos formular.

Talvez seja isso que acontece quando encontramos uma palavra exacta. Não sentimos necessariamente uma coisa nova. Sentimos uma espécie de clique. Duas peças que estavam próximas encaixam. Uma experiência dispersa organiza-se. O nome funciona como uma pequena moldura colocada sobre uma parte da paisagem e, de repente, aquilo que estava espalhado torna-se figura.

Este livro pretende explorar tanto as regiões profundas como as ridículas dessa paisagem. Não existe aqui uma

hierarquia segundo a qual uma palavra para uma forma subtil de luto seja mais digna do que uma palavra para a hesitação diante de uma porta onde não sabemos se devemos empurrar ou puxar. A vida não é constituída apenas pelos acontecimentos que merecem música grave. Uma parte considerável da experiência humana é feita de distracções, embaraços, automatismos, preguiças, pequenas alegrias, erros repetidos e comportamentos cuja principal explicação é provavelmente «porque sim».

Talvez um dicionário deste género deva precisamente recusar a tentação de se tornar excessivamente profundo. Se cada palavra inventada designasse uma emoção rara diante da passagem do tempo, ao fim de vinte páginas precisaríamos urgentemente de abrir o frigorífico. A linguagem contém solenidade e absurdo na mesma proporção que a vida, e seria estranho tentar libertá-la das suas limitações construindo imediatamente uma nova prisão feita apenas de sentimentos importantes.

Por isso, as entradas que surgirão adiante poderão nomear uma emoção que alguém nunca conseguiu explicar e, na página seguinte, uma maneira particular de tropeçar sem cair e fingir imediatamente que nada aconteceu. Poderão existir palavras para relações entre memória e perda, mas também para a necessidade súbita de arrumar a secretária precisamente quando chega a hora de começar um trabalho urgente. Haverá espaço para aquilo que nos transforma e para aquilo que apenas nos faz perder cinco minutos.

A utilidade destas palavras não será medida pela probabilidade de entrarem algum dia num dicionário oficial. Algumas talvez pudessem ser realmente usadas. Outras existirão apenas para provocar reconhecimento. Se alguém ler uma definição e pensar «eu faço exactamente isto», a palavra já terá cumprido uma função, mesmo que nunca seja pronunciada novamente.

Talvez possamos chamar a esse instante uma forma mínima de descoberta. Não descobrimos um planeta, uma espécie ou uma partícula. Descobrimos que uma coisa que julgávamos demasiado pequena, demasiado privada ou demasiado absurda para ser considerada uma categoria é afinal partilhada. Outra pessoa também abre o frigorífico

sem motivo. Outra também ensaia mentalmente uma discussão que provavelmente nunca terá. Outra também começa a arrumar a casa para evitar responder a um e-mail. Outra também sente alívio quando um compromisso é cancelado.

É possível que muitas palavras tenham começado exactamente assim: alguém percebeu que uma experiência não era apenas sua.

A partir desse momento, a invenção lexical deixa de ser um exercício arbitrário. Não se trata de juntar sílabas até produzir sons curiosos e procurar depois qualquer definição que lhes dê utilidade. O caminho deve ser inverso. Primeiro encontramos a coisa. Observamo-la. Tentamos perceber onde começa e onde termina, em que se distingue das experiências vizinhas e se outras pessoas poderão reconhecê-la. Só depois procuramos a palavra.

É esse método que este dicionário pretende seguir. As palavras serão fictícias; os seus referentes, sempre que possível, não. Mesmo quando o verbete for absurdo, a situação que o originou deverá conter alguma verdade reconhecível. A melhor palavra inventada não será aquela que produz maior estranheza, mas aquela que provoca a sensação de que talvez já devesse ter existido.

E é talvez aí que o humor e a precisão se encontram. Uma palavra para consultar inutilmente o frigorífico pode ser engraçada precisamente porque reconhecemos o comportamento. Se fosse uma acção completamente arbitrária — por exemplo, abrir o frigorífico enquanto recitamos nomes de vulcões para uma cadeira — talvez continuasse a ser surrealista, mas perderia a cumplicidade. O absurdo mais eficaz deste dicionário deverá nascer muitas vezes do quotidiano, porque o quotidiano é já suficientemente absurdo quando lhe prestamos atenção.

A língua possui milhares de palavras para coisas que raramente encontraremos e nenhuma palavra específica para experiências que repetimos semanalmente. Talvez isso não seja um defeito. Talvez seja apenas a consequência natural de uma língua construída por milhões de pessoas durante séculos, sem plano central e sem obrigação de completar inventários. Mas deixa-nos uma oportunidade

extraordinária: continuar o trabalho.

Há ainda lugares vagos.

É para esses lugares que vamos.

VI. Para que serve este dicionário

Um dicionário costuma ser consultado para encontrar uma palavra que já existe. Este, pelo contrário, parte muitas vezes da situação inversa: existe a coisa, existe a experiência, existe o gesto, existe o pensamento, mas falta a palavra. O leitor não encontrará aqui a explicação de um vocabulário estabelecido. Encontrará tentativas de preencher pequenas zonas vazias da língua, algumas profundas, outras ridículas, outras tão banais que talvez a surpresa esteja apenas em nunca terem recebido um nome.

A primeira função deste dicionário é, portanto, chamar a atenção. Não pretende demonstrar que a língua portuguesa é insuficiente, muito menos corrigi-la. Nenhuma língua poderia possuir antecipadamente uma palavra para tudo aquilo que os seus falantes viessem a sentir, imaginar, inventar ou fazer. Uma língua completa seria uma contradição. O mundo muda, as pessoas mudam, aparecem novos objectos, novas relações, novas tecnologias, novos medos, novas formas de esperar, novas maneiras de perder tempo e, aparentemente, novas maneiras de continuar a abrir o frigorífico sem qualquer motivo racional. Uma língua viva está sempre alguns passos atrás da vida, e talvez deva estar.

O que este livro propõe é transformar esse atraso numa oportunidade. Em vez de lamentar aquilo que a língua ainda não diz, podemos perguntar o que gostaríamos que ela conseguisse dizer numa única palavra. Podemos olhar para a experiência como quem observa um mapa cheio de espaços por preencher e perguntar se algumas dessas zonas merecem uma designação própria. Nem todas merecerão. Algumas palavras aqui inventadas talvez tenham uma vida de poucos segundos, o tempo necessário para provocar um sorriso ou um reconhecimento. Outras poderão parecer imediatamente úteis. Não existe obrigação de sobrevivência lexical.

Também não é necessário que uma palavra seja útil no sentido mais estreito do termo. Uma palavra pode servir apenas para revelar uma coisa. Há conhecimentos que não nos tornam mais eficientes, mais produtivos ou mais capazes de chegar a algum lugar. Tornam-nos apenas mais atentos. Saber que existe um nome para determinada ave não é indispensável para atravessar um jardim, mas o jardim pode deixar de ser exactamente o mesmo depois de aprendermos esse nome. Do mesmo modo, talvez uma palavra inventada para uma experiência familiar não resolva problema algum e, ainda assim, altere ligeiramente a maneira como a reconhecemos na próxima vez que acontecer.

Há neste livro, por isso, uma confiança deliberada na inutilidade. Vivemos num tempo particularmente interessado em perguntar para que serve cada coisa, como se tudo tivesse de justificar a sua existência através de uma função mensurável. Este dicionário não pretende melhorar a produtividade do leitor, aumentar a sua esperança de vida, optimizar a gestão do tempo nem ensinar sete hábitos das pessoas lexicalmente eficazes. Algumas palavras poderão ser inteiramente desnecessárias. É possível que essa seja precisamente uma das razões para existirem.

Mas a inutilidade não impede a utilização. Uma palavra inventada pode escapar ao livro. Pode ser dita a outra pessoa, entrar numa conversa, tornar-se uma piada privada, ser transformada num verbo, receber um plural ou produzir derivados que este dicionário não previu. Nesse momento começa a acontecer aquilo que acontece a todas as palavras verdadeiramente vivas: deixam de pertencer a quem as escreveu.

Nenhum autor controla completamente aquilo que uma palavra fará depois de ser pronunciada. Uma definição pode tentar estabelecer fronteiras, mas o uso tem hábitos próprios. As palavras mudam porque as pessoas as usam de maneiras imprevistas, abreviam-nas, deformam-nas, ironizam-nas, deslocam-nas de contexto e começam a aplicá-las a coisas que nunca fizeram parte do projecto inicial. Se alguma palavra destas vier alguma vez a ser utilizada fora das páginas que a criaram, o seu primeiro acto de independência poderá ser deixar de significar

exactamente aquilo que aqui se afirma que significa.

Isso seria um sucesso, não uma falha.

Há, naturalmente, uma contradição fundamental em apresentar palavras inventadas sob a forma de um dicionário. O dicionário é uma das formas culturais que mais fortemente transmite a ideia de autoridade. Procuramos nele confirmação. Queremos saber se uma palavra «existe», se está «correcta», se pode ser escrita daquela maneira, de onde veio e o que significa. O facto de alguma coisa aparecer impressa entre dois verbetes parece atribuir-lhe uma espécie de cidadania linguística. Este livro apropria-se deliberadamente dessa aparência de autoridade para fazer precisamente o contrário: legitimar o provisório, o inventado e aquilo que ainda não recebeu autorização de ninguém.

Por isso haverá definições, categorias gramaticais, etimologias, exemplos e outras convenções reconhecíveis da tradição lexicográfica. A seriedade da forma não será um acidente gráfico. Faz parte do jogo. Quanto mais convincentemente uma palavra inexistente se comportar como uma palavra verdadeira, mais facilmente poderemos experimentar a hipótese de que talvez devesse existir.

Essa seriedade, porém, não implica solenidade. Um dicionário de palavras inexistentes que se ocupasse apenas de sentimentos profundos, estados de consciência raros e experiências diante da morte acabaria por cometer uma injustiça grave contra uma parcela muito maior da existência humana: aquela que passamos a tentar desembaraçar cabos, a procurar chaves, a carregar demasiados sacos para evitar uma segunda viagem ou a fingir que não tropeçámos quando sabemos perfeitamente que alguém viu.

Não há razão para uma emoção diante da passagem do tempo ter mais direito a uma palavra do que a manobra através da qual uma pessoa tenta apanhar uma coisa caída ao chão com o pé para não ter de se baixar. Ambas fazem parte da experiência humana. Uma é provavelmente mais adequada a um poema. A outra talvez seja mais frequente numa terça-feira.

Este dicionário aceita as duas.

Aceita também aquilo que fica entre elas: estados sociais quase imperceptíveis, pequenos conflitos interiores, hábitos colectivos, ilusões privadas, comportamentos tecnológicos que surgiram há poucos anos e comportamentos provavelmente pré-históricos que apenas mudaram de objecto. Talvez um ser humano de há vinte mil anos nunca tenha verificado compulsivamente se recebera uma mensagem, mas é inteiramente possível que tivesse regressado três vezes ao mesmo lugar para confirmar se deixara realmente uma pedra onde julgava tê-la deixado. A tecnologia muda com uma velocidade extraordinária; certas distracções parecem muito mais resistentes.

Ao longo destas páginas, uma palavra poderá nascer de uma combinação evidente entre outras duas, de uma deformação, de uma raiz antiga, de uma falsa etimologia construída apenas porque soa convincentemente suspeita ou de uma sucessão de sons escolhida pela capacidade de parecer familiar sem o ser. Nem todas obedecerão ao mesmo processo. Uma língua real também não nasceu através de um único mecanismo perfeitamente ordenado. É feita de empréstimos, acidentes, erros, transformações, encontros entre povos, mudanças de pronúncia, metáforas esquecidas e palavras cuja história é muito mais estranha do que qualquer coisa que um autor pudesse ter planeado.

A única regra realmente importante será outra: a palavra deve procurar uma experiência antes de procurar um efeito. Não inventaremos, sempre que possível, uma sequência de sons absurda para lhe procurar depois uma definição igualmente absurda. O movimento será geralmente inverso. Primeiro encontramos uma situação, um sentimento, um pensamento ou uma acção que pareça suficientemente reconhecível para merecer ser isolada. Depois tentamos descobrir que palavra poderia caber nesse espaço.

Por vezes a definição poderá preceder a palavra durante bastante tempo. A experiência estará ali, perfeitamente visível, enquanto o nome se recusa a aparecer. Noutras ocasiões, uma palavra surgirá imediatamente e parecerá trazer consigo a própria definição, como se tivesse existido clandestinamente durante anos e estivesse apenas à espera

de alguém que cometesse o erro de a pronunciar.

Haverá também palavras imperfeitas. Isso é inevitável. Os termos já existentes têm séculos de uso a arredondar-lhes as arestas. Nós conhecemos «casa», «medo», «noite» ou «janela» desde a infância e raramente nos perguntamos se são os sons ideais para designar aquilo que designam. Uma palavra nova não beneficia dessa intimidade. Ao princípio, todas as palavras recém-chegadas têm um pouco o aspecto de alguém que entrou numa festa onde toda a gente se conhece.

Algumas habituam-se rapidamente.

Talvez o verdadeiro teste de uma palavra inventada seja precisamente este: depois de a conhecer, conseguimos imaginar que sempre lá esteve? Se o leitor a encontrar novamente algumas páginas depois e já não estranhar a sua existência, talvez tenha começado a produzir aquilo que todas as palavras produzem depois de algum tempo: familiaridade.

Mas o objectivo deste dicionário não é substituir frases por palavras em todas as circunstâncias. Uma frase pode dizer coisas que nenhuma palavra consegue conter. A literatura existe em grande parte porque os dicionários não chegam. Um sentimento pode resistir a todas as definições, e talvez seja saudável que algumas experiências permaneçam imprecisas. Nomear também pode reduzir. Ao criar uma categoria, corremos sempre o risco de esquecer aquilo que não cabe nela.

É por isso que estas palavras devem ser entendidas como propostas, não como sentenças. Cada entrada desenha uma possibilidade de fronteira. O leitor poderá reconhecê-la, rejeitá-la, achar que a definição está errada ou descobrir que sente uma coisa parecida mas não exactamente aquela. Nesse caso, talvez tenha encontrado outra palavra em falta.

Seria difícil imaginar um resultado mais adequado.

Este livro poderá, portanto, funcionar ao contrário de um dicionário convencional. Em vez de fechar dúvidas, poderá produzi-las. Uma entrada poderá levar alguém a perguntar se existem duas experiências onde antes julgava haver

apenas uma. Uma palavra para um comportamento absurdo poderá fazê-lo reparar que pratica esse comportamento desde sempre. Outra poderá parecer tão inútil que se tornará imediatamente indispensável.

Talvez seja esta a espécie de liberdade que um dicionário como este pode oferecer. Não uma libertação absoluta da linguagem, porque não existe lugar exterior à linguagem para onde possamos simplesmente fugir, mas uma pequena insubordinação dentro dela. A possibilidade de olhar para o vocabulário recebido e perceber que não é um destino. Podemos continuar a nomear.

Se a linguagem é uma casa herdada, não precisamos de a incendiar. Podemos abrir uma janela onde não havia nenhuma, acrescentar uma divisão, construir uma escada que não leva a lugar algum ou instalar uma pequena porta exclusivamente destinada a desaparecer atrás dela quando chega alguém com quem não queremos falar.

E talvez essa seja também uma definição possível de imaginação: descobrir espaço onde parecia já não haver nenhum.

As páginas que se seguem não afirmam que as palavras nelas contidas devam existir. Afirmam apenas que as coisas a que se referem talvez já existissem antes delas. Algumas estavam escondidas em emoções que julgávamos conhecer. Outras em gestos tão banais que nunca os observámos verdadeiramente. Outras esperavam numa cozinha, numa memória, num sonho, numa mensagem, numa fila, numa discussão imaginária ou naquele preciso instante em que entramos numa divisão e já não sabemos ao que fomos.

Este dicionário não começa, portanto, com palavras.

Começa com aquilo que lhes falta.

Como utilizar este dicionário

Este dicionário pode ser utilizado como qualquer outro dicionário, com uma diferença talvez inconveniente: as palavras que nele se procuram ainda não existem. Ou, pelo

menos, não existiam com o significado aqui proposto no momento em que foram escritas. O leitor poderá portanto consultá-lo alfabeticamente, abrir uma página ao acaso, procurar um determinado tipo de experiência ou simplesmente lê-lo de princípio ao fim, coisa que os dicionários convencionais raramente recomendam e que este, por não ter reputação lexicográfica a preservar, encoraja sem reservas.

As entradas encontram-se organizadas por ordem alfabética, de A a Z. Cada uma parte, tanto quanto possível, de uma experiência, acção, pensamento, emoção, hábito, situação, relação, gesto, comportamento ou pequeno acidente da existência para o qual não encontramos em português uma palavra suficientemente exacta. Algumas dessas experiências serão antigas; outras terão aparecido com tecnologias recentes. Algumas poderão ser reconhecidas por quase toda a gente; outras talvez provoquem apenas três reconhecimentos entusiásticos em todo o território de língua portuguesa. Não foi estabelecido um número mínimo de utilizadores para que uma experiência mereça uma palavra.

A construção das entradas procurará reproduzir, com a seriedade possível, algumas das convenções habituais dos dicionários. Cada verbete começará pelo lema, isto é, a forma da palavra sob a qual ela deverá ser procurada. Seguir-se-á, quando for útil, a divisão silábica e a indicação da sua categoria gramatical: substantivo, adjectivo, verbo, advérbio ou outra forma que venha a revelar-se necessária. As definições serão numeradas sempre que uma palavra possua mais de uma acepção. Poderá ainda surgir uma indicação etimológica e, quando a entrada o justificar, um exemplo de utilização.

A seriedade desta estrutura é deliberada. Uma palavra como abrifrigo ganha uma espécie de existência suplementar quando aparece tratada com a mesma disciplina gráfica de uma palavra que atravessou séculos, mudou de pronúncia, sobreviveu a guerras e acabou tranquilamente impressa entre duas colunas de um dicionário. A aparência lexicográfica não pretende enganar o leitor acerca da origem das palavras; pretende antes colocar temporariamente a invenção sob as mesmas

condições formais daquilo a que chamamos vocabulário legítimo. Se um dicionário pode declarar oficialmente que determinada palavra existe, talvez seja divertido observar o que acontece quando utiliza a mesma autoridade para palavras que ainda não tiveram oportunidade de existir.

A definição procurará ser suficientemente exacta para que o leitor consiga reconhecer a experiência sem necessitar de uma explicação posterior. Isto não significa que todas as definições tenham de ser curtas. Algumas experiências cabem numa linha; outras só revelam aquilo que têm de específico quando são cuidadosamente distinguidas de emoções ou comportamentos próximos. Não faria sentido inventar uma palavra nova para algo que já pudesse ser definido de maneira satisfatória através de uma palavra existente. O objectivo não é multiplicar o vocabulário por vaidade, mas procurar os sítios onde uma distinção parece realmente faltar.

A regra fundamental será, por isso, começar pela coisa e não pela palavra. Primeiro deverá existir uma situação reconhecível. Só depois se procurará o som que a possa alojar. Evitaremos, sempre que possível, fabricar uma palavra apenas porque parece engraçada e inventar posteriormente uma definição para justificar a sua presença. Naturalmente, como este é um dicionário pouco obediente, poderá acontecer ocasionalmente o contrário. Se uma palavra surgir primeiro e trouxer consigo uma experiência tão exacta que pareça ter estado escondida dentro dela, não será impedida de entrar por excesso de burocracia.

As palavras poderão nascer de vários processos. Algumas resultarão da união de dois termos já existentes. Outras serão derivações, deformações ou cruzamentos. Algumas poderão recuperar raízes gregas, latinas ou portuguesas; outras imitarão processos de formação plausíveis sem qualquer obrigação de possuir uma genealogia antiga. Poderão existir também falsas etimologias, desde que sejam identificadas como tal ou suficientemente improváveis para que ninguém comece a utilizá-las numa tese de doutoramento sem primeiro verificar. A língua real contém histórias tão extravagantes que a ficção, neste domínio, terá de trabalhar para se manter competitiva.

Sempre que a formação de uma palavra for transparente, a indicação etimológica poderá apresentar simplesmente os elementos que lhe deram origem. Noutros casos, a etimologia funcionará quase como uma pequena narrativa sobre a maneira como aquela palavra poderia ter aparecido. Não será necessário que todos os verbetes tenham etimologia. Um dicionário de palavras ainda não existentes pode permitir-se a honestidade de admitir que algumas acabaram de chegar e ainda não tiveram tempo de inventar antepassados.

Também não será obrigatório que todas as entradas apresentem exemplos. Haverá palavras cuja definição é suficiente e outras cuja utilização só se tornará evidente quando colocadas numa frase. Nesses casos, o exemplo não deverá limitar-se a repetir a definição. Deverá mostrar a palavra a funcionar no seu habitat natural, como acontece com qualquer criatura depois de libertada da caixa onde foi transportada.

Algumas palavras poderão formar famílias. Um substantivo poderá dar origem a um verbo; um verbo, a um adjectivo; uma situação particularmente produtiva poderá gerar vários derivados. Se abrifrigar designar o acto de abrir repetidamente o frigorífico sem verdadeira intenção alimentar, nada impede que apareçam abrifrigação, abrifrigadorou quaisquer descendentes que demonstrem capacidade de sobreviver à primeira utilização. As famílias lexicais serão admitidas quando acrescentarem alguma coisa e não apenas para aumentar artificialmente a população do dicionário.

Será igualmente possível encontrar palavras com mais de uma acepção. Uma invenção lexical, depois de criada, pode revelar afinidades inesperadas com outras situações. Nesse caso, as diferentes acepções serão numeradas, tal como num dicionário convencional. Não é necessário proteger uma palavra nova da polissemia. As palavras antigas nunca tiveram essa protecção e parecem ter sobrevivido razoavelmente bem.

As categorias gramaticais serão assinaladas através das abreviaturas habituais sempre que estas forem úteis: s. f. para substantivo feminino, s. m. para substantivo

masculino, adj. para adjectivo, adv. para advérbio, v. tr. para verbo transitivo e v. intr. para verbo intransitivo. Outras abreviaturas poderão ser introduzidas se o crescimento do dicionário o exigir. Quando uma palavra se recusar a caber confortavelmente numa categoria, será estudado o problema antes de se obrigar a palavra a fingir ser aquilo que não é. Este dicionário pretende inventar vocabulário, não traumas gramaticais.

O género das palavras seguirá, sempre que possível, aquilo que a sua forma e parentesco lexical tornam natural em português. Não haverá uma teoria especial sobre o masculino e o feminino das palavras inexistentes. Uma palavra nova já tem problemas suficientes sem ter de resolver os da gramática portuguesa.

As definições poderão ter diferentes graus de solenidade. Algumas serão quase clínicas. Outras conterão humor, sobretudo quando o próprio comportamento definido o exigir. A distinção importante será entre humor e arbitrariedade. Uma entrada pode ser absurda porque o comportamento humano que descreve é absurdo; isso é diferente de inventar uma situação aleatória apenas para produzir uma piada. O leitor deverá, sempre que possível, rir porque reconhece alguma coisa, e não apenas porque a definição é extravagante.

Por essa razão, este dicionário não estabelece nenhuma hierarquia entre as suas matérias. Uma forma rara de melancolia poderá ocupar a página ao lado de uma palavra para o acto de fingir que não tropeçámos depois de quase cairmos em público. Nenhuma receberá estatuto superior. O facto de uma experiência poder aparecer num poema não a torna necessariamente mais humana do que uma tentativa de transportar sete sacos de compras numa única viagem para evitar regressar ao automóvel.

As palavras relacionadas com tecnologias contemporâneas serão igualmente admitidas, mas o dicionário tentará distinguir aquilo que é apenas um produto passageiro de uma determinada interface daquilo que revela um comportamento humano mais geral. A compulsão de verificar se chegou uma mensagem pode sobreviver ao desaparecimento do actual telemóvel; talvez seja apenas a

versão recente de uma ansiedade muito mais antiga. Sempre que possível, procuraremos a experiência por baixo do aparelho.

Alguns verbetes poderão parecer aproximar-se de palavras que já existem. Nesses casos, será necessário perguntar se a diferença é suficientemente importante. Se a nova palavra não acrescentar nenhum contorno, será rejeitada. Se, pelo contrário, nomear uma combinação ou nuance para a qual as palavras existentes obrigam continuamente a acrescentar «mas não exactamente», então terá uma razão para permanecer. O «não exactamente» será uma das unidades de medida deste livro.

Isto implica também que nenhuma palavra ficará definitivamente protegida apenas porque foi inventada. Ao longo da construção do dicionário, algumas entradas poderão ser eliminadas, fundidas, renomeadas ou transferidas para outra letra. Uma palavra nova deve conquistar o seu lugar. O facto de ter nascido não lhe garante emprego vitalício.

O leitor não é obrigado a aceitar nenhuma destas propostas. Pode considerar uma palavra inútil, feia, excessiva ou simplesmente errada. Pode pensar numa palavra melhor. Pode descobrir que a experiência definida não corresponde exactamente à sua e que, entre as duas, existe ainda outro espaço lexical por preencher. Nesse caso, o desacordo será uma forma de colaboração. Um dicionário de palavras inexistentes não deverá comportar-se como se tivesse a última palavra sobre coisa alguma.

Também é permitido utilizar as palavras. Não é necessário pedir autorização à Academia das Palavras Inexistentes, apresentar requerimento ou aguardar pela próxima reunião do conselho científico, que, por razões cronológicas relacionadas com a sua fundação amanhã, poderá demorar a responder. Uma palavra pode ser pronunciada, escrita, conjugada, pluralizada, deformada ou utilizada fora do contexto para o qual foi originalmente criada. Se sobreviver, tanto melhor. Se desaparecer depois de uma única leitura, terá pelo menos existido durante alguns segundos, o que já representa um progresso considerável relativamente à situação anterior.

Este dicionário deverá portanto ser entendido simultaneamente como inventário, experiência e convite. Inventário de coisas que parecem continuar sem nome; experiência sobre aquilo que acontece quando lhes damos um; convite para que o leitor comece a reparar nas suas próprias lacunas. Talvez, depois de algumas páginas, passe a encontrar situações para as quais gostaria de ter uma palavra. Nesse momento, o livro deixa de ser apenas uma colecção de termos inventados e começa a alterar a maneira como o leitor observa o quotidiano.

É possível que esse seja o seu uso mais interessante.

Um dicionário convencional ajuda-nos a compreender palavras que encontramos no mundo. Este gostaria, pelo menos de vez em quando, de produzir o movimento contrário: ajudar-nos a encontrar no mundo coisas para as quais acabámos de aprender uma palavra.

A partir daqui, deixa de ser necessário explicar o projecto. As páginas seguintes obedecerão à única ordem suficientemente arbitrária para organizar uma quantidade potencialmente infinita de experiências: o alfabeto.

Começamos, como quase todos os dicionários começaram antes deste, pela letra A. A diferença é que ainda não sabemos exactamente o que lá vamos encontrar.



068 PALAVRAS / TERRITÓRIO A

Aqui começam as coisas que já sentíamos antes de saber dizer.

abrifrigar

a·bri·fri·gar

v. intr.

01 Abrir o frigorífico sem fome nem intenção alimentar definida, geralmente pouco tempo depois de já se ter verificado o seu conteúdo, na expectativa irracional de que entretanto alguma coisa interessante tenha surgido.

02 Consultar repetidamente o frigorífico como forma de indecisão, tédio ou esperança alimentar sem fundamento objectivo.

ETIMOLOGIA de abrir + frigorífico.

EXEMPLO Depois do jantar, abrifrigou quatro vezes sem retirar absolutamente nada.

acabalegria

a·ca·ba·le·gri·a

s. f.

01 Tristeza subtil que surge dentro de um momento feliz quando se toma consciência de que ele irá terminar.

02 Percepção antecipada da perda de um instante ainda presente, sem que essa percepção chegue necessariamente a destruir a felicidade que a provocou.

ETIMOLOGIA de acabar + alegria.

EXEMPLO Enquanto os outros continuavam a conversar no jardim, sentiu uma acabalegria ao pensar que, dentro de poucas horas, aquela noite já seria passado.

adiamínimo

a·di·a·mí·ni·mo

s. m.

01 Adiamento repetido de uma tarefa extremamente breve, durante um período incomparavelmente superior ao tempo necessário para a realizar.

02 Pequena obrigação cuja execução demoraria poucos minutos, mas cuja presença mental consegue incomodar durante dias.

ETIMOLOGIA de adiar + mínimo.

EXEMPLO Responder àquela mensagem era um adiamínimo: demorava vinte segundos e estava por fazer desde terça-feira.

agendalívio

a·gen·da·lí·vi·o

s. m.

01 Prazer súbito provocado pelo cancelamento de um compromisso ao qual se pretendia genuinamente comparecer.

02 Sensação de recuperar inesperadamente uma porção de tempo que já havia sido mentalmente entregue a outra pessoa ou actividade.

ETIMOLOGIA de agenda + alívio.

EXEMPLO Gostava muito deles, mas não conseguiu evitar o agendalívio quando recebeu a mensagem a cancelar o jantar.

alhechegada

a·lhe·che·ga·da

s. f.

01 Breve estado de desorientação provocado por chegar a uma divisão da casa e esquecer completamente o motivo pelo qual se foi até lá.

02 Intervalo em que o corpo parece ter concluído uma deslocação cuja intenção não chegou ao destino.

ETIMOLOGIA de alheamento + chegada.

EXEMPLO Ficou parado diante da estante numa alhechegada absoluta, até se lembrar de que tinha ido buscar os óculos.

anteausência

an·te·au·sên·ci·a

s. f.

01 Sentimento antecipado da ausência de alguém ou de alguma coisa que ainda está presente.

02 Saudade experimentada antes da perda, provocada pela consciência de que uma presença actual não será permanente.

ETIMOLOGIA de ante- + ausência.

EXEMPLO Enquanto o cão dormia aos seus pés, foi atravessado por uma anteausência tão nítida que teve de lhe tocar para regressar ao presente.

antelembrança

an·te·lem·bran·ça

s. f.

01 Consciência, durante um acontecimento ainda em curso, de que aquele momento será recordado no futuro.

02 Experiência simultânea do presente e da sua futura condição de memória.

ETIMOLOGIA de ante- + lembrança.

EXEMPLO Ao olhar em volta da mesa, percebeu com uma antelembrança estranhamente exacta que se recordaria daquela noite muitos anos depois.

apósenvio

a·pós·en·vi·o

s. m.

01 Estado de vigilância e dúvida que pode surgir imediatamente depois de se enviar uma mensagem cuja redacção parecia perfeitamente satisfatória antes do envio.

02 Reinterpretação obsessiva de palavras, pontuação, tom ou intenção de uma mensagem a partir do momento em que já não é possível modificá-la.

ETIMOLOGIA de após + envio.

EXEMPLO O «está bem.» parecera-lhe normal enquanto escrevia; durante o apósenvio começou a parecer-lhe hostil, frio e possivelmente responsável pelo fim de uma amizade.

arrumadiar

ar·ru·ma·di·ar

v. intr.

01 Arrumar, limpar ou reorganizar coisas sem urgência como forma de adiar uma tarefa efectivamente necessária.

02 Produzir actividade visível e secundária para evitar iniciar uma actividade prioritária.

ETIMOLOGIA de arrumar + adiar.

EXEMPLO Tinha de começar o relatório às dez, mas arrumadiou até ao meio-dia e acabou por organizar três gavetas que ninguém lhe pedira para organizar.

autonó

au·to·nó

s. m.

01 Nó aparentemente espontâneo que se forma em fios, auscultadores ou cabos guardados cuidadosamente sem qualquer explicação compatível com a maneira como foram deixados.

02 Emaranhado cuja complexidade parece pressupor actividade autónoma dos objectos durante a ausência do proprietário.

ETIMOLOGIA de auto- + nó.

EXEMPLO Colocara dois cabos perfeitamente separados na gaveta; na manhã seguinte encontrou um autonó com a complexidade estrutural de uma ponte suspensa.

acordesvio

a·cor·des·vi·o

s. m.

01 Nota, acorde ou combinação sonora tocados por engano que revelam uma possibilidade musical mais interessante do que aquela que estava prevista.

02 Erro musical que, depois de reconhecido como esteticamente eficaz, passa retrospectivamente a ser considerado intenção composicional.

ETIMOLOGIA de acorde + desvio.

EXEMPLO Enganou-se no último acorde, gostou do resultado e incorporou-o definitivamente na peça; o acordesvio ficou, naturalmente, registado como decisão artística.

acordansaço

a·cor·dan·sa·ço

s. m.

01 Cansaço experimentado imediatamente depois de acordar, por vezes superior ao que se sentia antes de adormecer.

02 Estado matinal em que o sono parece ter cumprido todas as suas funções excepto descansar.

ETIMOLOGIA de acordar + cansaço.

EXEMPLO Dormira nove horas e levantou-se com um acordansaço que parecia exigir urgentemente mais nove.

alémtelar

a·lém·te·lar

v. tr. e intr.

01 Prolongar deliberadamente uma pintura, desenho ou intervenção visual para além dos limites físicos da tela ou do suporte originalmente destinado à obra.

02 Utilizar moldura, parede, chão, mobiliário ou espaço envolvente como continuação de uma superfície pictórica, recusando que a obra termine onde termina a tela.

03 Por ext. ultrapassar os limites materiais tradicionalmente atribuídos a uma obra visual.

ETIMOLOGIA de além + tela.

EXEMPLO Começou por pintar a tela, alémtelou pela moldura e só parou quando a parede deixou de parecer suficientemente exterior à obra.

alheiprato

a·lhei·pra·to

s. m.

01 Insatisfação súbita com a refeição que se escolheu depois de observar a refeição aparentemente melhor escolhida por outra pessoa.

02 Convicção, geralmente adquirida segundos depois de os pratos chegarem à mesa, de que todas as opções disponíveis no menu eram inferiores àquela que alguém escolheu ao nosso lado.

ETIMOLOGIA de alheio + prato.

EXEMPLO Estava satisfeito com o risoto até chegar o polvo da mesa ao lado; sofreu imediatamente um alheiprato severo.

aplauspera

a·plaus·pe·ra

s. f.

01 Intervalo de silêncio entre o fim aparentemente possível de uma obra e o momento em que o público adquire confiança suficiente para começar a aplaudir.

02 Hesitação colectiva especialmente frequente em concertos, dança, performance ou outras obras cujo final não é claramente distinguível de mais um silêncio artístico.

ETIMOLOGIA de aplauso + espera.

EXEMPLO Depois do último som seguiram-se doze segundos de aplauspera, até alguém na terceira fila decidir correr o risco.

apressentimento

a·pres·sen·ti·men·to

s. m.

01 Sensação persistente de estar atrasado quando não existe qualquer atraso real nem compromisso iminente.

02 Pressa sem causa objectiva, acompanhada pela impressão de que alguma coisa deveria já estar a acontecer.

ETIMOLOGIA de apressar + pressentimento.

EXEMPLO Era sábado, não tinha nada marcado e, ainda assim, passou toda a manhã com um inexplicável apressentimento.

arquivontade

ar·qui·von·ta·de

s. f.

01 Incapacidade de eliminar um ficheiro digital sem utilidade conhecida devido à possibilidade vaga de ele poder vir a ser necessário no futuro.

02 Impulso de conservar fotografias repetidas, documentos desactualizados, versões intermédias e outros resíduos digitais sob o princípio preventivo de que «mais vale guardar».

ETIMOLOGIA de arquivo + vontade.

EXEMPLO Nunca abrira aquele documento desde 2017, mas a arquivontade impediu-o novamente de carregar em «apagar».

ausencenar

au·sen·ce·nar

v. tr. e intr.

01 Construir uma obra cinematográfica, teatral ou performativa a partir da ausência deliberada de acontecimentos tradicionalmente considerados necessários à acção.

02 Filmar, representar ou apresentar espera, imobilidade, silêncio, espaço vazio ou duração sem procurar justificá-los através de uma narrativa.

03 Fazer daquilo que aparentemente não acontece o acontecimento principal de uma obra.

ETIMOLOGIA de ausência + encenar.

EXEMPLO Durante sete minutos a câmara mostrou apenas uma sala vazia; o realizador não se esqueceu da cena, estava a ausencenar.

avistafuga

a·vis·ta·fu·ga

s. f.

01 Alteração discreta de trajecto realizada depois de se reconhecer à distância uma pessoa que obrigaria a um cumprimento ou conversa que se deseja evitar.

02 Manobra social pela qual uma montra, uma rua lateral ou uma necessidade repentina de consultar o telemóvel adquirem subitamente enorme interesse.

ETIMOLOGIA de avistar + fuga.

EXEMPLO Reconheceu o antigo colega a cinquenta metros e executou uma avistafuga tão perfeita que acabou numa papelaria onde não precisava de comprar nada.

autoriazar

au·to·ri·a·zar

v. tr.

01 Adoptar conscientemente um acidente, erro ou resultado imprevisto ocorrido durante a criação artística e incorporá-lo na obra como elemento deliberado.

02 Converter retrospectivamente o acaso em decisão de autor.

ETIMOLOGIA de autoria + azar.

EXEMPLO O pincel caiu sobre o papel e deixou uma mancha magnífica; em vez de a corrigir, autoriazou-a e passou a construir toda a composição à sua volta.

acabandonar

a·ca·ban·do·nar

v. tr.

01 Abandonar uma actividade, livro, série, trabalho ou projecto quando falta muito pouco para o terminar, sem que exista uma razão proporcional à proximidade do fim.

02 Perder inexplicavelmente o impulso de concluir alguma coisa precisamente quando a conclusão já exige menos esforço do que aquele que foi anteriormente investido.

ETIMOLOGIA de acabar + abandonar.

EXEMPLO Leu quatrocentas e oitenta páginas de um romance de quinhentas e acabandonou-o durante seis meses.

adiantatraso

a·di·an·ta·tra·so

s. m.

01 Período de espera excessivo provocado por se chegar demasiado cedo a um compromisso com o objectivo de evitar chegar atrasado.

02 Tempo perdido antecipadamente para impedir a possibilidade de perder tempo posteriormente.

ETIMOLOGIA de adiantar + atraso.

EXEMPLO Com medo de perder o comboio, chegou à estação cinquenta minutos antes e passou o adiantatraso a perguntar-se porque tinha saído de casa tão cedo.

agradeigualar

a·gra·de·i·gua·lar

v. intr.

01 Responder automaticamente «obrigado, igualmente» a uma fórmula de cortesia cuja reciprocidade não faz sentido.

02 Retribuir verbalmente um desejo antes de o cérebro ter verificado se esse desejo pode ser devolvido.

ETIMOLOGIA de agradecer + igualmente.

EXEMPLO O empregado desejou-lhe bom apetite e ele agradeigualou antes de perceber que o homem não ia comer nada.

aparentender

a·pa·ren·ten·der

v. tr. e intr.

01 Fingir ter compreendido uma explicação, referência ou comentário para evitar pedir que seja repetido ou esclarecido.

02 Manter uma aparência convincente de entendimento enquanto se espera que a continuação da conversa forneça retrospectivamente o significado daquilo que não se percebeu.

ETIMOLOGIA de aparentar + entender.

EXEMPLO Não percebeu absolutamente nada da explicação, mas aparentendeu com tanta segurança que lhe entregaram o projecto.

aprumafarsa

a·pru·ma·far·sa

s. f.

01 Recuperação exageradamente natural da postura imediatamente depois de tropeçar em público, destinada a sugerir que nenhum tropeção ocorreu.

02 Pequena representação corporal através da qual uma pessoa transforma um desequilíbrio involuntário num movimento alegadamente intencional.

ETIMOLOGIA de aprumar + farsa.

EXEMPLO Tropeçou no passeio, executou uma aprumafarsa impecável e continuou a andar como se tivesse decidido fazer aquele passo lateral.

aquietodançar

a·qui·e·to·dan·çar

v. intr.

01 Dançar sem deslocação ou movimento visível significativo, fazendo da imobilidade, da tensão corporal, da respiração ou da expectativa elementos da própria dança.

02 Construir uma acção coreográfica em que aquilo que não se move participa activamente no movimento.

03 Por ext. executar interiormente uma dança que o corpo quase não revela.

ETIMOLOGIA de aquietar + dançar.

EXEMPLO Durante quase dois minutos permaneceu de pé no centro do palco; não tinha interrompido a coreografia, estava a aquietodançar.

atalongo

a·ta·lon·go

s. m.

01 Atalho que acaba por tornar um percurso mais longo, demorado ou complicado do que o caminho que pretendia abreviar.

02 Solução apresentada como maneira de poupar tempo e que exige posteriormente mais tempo para corrigir as consequências da sua utilização.

ETIMOLOGIA de atalho + longo.

EXEMPLO Seguiu a indicação de uma aplicação, entrou por três ruas sem saída e descobriu que tinha escolhido um atalongo de vinte minutos.

atrasolhar

a·tra·so·lhar

v. intr.

01 Consultar repetidamente as horas quando já se está atrasado, apesar de cada consulta não alterar a situação e consumir uma pequena parte do tempo ainda disponível.

02 Procurar confirmação cronológica de um atraso já perfeitamente conhecido.

ETIMOLOGIA de atraso + olhar.

EXEMPLO Atrasolhou cinco vezes durante o caminho até à estação e conseguiu confirmar, com precisão crescente, que continuava atrasado.

auscultêncio

aus·cul·tên·ci·o

s. m.

01 Escuta deliberada do silêncio enquanto matéria sonora, e não simplesmente como ausência de som.

02 Estado de atenção auditiva em que ruídos involuntários, respirações, distâncias, reverberações e acontecimentos acústicos mínimos passam a integrar a experiência musical.

03 Em música, prática de permitir que aquilo que não foi intencionalmente tocado participe na composição.

ETIMOLOGIA de auscultar + silêncio.

EXEMPLO Depois da última nota, manteve o auscultêncio durante quase um minuto, deixando que a sala terminasse a peça.

autoprocurar

au·to·pro·cu·rar

v. tr.

01 Procurar activamente um objecto que já se encontra na mão, no bolso, sobre o corpo ou a ser utilizado durante a própria procura.

02 Empregar o objecto procurado como instrumento auxiliar para o procurar, sem reconhecer imediatamente a contradição.

ETIMOLOGIA de auto- + procurar.

EXEMPLO Autoprocurou o telemóvel durante vários minutos enquanto o utilizava como lanterna para ver debaixo do sofá.

alarmalívio

a·lar·ma·lí·vi·o

s. m.

01 Prazer experimentado ao acordar espontaneamente durante a noite ou de madrugada, consultar as horas e descobrir que ainda falta bastante tempo para o despertador tocar.

02 Sensação de receber inesperadamente uma quantidade suplementar de sono que, na realidade, já nos pertencia.

ETIMOLOGIA de alarme + alívio.

EXEMPLO Viu que eram quatro e vinte, calculou que ainda podia dormir três horas e sentiu um alarmalívio quase desproporcionado à descoberta.

alertasma

a·ler·tas·ma

s. m.

01 Impressão de ter ouvido, sentido ou visto uma notificação de telemóvel que não ocorreu.

02 Percepção ilusória de vibração, som ou iluminação do aparelho provocada pela expectativa habitual de receber uma mensagem.

ETIMOLOGIA de alerta + fantasma.

EXEMPLO Tirou o telemóvel do bolso pela terceira vez por causa de um alertasma; continuava sem mensagens.

almofriar

al·mo·fri·ar

v. tr.

01 Virar ou deslocar uma almofada com o propósito específico de encontrar a superfície que ainda está fresca.

02 Procurar, durante a noite, uma zona termicamente intacta da almofada depois de a área anteriormente utilizada ter aquecido.

ETIMOLOGIA de almofada + friar.

EXEMPLO Acordou a meio da noite, almofriou sem abrir os olhos e voltou imediatamente a dormir.

amanhificar

a·ma·nhi·fi·car

v. tr.

01 Transferir mentalmente para o dia seguinte uma tarefa que poderia ser realizada no presente, atribuindo ao eu de amanhã uma disponibilidade, energia e disciplina que o eu de hoje manifestamente não possui.

02 Acumular no futuro próximo obrigações adiadas no presente, como se o dia seguinte dispusesse de mais horas do que os restantes.

ETIMOLOGIA de amanhã + sufixo verbal -ificar.

EXEMPLO Amanhificou a resposta aos e-mails, a ida ao banco, a arrumação e duas chamadas, deixando para amanhã uma pessoa extraordinariamente ocupada: ele próprio.

anarrar

a·nar·rar

v. tr. e intr.

01 Construir uma obra cinematográfica, literária ou performativa sem progressão narrativa convencional, recusando deliberadamente conflito, desenvolvimento ou resolução.

02 Fazer da duração, observação, repetição, atmosfera ou simples presença das coisas a matéria principal de uma obra.

03 Por ext. contar sem propriamente contar.

ETIMOLOGIA de a- + narrar, por negação ou suspensão da narrativa.

EXEMPLO O filme acompanhava durante noventa minutos pessoas que chegavam, esperavam e partiam; em vez de contar uma história, anarrava.

anteconversar

an·te·con·ver·sar

v. intr.

01 Ensaiar mentalmente uma conversa que ainda não aconteceu, imaginando perguntas, respostas, objecções e réplicas da outra pessoa.

02 Participar antecipadamente numa discussão fictícia com alguém que desconhece completamente que já tomou parte nela.

ETIMOLOGIA de ante- + conversar.

EXEMPLO Anteconversou durante todo o caminho para casa e, quando finalmente encontrou a pessoa, o assunto nunca chegou a surgir.

antejustificar

an·te·jus·ti·fi·car

v. intr. e tr.

01 Apresentar uma explicação defensiva antes de alguém ter feito qualquer crítica, pergunta ou acusação.

02 Responder preventivamente a uma censura que existe, até esse momento, apenas na imaginação de quem se justifica.

ETIMOLOGIA de ante- + justificar.

EXEMPLO Ninguém lhe perguntara porque chegara tarde, mas antejustificou durante cinco minutos e acabou por tornar suspeito um atraso em que ninguém tinha reparado.

apagapintar

a·pa·ga·pin·tar

v. tr. e intr.

01 Produzir desenho ou pintura através da remoção, apagamento, raspagem, lavagem ou destruição parcial de marcas previamente realizadas.

02 Utilizar a ausência de matéria pictórica como acto positivo de construção visual.

03 Criar uma imagem fazendo desaparecer parte de outra.

ETIMOLOGIA de apagar + pintar.

EXEMPLO Cobriu primeiro o papel de carvão e depois apagapintou a figura, retirando matéria até aparecer a luz.

arrependizer

ar·re·pen·di·zer

v. tr. e intr.

01 Encontrar a resposta perfeita para uma conversa, discussão ou provocação apenas depois de esta ter terminado.

02 Reconstruir retrospectivamente um diálogo para introduzir nele a frase brilhante que não ocorreu no momento necessário.

ETIMOLOGIA de arrepender + dizer.

EXEMPLO Só no elevador arrependisse aquilo que deveria ter respondido vinte minutos antes, quando já não havia ninguém para ouvir.

alternafila

al·ter·na·fi·la

s. f.

01 Convicção persistente de que qualquer fila vizinha avança mais depressa do que aquela em que nos encontramos.

02 Mudança de fila motivada por essa convicção, frequentemente seguida pela aceleração imediata da fila abandonada e pela imobilização daquela para onde se mudou.

03 Pequena demonstração quotidiana de que a impaciência também pode piorar estatisticamente as coisas.

ETIMOLOGIA de alternar + fila.

EXEMPLO Depois de duas alternafilas consecutivas, conseguiu ficar atrás das mesmas três pessoas durante quase quinze minutos.

acidentritmo

a·ci·den·tri·tmo

s. m.

01 Ritmo involuntário produzido pela repetição regular de um som originalmente não musical, como uma máquina, uma torneira, um limpa-pára-brisas, passos ou qualquer mecanismo quotidiano.

02 Padrão sonoro descoberto por acaso e posteriormente ouvido como organização musical, ainda que nenhuma intenção composicional tenha estado na sua origem.

ETIMOLOGIA de acidente + ritmo.

EXEMPLO O comboio ainda não tinha chegado à estação e ele já estava a acompanhar mentalmente o acidentritmo das rodas sobre os carris.

acordemorar

a·cor·de·mo·rar

v. intr.

01 Permanecer na cama depois de já se estar completamente acordado, sem intenção verdadeira de voltar a dormir e sem motivo suficientemente forte para se levantar.

02 Adiar o início oficial do dia através de uma permanência horizontal cuja duração tende a aumentar precisamente quando há coisas para fazer.

ETIMOLOGIA de acordar + demorar.

EXEMPLO Acordou às oito, acordemorou até às nove e meia e passou parte desse tempo a pensar que já devia ter-se levantado.

acumulpa

a·cu·mul·pa

s. f.

01 Sentimento de culpa provocado pela acumulação visível de coisas que se tencionava fazer, ler, ouvir, responder, arrumar ou terminar.

02 Peso moral indevidamente atribuído a pilhas de livros por ler, mensagens por responder, filmes guardados para mais tarde e outras formas materiais ou digitais de intenção adiada.

ETIMOLOGIA de acumular + culpa.

EXEMPLO Já não olhava para os livros da mesa-de-cabeceira como literatura, mas como uma pequena montanha de acumulpa.

afastescuta

a·fas·tes·cu·ta

s. f.

01 Experiência de ouvir música proveniente de outra divisão, rua ou espaço distante, de modo que a distância, as paredes e o ambiente modificam a percepção da obra.

02 Escuta em que a perda de nitidez acrescenta mistério, profundidade ou beleza ao som, fazendo por vezes parecer mais interessante aquilo que de perto seria inteiramente reconhecível.

ETIMOLOGIA de afastar + escuta.

EXEMPLO A música chegava abafada do andar de baixo e a afastescuta transformava uma canção conhecida numa coisa que ele já não conseguia identificar.

ajudatrapalhar

a·ju·da·tra·pa·lhar

v. tr. e intr.

01 Ajudar alguém de maneira tão descoordenada, excessiva ou inadequada que a ajuda cria trabalho adicional à pessoa ajudada.

02 Participar voluntariosamente numa tarefa reduzindo, através dessa participação, a eficiência com que ela seria realizada sem auxílio.

ETIMOLOGIA de ajudar + atrapalhar.

EXEMPLO Pediu-lhe apenas que segurasse a porta, mas ele ajudatrapalhou durante vinte minutos e acabou por desmontar uma dobradiça.

alhelembrança

a·lhe·lem·bran·ça

s. f.

01 Memória cuja origem já não se consegue distinguir entre experiência própria, relato de outra pessoa, fotografia, sonho ou história repetidamente ouvida.

02 Recordação que parece pessoal apesar de existir a possibilidade de nunca ter sido vivida por quem a recorda.

ETIMOLOGIA de alheio + lembrança.

EXEMPLO Jurava lembrar-se daquele verão, mas começou a suspeitar de uma alhelembrança quando percebeu que tinha apenas dois anos na fotografia.

amissilêncio

a·mis·si·lên·ci·o

s. m.

01 Silêncio confortável entre pessoas suficientemente próximas para não precisarem de preencher continuamente a ausência de conversa.

02 Forma de intimidade em que a presença do outro continua a ser sentida como companhia apesar de nenhuma das pessoas falar.

ETIMOLOGIA de amizade + silêncio.

EXEMPLO Passaram quase uma hora a ler na mesma sala sem dizer nada; não havia embaraço, apenas amissilêncio.

apagadúvida

a·pa·ga·dú·vi·da

s. f.

01 Incerteza súbita, geralmente surgida depois de se sair de casa, acerca de se ter apagado uma luz, desligado um aparelho, fechado uma torneira, trancado uma porta ou realizado outra pequena acção de segurança que se executa habitualmente de forma automática.

02 Dúvida cuja intensidade aumenta à medida que cresce a distância física em relação ao objecto que permitiria resolvê-la.

ETIMOLOGIA de apagar + dúvida.

EXEMPLO Já estava no elevador quando uma apagadúvida sobre o fogão a fez regressar ao quarto andar.

arrumemória

ar·ru·me·mó·ri·a

s. f.

01 Interrupção prolongada de uma arrumação provocada pelo aparecimento de fotografias, cartas, objectos ou documentos que desencadeiam recordações.

02 Estado em que uma tentativa de organizar coisas antigas se transforma involuntariamente numa exploração do passado, frequentemente deixando a divisão ainda mais desarrumada do que estava.

ETIMOLOGIA de arrumar + memória.

EXEMPLO Começou por procurar espaço numa gaveta e caiu numa arrumemória de duas horas diante de um envelope de fotografias de 1998.

ausencitar

au·sen·ci·tar

v. tr.

01 Tornar alguma coisa perceptível numa obra precisamente através da sua omissão deliberada.

02 Em poesia, literatura, cinema, música ou artes visuais, construir a presença de uma pessoa, objecto, palavra, imagem ou som evitando mostrá-lo, dizê-lo ou fazê-lo ouvir directamente.

03 Criar significado através de uma ausência suficientemente precisa para que aquilo que falta se torne mais presente do que estaria se fosse explicitamente mostrado.

ETIMOLOGIA de ausência + citar.

EXEMPLO O poema nunca pronunciava a palavra «morte», mas ausencitava-a em todos os versos.

abismência

a·bis·mên·ci·a

s. f.

01 Sensação súbita de vertigem mental provocada pela consciência da quantidade de vidas, acontecimentos e histórias que existem simultaneamente fora do nosso conhecimento.

02 Breve percepção da desproporção entre aquilo que conhecemos do mundo e tudo aquilo que está a acontecer nele sem nós.

ETIMOLOGIA formação expressiva a partir de abismo, por analogia com substantivos terminados em -ência.

EXEMPLO Ao olhar as centenas de janelas iluminadas do comboio, sentiu uma abismência ao pensar que atrás de cada uma decorria uma vida inteira de que nunca saberia nada.

acordúria

a·cor·dú·ri·a

s. f.

01 Persistência interior de uma música depois de esta ter terminado, não necessariamente sob a forma de melodia identificável, mas como estado físico ou emocional deixado pela escuta.

02 Efeito pelo qual uma obra sonora parece continuar no ouvinte depois de já ter desaparecido do espaço.

ETIMOLOGIA criação derivada de acorde, com terminação expressiva -úria, destinada a sugerir duração ou resíduo.

EXEMPLO Saiu do concerto em acordúria e só vários minutos depois percebeu que continuava a caminhar ao ritmo da última peça.

afundume

a·fun·du·me

s. m.

01 Estado de absorção progressiva numa actividade inicialmente prevista para durar poucos segundos, sobretudo quando envolve conteúdos sucessivos e potencialmente intermináveis.

02 Perda temporária da percepção do tempo durante a consulta de notícias, vídeos, imagens, páginas ou outros conteúdos que conduzem continuamente a novos conteúdos.

03 Situação em que «vou só ver isto» deixa de constituir uma estimativa temporal fiável.

ETIMOLOGIA de afundar, com o sufixo expressivo -ume, por analogia com nomes de estado ou matéria.

EXEMPLO Pegou no telemóvel para consultar a meteorologia e saiu do afundume quarenta minutos depois a ver um vídeo sobre a construção de faróis no século XIX.

alombar

a·lom·bar

v. tr. e intr.

01 Carregar deliberadamente uma quantidade excessiva de sacos, objectos ou volumes numa única deslocação para evitar ter de regressar para buscar o restante.

02 Preferir um esforço físico manifestamente desproporcionado à possibilidade psicológica de efectuar duas viagens.

ETIMOLOGIA de lombo, com formação verbal em a-...-ar.

EXEMPLO Havia compras suficientes para três viagens, mas decidiu alombar tudo de uma vez e chegou à porta sem circulação em dois dedos.

anúvia

a·nú·vi·a

s. f.

01 Pensamento que desaparece precisamente no momento em que se tenta formulá-lo ou comunicá-lo.

02 Ideia de cuja existência se mantém a certeza depois de o seu conteúdo ter deixado de estar acessível.

03 Sensação de conservar a forma vazia de um pensamento que acabou de fugir.

ETIMOLOGIA criação de origem expressiva, possivelmente associável a nuvem e à ideia de dissolução, sem derivação directa estabelecida.

EXEMPLO Ia dizer-lhe uma coisa importante, abriu a boca e ficou apenas com uma anúvia: sabia que havia uma ideia, mas já não sabia qual.

aprisma

a·pris·ma

s. f.

01 Impulso de enquadrar mentalmente uma situação quotidiana como imagem, fotografia, pintura ou plano cinematográfico.

02 Transformação espontânea daquilo que se vê numa possível composição visual, mesmo quando não existe intenção de a registar.

03 Olhar momentaneamente incapaz de ver uma cena sem imaginar onde começaria e terminaria a imagem.

ETIMOLOGIA formação por analogia com prisma e com o prefixo verbalizante a-, associando a palavra à ideia de olhar através de uma estrutura que reorganiza o visível.

EXEMPLO A mulher adormecida junto à janela, o reflexo no vidro e a chuva produziram-lhe imediatamente uma aprisma; durante alguns segundos deixou de ver a carruagem e começou a ver um plano.

arredância

ar·re·dân·ci·a

s. f.

01 Bem-estar experimentado ao recuperar a solidão e o espaço doméstico depois da partida de visitas, mesmo quando a presença destas foi genuinamente agradável.

02 Sensação de a casa voltar subtilmente a pertencer-nos quando a porta se fecha depois do último convidado.

ETIMOLOGIA derivação livre de arredar, com o sufixo -ância.

EXEMPLO Passara uma noite excelente com os amigos, mas assim que fechou a porta sentiu a arredância e ficou alguns minutos simplesmente a ouvir a casa vazia.

assombrume

as·som·bru·me

s. m.

01 Presença afectiva deixada por alguém ausente num lugar, objecto, roupa, móvel ou hábito que continua associado a essa pessoa.

02 Qualidade pela qual uma coisa aparentemente inanimada parece conservar vestígios de quem a utilizou ou habitou.

03 Forma de presença produzida pela ausência, sem implicação sobrenatural necessária.

ETIMOLOGIA derivação expressiva de assombrar, através de sombra, com terminação -ume.

EXEMPLO A chávena permanecera durante anos no mesmo armário e tinha um assombrume que nenhuma outra chávena da casa possuía.

atremar

a·tre·mar

v. intr.

01 Permanecer alguns instantes sem iniciar uma acção simples porque o corpo parece esperar uma decisão que racionalmente já foi tomada.

02 Hesitar fisicamente depois de já não existir verdadeira hesitação mental, como diante do botão «enviar», de uma campainha, de uma porta ou do primeiro passo para entrar num lugar.

ETIMOLOGIA formação expressiva relacionada foneticamente com tremer e atrever, sem corresponder inteiramente a nenhum dos dois.

EXEMPLO Sabia que ia tocar à campainha, tinha ido ali precisamente para isso, mas atremou vários segundos com o dedo a dois centímetros do botão.

avária

a·vá·ri·a

s. f.

01 Sensação de ligeiro estranhamento perante um lugar muito conhecido quando este é visto numa circunstância incomum, como durante a madrugada, completamente vazio ou sob uma luz diferente.

02 Momento em que um espaço familiar parece, sem deixar de ser reconhecível, pertencer por instantes a outra realidade.

ETIMOLOGIA criação por deslocação fonética e semântica em torno de variar e avesso; não relacionada com avaria, embora a proximidade sonora possa sugerir uma pequena falha temporária no reconhecimento do mundo.

EXEMPLO Atravessou a praça onde passava todos os dias, mas às quatro da manhã sentiu uma avária: conhecia cada edifício e, ao mesmo tempo, parecia nunca ter estado ali.

alheúria

a·lhe·ú·ri·a

s. f.

01 Estranhamento provocado pela audição da própria voz gravada, quando esta parece pertencer simultaneamente a nós e a outra pessoa.

02 Desfasamento entre a voz que acreditamos ter e aquela que nos chega do exterior através de uma gravação.

ETIMOLOGIA formação expressiva a partir de alheio, com terminação -úria, sugerindo um estado persistente de estranheza.

EXEMPLO Reconheceu imediatamente as palavras, mas a alheúria fê-lo perguntar quem era aquela pessoa a dizê-las.

alumíria

a·lu·mí·ri·a

s. f.

01 Melancolia imaginativa provocada pela visão de uma janela iluminada pertencente a uma casa desconhecida, acompanhada pela tendência para imaginar a vida que decorre no seu interior.

02 Sensação de proximidade momentânea com pessoas desconhecidas apenas porque uma luz revela que, algures atrás de um vidro, alguém está acordado.

ETIMOLOGIA formação expressiva associada a lume e luz, com terminação -íria de valor afectivo.

EXEMPLO No regresso a casa, ficou alguns segundos a olhar uma janela do quarto andar e sentiu uma alumíria por uma família que provavelmente nunca conheceria.

anoneiria

a·no·nei·ri·a

s. f.

01 Estado emocional deixado por um sonho cujo conteúdo já desapareceu da memória.

02 Persistência, ao acordar, de medo, felicidade, tristeza, desejo ou inquietação provenientes de um acontecimento onírico que já não se consegue reconstruir.

03 Memória de ter sonhado alguma coisa sem memória da coisa sonhada.

ETIMOLOGIA formação inspirada no grego óneiros, «sonho», combinada com elemento privativo, designando aquilo que permanece quando o sonho propriamente dito deixou de estar acessível.

EXEMPLO Acordou com uma tristeza muito nítida e nenhuma imagem que a explicasse; passou a manhã inteira numa anoneiria.

arcanar

ar·ca·nar

v. tr.

01 Guardar um objecto num lugar considerado especialmente seguro, apropriado ou memorável e, por essa mesma razão, tornar posteriormente difícil ou impossível encontrá-lo.

02 Colocar uma coisa «onde de certeza não se perde» imediatamente antes de perder a memória desse lugar.

ETIMOLOGIA formação verbal a partir de arcano, no sentido de «oculto» ou «secreto», com deslocação humorística para o domínio doméstico.

EXEMPLO Arcanou o passaporte para não correr riscos e passou duas horas a procurá-lo na véspera da viagem.

ascensar

as·cen·sar

v. intr. e tr.

01 Carregar repetidamente no botão de chamada de um elevador depois de a luz indicadora já ter confirmado que a chamada foi registada.

02 Tentar acelerar um mecanismo através da repetição de uma acção que se sabe não possuir qualquer influência adicional sobre a velocidade desse mecanismo.

03 Por ext. insistir fisicamente sobre um comando digital ou mecânico cuja primeira activação já foi suficiente.

ETIMOLOGIA formação a partir de ascensor, por redução e verbalização.

EXEMPLO O botão estava iluminado desde o primeiro toque, mas ascensou mais quatro vezes por razões que nem ele próprio saberia defender.

avivância

a·vi·vân·ci·a

s. f.

01 Brevíssimo intervalo em que uma pessoa morta é mentalmente tratada como se ainda estivesse viva, antes de a memória da sua morte regressar.

02 Instante em que surge espontaneamente o impulso de contar, mostrar ou perguntar alguma coisa a alguém que já morreu.

03 Presença involuntária e momentânea de uma pessoa ausente na estrutura quotidiana do presente.

ETIMOLOGIA derivação livre de avivar e vivo, com o sufixo -ância.

EXEMPLO Viu uma notícia que o teria divertido e teve uma avivância: durante um segundo pensou em telefonar-lhe.

atentúria

a·ten·tú·ri·a

s. f.

01 Alteração involuntária de um gesto, postura ou comportamento provocada pela consciência súbita de que se está a ser observado.

02 Incapacidade temporária de continuar a executar naturalmente uma acção banal depois de reparar que alguém está a olhar.

ETIMOLOGIA formação expressiva relacionada com atenção, através da ideia de se tornar excessivamente consciente do próprio comportamento sob o olhar alheio.

EXEMPLO Caminhava normalmente até reparar que alguém o observava; a atentúria fez com que, durante vinte metros, já não soubesse exactamente o que fazer com os braços.

audimudar

au·di·mu·dar

v. intr.

01 Alterar involuntariamente a maneira de ouvir uma música depois de se descobrir um detalhe, erro, ruído ou elemento estrutural que antes passava despercebido.

02 Tornar-se incapaz de regressar à escuta anterior de uma obra depois de algo nela ter sido apontado ou reconhecido.

03 Em música, adquirir uma nova escuta irreversível sem que a gravação ou execução se tenha modificado.

ETIMOLOGIA formação verbal de base latina, a partir de audire, «ouvir», e da ideia portuguesa de mudança, sem corresponder directamente à simples junção lexical dos dois elementos.

EXEMPLO Alguém lhe mostrou a respiração do cantor antes do refrão; audimudou e, desde então, passou a ouvi-la sempre.

B

016 PALAVRAS / TERRITÓRIO B

Basta uma palavra nova para o quotidiano mudar discretamente de forma.

banhésia

ba·nhé·sia

s. f.

01 Prolongamento de um banho ou duche depois de já ter terminado a necessidade prática de lavar o corpo.

02 Permanência sob a água motivada não pela higiene, mas pelo prazer de continuar alguns minutos num lugar temporariamente separado do resto do dia.

ETIMOLOGIA formação expressiva a partir de banho, com valor de estado continuado.

EXEMPLO Já estava lavada há dez minutos, mas a banhésia manteve-a debaixo da água até a casa inteira começar a parecer longe.

barúmia

ba·rú·mia

s. f.

01 Impulso para continuar a criar quando a obra, o espaço ou o próprio dia parecem já não ter lugar para mais nada.

02 Persistência inventiva que procura uma passagem justamente quando todas as passagens parecem ocupadas.

ETIMOLOGIA formação expressiva de raiz obscura, construída para sugerir pressão, matéria e abertura simultaneamente.

EXEMPLO A mesa estava cheia, o ficheiro parecia terminado e a noite também; a barúmia abriu ainda assim uma pequena porta dentro da peça.

bastância

bas·tân·cia

s. f.

01 Capacidade de reconhecer o momento em que uma coisa já é suficiente e não melhora por receber mais trabalho, ornamento, explicação ou correcção.

02 Sensação de completude prática que permite parar sem confundir interrupção com abandono.

ETIMOLOGIA de bastar, com formação substantiva destinada a nomear o estado do que chegou ao ponto suficiente.

EXEMPLO Depois da décima revisão percebeu finalmente a bastância do texto e teve a rara elegância de não lhe acrescentar mais nada.

batutear

ba·tu·te·ar

v. intr.

01 Marcar inconscientemente com os dedos, a mão, o pé ou um objecto o ritmo de uma música ou sequência sonora.

02 Dirigir uma pulsação imaginária sem intenção de comandar ninguém.

ETIMOLOGIA de batuta, por verbalização humorística do gesto de reger.

EXEMPLO Enquanto ouvia a conversa, batuteava no joelho uma música que só ele parecia saber que estava a tocar.

beirância

bei·rân·cia

s. f.

01 Permanência breve numa soleira, porta, margem ou ponto de passagem depois de já se ter decidido entrar ou sair.

02 Hesitação corporal produzida não pela dúvida sobre o destino, mas pela pequena dificuldade de atravessar o instante que separa dois estados.

ETIMOLOGIA de beira, entendida como limite ou margem, com formação de valor durativo.

EXEMPLO Já tinha o casaco vestido e a porta aberta, mas ficou alguns segundos em beirância como se a rua precisasse de começar primeiro.

beliscânia

be·lis·câ·nia

s. f.

01 Sequência de pequenas porções de comida ingeridas sem que a pessoa reconheça ter começado propriamente a comer.

02 Forma de consumo por fragmentos que consegue transformar a frase «não tenho fome» numa refeição completa sem momento inaugural.

ETIMOLOGIA de beliscar, com formação expressiva de valor repetitivo.

EXEMPLO Passou a tarde em beliscânia: uma azeitona, meio queijo, duas bolachas e, misteriosamente, nenhum lanche.

bibliésia

bi·blié·sia

s. f.

01 Relação de confiança com um livro adquirido ou guardado para uma versão futura de nós próprios que, um dia, terá tempo e disposição para o ler.

02 Prazer de possuir uma leitura ainda não realizada sem que a ausência de leitura elimine inteiramente o vínculo com o livro.

ETIMOLOGIA de biblíon, «livro», com formação destinada a sugerir uma relação potencial com a leitura.

EXEMPLO Comprou o terceiro volume da trilogia numa perfeita bibliésia: ainda não abrira o primeiro, mas confiava muito na pessoa que algum dia o faria.

bocléxia

bo·clé·xia

s. f.

01 Desvio breve da fala em que uma palavra próxima, associada ou foneticamente semelhante ocupa o lugar daquela que se pretendia dizer.

02 Pequena troca lexical produzida pela velocidade da fala, sem perda real do conhecimento da palavra pretendida.

ETIMOLOGIA formação de boca com ressonância de léxico, destinada a nomear uma troca ocasional na produção verbal.

EXEMPLO Pediu o «garfo» quando queria a faca, corrigiu-se imediatamente e atribuiu a bocléxia à pressa do almoço.

bocância

bo·cân·cia

s. f.

01 Impulso físico para falar quando a ideia ainda não encontrou uma frase suficientemente definida.

02 Momento em que a boca parece preparar-se para dizer alguma coisa antes de o pensamento ter decidido exactamente o quê.

ETIMOLOGIA de boca, com formação de valor impulsivo.

EXEMPLO Fez uma pequena bocância, abriu os lábios e acabou por descobrir que a frase ainda estava alguns segundos atrás.

bolsúria

bol·sú·ria

s. f.

01 Verificação repetida de um bolso, mala ou compartimento para confirmar a presença de um objecto que já foi confirmado pouco antes.

02 Reasseguramento táctil de chaves, carteira, telefone, bilhete ou documento durante uma deslocação.

ETIMOLOGIA de bolso, com formação expressiva associada à repetição do gesto.

EXEMPLO Antes de chegar ao aeroporto já fizera bolsúria ao passaporte pelo menos sete vezes.

bordescrever

bor·des·cre·ver

v. tr. e intr.

01 Escrever nas margens de um livro, folha, programa ou documento até que as anotações passem a constituir um segundo texto.

02 Pensar por escrito ao lado daquilo que se lê, usando a borda como território de conversa, discordância ou deriva.

ETIMOLOGIA de bordo e escrever.

EXEMPLO Começou por sublinhar uma frase e acabou a bordescrever uma discussão inteira com o autor.

brancúria

bran·cú·ria

s. f.

01 Uso deliberado do espaço vazio como elemento activo de uma composição visual, gráfica, textual ou espacial.

02 Capacidade de deixar uma zona sem preencher para que aquilo que a rodeia possa respirar, aparecer ou adquirir proporção.

ETIMOLOGIA de branco, entendido como vazio composicional, com formação expressiva.

EXEMPLO A página ganhou forma quando retirou metade dos elementos; a brancúria fez finalmente o desenho começar a existir.

brumória

bru·mó·ria

s. f.

01 Memória que perdeu a sequência dos factos mas conserva atmosfera, temperatura, luz, cheiro ou disposição afectiva.

02 Recordação que já não consegue contar o que aconteceu, embora continue a saber como era estar lá.

ETIMOLOGIA de bruma e memória.

EXEMPLO Daquela viagem não conseguia reconstruir os dias, mas trazia uma brumória exacta do frio das manhãs e do cheiro da estação.

bumerar

bu·me·rar

v. intr.

01 Regressar espontaneamente a uma ideia, tarefa ou objecto anteriormente abandonado e descobrir-lhe uma utilidade que não era visível na primeira tentativa.

02 Voltar a um ponto antigo sem o repetir exactamente, porque o intervalo entretanto ocorrido mudou a maneira de o encontrar.

ETIMOLOGIA inspirado em bumerangue, por redução e verbalização do movimento de retorno.

EXEMPLO Abandonou o desenho durante meses; quando bumerou, percebeu em cinco minutos aquilo que antes não conseguira resolver.

buracência

bu·ra·cên·cia

s. f.

01 Presença perceptiva criada pela ausência de uma coisa num lugar onde estávamos habituados a encontrá-la.

02 Capacidade de um vazio se tornar mais visível do que o objecto que anteriormente o ocupava.

ETIMOLOGIA de buraco, com formação de valor perceptivo.

EXEMPLO Só reparou verdadeiramente no móvel depois de o retirarem: a buracência da parede vazia ocupava agora metade da sala.

burocrésia

bu·ro·cré·sia

s. f.

01 Estado de fadiga e desorientação produzido por uma sequência de formulários, códigos, autenticações, pedidos e instruções administrativas.

02 Momento em que uma tarefa inicialmente simples se torna difícil de compreender por excesso de procedimentos destinados a organizá-la.

ETIMOLOGIA de burocracia, com deformação expressiva destinada a sugerir perda de orientação dentro do próprio sistema.

EXEMPLO À terceira senha, ao segundo portal e ao quarto comprovativo entrou em burocrésia e já não sabia qual dos documentos servia para provar a existência do anterior.



018 PALAVRAS / TERRITÓRIO C

Certas experiências só ficam completas depois de receberem um nome.

cangestrar

can·ges·trar

v. tr.

01 Conduzir uma passagem entre duas actividades, funções ou estados sem interromper completamente a continuidade entre ambos.

02 Organizar uma mudança de modo que o que termina deixe materiais, ritmo ou orientação úteis para aquilo que começa.

ETIMOLOGIA formação de mudança e gestar, com redução fonética.

EXEMPLO Em vez de fechar abruptamente o ensaio, cangestrou-o para a improvisação e a última nota tornou-se a primeira.

cavérbia

ca·vér·bia

s. f.

01 Palavra ou expressão usada como abrigo verbal enquanto se procura a formulação seguinte.

02 Pequeno refúgio de fala — «pronto», «quer dizer», «enfim» — que permite ganhar tempo sem abandonar a conversa.

ETIMOLOGIA de caverna e verbo, sugerindo uma palavra que oferece abrigo momentâneo.

EXEMPLO Entrou numa cavérbia de «quer dizer» enquanto procurava a única palavra que realmente queria dizer.

cenúmen

ce·nú·men

s. m.

01 Elemento discreto de uma cena, composição ou situação que organiza silenciosamente a percepção do conjunto.

02 Detalhe cuja importância só se torna evidente quando se imagina a sua ausência.

ETIMOLOGIA formação inspirada em cena e númen, no sentido de presença organizadora difícil de isolar.

EXEMPLO Pensava que a fotografia dependia das figuras, até perceber que a pequena lâmpada ao fundo era o cenúmen de toda a imagem.

cercalha

cer·ca·lha

s. f.

01 Perímetro mental que se forma à volta de um problema inacabado e faz pensamentos aparentemente alheios regressarem repetidamente a ele.

02 Zona de atracção cognitiva criada por uma questão ainda aberta.

ETIMOLOGIA de cerca, com formação expressiva de valor envolvente.

EXEMPLO Passou a manhã a fazer outras coisas, mas tudo acabava na cercalha da pergunta que deixara por responder.

chistólise

chis·tó·li·se

s. f.

01 Dissolução momentânea de uma tensão através de uma piada que não resolve a causa do conflito, mas altera a maneira como as pessoas conseguem permanecer nele.

02 Humor que abre espaço respirável dentro de uma situação demasiado rígida.

ETIMOLOGIA de chiste e do grego lýsis, «dissolução».

EXEMPLO A discussão não terminou, mas a chistólise de uma frase absurda permitiu que todos voltassem a sentar-se.

claustrópio

claus·tró·pio

s. m.

01 Pequeno lugar protegido dentro de um espaço maior que, por alguma razão, se torna o ponto preferido para observar, trabalhar ou permanecer.

02 Refúgio espacial cuja escala reduzida produz sensação de amplitude interior.

ETIMOLOGIA de claustro e do grego tópos, «lugar», com deformação expressiva.

EXEMPLO Num salão enorme escolheu sempre a cadeira junto à coluna; aquele claustrópio dava-lhe mais espaço do que a sala inteira.

clicnésia

clic·né·sia

s. f.

01 Esquecimento do propósito original depois de abrir uma aplicação, página ou dispositivo e ser capturado pelos estímulos que aparecem entretanto.

02 Perda de uma intenção digital provocada precisamente pelo caminho utilizado para a executar.

ETIMOLOGIA de clique e memória, com formação expressiva.

EXEMPLO Abriu o telefone para consultar a hora, respondeu a duas mensagens e só depois percebeu a clicnésia: continuava sem saber que horas eram.

cofásia

co·fá·sia

s. f.

01 Pequena colisão conversacional em que duas pessoas começam a falar ao mesmo tempo, param simultaneamente para dar passagem à outra e voltam a começar juntas.

02 Coreografia vocal de cortesia excessivamente sincronizada.

ETIMOLOGIA do prefixo co-, «em conjunto», e fala, com deformação fonética.

EXEMPLO — Diz tu. — Não, diz tu. A cofásia repetiu-se três vezes antes de alguém aceitar finalmente a prioridade.

cogitarca

co·gi·tar·ca

s. f.

01 Pensamento que adquire autoridade desproporcionada sobre os restantes e faz diferentes assuntos regressarem continuamente ao mesmo centro.

02 Ideia que governa temporariamente a atenção como se tivesse sido eleita sem eleições.

ETIMOLOGIA de cogitar e do grego arkhḗ, «comando».

EXEMPLO Durante dois dias a decisão sobre a viagem tornou-se uma cogitarca: até escolher o jantar parecia acabar nela.

constelência

cons·te·lên·cia

s. f.

01 Capacidade de reconhecer uma relação significativa entre elementos dispersos que, considerados separadamente, pareciam independentes.

02 Momento em que vários detalhes deixam de ser pontos isolados e passam a formar uma figura mental comum.

ETIMOLOGIA de constelação, com formação de valor perceptivo.

EXEMPLO Os três comentários, a mudança de horário e uma fotografia antiga só ganharam sentido quando a constelência os reuniu.

contrasorrir

con·tra·sor·rir

v. intr.

01 Responder automaticamente com um sorriso ao sorriso de outra pessoa antes de se decidir conscientemente fazê-lo.

02 Devolver uma expressão amistosa por contágio social, mesmo quando o estado de espírito inicial não a continha.

ETIMOLOGIA de contra-, no sentido de resposta, e sorrir.

EXEMPLO Estava irritado, mas contrassorriu ao porteiro antes que a irritação tivesse tempo de apresentar objecção.

coríntima

co·rín·ti·ma

s. f.

01 Qualidade sensorial ou afectiva privada associada a uma pessoa, lugar ou período da vida, difícil de traduzir para quem não partilha essa experiência.

02 Cor interior de uma lembrança que não corresponde necessariamente a uma cor física.

ETIMOLOGIA de cor e íntima.

EXEMPLO Para ela, aquela casa tinha uma coríntima de verde escuro, embora nenhuma parede alguma vez tivesse sido verde.

crepitura

cre·pi·tu·ra

s. f.

01 Conjunto de pequenos estalidos, fricções e ruídos descontínuos que faz um silêncio parecer habitado.

02 Textura acústica mínima de madeira, aparelhos, fogo, tecido ou edifícios em repouso.

ETIMOLOGIA de crepitar, com formação nominal de valor material.

EXEMPLO Quando todos se calaram, a crepitura da casa apareceu: madeira, canos, frigorífico e uma janela a ajustar-se ao vento.

cronofole

cro·no·fo·le

s. m.

01 Alternância entre expansão e contracção subjectiva do tempo dentro da mesma actividade ou espera.

02 Experiência em que minutos ora parecem largos, ora desaparecem, sem alteração equivalente no relógio.

ETIMOLOGIA de crono- e fole, pela imagem de um tempo que se abre e fecha.

EXEMPLO A viagem teve um cronofole estranho: meia hora não passava e, de repente, duas horas tinham desaparecido.

cronábil

cro·ná·bil

adj. 2 g.

01 Que sabe distribuir, interromper e retomar actividades sem transformar cada interrupção numa perda total de continuidade.

02 Que avalia com realismo o tempo necessário às tarefas e mantém uma relação flexível, funcional e não rígida com o tempo disponível.

ETIMOLOGIA de crono-, «tempo», e hábil.

EXEMPLO Era cronábil: conseguia parar um trabalho às seis, voltar-lhe no dia seguinte e encontrar exactamente o ponto onde o pensamento ainda estava quente.

cronóclise

cro·nó·cli·se

s. f.

01 Reorganização súbita da percepção do tempo quando um prazo, encontro ou acontecimento futuro passa a dominar tudo o que o antecede.

02 Momento em que várias horas disponíveis parecem inclinar-se para um único ponto temporal.

ETIMOLOGIA de crono- e do grego klísis, «inclinação».

EXEMPLO Às três da tarde, a reunião das seis produziu uma cronóclise: o resto do dia começou a cair na direcção dela.

cumulíngua

cu·mu·lín·gua

s. f.

01 Fala em que duas ou mais línguas, registos ou repertórios lexicais se acumulam naturalmente numa mesma frase.

02 Modo de expressão em que a escolha de uma língua não expulsa inteiramente as restantes.

ETIMOLOGIA de cumular e língua.

EXEMPLO A conversa começou em português, atravessou inglês e francês e regressou sem pedir licença; aquela cumulíngua era a língua real do grupo.

curvérsia

cur·vér·sia

s. f.

01 Mudança gradual de opinião produzida por pequenas inflexões sucessivas, sem instante claro de conversão.

02 Transformação de posição intelectual que só se reconhece retrospectivamente como mudança.

ETIMOLOGIA de curva e versão, com ressonância de controvérsia.

EXEMPLO Jurava não ter mudado de opinião, mas ao reler as notas viu a curvérsia inteira desenhada ao longo de três meses.

D

018 PALAVRAS / TERRITÓRIO D

Dar nome ao quase invisível é trazê-lo um pouco mais para perto.

decidência

de·ci·dên·cia

s. f.

01 Momento em que uma decisão deixa de ser apenas uma preferência mental e se torna real através de um primeiro acto irreversível ou comprometedor.

02 Passagem entre escolher e começar efectivamente a viver a escolha.

ETIMOLOGIA de decidir, com formação de valor processual.

EXEMPLO Enquanto comparava datas ainda estava indeciso; a compra do bilhete produziu a decidência.

decântima

de·cân·ti·ma

s. f.

01 Estado que fica depois de uma emoção intensa começar a assentar e separar-se das reacções imediatas que a acompanhavam.

02 Sedimento afectivo de um acontecimento quando o excesso inicial já se depositou.

ETIMOLOGIA de decantar e íntima.

EXEMPLO No dia seguinte já não estava zangado nem calmo; permanecia numa decântima onde finalmente conseguia perceber o que realmente o tinha atingido.

descalíbria

des·ca·lí·bria

s. f.

01 Estranheza provocada quando um objecto, instrumento ou gesto muito familiar se encontra ligeiramente diferente da calibração habitual.

02 Desajuste entre a memória corporal de uma coisa e a forma como ela responde naquele momento.

ETIMOLOGIA de des- e calibrar, com deformação expressiva.

EXEMPLO A guitarra estava afinada, mas a correia dois centímetros mais baixa produziu uma descalíbria que lhe alterou as mãos.

desnarrar

des·nar·rar

v. tr.

01 Deixar deliberadamente de contar um acontecimento sempre da mesma maneira para permitir que ele perca a forma rígida adquirida pela repetição.

02 Suspender uma narrativa consolidada sobre si próprio ou sobre o passado sem pretender apagar os factos.

ETIMOLOGIA de des- e narrar.

EXEMPLO Decidiu desnarrar aquela história durante algum tempo; talvez a memória soubesse mais coisas do que a versão que repetia há vinte anos.

desouvência

de·sou·vên·cia

s. f.

01 Desaparecimento de um som contínuo da atenção consciente apesar de o som continuar fisicamente presente.

02 Habitação auditiva pela qual ventiladores, motores, trânsito ou aparelhos deixam de ser escutados até ao momento em que param.

ETIMOLOGIA de des- e ouvir, com formação de estado perceptivo.

EXEMPLO Só percebeu a desouvência do frigorífico quando o motor parou e o silêncio apareceu de repente.

diadópsis

di·a·dóp·sis

s. f.

01 Alternância involuntária entre duas interpretações possíveis da mesma imagem, frase ou situação sem conseguir estabilizar definitivamente numa delas.

02 Percepção que muda de leitura sem que o objecto percebido se altere.

ETIMOLOGIA do grego diá, «através», e ópsis, «visão».

EXEMPLO Na fotografia via primeiro um abraço, depois uma despedida; a diadópsis não lhe permitia escolher uma história única.

dissimulência

dis·si·mu·lên·cia

s. f.

01 Percepção de que uma expressão emocional ou social pode estar parcialmente construída, controlada ou representada, sem concluir por isso que seja falsa.

02 Sensibilidade à diferença entre espontaneidade e apresentação de si, preservando margem para erro na interpretação.

ETIMOLOGIA de dissimular, com formação de valor perceptivo.

EXEMPLO O sorriso parecia cuidadosamente colocado, mas a dissimulência não lhe permitia chamar-lhe mentira: talvez fosse apenas a forma educada de estar cansado.

distalume

dis·ta·lu·me

s. m.

01 Pequeno detalhe sensorial que mantém acesa uma memória ou lugar muito distante no tempo.

02 Fragmento mínimo — uma luz, um cheiro, uma textura — capaz de iluminar de repente uma região remota da experiência.

ETIMOLOGIA de distal e lume.

EXEMPLO Não se lembrava do hotel, mas o reflexo amarelo num corredor tornou-se um distalume e devolveu-lhe a viagem inteira durante um segundo.

diurnésia

diur·né·sia

s. f.

01 Memória de um dia preservada sobretudo pela sua luz, temperatura ou momento do ciclo diário e não pelos acontecimentos concretos.

02 Recordação temporal em que se sabe se era manhã, tarde ou fim do dia antes de se saber exactamente o que aconteceu.

ETIMOLOGIA de diurno, com formação de valor memorial.

EXEMPLO Não recordava a conversa, mas a diurnésia devolvia-lhe com precisão a luz baixa das cinco da tarde.

dormívago

dor·mí·va·go

s. m. e adj.

01 Pessoa que se desloca, procura objectos ou executa pequenos gestos depois de acordar sem ter chegado ainda plenamente ao estado de vigília.

02 Relativo ao curto período em que o corpo já circula pelo dia e a consciência continua parcialmente no sono.

ETIMOLOGIA de dormir e vago.

EXEMPLO Foi dormívago até à cozinha, preparou café e só diante da primeira chávena pareceu chegar ao mesmo lugar que o corpo.

dromaturgia

dro·ma·tur·gia

s. f.

01 Processo de criação em que percursos, deslocações, velocidades e modos de atravessar o espaço funcionam como matéria composicional.

02 Construção artística produzida pelo caminho e não apenas pelo lugar de partida ou de chegada.

ETIMOLOGIA do grego drómos, «corrida, percurso», e -urgia, «trabalho, obra».

EXEMPLO A peça não tinha palco fixo: a dromaturgia fazia do percurso do público entre cinco salas a verdadeira estrutura.

dromomalia

dro·mo·ma·lia

s. f.

01 Tendência para executar actividades mais depressa do que a precisão da tarefa permite, produzindo erros, omissões e trabalho de correcção.

02 Confusão habitual entre rapidez e eficiência quando o tempo aparentemente ganho regressa sob a forma de reparação.

ETIMOLOGIA do grego drómos, «corrida», e formação expressiva associada a desajuste.

EXEMPLO A dromomalia fez-lhe acabar o formulário em quatro minutos e passar vinte a corrigir os campos que tinha saltado.

dromomálico

dro·mo·má·li·co

adj. e s.

01 Que manifesta dromomalia; que acelera uma tarefa para além da velocidade compatível com a sua execução correcta.

02 Pessoa, método ou procedimento cuja pressa produz retrabalho suficiente para anular a vantagem temporal inicial.

ETIMOLOGIA derivado de dromomalia.

EXEMPLO O processo parecia muito rápido, mas era dromomálico: metade da semana seguinte destinava-se a reparar o que a pressa fizera.

duossência

du·os·sên·cia

s. f.

01 Consciência simultânea de dois estados afectivos diferentes ou opostos sem necessidade de reduzir um ao outro.

02 Capacidade de reconhecer que alegria e tristeza, desejo e receio, alívio e culpa podem coexistir no mesmo instante.

ETIMOLOGIA de duo, «dois», e essência, por contracção expressiva.

EXEMPLO Sentiu uma duossência muito nítida: queria que a viagem começasse e, exactamente por isso, já tinha saudades de casa.

duplésia

du·plé·sia

s. f.

01 Compreensão tardia de um segundo sentido numa frase, imagem, gesto ou situação que inicialmente parecera ter apenas uma leitura.

02 Instante em que uma coisa já entendida se abre e revela outro significado.

ETIMOLOGIA de duplo, com formação de valor perceptivo.

EXEMPLO Só no caminho para casa percebeu a duplésia da frase e começou a rir sozinho no autocarro.

duravés

du·ra·vés

s. m.

01 Alongamento subjectivo de um intervalo curto quando se deseja intensamente que ele termine.

02 Última parte de uma espera que parece durar mais do que todas as anteriores apesar de ser objectivamente a menor.

ETIMOLOGIA de durar e vez, com deformação expressiva.

EXEMPLO Faltavam apenas três minutos para ser chamado, mas aqueles três minutos formaram um duravés maior do que a meia hora anterior.

durália

du·rá·lia

s. f.

01 Tendência para inventar pequenas continuações de uma experiência que já poderia terminar, com o objectivo de adiar o momento do fim.

02 Prolongamento activo através de «mais um café», «mais uma música», «só mais cinco minutos» ou outros pretextos mínimos.

ETIMOLOGIA de durar, com formação expressiva.

EXEMPLO Ninguém queria despedir-se, por isso a durália produziu outro café, uma música e uma conversa que já tinha acabado duas vezes.

duvidélio

du·vi·dé·lio

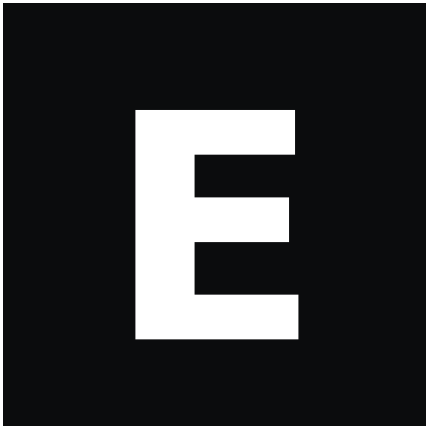
s. m.

01 Pequena dúvida já respondida racionalmente que regressa sem trazer informação nova.

02 Resíduo interrogativo que persiste depois de uma questão estar suficientemente esclarecida.

ETIMOLOGIA de dúvida, com formação expressiva diminutiva.

EXEMPLO Confirmou a reserva duas vezes, mas um duvidélio obrigou-o a abrir o e-mail uma terceira.



018 PALAVRAS / TERRITÓRIO E

Entre o acontecimento e a palavra havia um pequeno espaço por preencher.

eclipsência

eclip·sên·cia

s. f.

01 Capacidade de uma preocupação pequena mas urgente ocultar temporariamente problemas, desejos ou tarefas objectivamente mais importantes.

02 Efeito atencional pelo qual aquilo que está mais perto tapa aquilo que é maior.

ETIMOLOGIA de eclipse, com formação de valor perceptivo.

EXEMPLO Passou a manhã a pensar numa encomenda atrasada; a eclipsência daquela banalidade conseguiu esconder um projecto inteiro.

ecranótea

ecra·nó·tea

s. f.

01 Transferência momentânea de gestos aprendidos no ecrã para objectos físicos que não respondem a toque, zoom ou deslize.

02 Pequeno erro corporal provocado por uma interface digital ter-se tornado hábito.

ETIMOLOGIA de ecrã, com formação expressiva alusiva a gesto e hábito.

EXEMPLO Tentou ampliar com dois dedos a fotografia impressa e percebeu a ecranótea antes de alguém reparar.

egressábil

egres·sá·bil

adj. 2 g.

01 Que sabe sair de uma reunião, festa, conversa ou encontro no momento adequado, sem prolongamento desnecessário nem ruptura brusca.

02 Dotado de capacidade prática para reconhecer quando uma presença chegou naturalmente ao fim.

ETIMOLOGIA do latim egressus, «saída», e hábil.

EXEMPLO Era admiravelmente egressábil: despedia-se cinco minutos antes de toda a gente começar a perguntar como se iria embora.

embalúria

em·ba·lú·ria

s. f.

01 Dificuldade em deitar fora uma embalagem porque a sua robustez, beleza ou aparente utilidade futura parecem exceder a função que já cumpriu.

02 Conversão doméstica de uma caixa vazia em promessa de uso ainda não identificado.

ETIMOLOGIA de embalagem, com formação expressiva de valor acumulativo.

EXEMPLO A gaveta estava cheia de embalúria: caixas demasiado boas para o lixo e demasiado inúteis para qualquer coisa concreta.

emudência

emu·dên·cia

s. f.

01 Silêncio partilhado que não interrompe a comunicação e pode até aprofundá-la.

02 Momento em que duas ou mais pessoas deixam de falar sem sentirem necessidade de preencher o intervalo.

ETIMOLOGIA de emudecer, com formação de estado relacional.

EXEMPLO Depois da notícia ficaram alguns minutos em emudência; não havia ausência de conversa, apenas uma conversa sem frases.

encognícia

en·cog·ní·cia

s. f.

01 Sensação de reconhecer uma pessoa, objecto, lugar ou ideia como conhecida antes de conseguir localizar a origem desse conhecimento.

02 Estado intermédio entre familiaridade e identificação.

ETIMOLOGIA de conhecer, com prefixação e deformação expressiva.

EXEMPLO O rosto produziu-lhe uma encognícia imediata, mas foram precisos dez minutos até descobrir de onde o conhecia.

enredânia

en·re·dâ·nia

s. f.

01 Acumulação de pequenas tarefas, dependências e respostas que se prendem umas às outras até formarem um problema maior do que qualquer uma isoladamente.

02 Estado de uma actividade simples depois de ganhar demasiados fios administrativos ou práticos.

ETIMOLOGIA de enredar, com formação de valor processual.

EXEMPLO Para mudar uma data precisava de uma confirmação que dependia de outra resposta; a enredânia transformou um e-mail numa tarde.

epissenso

epis·sen·so

s. m.

01 Compreensão que só aparece depois de uma conversa, leitura ou acontecimento ter terminado.

02 Sentido tardio que chega quando já não é possível responder no momento em que teria sido útil.

ETIMOLOGIA do grego epí, «depois/sobre», e senso.

EXEMPLO No elevador percebeu finalmente o que a pergunta queria dizer; o epissenso chegou três andares tarde.

equivérbia

equi·vér·bia

s. f.

01 Formulação capaz de sustentar deliberadamente dois sentidos sem que um deles anule o outro.

02 Frase cuja ambiguidade não é falha de precisão, mas parte activa daquilo que ela pretende fazer.

ETIMOLOGIA de equi-, «igual», e verbo.

EXEMPLO O verso sobrevivia precisamente porque a equivérbia deixava amor e despedida ocuparem a mesma frase.

esgotélia

es·go·té·lia

s. f.

01 Satisfação de utilizar até ao fim o conteúdo de uma embalagem, material ou recurso, extraindo a última quantidade ainda aproveitável.

02 Prazer desproporcionado de não deixar resto funcional onde ainda havia alguma coisa.

ETIMOLOGIA de esgotar, com formação de valor afectivo.

EXEMPLO Enrolou o tubo de tinta até ao limite e a esgotélia daquela última gota pareceu justificar toda a operação.

espelhésia

es·pe·lhé·sia

s. f.

01 Imitação involuntária de pequenos gestos, posturas, ritmos ou expressões de outra pessoa durante uma interacção.

02 Semelhança corporal que surge por convivência ou atenção sem decisão consciente de copiar.

ETIMOLOGIA de espelho, com formação de valor relacional.

EXEMPLO Percebeu a espelhésia quando ambos cruzaram as pernas e levaram a chávena à boca quase no mesmo instante.

estetúria

es·te·tú·ria

s. f.

01 Incómodo estético provocado por uma pequena assimetria, desalinhamento ou incoerência que não prejudica a função de uma coisa.

02 Irritação visual ou formal desproporcionada perante um detalhe que poderia perfeitamente permanecer como está.

ETIMOLOGIA de estética, com formação expressiva.

EXEMPLO O quadro estava seguro e direito o suficiente para qualquer pessoa; a estetúria obrigou-o a deslocá-lo dois milímetros.

esvazília

es·va·zí·lia

s. f.

01 Alívio produzido pela criação de espaço vazio depois de retirar objectos, ficheiros, compromissos ou informação acumulada.

02 Sensação de disponibilidade que aparece quando uma superfície, pasta, agenda ou divisão deixa de estar saturada.

ETIMOLOGIA de esvaziar, com formação expressiva.

EXEMPLO Apagou centenas de ficheiros duplicados e ficou alguns minutos a apreciar a esvazília da pasta quase vazia.

evanescuta

eva·nes·cu·ta

s. f.

01 Escuta de um som precisamente enquanto ele desaparece, fazendo aumentar a atenção à medida que a intensidade diminui.

02 Modo de ouvir em que o fim acústico se torna o centro da experiência.

ETIMOLOGIA de evanescer e escuta.

EXEMPLO O sino já quase não era audível, mas a evanescuta manteve-o presente durante mais alguns segundos.

exordábil

exor·dá·bil

adj. 2 g.

01 Que consegue começar uma tarefa, conversa, texto ou projecto sem transformar a preparação numa condição interminável.

02 Dotado de facilidade para produzir um primeiro gesto suficientemente bom para que o trabalho possa existir.

ETIMOLOGIA do latim exordium, «começo», e hábil.

EXEMPLO Não precisava da mesa perfeita nem da frase perfeita: era exordábil e começava antes de o começo se tornar um problema.

extiméria

ex·ti·mé·ria

s. f.

01 Impressão de que um detalhe exterior exprime com exactidão um estado interior sem que exista relação causal entre ambos.

02 Coincidência afectiva pela qual luz, clima, ruído ou objecto parecem dizer aquilo que a pessoa ainda não formulou.

ETIMOLOGIA de exterior e íntimo, por aproximação expressiva.

EXEMPLO A chuva não explicava a tristeza, mas durante alguns minutos a extiméria fez parecer que a rua a conhecia.

extravância

ex·tra·vân·cia

s. f.

01 Desvio não planeado que conduz a uma descoberta mais interessante do que o destino ou resultado inicialmente procurado.

02 Valor inesperado adquirido por um erro de percurso, pesquisa ou procedimento.

ETIMOLOGIA de extraviar, com formação de valor positivo.

EXEMPLO Entrou na rua errada e encontrou uma livraria que nunca procuraria; a extravância salvou o passeio.

exóudia

exóu·dia

s. f.

01 Escuta momentaneamente estrangeira de um ambiente sonoro muito familiar, geralmente depois de ausência, mudança de contexto ou atenção renovada.

02 Instante em que a própria casa, rua ou cidade é ouvida como se pertencesse a outra pessoa.

ETIMOLOGIA do grego exō, «fora», e formação associada a ouvir.

EXEMPLO Depois de duas semanas longe, entrou em casa e teve uma exóudia dos canos, do frigorífico e do elevador que normalmente não ouvia.



034 PALAVRAS / TERRITÓRIO F

Faltava apenas esta sílaba para o mundo confessar o que lhe acontecia.

fagulência

fa·gu·lên·ci·a

s. f.

01 Capacidade de um elemento mínimo, acidental ou aparentemente secundário desencadear o desenvolvimento de uma obra, ideia ou processo criativo muito maior.

02 Momento em que um som, palavra, erro, mancha, gesto ou imagem deixa de ser apenas um detalhe e começa a produzir relações à sua volta.

03 Potência criativa de uma coisa pequena cuja importância só se torna evidente através daquilo que consegue fazer nascer.

ETIMOLOGIA formação expressiva a partir de fagulha, com o sufixo -ência, deslocando a pequena combustão física para a capacidade de desencadear um processo criativo.

EXEMPLO Toda a composição nasceu de um ruído de respiração que aparecia antes de uma nota; aquela pequena falha de gravação teve uma fagulência que acabou por determinar a peça inteira.

falemnésia

fa·lem·né·si·a

s. f.

01 Incerteza acerca de já se ter contado determinada história à pessoa que está prestes a ouvi-la.

02 Dificuldade em recordar não o acontecimento narrado, mas o histórico dos seus destinatários.

03 Estado conversacional em que uma história perfeitamente recordada começa pela pergunta «já te contei isto?».

ETIMOLOGIA formação inspirada em falar e no grego mnēsis, «memória», designando uma falha de memória relativa ao acto anterior de narrar.

EXEMPLO Começou a história da viagem e entrou imediatamente em falemnésia quando percebeu que não fazia ideia se aquela amiga já a ouvira uma, duas ou nenhuma vez.

familiência

fa·mi·li·ên·ci·a

s. f.

01 Conhecimento prático e quase inconsciente dos hábitos, ritmos e pequenas necessidades de alguém adquirido através de convivência prolongada.

02 Capacidade de antecipar gestos ou preferências de uma pessoa próxima sem necessidade de pergunta, instrução ou reflexão deliberada.

03 Forma de intimidade expressa menos pelo conhecimento de grandes factos biográficos do que pela familiaridade com os pequenos mecanismos quotidianos de alguém.

ETIMOLOGIA formação inspirada no latim familiaris, «da casa, íntimo, familiar», com o sufixo -ência, designando um conhecimento produzido pela convivência.

EXEMPLO Ela ainda não tinha pedido nada, mas a familiência dele já lhe tinha afastado o candeeiro dos olhos e colocado o copo do lado da mão com que costumava pegá-lo.

favortimia

fa·vor·ti·mi·a

s. f.

01 Percepção de que alguém está prestes a pedir um favor antes de o pedido ser formulado.

02 Reconhecimento do preâmbulo particular — elogios, perguntas preparatórias, explicações circunstanciais ou súbita cordialidade — que antecede frequentemente um pedido.

03 Sensação de que uma conversa aparentemente autónoma está lentamente a construir uma frase que começará por «já agora...».

ETIMOLOGIA formação híbrida de favor e do grego thymós, «ânimo, disposição», utilizada expressivamente para designar a percepção da disposição que antecede um pedido.

EXEMPLO Quando ele começou por perguntar como estavam as coisas e acrescentou que «não queria incomodar», a favortimia dela percebeu que um pedido já vinha a caminho.

fendúria

fen·dú·ri·a

s. f.

01 Utilização deliberada de cortes, rasgões, fendas, fracturas ou descontinuidades materiais como elementos constitutivos de uma obra visual ou objectual.

02 Qualidade estética produzida quando a ruptura de uma superfície deixa de ser tratada como dano e passa a participar na composição.

03 Por ext. criação através da abertura, separação ou ruptura física do próprio suporte.

ETIMOLOGIA formação expressiva a partir de fender, com terminação -úria de valor operativo e estético.

EXEMPLO Em vez de reparar o rasgão do papel, trabalhou a partir dele; a fendúria acabou por organizar toda a imagem.

ficheirúria

fi·chei·rú·ri·a

s. f.

01 Multiplicação de versões quase idênticas de um ficheiro provocada pela relutância em eliminar estados anteriores durante um processo de trabalho.

02 Acumulação digital de documentos com nomes sucessivos como «final», «final2», «final_agora», «final_mesmo» ou equivalentes.

03 Sistema de controlo de versões improvisado que deixa de permitir reconhecer com segurança qual é a versão efectivamente mais recente.

ETIMOLOGIA derivação expressiva de ficheiro, com terminação -úria de valor acumulativo.

EXEMPLO A pasta continha dezassete versões da apresentação e uma ficheirúria tão avançada que «FINAL_DEFINITIVO» era anterior a «FINAL_último_2».

filtrésia

fil·tré·si·a

s. f.

01 Interrupção ou alteração súbita de uma frase no momento em que quem fala percebe que aquilo que ia dizer não é adequado à pessoa, ao lugar ou às circunstâncias presentes.

02 Correcção do discurso efectuada depois de a frase já ter começado, mas antes de o conteúdo inconveniente chegar a ser pronunciado.

03 Instante em que o pensamento segue em frente e a linguagem é obrigada a mudar rapidamente de direcção.

ETIMOLOGIA formação inspirada em filtrar, com terminação -ésia de valor episódico.

EXEMPLO Começou por dizer «quando estivemos em...» e uma filtrésia obrigou-o a transformar a frase, a meio caminho, num comentário inteiramente diferente.

fimélia

fi·mé·li·a

s. f.

01 Impulso para consumir, utilizar ou gastar uma quantidade residual de alguma coisa apenas porque falta muito pouco para o recipiente, pacote ou produto ficar vazio.

02 Satisfação específica de terminar aquilo que, por ser pouco, parece já exigir desaparecimento.

03 Situação em que uma pessoa come sem fome, bebe sem sede ou utiliza sem necessidade apenas para poder finalmente deitar fora a embalagem.

ETIMOLOGIA formação expressiva a partir de fim, com terminação -élia de valor episódico.

EXEMPLO Não queria mais bolachas, mas havia apenas três no pacote; a fimélia resolveu o problema administrativo.

finsúria

fin·sú·ri·a

s. f.

01 Hesitação colectiva diante da última unidade de um alimento partilhado quando várias pessoas poderiam comê-la mas nenhuma quer parecer a pessoa que ficou com a última.

02 Pequeno impasse social criado por uma batata, fatia, croquete, bombom ou outro alimento cuja singularidade final lhe confere inesperado peso moral.

03 Estado que pode prolongar durante vários minutos a existência de um alimento que, se houvesse dois exemplares, desapareceria imediatamente.

ETIMOLOGIA formação expressiva a partir de fim, com terminação -úria indicadora de estado.

EXEMPLO O último pastel permaneceu intacto durante vinte minutos de finsúria até alguém perguntar formalmente se mais ninguém o queria.

fiolésia

fi·o·lé·si·a

s. f.

01 Perda súbita do fio de um pensamento ou discurso provocada por uma interrupção.

02 Estado em que se recorda perfeitamente que se estava a dizer ou pensar alguma coisa, mas deixou de estar acessível aquilo que vinha a seguir.

03 Tentativa de reconstruir um pensamento regressando às últimas palavras pronunciadas antes da interrupção.

ETIMOLOGIA formação expressiva a partir da metáfora portuguesa fio do pensamento ou fio da conversa, com terminação -lésia associada à ideia de perda ou esquecimento.

EXEMPLO O telefone tocou a meio da explicação; quando desligou, uma fiolésia obrigou-o a repetir em voz alta as últimas duas frases para descobrir onde estava antes de ser interrompido.

fisionésia

fi·si·o·né·si·a

s. f.

01 Capacidade de perceber pequenas alterações emocionais no rosto de outra pessoa antes de estas se transformarem numa expressão claramente reconhecível.

02 Sensibilidade para mudanças subtis de olhar, tensão, boca, mandíbula ou musculatura facial que podem sugerir desconforto, medo, irritação, surpresa ou contenção.

03 Leitura intuitiva de sinais faciais que fornece indícios sobre um estado emocional sem permitir determinar com certeza aquilo que a pessoa sente, pensa ou se está a dizer a verdade.

ETIMOLOGIA formação inspirada na tradição lexical de fisionomia, com terminação -ésia de valor perceptivo.

EXEMPLO Ele manteve exactamente o mesmo sorriso, mas a fisionésia dela percebeu a pequena tensão da mandíbula quando aquele nome foi mencionado.

fixélia

fi·xé·li·a

s. f.

01 Satisfação desproporcionada provocada pela resolução de um pequeno problema material que permaneceu durante muito tempo sem ser corrigido.

02 Prazer de reparar finalmente uma porta que rangia, um cabo solto, uma gaveta presa ou qualquer outra imperfeição banal cuja solução demorou muito menos do que o período durante o qual foi tolerada.

03 Descoberta retrospectiva de que meses de incómodo podiam ter sido eliminados em cinco minutos.

ETIMOLOGIA criação expressiva inspirada na ideia de fixar e reparar, com terminação -élia de valor episódico.

EXEMPLO Apertou dois parafusos e a cadeira deixou de oscilar; a fixélia foi acompanhada pela pergunta inevitável de porque esperara seis meses para o fazer.

fixésia

fi·xé·si·a

s. f.

01 Perda progressiva da eficácia de um lembrete por este permanecer visível durante tanto tempo que passa a fazer parte do ambiente e deixa de chamar a atenção.

02 Estado em que um papel, objecto ou sinal colocado deliberadamente num lugar invulgar para impedir um esquecimento acaba por tornar-se perceptivamente invisível através do hábito.

03 Fracasso de uma memória exterior provocado pela própria permanência do dispositivo destinado a recordar.

ETIMOLOGIA formação inspirada no latim fixus, «fixo, colocado», com terminação -ésia de valor processual e perceptivo.

EXEMPLO Colocara o envelope em cima das chaves para se lembrar de o levar; ao terceiro dia de fixésia já retirava as chaves debaixo dele sem sequer reparar que o envelope existia.

flutélia

flu·té·li·a

s. f.

01 Pequeno intervalo de desorientação depois de se terminar uma tarefa longa ou absorvente, durante o qual ainda não se sabe exactamente o que fazer a seguir.

02 Estado transitório entre duas actividades em que a atenção deixou a anterior mas ainda não aderiu à seguinte.

03 Tempo aparentemente vazio provocado não pela falta de coisas para fazer, mas pela ausência momentânea de uma direcção dominante.

ETIMOLOGIA formação expressiva inspirada em flutuar, com terminação -élia de valor breve e transitório.

EXEMPLO Terminou finalmente o trabalho que o ocupara toda a semana e passou dez minutos em flutélia pela casa, abrindo uma gaveta, bebendo água e esquecendo sucessivamente o que ia fazer.

focalésia

fo·ca·lé·si·a

s. f.

01 Incapacidade de deixar de reparar num pequeno detalhe depois de alguém chamar a atenção para ele.

02 Alteração persistente da percepção de uma obra, objecto ou pessoa provocada pela descoberta de uma imperfeição, som, gesto ou característica anteriormente ignorados.

03 Captura involuntária da atenção por um elemento que, antes de ser identificado, não interferia na experiência do conjunto.

ETIMOLOGIA formação inspirada em foco, com terminação -ésia de valor perceptivo.

EXEMPLO Nunca tinha reparado no relógio audível ao fundo da gravação; depois de alguém o mencionar, entrou em focalésia e passou a ouvi-lo em todos os compassos.

fôlegúria

fô·le·gú·ri·a

s. f.

01 Suspensão involuntária ou redução da respiração durante a observação de uma situação tensa, perigosa ou extremamente concentrada, apesar de o observador não participar fisicamente nela.

02 Tendência do corpo para acompanhar através da respiração o risco, esforço ou expectativa vivido por outra pessoa ou personagem.

03 Pequena solidariedade respiratória com acontecimentos que não precisam do nosso oxigénio.

ETIMOLOGIA formação expressiva a partir de fôlego, com terminação -úria indicadora de estado corporal transitório.

EXEMPLO O equilibrista ainda estava a meio do cabo quando percebeu que assistia à cena em fôlegúria havia vários segundos.

foliúria

fo·li·ú·ri·a

s. f.

01 Acumulação progressiva de separadores ou páginas abertas num navegador, cada um conservado com a intenção de ser consultado «mais tarde».

02 Estado digital em que fechar uma página parece equivaler a perder uma informação que, apesar disso, provavelmente nunca será lida.

03 Transformação involuntária do navegador numa representação gráfica de todas as coisas que uma pessoa pretendeu temporariamente não esquecer.

ETIMOLOGIA formação inspirada no latim folium, «folha», aplicado por extensão à página, com terminação -úria de valor acumulativo.

EXEMPLO Procurou uma receita e, uma hora depois, tinha vinte e sete separadores abertos e uma foliúria suficientemente densa para já não encontrar a receita.

fonofúgio

fo·no·fú·gi·o

s. m.

01 Utilização do telemóvel como refúgio social em situações nas quais se pretende evitar contacto visual, conversa ou a aparência de não saber o que fazer.

02 Consulta real ou simulada de um dispositivo para criar uma ocupação socialmente aceitável durante uma espera, encontro incómodo ou momento de isolamento num espaço público.

03 Estratégia pela qual um ecrã oferece temporariamente um lugar onde parecer estar quando não se deseja estar inteiramente onde se está.

ETIMOLOGIA formação híbrida em que fono- remete para o telefone e -fúgio para o latim fugere, «fugir», segundo o modelo de palavras que designam lugares ou meios de refúgio.

EXEMPLO Reconheceu duas pessoas ao fundo da sala com quem não lhe apetecia conversar e refugiou-se num fonofúgio tão convincente que passou trinta segundos a contemplar o ecrã inicial sem abrir aplicação nenhuma.

foradélia

fo·ra·dé·li·a

s. f.

01 Estranheza experimentada ao regressar a casa depois de uma ausência suficientemente longa para que o espaço familiar pareça, durante alguns minutos, ligeiramente alheio.

02 Intervalo em que uma casa é simultaneamente reconhecida como nossa e percebida com a distância de quem acaba de entrar nela pela primeira vez.

03 Pequena exterioridade adquirida através da ausência.

ETIMOLOGIA criação expressiva inspirada em fora, com terminação -délia de valor transitório e perceptivo.

EXEMPLO Depois de três semanas fora, entrou em casa e teve alguns minutos de foradélia diante dos próprios móveis, que pareciam estar exactamente onde sempre estiveram e ainda assim ligeiramente deslocados.

fossélia

fos·sé·li·a

s. f.

01 Valor afectivo adquirido por um objecto tecnologicamente obsoleto porque nele permanece materialmente inscrito um período da vida de quem o conservou.

02 Dificuldade em considerar inútil uma coisa cuja função prática desapareceu mas cuja presença continua a ligar o presente a uma época anterior.

03 Qualidade pela qual um aparelho, suporte ou utensílio deixa de ser tecnologia ultrapassada e se torna vestígio pessoal.

ETIMOLOGIA formação inspirada em fóssil, com terminação -élia de valor afectivo.

EXEMPLO O leitor de cassetes já não funcionava e provavelmente nunca voltaria a funcionar, mas tinha uma fossélia que nenhum dispositivo novo conseguiria substituir.

fotércia

fo·tér·ci·a

s. f.

01 Hesitação entre fotografar uma experiência e continuar simplesmente a vivê-la sem interpor um dispositivo.

02 Intervalo em que a vontade de conservar visualmente um momento compete com a percepção de que o gesto de o registar pode alterar ou interromper o próprio momento.

03 Dúvida breve sobre se uma memória futura merece sacrificar alguns segundos da experiência presente.

ETIMOLOGIA formação inspirada no elemento foto- e na ideia de resistência à acção, sem simples composição lexical.

EXEMPLO O céu ficou subitamente extraordinário, mas uma fotércia manteve-lhe o telemóvel no bolso durante alguns segundos antes de decidir que preferia continuar a olhar.

fotomímia

fo·to·mí·mi·a

s. f.

01 Alteração automática do rosto, postura ou gesto quando uma pessoa percebe que está prestes a ser fotografada.

02 Passagem involuntária do corpo quotidiano para uma versão de si próprio preparada para a imagem.

03 Expressão corporal que pode surgir no exacto momento em que uma câmara é levantada e desaparecer imediatamente depois da fotografia.

ETIMOLOGIA formação de inspiração grega a partir de photo-, «luz», e mîmos, «imitação, representação», aplicada à preparação espontânea do corpo para a fotografia.

EXEMPLO Estava a rir naturalmente até ver o telemóvel apontado na sua direcção; a fotomímia endireitou-lhe imediatamente as costas e substituiu o riso por um sorriso oficial.

franquiência

fran·qui·ên·ci·a

s. f.

01 Percepção de que uma pessoa abandonou subitamente uma postura defensiva, convencional ou cuidadosamente controlada e começou a falar com maior sinceridade.

02 Reconhecimento da mudança subtil de tom, ritmo, escolha de palavras ou comportamento que ocorre quando alguém deixa de representar a versão socialmente preparada daquilo que pretende dizer.

03 Instante em que uma conversa parece atravessar uma fronteira invisível entre aquilo que podia ser dito e aquilo que realmente se queria dizer.

ETIMOLOGIA formação inspirada em franco, no sentido de «aberto, sincero», e franqueza, com o sufixo -ência aplicado à percepção dessa alteração.

EXEMPLO Durante meia hora respondeu como se estivesse numa entrevista; depois baixou os olhos e disse «na verdade não foi nada assim». A franquiência foi imediata.

fraseúria

fra·se·ú·ri·a

s. f.

01 Preparação mental insistente da próxima frase que se pretende dizer enquanto outra pessoa ainda está a falar.

02 Estado em que a atenção se desloca progressivamente daquilo que o interlocutor está a dizer para a elaboração da própria intervenção futura.

03 Situação paradoxal em que se prepara uma resposta com tamanho cuidado que se deixa de ouvir parte daquilo a que essa resposta deveria responder.

ETIMOLOGIA formação a partir de frase, com terminação -úria indicadora de ocupação mental insistente.

EXEMPLO Enquanto ela explicava a segunda parte do problema, ele entrou em fraseúria para preparar uma resposta brilhante e perdeu precisamente a informação que a tornaria inútil.

frasúria

fra·sú·ri·a

s. f.

01 Tendência para continuar a reformular uma frase já perfeitamente compreensível porque nenhuma das versões parece reproduzir exactamente aquilo que se pretende dizer.

02 Estado em que sucessivas pequenas alterações de palavras, ordem ou pontuação deixam de aumentar significativamente a clareza mas continuam a parecer necessárias.

03 Incapacidade temporária de abandonar uma frase à inevitável imperfeição de ter de existir numa única forma.

ETIMOLOGIA formação expressiva de frase, com terminação -úria indicadora de estado insistente.

EXEMPLO O e-mail tinha quatro linhas e estava pronto havia meia hora, mas uma frasúria manteve-o a alternar entre «gostaria» e «queria» como se o futuro das relações diplomáticas dependesse disso.

fraturgia

fra·tur·gi·a

s. f.

01 Construção de uma obra através da fragmentação deliberada da sua continuidade, fazendo de cortes, interrupções, saltos, lacunas ou descontinuidades elementos estruturais.

02 Organização artística em que as relações entre fragmentos substituem a necessidade de uma progressão contínua.

03 Em cinema, música, literatura, performance ou artes visuais, composição que utiliza a ruptura não como acidente ou ausência de ligação, mas como princípio formal.

ETIMOLOGIA formação expressiva inspirada no latim fractura, «quebra, ruptura», e no elemento grego -urgia, de érgon, «obra, trabalho», sugerindo uma construção feita através da fractura.

EXEMPLO O filme recusava transições e eliminava todas as ligações explicativas entre as cenas; a fraturgia obrigava o espectador a construir mentalmente aquilo que os cortes recusavam mostrar.

frequélia

fre·qué·li·a

s. f.

01 Familiaridade adquirida com uma música, imagem, expressão, rosto ou outro elemento através de exposições repetidas que nunca foram deliberadamente procuradas.

02 Situação em que alguma coisa passa de desconhecida a reconhecível apenas porque foi encontrada muitas vezes em circunstâncias alheias à escolha pessoal.

03 Conhecimento sem aprendizagem intencional produzido pela frequência involuntária, sem implicar necessariamente aumento de gosto, preferência ou simpatia.

ETIMOLOGIA formação inspirada no latim frequens, «repetido, frequente», com terminação -élia de valor gradual.

EXEMPLO Nunca tinha escolhido ouvir aquela canção, mas depois de meses em cafés e supermercados uma frequélia permitia-lhe já antecipar o refrão sem que isso significasse gostar dele.

frestância

fres·tân·ci·a

s. f.

01 Permanência deliberada numa pequena zona de luz solar, calor ou claridade que atravessa uma janela e ocupa apenas parte de um espaço.

02 Tendência para deslocar cadeira, corpo ou actividade para acompanhar uma faixa de sol à medida que esta se move durante o dia.

03 Apropriação temporária de um lugar definida mais pela luz do que pelo mobiliário.

ETIMOLOGIA formação inspirada em fresta, com o sufixo -ância, designando permanência junto da luz que através dela entra.

EXEMPLO Começou a ler junto à mesa e passou a tarde em frestância, deslocando a cadeira discretamente à medida que o rectângulo de sol atravessava o chão.

fricélia

fri·cé·li·a

s. f.

01 Pequena tensão entre duas pessoas produzida por uma discordância insignificante que nenhuma delas considera suficientemente importante para discutir, mas que ambas continuam a sentir.

02 Resíduo emocional deixado por uma correcção, comentário, interrupção ou contradição mínima que modifica discretamente o ambiente de uma conversa.

03 Atrito social demasiado pequeno para constituir conflito e demasiado perceptível para deixar tudo exactamente como estava.

ETIMOLOGIA formação inspirada no latim frictio, «fricção», com terminação -élia de valor episódico e diminuto.

EXEMPLO Discordaram apenas sobre quem tinha enviado primeiro a mensagem, mas ficou uma fricélia à mesa durante os minutos seguintes.

frisélia

fri·sé·li·a

s. f.

01 Repetição voluntária de um fragmento muito curto de uma música para voltar a ouvir um detalhe específico que produz especial prazer ou curiosidade.

02 Escuta concentrada de poucos segundos de uma gravação até que o fragmento adquire temporariamente autonomia relativamente à obra completa.

03 Pequeno aprisionamento auditivo provocado por uma entrada, acorde, respiração, ruído, mudança tímbrica ou outro acontecimento sonoro difícil de abandonar.

ETIMOLOGIA formação expressiva inspirada em frisar, no sentido de realçar ou repetir, com terminação -élia de valor episódico.

EXEMPLO Ouviu a mesma passagem de quatro segundos tantas vezes que entrou numa frisélia e quase se esqueceu de que a música continuava depois daquele acorde.

fugância

fu·gân·ci·a

s. f.

01 Propagação súbita da vontade de abandonar uma reunião, festa ou encontro depois de a primeira pessoa anunciar que vai embora.

02 Fenómeno pelo qual uma partida individual legitima outras partidas que até então permaneciam adiadas por cortesia ou indecisão.

03 Momento em que «eu também vou andando» se multiplica rapidamente por uma sala.

ETIMOLOGIA derivação expressiva de fuga, com o sufixo -ância, utilizado aqui para indicar propagação de uma disposição colectiva.

EXEMPLO Ninguém parecia ter pressa até o primeiro convidado vestir o casaco; a fugância esvaziou metade da sala em quatro minutos.

fulgúria

ful·gú·ri·a

s. f.

01 Ideia que surge de forma súbita e suficientemente completa para parecer importante, mas acompanhada pela sensação de que desaparecerá se não for registada imediatamente.

02 Breve urgência de escrever, gravar ou fixar um pensamento antes de a memória o reduzir a uma impressão de que se teve uma boa ideia.

03 Estado em que a velocidade de registo parece fazer parte da própria sobrevivência da ideia.

ETIMOLOGIA formação inspirada no latim fulgur, «relâmpago», com terminação -úria de valor episódico.

EXEMPLO Acordou às três da manhã com uma fulgúria, escreveu três palavras no telemóvel e voltou a dormir; de manhã, as três palavras eram incompreensíveis, mas pelo menos a ideia tinha tido testemunhas.

fundália

fun·dá·li·a

s. f.

01 Momento em que uma actividade inicialmente superficial desperta interesse suficiente para levar a pessoa a aprofundá-la muito para além do objectivo original.

02 Passagem de uma consulta breve para uma investigação prolongada provocada pela descoberta sucessiva de novas camadas de interesse.

03 Mergulho cognitivo não planeado que começa com «vou só confirmar uma coisa».

ETIMOLOGIA formação expressiva inspirada em fundo e aprofundar, com terminação -ália de valor processual.

EXEMPLO Procurava apenas a data de estreia de um filme e uma fundália deixou-o duas horas depois a ler sobre os processos laboratoriais da película utilizada.

funilésia

fu·ni·lé·si·a

s. f.

01 Processo pelo qual uma pessoa examina numerosas alternativas durante muito tempo e acaba por escolher uma opção já conhecida, habitual ou inicialmente disponível.

02 Redução progressiva de muitas possibilidades a uma escolha conservadora, não necessariamente por preferência, mas por cansaço de continuar a comparar.

03 Situação em que a abundância de escolha termina por produzir a decisão que provavelmente teria sido tomada se quase não houvesse escolha nenhuma.

ETIMOLOGIA formação inspirada em funil, utilizado metaforicamente como passagem de muitas possibilidades para uma única saída, com terminação -ésia de valor processual.

EXEMPLO Comparou vinte restaurantes durante quarenta minutos e uma funilésia levou-o finalmente ao mesmo onde tinha jantado na semana anterior.

G

030 PALAVRAS / TERRITÓRIO G

Guardar uma sensação sem nome é deixá-la andar pela casa às escuras.

gafeúria

ga·fe·ú·ri·a

s. f.

01 Reaparecimento súbito e involuntário na memória de uma pequena situação embaraçosa ocorrida muito tempo antes, geralmente quando já não existe qualquer consequência prática a retirar dela.

02 Revivência momentânea de uma frase infeliz, cumprimento falhado, comentário inadequado ou outro erro social que provavelmente todos os restantes participantes já esqueceram.

03 Capacidade da memória de conservar durante décadas material perfeitamente inútil para fins de embaraço retrospectivo.

ETIMOLOGIA formação expressiva a partir de gafe, com terminação -úria de valor recorrente e afectivo.

EXEMPLO Estava tranquilamente a lavar os dentes quando uma gafeúria lhe devolveu, com extraordinária nitidez, aquilo que dissera num jantar de 2009.

garânsia

ga·rân·si·a

s. f.

01 Aumento súbito da confiança numa opinião, escolha ou percepção quando outra pessoa manifesta espontaneamente a mesma posição.

02 Sensação de confirmação produzida não pela chegada de novos argumentos, mas pela descoberta de que alguém independente chegou à mesma conclusão.

03 Alívio cognitivo de deixar temporariamente de ser a única pessoa responsável por determinada convicção.

ETIMOLOGIA formação expressiva inspirada em garantia, com redução fonética e terminação -ânsia, sugerindo a segurança recebida através da concordância alheia.

EXEMPLO Achava que o segundo andamento estava demasiado longo, mas só quando o pianista disse exactamente o mesmo sentiu a garânsia necessária para cortar oito compassos.

garfúria

gar·fú·ri·a

s. f.

01 Impulso de provar a comida de outra pessoa depois de se ter recusado pedir ou aceitar uma porção própria.

02 Curiosidade alimentar que surge apenas quando aquilo que não escolhemos chega ao prato alheio.

03 Tendência para a frase «não quero nada» conservar validade apenas até ao momento em que aparece um garfo disponível.

ETIMOLOGIA formação expressiva a partir de garfo, com terminação -úria indicadora de impulso episódico.

EXEMPLO Garantira que não tinha fome, mas cinco minutos depois uma garfúria levou-o a perguntar se podia «só provar uma batata».

gargalésia

gar·ga·lé·si·a

s. f.

01 Riso que surge alguns segundos depois do momento em que uma piada foi dita, por a compreensão ter chegado mais tarde do que a reacção dos restantes ouvintes.

02 Pequeno atraso entre perceber as palavras e perceber finalmente aquilo que nelas tinha graça.

03 Situação em que uma pessoa começa a rir quando as outras já começaram a parar.

ETIMOLOGIA formação expressiva inspirada em gargalhada, com terminação -ésia de valor episódico.

EXEMPLO Todos riram imediatamente; ele ficou sério durante três segundos e entrou numa gargalésia justamente quando a conversa já seguia para outro assunto.

gastércia

gas·tér·ci·a

s. f.

01 Gasto de tempo provocado pela tentativa de construir um sistema destinado precisamente a poupar tempo.

02 Situação em que organizar aplicações, agendas, pastas, listas, métodos ou ferramentas de produtividade exige mais tempo do que aquele que a sua utilização provavelmente permitirá recuperar.

03 Optimização tão prolongada que se torna uma forma particularmente sofisticada de ineficiência.

ETIMOLOGIA formação expressiva inspirada em gastar e na ideia de inércia, designando o tempo perdido na preparação excessiva dos mecanismos destinados a economizá-lo.

EXEMPLO Passou a manhã a configurar uma aplicação para organizar uma tarefa de quarenta minutos; ao almoço, a gastércia estava perfeita e a tarefa continuava por começar.

gavetéria

ga·ve·té·ri·a

s. f.

01 Acto de produzir aparência de arrumação transferindo objectos desorganizados de uma superfície visível para uma gaveta, armário ou outro espaço fechado, sem os organizar efectivamente.

02 Deslocação da desordem para um lugar onde deixa de poder ser observada e passa, por isso, a ser temporariamente considerada resolvida.

03 Método doméstico pelo qual fechar uma porta ou gaveta desempenha funções próximas das de concluir uma tarefa.

ETIMOLOGIA derivação expressiva de gaveta, com terminação -éria de valor operativo.

EXEMPLO Tinham visitas a chegar e a secretária ficou impecável depois de uma gavetéria que transferiu quarenta objectos para um espaço onde ninguém se atreveria a procurar nada.

gémeovia

gé·me·o·vi·a

s. f.

01 Embaraço produzido quando duas pessoas se despedem com a expectativa implícita de seguirem caminhos diferentes e descobrem imediatamente que têm de continuar a caminhar na mesma direcção.

02 Percurso posterior a uma despedida prematura durante o qual já se disse tudo o que socialmente justificava a separação mas a geografia se recusa a colaborar.

03 Situação em que «até amanhã» é seguido por mais cinquenta metros lado a lado.

ETIMOLOGIA de gémeo e via, «caminho». Composição deliberadamente transparente, mantida pela correspondência imediata entre a palavra e a duplicação temporária do percurso.

EXEMPLO Despediram-se à porta do café com grande convicção, viraram ambos à esquerda e iniciaram uma gémeovia até ao primeiro cruzamento.

geminésia

ge·mi·né·si·a

s. f.

01 Coincidência pela qual duas pessoas dizem exactamente a mesma palavra ou frase no mesmo instante sem combinação prévia.

02 Breve suspensão da conversa provocada pela descoberta de que duas falas independentes chegaram simultaneamente ao mesmo ponto.

03 Pequeno acontecimento verbal que produz frequentemente riso, surpresa ou a sensação provisória de uma sincronização excessiva entre duas pessoas.

ETIMOLOGIA formação inspirada no latim geminus, «duplo, gémeo», com terminação -ésia de valor episódico.

EXEMPLO Perguntaram-lhes onde queriam jantar e ambos responderam «italiano» exactamente ao mesmo tempo; a geminésia durou apenas uma palavra, mas foi suficiente para interromper a conversa.

gestalha

ges·ta·lha

s. f.

01 Sucessão de pequenos reajustamentos feitos a um objecto depois de este já ter sido colocado no lugar correcto, porque a sua posição ainda não parece visualmente satisfatória.

02 Deslocação repetida de poucos milímetros aplicada a um quadro, prato, cadeira, livro ou outro objecto até se atingir uma disposição que parece finalmente natural.

03 Trabalho minúsculo realizado entre «já está» e «agora sim».

ETIMOLOGIA formação expressiva inspirada em gesto, com terminação -alha de valor diminutivo e reiterativo.

EXEMPLO O quadro estava direito desde a primeira tentativa, mas uma gestalha obrigou-a a movê-lo para a esquerda, para a direita e novamente para a esquerda antes de o declarar imóvel.

gestência

ges·tên·ci·a

s. f.

01 Capacidade de perceber que uma pessoa está prestes a executar uma acção antes de esta começar claramente, através de pequenas preparações corporais.

02 Sensibilidade para sinais como deslocação do peso, mudança de postura, orientação dos pés, inspiração ou movimento das mãos que podem anunciar levantar-se, partir, interromper, aproximar-se ou iniciar outro gesto.

03 Leitura do corpo no breve intervalo entre preparação e acção, sem implicar conhecimento infalível da intenção de quem é observado.

ETIMOLOGIA formação inspirada no latim gestus, «gesto, atitude corporal», com o sufixo -ência, aplicado à percepção daquilo que o gesto ainda está prestes a tornar visível.

EXEMPLO Ela ainda não tinha dito que ia embora, mas a gestência dele reparou que já juntara as chaves, afastara a cadeira e orientara o corpo para a porta.

gestopoiese

ges·to·poi·e·se

s. f.

01 Transformação de um gesto quotidiano, funcional ou aparentemente insignificante em matéria de criação artística.

02 Processo pelo qual repetição, ampliação, desaceleração, deslocação ou descontextualização fazem com que uma acção comum deixe de ser percebida apenas pela sua função e passe a ser percebida como forma.

03 Em dança, performance, cinema, música ou artes visuais, produção de obra através da reorganização estética do gesto.

ETIMOLOGIA formação híbrida de gesto e do grego poíēsis, «criação, produção».

EXEMPLO A performance começou com o simples acto de dobrar uma peça de roupa; através da gestopoiese, a tarefa doméstica tornou-se estrutura temporal e coreográfica.

giróclise

gi·ró·cli·se

s. f.

01 Desorientação breve num lugar conhecido provocada por se entrar nele, sair dele ou observá-lo a partir de uma direcção pouco habitual.

02 Incapacidade temporária de relacionar um espaço familiar com o mapa mental que normalmente permite atravessá-lo sem pensar.

03 Momento em que uma alteração de orientação é suficiente para fazer uma pessoa perder durante alguns segundos uma geografia que conhece perfeitamente.

ETIMOLOGIA formação do grego gŷros, «volta, círculo», e klísis, «inclinação, desvio».

EXEMPLO Saiu do metro por uma escada diferente e sofreu uma giróclise tão completa que durante dez segundos a avenida onde vivera anos pareceu estar orientada ao contrário.

glosíria

glo·sí·ri·a

s. f.

01 Conhecimento aproximado do significado de uma palavra adquirido exclusivamente através dos contextos em que foi encontrada, sem alguma vez se ter consultado a sua definição.

02 Estado em que se utiliza correctamente, ou quase correctamente, um vocábulo cuja explicação exacta seria difícil fornecer.

03 Familiaridade lexical construída por convivência antes de ser confirmada por definição.

ETIMOLOGIA formação inspirada no grego glôssa, «língua, palavra», com terminação -íria indicadora de estado de conhecimento incompleto.

EXEMPLO Utilizava aquela palavra havia anos com absoluta naturalidade até alguém lhe perguntar o que significava exactamente e descobrir a sua glosíria.

glotélia

glo·té·li·a

s. f.

01 Prazer provocado por uma palavra independentemente da utilidade, frequência ou exactidão do seu significado, devido sobretudo à maneira como soa ou se articula.

02 Atracção fonética por um vocábulo que faz com que se tenha vontade de o repetir, escrever ou introduzir numa frase apenas porque é agradável dizê-lo.

03 Afeição lexical que começa na boca antes de chegar ao conceito.

ETIMOLOGIA formação inspirada no grego glôtta, «língua», com terminação -élia de valor afectivo.

EXEMPLO Não tinha nenhuma necessidade especial da palavra «crepuscular», mas uma glotélia fazia com que procurasse ocasiões razoáveis para a usar.

grafélia

gra·fé·li·a

s. f.

01 Prazer de escrever manualmente determinada palavra, letra ou sequência de sinais pela forma particular que o gesto gráfico produz.

02 Satisfação visual e motora proporcionada por certas configurações de escrita independentemente do conteúdo que representam.

03 Relação momentânea com a linguagem em que uma palavra é apreciada também como desenho executado pela mão.

ETIMOLOGIA formação inspirada no grego gráphein, «escrever, desenhar», com terminação -élia de valor afectivo.

EXEMPLO Gostava pouco da palavra quando a dizia, mas tinha uma grafélia por escrevê-la à mão porque o último «g» parecia resolver toda a linha.

grafotércia

gra·fo·tér·ci·a

s. f.

01 Resistência a fazer a primeira marca numa folha, caderno ou superfície ainda completamente intacta, por qualquer gesto parecer diminuir a perfeição daquilo que ainda não foi usado.

02 Hesitação perante o começo material de uma escrita, desenho ou anotação quando o suporte parece demasiado limpo para admitir o primeiro erro.

03 Breve vantagem estética do papel vazio sobre tudo aquilo que se pode fazer com ele.

ETIMOLOGIA formação inspirada no grego gráphein, «escrever, desenhar», e numa terminação expressiva associada a resistência ou inércia.

EXEMPLO Comprou o caderno precisamente para desenhar, mas passou dois dias em grafotércia antes de aceitar que a primeira página teria de deixar de ser perfeita.

gratércia

gra·tér·ci·a

s. f.

01 Dificuldade momentânea em aceitar um elogio sem o diminuir, contradizer, explicar ou devolver imediatamente.

02 Impulso para neutralizar uma apreciação positiva através de frases como «não foi nada», «não está assim tão bom» ou «tive sorte».

03 Resistência social a deixar um elogio permanecer simplesmente como elogio.

ETIMOLOGIA formação inspirada no latim gratus, «agradável, recebido com agrado», e numa terminação expressiva associada a resistência.

EXEMPLO Disseram-lhe que o concerto tinha sido excelente e a gratércia obrigou-o imediatamente a explicar três coisas que tinham corrido mal.

gratésia

gra·té·si·a

s. f.

01 Consulta repetida das reacções, gostos, comentários ou outras respostas recebidas depois da publicação de alguma coisa, mesmo quando nenhuma nova notificação ocorreu.

02 Vigilância do reconhecimento social posterior a um acto de exposição pública digital.

03 Pequeno circuito de expectativa em que a ausência de novidade não impede nova verificação porque a próxima consulta pode, teoricamente, já encontrar alguém a gostar de nós.

ETIMOLOGIA formação expressiva inspirada em grato, gratificação e no valor episódico da terminação -ésia.

EXEMPLO Publicou a fotografia, pousou o telemóvel e conseguiu resistir exactamente dois minutos antes da primeira gratésia.

gravência

gra·vên·ci·a

s. f.

01 Aumento progressivo do peso emocional de um silêncio quando todas as pessoas presentes sabem que existe um assunto importante que ninguém está a introduzir.

02 Qualidade de uma pausa social que se torna mais significativa quanto mais tempo permanece sem explicação.

03 Sensação de que o silêncio deixou de ser ausência de conversa e começou ele próprio a constituir assunto.

ETIMOLOGIA formação inspirada no latim gravis, «pesado», com o sufixo -ência, aplicado ao peso relacional de uma ausência de fala.

EXEMPLO Durante os primeiros segundos ninguém disse nada por acaso; ao fim de um minuto, a gravência já deixava claro que todos pensavam exactamente no mesmo assunto.

gravilência

gra·vi·lên·ci·a

s. f.

01 Acumulação de pequenas irritações, nenhuma das quais seria suficiente para provocar uma reacção significativa isoladamente, mas que em conjunto produzem impaciência muito superior à provocada pelo último acontecimento.

02 Estado em que um incidente aparentemente insignificante desencadeia a carga emocional reunida por numerosos incómodos anteriores.

03 Sedimentação de pequenas contrariedades até que uma delas, sem saber, se torna a última.

ETIMOLOGIA formação inspirada em gravilha, conjunto de pequenas pedras, com o sufixo -ência, deslocando a ideia de acumulação material para uma acumulação de pequenos incómodos.

EXEMPLO Não foi propriamente o copo deixado na mesa que o irritou; o copo caiu sobre uma gravilência construída desde manhã.

gravimnésia

gra·vi·mné·si·a

s. f.

01 Recordação despertada pela sensação física do peso de um objecto familiar, sobretudo quando esse peso deixou de ser encontrado durante muito tempo.

02 Memória corporal ligada não à aparência ou ao cheiro de uma coisa, mas à maneira particular como ela ocupava a mão, o braço ou o corpo.

03 Reconhecimento afectivo produzido pela massa, equilíbrio ou resistência de um objecto.

ETIMOLOGIA formação híbrida do latim gravis, «pesado», e do grego mnēsis, «memória».

EXEMPLO Pegou novamente na velha máquina fotográfica e a gravimnésia chegou antes das imagens: lembrava-se exactamente daquele peso pendurado ao pescoço.

grelhésia

gre·lhé·si·a

s. f.

01 Momento em que uma estrutura subjacente se torna subitamente perceptível numa obra que até então parecia irregular, fragmentária ou caótica.

02 Descoberta de uma organização recorrente de proporções, durações, posições, intervalos ou relações que altera retrospectivamente a percepção do conjunto.

03 Passagem perceptiva em que aquilo que parecia disperso revela possuir uma grelha invisível.

ETIMOLOGIA formação expressiva a partir de grelha, com terminação -ésia de valor perceptivo.

EXEMPLO Só à terceira audição percebeu que os ataques aparentemente aleatórios regressavam segundo o mesmo ciclo; a grelhésia transformou imediatamente a maneira como ouvia a peça.

gremiância

gre·mi·ân·ci·a

s. f.

01 Conforto de duas ou mais pessoas próximas permanecerem juntas realizando actividades diferentes, sem necessidade de conversar ou partilhar continuamente a atenção.

02 Forma de intimidade em que a presença do outro é suficiente para constituir companhia, mesmo quando cada pessoa está absorvida no seu próprio trabalho, leitura ou pensamento.

03 Capacidade de estar com alguém sem que estar junto implique estar constantemente em interacção.

ETIMOLOGIA formação inspirada no latim gremium, «colo, regaço, interior de um círculo», com o sufixo -ância, aplicado a uma condição de proximidade tranquila.

EXEMPLO Ela lia no sofá e ele trabalhava à mesa; passaram duas horas quase sem falar e, ainda assim, a gremiância fazia com que nenhum deles sentisse estar sozinho.

grifélia

gri·fé·li·a

s. f.

01 Descoberta de uma possibilidade criativa num erro de escrita, impressão, digitação ou leitura que inicialmente parecia apenas defeito.

02 Momento em que uma palavra mal escrita, letra trocada ou frase deformada produz um sentido inesperado suficientemente interessante para ser conservado.

03 Transformação de uma falha gráfica em matéria de invenção.

ETIMOLOGIA formação expressiva inspirada na família de grafia e na ideia de erro gráfico, com terminação -élia de valor episódico.

EXEMPLO Pretendia escrever «distância», mas o erro produziu outra palavra; a grifélia foi suficientemente boa para entrar no poema e expulsar a palavra correcta.

grupência

gru·pên·ci·a

s. f.

01 Percepção de uma alteração no estado colectivo de um grupo antes de ser possível atribuí-la claramente a qualquer pessoa em particular.

02 Sensibilidade para mudanças difusas de atenção, tensão, entusiasmo, desconforto ou disponibilidade que parecem pertencer ao conjunto e não apenas a um indivíduo.

03 Leitura social do ambiente produzido pelas relações entre várias pessoas, sem pressupor conhecimento exacto das causas dessa alteração.

ETIMOLOGIA formação a partir de grupo, com o sufixo -ência, deslocando a atenção dos indivíduos para a qualidade emergente do conjunto.

EXEMPLO Ninguém tinha levantado a voz e todas as frases continuavam educadas, mas a grupência dela percebeu que alguma coisa tinha mudado à mesa.

guardélia

guar·dé·li·a

s. f.

01 Sensação de ter tratado de uma informação apenas porque esta foi guardada, marcada, arquivada ou adicionada a uma lista para consulta posterior.

02 Substituição involuntária do acto de ler, ver ou estudar alguma coisa pelo acto de preservar a possibilidade de o fazer no futuro.

03 Forma de satisfação antecipada através da qual «guardar para mais tarde» pode funcionar psicologicamente como uma versão incompleta de «já vi».

ETIMOLOGIA formação expressiva a partir de guardar, com terminação -élia de valor episódico.

EXEMPLO Guardou o ensaio numa pasta chamada «ler» e a guardélia foi suficientemente convincente para nunca mais voltar a abri-lo.

guardésia

guar·dé·si·a

s. f.

01 Esquecimento da localização de um objecto provocado precisamente por este ter sido colocado deliberadamente num lugar considerado especialmente seguro.

02 Situação em que a intenção de impedir a perda de alguma coisa produz uma localização tão excepcional que deixa de pertencer aos lugares onde normalmente se procuraria.

03 Ironia doméstica pela qual «vou guardar isto num sítio onde não se perde» pode constituir a última informação disponível sobre o paradeiro de um objecto.

ETIMOLOGIA formação a partir de guardar, com terminação -ésia de valor mnésico e episódico.

EXEMPLO Guardou o passaporte num sítio tão seguro que a guardésia lhe permitiu passar a manhã inteira a descobrir onde uma versão excessivamente prudente de si próprio o teria escondido.

guindélia

guin·dé·li·a

s. f.

01 Elevação inesperada e rápida do estado de espírito provocada por um acontecimento muito pequeno: uma mensagem, uma frase, uma música, um encontro fortuito ou um gesto de atenção.

02 Mudança afectiva positiva cuja intensidade parece superior à dimensão objectiva daquilo que a desencadeou.

03 Pequeno acontecimento exterior capaz de levantar uma parte do dia.

ETIMOLOGIA formação expressiva inspirada em guindar, «elevar, levantar», com terminação -élia de valor episódico.

EXEMPLO O dia não estava particularmente bom até receber uma mensagem inesperada de alguém de quem gostava; a guindélia durou muito mais tempo do que a mensagem.

guinésia

gui·né·si·a

s. f.

01 Movimento automático da atenção ou da mão em direcção ao próprio telemóvel quando se ouve uma notificação que pertence ao dispositivo de outra pessoa.

02 Breve apropriação reflexa de um som digital partilhado por demasiados aparelhos para permitir identificação segura.

03 Instante em que várias pessoas à mesma mesa verificam simultaneamente os bolsos por causa de uma única mensagem.

ETIMOLOGIA formação inspirada em guinar, «desviar-se subitamente», com terminação -ésia de valor reflexo e episódico.

EXEMPLO O telefone tocou na mesa ao lado e uma guinésia colectiva levou três pessoas a confirmar os próprios ecrãs.

guloscopia

gu·los·co·pi·a

s. f.

01 Observação discreta e comparativa dos pratos que chegam às mesas vizinhas antes de se decidir o que pedir.

02 Investigação alimentar indirecta em que as escolhas de desconhecidos são utilizadas como suplemento visual de uma ementa.

03 Método empírico de selecção gastronómica baseado na hipótese de que aquilo que parece muito bom a três metros provavelmente também existe no menu.

ETIMOLOGIA formação expressiva de gula e do elemento grego -scopia, de skopeîn, «observar».

EXEMPLO Ainda não tinha aberto a ementa, mas cinco minutos de guloscopia já lhe tinham permitido identificar aquilo que queria perguntar ao empregado.



Há estados que esperam pacientemente que alguém os consiga pronunciar.

habitéria

ha·bi·té·ri·a

s. f.

01 Gesto automático de procurar um objecto no lugar onde este costumava estar, mesmo depois de se saber que foi mudado para outro sítio.

02 Persistência espacial de um hábito corporal depois de a organização material que o originou ter sido alterada.

03 Situação em que a mão conserva durante algum tempo uma memória mais antiga do que a cabeça.

ETIMOLOGIA formação expressiva inspirada no latim habitus, «hábito, maneira adquirida», com terminação -éria de valor repetitivo.

EXEMPLO Mudara as chávenas para outro armário havia uma semana, mas a habitéria continuava a fazê-lo abrir primeiro a porta antiga.

háptelia

háp·te·li·a

s. f.

01 Impulso de tocar num objecto apenas para completar através do tacto aquilo que a visão já permitia conhecer suficientemente.

02 Necessidade de confirmar com os dedos uma textura, superfície, temperatura ou material cuja aparência despertou curiosidade táctil.

03 Pequena passagem da contemplação para o contacto sem finalidade prática.

ETIMOLOGIA formação inspirada no grego háptesthai, «tocar, agarrar», com terminação -élia de valor episódico.

EXEMPLO Sabia perfeitamente que a pedra era lisa só de olhar para ela, mas uma háptelia obrigou-o a passar-lhe a mão pela superfície.

hapturgia

hap·tur·gi·a

s. f.

01 Criação artística em que o tacto, a manipulação ou o contacto físico com os materiais constituem parte essencial do processo e não apenas um meio técnico para produzir a obra.

02 Método de composição em que textura, resistência, pressão, temperatura, fricção ou deformação do material participam directamente nas decisões formais.

03 Em artes visuais, performance, instalação ou práticas sonoras, produção de forma através daquilo que a mão descobre enquanto toca.

ETIMOLOGIA formação do grego háptesthai, «tocar, agarrar», e -urgia, de érgon, «obra, trabalho».

EXEMPLO Não começou por desenhar uma forma; começou por dobrar, raspar e apertar o material até a hapturgia lhe revelar aquilo que a peça podia ser.

harmonésia

har·mo·né·si·a

s. f.

01 Momento em que dois ou mais sons de origens independentes coincidem de maneira inesperadamente musical.

02 Percepção súbita de uma relação harmónica, rítmica ou tímbrica entre acontecimentos sonoros que não foram produzidos com intenção de formar uma composição.

03 Breve organização musical acidental do ambiente.

ETIMOLOGIA formação inspirada no grego harmonía, «junção, acordo», com terminação -ésia de valor episódico e perceptivo.

EXEMPLO O motor do autocarro coincidiu com o sinal sonoro da porta e, durante alguns segundos, uma harmonésia transformou a paragem numa pequena peça.

hemifrásia

he·mi·frá·si·a

s. f.

01 Capacidade de duas pessoas próximas compreenderem uma frase que uma delas deixa incompleta porque ambas já sabem suficientemente bem como terminaria.

02 Comunicação em que metade de uma frase contém, por efeito de contexto e intimidade, quase toda a informação necessária.

03 Forma de economia verbal produzida por história partilhada.

ETIMOLOGIA formação do grego hēmi-, «metade», e phrásis, «expressão, maneira de dizer».

EXEMPLO Ela começou «se ele voltar a dizer aquilo...» e não precisou de continuar; anos de convivência tinham transformado a conversa numa hemifrásia perfeitamente funcional.

herdélia

her·dé·li·a

s. f.

01 Descoberta de que se adoptou involuntariamente uma expressão, gesto, maneira de rir, hábito ou pequena forma de comportamento de alguém com quem se conviveu muito.

02 Persistência corporal ou verbal de outra pessoa em nós depois de a convivência ter diminuído ou terminado.

03 Pequena herança humana adquirida sem transmissão deliberada.

ETIMOLOGIA formação expressiva inspirada em herdar, com terminação -élia de valor afectivo e episódico.

EXEMPLO Só muitos anos depois percebeu que dizia «ora bem» exactamente como o pai; a herdélia tinha sobrevivido à própria voz de onde viera.

hesidência

he·si·dên·ci·a

s. f.

01 Percepção de que alguém está prestes a recusar, discordar ou contrariar alguma coisa antes de o fazer explicitamente.

02 Sensibilidade para pequenas pausas, desvios de olhar, inspirações, reformulações ou atrasos de resposta que podem anunciar resistência.

03 Leitura de uma hesitação como indício de desacordo possível, sem permitir concluir com certeza qual será a resposta final.

ETIMOLOGIA formação expressiva inspirada em hesitar, com o sufixo -ência aplicado à percepção da hesitação alheia.

EXEMPLO Perguntou se ele queria ficar mais uma semana; antes do «sim, mas...», a hesidência dela já tinha percebido que o sim vinha acompanhado.

hesifonia

he·si·fo·ni·a

s. f.

01 Sequência em que duas pessoas começam a falar simultaneamente, ambas interrompem a fala por cortesia e voltam novamente a começar ao mesmo tempo.

02 Pequeno impasse verbal produzido por excesso de cedência recíproca.

03 Situação em que «fala tu» consegue, por alguns segundos, impedir efectivamente que alguém fale.

ETIMOLOGIA formação híbrida inspirada em hesitar e no grego phōnḗ, «voz».

EXEMPLO Começaram os dois a responder, pararam os dois, disseram «diz tu» e entraram imediatamente numa segunda hesifonia.

hesitúria

he·si·tú·ri·a

s. f.

01 Releitura repetida de uma mensagem já escrita e pronta a enviar, sem que se consiga identificar exactamente o que ainda impede o envio.

02 Permanência diante de um botão de envio causada menos por dúvida acerca do conteúdo do que pelas consequências possíveis de tornar a mensagem irreversivelmente real.

03 Intervalo em que um texto deixa de precisar de revisão mas ainda não adquiriu coragem suficiente para partir.

ETIMOLOGIA formação expressiva a partir de hesitar, com terminação -úria de valor persistente.

EXEMPLO A mensagem tinha duas linhas e estava pronta havia dez minutos; a hesitúria mantinha-lhe o polegar suspenso sobre «enviar».

heteráudia

he·te·ráu·di·a

s. f.

01 Alteração da maneira como se ouve uma música, gravação ou obra sonora pelo simples facto de outra pessoa estar a ouvi-la connosco.

02 Escuta em que a presença real ou imaginada de outro ouvinte torna subitamente audíveis aspectos que, a sós, passavam despercebidos.

03 Deslocação da própria audição provocada pela consciência de uma segunda escuta no mesmo espaço.

ETIMOLOGIA formação híbrida do grego héteros, «outro», e do latim audire, «ouvir».

EXEMPLO Conhecia a gravação de cor, mas quando a mostrou pela primeira vez a alguém entrou numa heteráudia e começou a ouvir todos os silêncios como se nunca os tivesse ouvido antes.

hialésia

hi·a·lé·si·a

s. f.

01 Breve confusão causada por ver, através de um vidro, reflexo ou transparência, uma imagem que parece pertencer ao espaço situado do outro lado.

02 Instante em que reflexão e realidade se sobrepõem suficientemente para tornar incerto onde se encontra aquilo que se vê.

03 Pequeno erro espacial produzido por superfícies transparentes que também reflectem.

ETIMOLOGIA formação inspirada no grego hýalos, «vidro», com terminação -ésia de valor perceptivo.

EXEMPLO Durante um segundo pensou que havia uma árvore dentro do café; uma hialésia fizera coincidir no vidro a rua reflectida com o interior da sala.

hiatélia

hi·a·té·li·a

s. f.

01 Silêncio breve numa conversa que não é vivido como constrangimento por nenhuma das pessoas presentes.

02 Intervalo de fala em que a relação continua intacta sem necessitar de ser preenchida imediatamente por palavras.

03 Pequena pausa social cuja ausência de conteúdo não é percebida como falta.

ETIMOLOGIA formação inspirada no latim hiatus, «abertura, intervalo», com terminação -élia de valor episódico.

EXEMPLO Ficaram alguns minutos a olhar para a rua sem dizer nada; a hiatélia não pediu a nenhum deles que inventasse assunto.

hibernésia

hi·ber·né·si·a

s. f.

01 Regresso inesperadamente fácil a uma actividade, obra ou projecto abandonado durante muito tempo, como se uma parte do conhecimento necessário tivesse permanecido intacta durante a interrupção.

02 Recuperação de gestos, decisões ou procedimentos que pareciam esquecidos mas regressam assim que a actividade é retomada.

03 Persistência subterrânea de uma competência durante um período prolongado de inactividade.

ETIMOLOGIA formação inspirada no latim hibernare, «passar o inverno, permanecer recolhido», com terminação -ésiade valor mnésico.

EXEMPLO Não tocava naquela peça havia quinze anos, mas ao fim de alguns minutos uma hibernésia começou a devolver-lhe movimentos que julgava perdidos.

hidélia

hi·dé·li·a

s. f.

01 Desagrado desproporcionado provocado pela entrada inesperada de água numa manga, punho, meia ou outra parte da roupa durante uma tarefa banal.

02 Pequeno acidente húmido cuja importância subjectiva parece exceder largamente a quantidade real de água envolvida.

03 Situação doméstica em que algumas gotas conseguem alterar imediatamente a qualidade moral de uma manhã.

ETIMOLOGIA formação expressiva inspirada no grego hýdōr, «água», com terminação -élia de valor episódico.

EXEMPLO Lavava apenas as mãos, mas uma hidélia fez a água entrar pela manga até ao cotovelo e tornou a operação desnecessariamente pessoal.

hierância

hi·e·rân·ci·a

s. f.

01 Transformação gradual de um objecto quotidiano em coisa quase intocável devido à importância afectiva, histórica ou simbólica que foi adquirindo.

02 Estado em que um objecto perde parte da sua função original porque passou a ser tratado sobretudo como testemunho, relíquia ou vestígio.

03 Processo pelo qual uma coisa comum se torna demasiado importante para continuar a ser usada normalmente.

ETIMOLOGIA formação inspirada no grego hierós, «sagrado», com o sufixo -ância, sem implicação religiosa necessária.

EXEMPLO A guitarra fora comprada para tocar, mas depois de quarenta anos de histórias entrou numa hierância que fazia toda a gente hesitar antes de lhe mexer.

hifenélia

hi·fe·né·li·a

s. f.

01 Incapacidade temporária de decidir se duas palavras devem permanecer separadas, ser ligadas, fundidas ou transformadas numa palavra nova durante um processo de escrita.

02 Hesitação gráfica em que a forma visual das palavras começa a interferir com a decisão lexical.

03 Por ext. momento de criação verbal em que a fronteira entre duas unidades linguísticas parece negociável.

ETIMOLOGIA formação expressiva a partir de hífen, com terminação -élia de valor episódico.

EXEMPLO Escreveu a expressão separada, depois com hífen, depois junta; a hifenélia terminou quando percebeu que talvez estivesse, afinal, a inventar uma palavra.

hipervérbia

hi·per·vér·bi·a

s. f.

01 Explicação de uma ideia simples com uma quantidade de palavras muito superior à necessária, frequentemente provocada pelo receio de ser mal compreendido.

02 Crescimento progressivo de uma resposta através de ressalvas, exemplos, reformulações e esclarecimentos que acabam por ocultar a simplicidade inicial do assunto.

03 Situação em que a tentativa de impedir todas as interpretações erradas produz tantas palavras que a interpretação principal começa a perder-se.

ETIMOLOGIA formação do grego hyper-, «em excesso», e do latim verbum, «palavra».

EXEMPLO Perguntaram-lhe se vinha jantar; quinze linhas depois, a hipervérbia ainda não tinha produzido um «sim» ou um «não».

hipocórdia

hi·po·cór·di·a

s. f.

01 Percepção de que uma frase cordial contém menos cordialidade do que as palavras aparentemente exprimem.

02 Sensibilidade para respostas educadas cujo tom, ritmo ou contexto sugerem afastamento, impaciência ou desejo de encerrar a interacção.

03 Diferença percebida entre a cortesia verbal de uma frase e a disponibilidade afectiva que parece acompanhá-la.

ETIMOLOGIA formação do grego hypo-, «por baixo, inferior», e do latim cor, cordis, «coração», utilizada expressivamente para designar cordialidade verbal com reduzida adesão emocional.

EXEMPLO O «claro, sem problema» era impecavelmente educado, mas a hipocórdia fazia sentir que talvez houvesse, afinal, um pequeno problema.

histélia

his·té·li·a

s. f.

01 Alteração da relação com um objecto depois de se conhecer a história de quem o usou, fez ou conservou.

02 Aquisição de densidade afectiva ou simbólica por uma coisa material através de uma narrativa que passou a acompanhá-la.

03 Momento em que um objecto deixa de ser apenas aquilo que é e passa também a ser aquilo que lhe aconteceu.

ETIMOLOGIA formação expressiva inspirada no grego história, «investigação, relato, história», com terminação -élia de valor transformativo.

EXEMPLO Era apenas uma caneta antiga até lhe contarem que pertencera à avó e que todas as cartas tinham sido escritas com ela; a histélia tornou difícil voltar a vê-la como simples objecto.

holésis

ho·lé·sis

s. f.

01 Percepção súbita de uma obra, situação ou problema como conjunto coerente depois de um período em que apenas eram visíveis partes isoladas.

02 Momento em que relações anteriormente dispersas se organizam mentalmente numa totalidade compreensível.

03 Passagem cognitiva das peças para a forma que as contém.

ETIMOLOGIA formação inspirada no grego hólos, «inteiro, total», com terminação expressiva -ésis de valor processual.

EXEMPLO Conhecia cada secção da peça separadamente, mas só durante o ensaio teve a holésis que lhe permitiu ouvir finalmente a arquitectura inteira.

holoacúsia

ho·lo·a·cú·si·a

s. f.

01 Situação de escuta em que um som proveniente do ambiente se integra momentaneamente tão bem numa música ou obra sonora que deixa de ser claro se pertence à gravação ou ao mundo exterior.

02 Fusão perceptiva temporária entre os sons de uma obra e os acontecimentos acústicos que ocorrem à sua volta.

03 Instante em que a fronteira entre música e ambiente desaparece da escuta, embora as duas fontes permaneçam fisicamente independentes.

ETIMOLOGIA formação a partir do grego hólos, «inteiro, total», e da família de acúsia, relacionada com akoúein, «ouvir», designando uma escuta momentaneamente constituída como um único campo.

EXEMPLO Um pássaro cantou junto à janela exactamente durante uma pausa da peça e provocou uma holoacúsia tão convincente que ele recuou a gravação para descobrir se o pássaro estava lá dentro.

homeodélia

ho·me·o·dé·li·a

s. f.

01 Tendência para escolher repetidamente o mesmo lugar numa sala, mesa, transporte ou outro espaço onde não existe qualquer lugar oficialmente atribuído.

02 Transformação informal de uma posição ocasional em território habitual através da repetição.

03 Sensação discreta de deslocação quando outra pessoa ocupa aquilo que nunca foi realmente nosso mas onde costumávamos estar.

ETIMOLOGIA formação inspirada no grego hómoios, «semelhante, do mesmo tipo», com terminação expressiva -déliaaplicada à repetição espacial.

EXEMPLO Nunca ninguém lhe reservara aquela cadeira, mas anos de homeodélia fizeram com que a encontrasse ocupada e pensasse, por um segundo, que alguém estava sentado no seu lugar.

horadélia

ho·ra·dé·li·a

s. f.

01 Breve sensação de que determinada hora do dia parece pertencer a outra, devido à luz, temperatura, silêncio ou ritmo do ambiente.

02 Desajustamento entre a hora indicada pelo relógio e a hora que o corpo ou o espaço parecem sugerir.

03 Estranheza temporal produzida quando cinco da tarde parecem oito da noite, ou oito da noite ainda parecem cinco.

ETIMOLOGIA formação expressiva de hora, com terminação -délia de valor perceptivo.

EXEMPLO O céu escureceu tão cedo que teve uma horadélia ao descobrir que ainda não eram seis.

horasma

ho·ras·ma

s. m.

01 Sensação súbita e injustificada de estar atrasado provocada por olhar para um relógio num momento associado a uma rotina antiga ou habitual.

02 Pequeno alarme temporal que permanece no corpo depois de já ter desaparecido a obrigação que originalmente o produzia.

03 Reflexo de urgência pertencente a um horário que já não existe.

ETIMOLOGIA formação expressiva de hora e -asma, terminação escolhida para sugerir uma aparição residual ou fantasmática.

EXEMPLO Estava de férias e não tinha compromisso nenhum, mas ao ver que eram oito e vinte sofreu um horasma e demorou alguns segundos a recordar que já não precisava de apanhar comboio algum.

horavília

ho·ra·ví·li·a

s. f.

01 Consulta repetida das horas quando se espera que chegue determinado momento, apesar de cada consulta parecer tornar a passagem do tempo mais lenta.

02 Vigilância insistente do relógio durante uma espera, viagem, reunião ou tarefa cuja conclusão depende sobretudo do tempo decorrido.

03 Tentativa inútil de fazer avançar o tempo mantendo-o sob observação.

ETIMOLOGIA formação expressiva de hora e vigília, por contracção, designando o estado de quem permanece de guarda à passagem do tempo.

EXEMPLO O comboio chegava às cinco, mas a horavília começou às quatro e vinte e permitiu-lhe verificar nove vezes que continuavam a faltar quase os mesmos quarenta minutos.

horizélia

ho·ri·zé·li·a

s. f.

01 Impulso de dirigir o olhar para uma janela, rua ou ponto distante enquanto se fala longamente ao telefone ou se pensa num assunto complexo.

02 Procura espontânea de profundidade visual durante uma actividade predominantemente verbal ou mental.

03 Tendência do pensamento para procurar espaço diante dos olhos quando precisa de espaço dentro de si.

ETIMOLOGIA formação inspirada em horizonte, com terminação -élia de valor corporal e episódico.

EXEMPLO Sempre que a conversa telefónica se tornava difícil levantava-se e ia até à janela; a horizélia parecia precisar de alguns quilómetros de vista para organizar uma frase.

horizontância

ho·ri·zon·tân·ci·a

s. f.

01 Necessidade de aumentar temporariamente a distância entre o olhar e aquilo em que se está concentrado depois de um período prolongado de trabalho minucioso ou próximo.

02 Impulso de levantar os olhos de um livro, ecrã, desenho ou objecto e procurar um ponto distante antes de continuar.

03 Pequena restauração da escala do mundo depois de a atenção ter permanecido demasiado tempo confinada a poucos centímetros.

ETIMOLOGIA formação a partir de horizonte, com o sufixo -ância, designando a procura transitória de distância visual.

EXEMPLO Depois de duas horas a editar detalhes num ecrã, levantou-se e ficou alguns minutos à janela numa horizontância que parecia devolver profundidade ao espaço.

hospitância

hos·pi·tân·ci·a

s. f.

01 Capacidade de fazer com que uma pessoa recém-chegada a um grupo deixe rapidamente de sentir que está de fora.

02 Sensibilidade para introduzir, incluir ou contextualizar alguém numa conversa sem transformar essa inclusão num gesto ostensivo.

03 Forma de competência social pela qual se cria lugar para outra pessoa antes que esta tenha de o pedir.

ETIMOLOGIA formação inspirada no latim hospes, «hóspede, anfitrião, estrangeiro recebido», com o sufixo -ância.

EXEMPLO Bastaram-lhe duas perguntas e uma explicação de quem era quem; a hospitância dela fez com que o recém-chegado deixasse de parecer recém-chegado.

hospitércia

hos·pi·tér·ci·a

s. f.

01 Incapacidade de um anfitrião relaxar plenamente enquanto recebe pessoas por permanecer atento à possibilidade de faltar comida, bebida, conforto ou qualquer outra coisa.

02 Estado de vigilância doméstica em que sentar-se não impede que se continue mentalmente a verificar copos, pratos, temperatura, cadeiras e necessidades alheias.

03 Forma de hospitalidade que, levada demasiado longe, impede o anfitrião de participar na própria ocasião que organizou.

ETIMOLOGIA formação inspirada no latim hospes, «hóspede, anfitrião», com terminação -tércia associada expressivamente a resistência ou dificuldade em permanecer quieto.

EXEMPLO O jantar corria perfeitamente, mas a hospitércia fê-la levantar-se seis vezes para confirmar coisas que ninguém tinha pedido.

hostélia

hos·té·li·a

s. f.

01 Pequena transformação do comportamento que ocorre quando se está na casa de outra pessoa e se procura perceber, sem perguntar continuamente, quais são as regras implícitas daquele espaço.

02 Atenção especial a onde colocar objectos, se se deve tirar os sapatos, quando ajudar, o que se pode abrir ou até onde vai a informalidade permitida.

03 Estado provisório de vigilância doméstica característico de quem ainda não sabe exactamente até que ponto já pode sentir-se em casa.

ETIMOLOGIA formação inspirada no latim hospes, «hóspede», com terminação -élia de valor transitório.

EXEMPLO Já era a terceira vez que jantava naquela casa, mas ainda havia suficiente hostélia para perguntar onde devia deixar o copo vazio.

humescência

hu·mes·cên·ci·a

s. f.

01 Reaparecimento de uma memória através do cheiro da terra molhada, madeira húmida, pedra, vegetação ou outro odor associado a chuva e humidade.

02 Capacidade de determinada atmosfera húmida devolver não apenas um lugar passado, mas a qualidade sensorial inteira de uma estação ou período da vida.

03 Memória ambiental desencadeada menos por um objecto específico do que pelo próprio ar.

ETIMOLOGIA formação inspirada no latim humescere, «humedecer», com o sufixo -ência aplicado à emergência mnésica produzida por uma atmosfera húmida.

EXEMPLO Começou a chover sobre o jardim quente e a humescência devolveu-lhe imediatamente os verões da casa dos avós, sem que tivesse procurado lembrar-se deles.

humordélia

hu·mor·dé·li·a

s. f.

01 Alteração do estado de espírito provocada pela atmosfera emocional de outra pessoa ou grupo, sem que tenha ocorrido qualquer acontecimento dirigido especificamente a quem a recebe.

02 Contágio subtil e geralmente involuntário de leveza, irritação, entusiasmo, inquietação ou melancolia através da convivência próxima.

03 Mudança afectiva cuja origem parece estar menos naquilo que aconteceu à pessoa do que no clima emocional que encontrou.

ETIMOLOGIA formação a partir de humor, no sentido de estado de espírito, com terminação -délia de valor transitório.

EXEMPLO Entrou na cozinha perfeitamente tranquilo, mas dez minutos depois a tensão dos outros já lhe tinha produzido uma humordélia que não sabia explicar.

húmusonância

hú·mu·so·nân·ci·a

s. f.

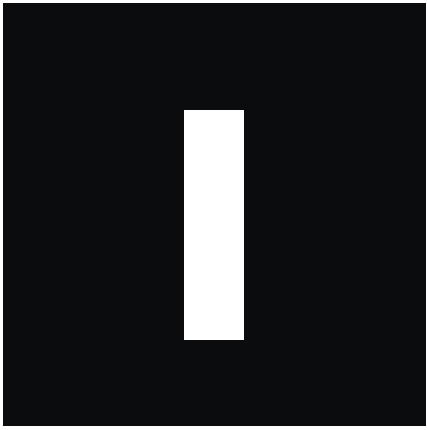
01 Processo criativo em que materiais anteriores, restos, fragmentos, erros ou obras abandonadas se tornam matéria fértil para uma criação nova.

02 Transformação artística pela qual aquilo que parecia terminado, inútil ou falhado deixa de ser resíduo e passa a alimentar outra forma.

03 Capacidade de uma obra nascer da decomposição produtiva de outras.

ETIMOLOGIA formação expressiva inspirada no latim humus, «terra», e em sonância, utilizando o húmus como metáfora da matéria antiga que se decompõe e alimenta nova vida; apesar da ressonância sonora do segundo elemento, a palavra não se limita à música.

EXEMPLO O compositor recuperou dezenas de gravações rejeitadas de projectos anteriores; através da húmusonância, aquilo que antes era desperdício tornou-se o vocabulário da nova peça.



024 PALAVRAS / TERRITÓRIO I

Inventar não é criar do nada: é reparar naquilo que ainda não tinha legenda.

iconésia

i·co·né·si·a

s. f.

01 Reconhecimento imediato de uma aplicação, função ou ficheiro através da forma visual do seu ícone, mesmo quando se seria incapaz de o descrever com precisão.

02 Memória visual operacional que permite encontrar uma coisa num ecrã antes de recordar o seu nome.

03 Situação em que a mão sabe onde clicar antes de a linguagem saber explicar porquê.

ETIMOLOGIA formação inspirada no grego eikṓn, «imagem», com terminação -ésia de valor perceptivo e mnésico.

EXEMPLO Não se lembrava do nome da aplicação, mas a iconésia encontrou-a imediatamente entre quarenta pequenos quadrados.

ideóclise

i·de·ó·cli·se

s. f.

01 Desvio progressivo de uma ideia durante a tentativa de a explicar, até a formulação final já não corresponder exactamente ao pensamento inicial.

02 Alteração involuntária de um raciocínio provocada pelas próprias palavras utilizadas para o tornar comunicável.

03 Situação em que explicar uma ideia acaba por modificar a ideia que se pretendia explicar.

ETIMOLOGIA formação de ideo-, do grego idéa, «forma, ideia», e klísis, «inclinação, desvio».

EXEMPLO Começou por querer explicar uma dúvida simples e, ao fim de cinco minutos de ideóclise, já defendia uma hipótese que não existia antes de começar a falar.

imantélia

i·man·té·li·a

s. f.

01 Tendência para regressar repetidamente a um mesmo objecto, imagem, frase, lugar ou ideia sem existir uma razão prática clara para o fazer.

02 Atracção persistente por alguma coisa que continua a chamar a atenção depois de já ter sido suficientemente observada.

03 Pequena força de retorno exercida por certas coisas sobre a percepção ou o pensamento.

ETIMOLOGIA formação expressiva inspirada em íman, com terminação -élia de valor afectivo e episódico.

EXEMPLO Já tinha passado três vezes pela fotografia, mas uma imantélia fazia-o regressar sempre à mesma expressão no rosto da mulher.

imobilésia

i·mo·bi·lé·si·a

s. f.

01 Permanência voluntária numa posição desconfortável para não perturbar uma pessoa ou animal que adormeceu, repousa ou se instalou sobre parte do nosso corpo.

02 Suspensão temporária do direito ao movimento provocada pela percepção de que mexer um braço, perna ou almofada destruiria o conforto de outro ser.

03 Estado em que uma pessoa deixa de possuir plenamente uma parte do corpo porque alguém está a dormir em cima dela.

ETIMOLOGIA formação expressiva inspirada em imóvel, com terminação -ésia de valor episódico.

EXEMPLO A gata adormeceu-lhe sobre as pernas e uma imobilésia de quarenta minutos convenceu-o de que levantar-se para ir buscar água seria uma forma desnecessária de violência.

imprimésia

im·pri·mé·si·a

s. f.

01 Mudança imediata na percepção de um texto depois de este passar do ecrã para o papel.

02 Capacidade de detectar erros, proporções, repetições ou relações que pareciam invisíveis enquanto o texto permanecia digital.

03 Alteração crítica produzida não por uma mudança no conteúdo, mas pela transferência para outro suporte material.

ETIMOLOGIA formação inspirada no latim imprimere, «imprimir, marcar», com terminação -ésia de valor perceptivo.

EXEMPLO Lera o ensaio dez vezes no computador; bastou imprimi-lo para uma imprimésia lhe mostrar três repetições que o ecrã parecia ter protegido.

inaugurélia

i·nau·gu·ré·li·a

s. f.

01 Resistência a utilizar pela primeira vez um objecto novo por o primeiro uso destruir irreversivelmente a sua condição de intacto.

02 Hesitação diante de um caderno, roupa, utensílio, aparelho ou outro objecto cuja perfeição inicial parece superior à utilidade para que foi adquirido.

03 Breve conflito entre possuir uma coisa e começar efectivamente a usá-la.

ETIMOLOGIA formação expressiva inspirada em inaugurar, com terminação -élia de valor episódico.

EXEMPLO Comprara as chávenas para beber café, mas uma inaugurélia manteve-as duas semanas no armário enquanto continuava a utilizar as antigas.

incidélia

in·ci·dé·li·a

s. f.

01 Pequena alteração de humor provocada por um acontecimento banal cuja importância objectiva é mínima mas cuja coincidência com o momento lhe dá peso inesperado.

02 Capacidade de um detalhe exterior insignificante se tornar decisivo apenas porque chega exactamente quando a pessoa está emocionalmente disponível para ele.

03 Efeito desproporcionado de uma coisa pequena que acerta no instante certo.

ETIMOLOGIA formação inspirada no latim incidere, «cair sobre, acontecer», com terminação -élia de valor episódico.

EXEMPLO A frase escrita no muro não tinha nada de extraordinário, mas naquele dia produziu-lhe uma incidélia que mudou a disposição da tarde inteira.

indiciurgia

in·di·ci·ur·gi·a

s. f.

01 Criação artística construída a partir de vestígios, restos, marcas ou sinais de acontecimentos que não são directamente apresentados.

02 Processo em que a obra sugere uma acção, presença ou história através daquilo que esta deixou atrás de si.

03 Em fotografia, cinema, instalação, literatura, música ou performance, construção de sentido através das consequências perceptíveis de causas ausentes.

ETIMOLOGIA formação inspirada no latim indicium, «indício, vestígio», e no elemento grego -urgia, de érgon, «obra, trabalho».

EXEMPLO A instalação não mostrava qualquer corpo: havia apenas uma cadeira deslocada, água no chão e uma gravação interrompida; a indiciurgia fazia do acontecimento ausente o verdadeiro centro da obra.

inflexência

in·fle·xên·ci·a

s. f.

01 Percepção do momento em que a disposição de uma conversa ou relação começa a mudar, embora nenhuma frase isolada permita explicar inteiramente a alteração.

02 Sensibilidade para pequenas mudanças de vocabulário, ritmo, proximidade, disponibilidade ou tratamento que podem indicar uma transformação na atitude de alguém.

03 Reconhecimento de uma mudança relacional através da direcção para que os sinais começam a inclinar-se, e não de um único sinal conclusivo.

ETIMOLOGIA formação inspirada no latim inflexio, «curvatura, mudança de direcção», com o sufixo -ência aplicado à percepção de uma alteração em curso.

EXEMPLO Continuavam a falar cordialmente, mas a inflexência começou quando as respostas deixaram de trazer perguntas de volta.

intercalésia

in·ter·ca·lé·si·a

s. f.

01 Situação em que uma pessoa inicia uma segunda tarefa para aproveitar o breve tempo de espera imposto pela primeira e acaba por esquecer temporariamente a primeira tarefa.

02 Substituição involuntária de uma espera curta por uma actividade que cresce o suficiente para capturar a atenção.

03 Método pelo qual dois minutos aparentemente disponíveis conseguem produzir vinte minutos de desvio.

ETIMOLOGIA formação expressiva inspirada em intercalar, com terminação -ésia de valor episódico.

EXEMPLO Enquanto esperava que a água fervesse foi responder a uma mensagem; a intercalésia terminou dez minutos depois quando o som da chaleira já fazia parte da casa.

interlembrança

in·ter·lem·bran·ça

s. f.

01 Memória que surge apenas quando duas pessoas tentam conjuntamente recordar o mesmo acontecimento e cada uma fornece fragmentos que activam os da outra.

02 Reconstrução partilhada de uma lembrança que nenhuma das pessoas possuía sozinha de forma completa.

03 Recordação produzida no espaço entre memórias parciais.

ETIMOLOGIA formação de inter-, «entre», e lembrança. A transparência da composição é deliberadamente mantida por corresponder ao carácter relacional do fenómeno.

EXEMPLO Nenhum dos dois se lembrava de quem estava no jantar, mas uma interlembrança foi aparecendo à medida que cada nome devolvia outro.

intersturgia

in·ters·tur·gi·a

s. f.

01 Construção artística em que vazios, intervalos, pausas, ausências ou espaços entre elementos possuem função estrutural equivalente àquilo que os rodeia.

02 Processo composicional que trabalha deliberadamente com aquilo que não é preenchido, fazendo do intervalo matéria da obra.

03 Em música, imagem, texto, arquitectura, dança ou cinema, produção de forma através da organização dos espaços entre acontecimentos.

ETIMOLOGIA formação inspirada no latim interstitium, «intervalo, espaço entre coisas», e no elemento grego -urgia, de érgon, «obra, trabalho».

EXEMPLO A peça era construída menos pelas notas do que pelos diferentes tamanhos de silêncio entre elas; a intersturgia tornava cada ausência parte activa da forma.

intimésia

in·ti·mé·si·a

s. f.

01 Capacidade de perceber pequenas alterações no comportamento de alguém muito próximo que provavelmente passariam despercebidas a uma pessoa menos familiarizada com os seus hábitos.

02 Reconhecimento de diferenças mínimas de ritmo, silêncio, forma de responder ou realizar tarefas habituais, adquirido por convivência prolongada.

03 Conhecimento perceptivo produzido pela intimidade e não por qualquer sinal isolado ou infalível.

ETIMOLOGIA formação inspirada no latim intimus, «o mais interior, íntimo», com terminação -ésia de valor perceptivo.

EXEMPLO Ninguém reparou em nada de especial, mas a intimésia dela percebeu pelo modo como ele pousou o casaco que alguma coisa tinha acontecido.

inversília

in·ver·sí·li·a

s. f.

01 Descoberta de uma solução criativa ao fazer deliberadamente o contrário daquilo que parecia ser a operação lógica ou esperada.

02 Processo em que inverter ordem, direcção, função, hierarquia ou causalidade revela possibilidades que o desenvolvimento normal não mostrava.

03 Estratégia artística pela qual uma regra se torna produtiva precisamente quando é virada do avesso.

ETIMOLOGIA formação inspirada no latim invertere, «virar, inverter», com terminação -ília de valor operativo.

EXEMPLO A cena não funcionava enquanto tentava aumentar a tensão; a inversília surgiu quando retirou quase todos os sons e deixou apenas uma respiração distante.

inversóptica

in·ver·sóp·ti·ca

s. f.

01 Observação deliberada de uma imagem, desenho, objecto ou composição a partir de uma orientação invulgar para enfraquecer o reconhecimento habitual e tornar mais perceptíveis as relações formais.

02 Estratégia artística que utiliza inversão, rotação ou alteração do ponto de vista para recuperar uma visão menos condicionada pelo significado conhecido daquilo que se observa.

03 Processo de olhar novamente uma forma tornando-a temporariamente menos reconhecível.

ETIMOLOGIA formação híbrida de inverso e do grego optikós, «relativo à visão».

EXEMPLO Virou o desenho ao contrário e a inversóptica mostrou-lhe imediatamente que a composição pesava demasiado para o lado direito.

invisélia

in·vi·sé·li·a

s. f.

01 Momento em que um objecto, desenho, som ou estrutura deixa de ser percebido principalmente pelo que apresenta e passa a chamar a atenção para aquilo que oculta, exclui ou retira.

02 Operação perceptiva ou artística em que ausência, corte, encobrimento ou fora-de-campo se tornam mais significativos do que o conteúdo directamente oferecido.

03 Forma de atenção dirigida ao que uma obra torna perceptível precisamente por não o mostrar.

ETIMOLOGIA formação expressiva inspirada em invisível, com terminação -élia de valor perceptivo e artístico.

EXEMPLO A fotografia mostrava uma sala quase vazia, mas a invisélia fazia com que o verdadeiro assunto parecesse ser aquilo que tinha acabado de sair do enquadramento.

ipsélia

ip·sé·li·a

s. f.

01 Estranheza momentânea provocada por ouvir a própria voz numa gravação e reconhecê-la simultaneamente como própria e alheia.

02 Desajustamento entre a voz que uma pessoa conhece enquanto fala e aquela que regressa exteriormente através de uma gravação.

03 Breve encontro acústico com uma versão de nós próprios que os outros ouvem com muito maior familiaridade do que nós.

ETIMOLOGIA formação inspirada no latim ipse, «o próprio, ele mesmo», com terminação -élia de valor perceptivo.

EXEMPLO Bastaram duas palavras da gravação para uma ipsélia lhe fazer perguntar, como quase toda a gente, se aquela era realmente a sua voz.

irremnésia

ir·re·mné·si·a

s. f.

01 Sensação nítida de se estar a esquecer alguma coisa sem conseguir recordar aquilo que é.

02 Presença mental de uma ausência cujo conteúdo permanece inacessível.

03 Estado em que a memória consegue avisar que falhou, mas recusa fornecer qualquer informação útil sobre a natureza da falha.

ETIMOLOGIA formação expressiva de irre- e do grego mnēsis, «memória», designando uma memória que detecta a própria falta sem a conseguir preencher.

EXEMPLO Saiu de casa com uma irremnésia tão insistente que verificou as chaves, a carteira e o telemóvel três vezes; só no elevador percebeu que se esquecera dos óculos.

irritércia

ir·ri·tér·ci·a

s. f.

01 Persistência de uma irritação ligeira depois de a causa objectiva que a provocou já ter desaparecido.

02 Tempo necessário para que o estado emocional regresse ao nível anterior depois de uma pequena contrariedade ter sido resolvida.

03 Inércia afectiva pela qual uma pessoa continua zangada com uma situação que já deixou de existir.

ETIMOLOGIA formação expressiva inspirada em irritação e inércia, com deformação destinada a fundir as duas ideias numa única forma.

EXEMPLO Encontrou finalmente as chaves, mas a irritércia acompanhou-o ainda durante dez minutos, como se as chaves continuassem desaparecidas por princípio.

isolância

i·so·lân·ci·a

s. f.

01 Conforto de estar sozinho num espaço público sem sentir necessidade de transformar essa condição em espera, trabalho ou procura de companhia.

02 Capacidade de habitar voluntariamente uma mesa, banco, café ou passeio sem que a ausência de companhia seja sentida como falta.

03 Forma tranquila de presença individual no meio de outras pessoas.

ETIMOLOGIA formação expressiva inspirada em isolado, com o sufixo -ância, designando permanência confortável numa condição individual.

EXEMPLO Sentou-se sozinho na esplanada durante uma hora sem ler, telefonar ou esperar ninguém; a isolância bastava-lhe.

isolélia

i·so·lé·li·a

s. f.

01 Sensação momentânea de que um lugar familiar ficou estranhamente diferente por estar vazio numa hora em que costuma estar cheio.

02 Percepção alterada de um espaço provocada não por mudança física, mas pela ausência das pessoas, sons ou actividades que normalmente o ocupam.

03 Estranheza espacial produzida pelo desaparecimento temporário daquilo que costumava dar escala humana ao lugar.

ETIMOLOGIA formação expressiva inspirada em isolado e só, com terminação -élia de valor perceptivo.

EXEMPLO Entrou no mercado ao fim do dia e uma isolélia transformou o corredor habitual num espaço quase irreconhecível.

isocronélia

i·so·cro·né·li·a

s. f.

01 Satisfação provocada quando uma sequência de movimentos ou tarefas quotidianas adquire espontaneamente um ritmo regular.

02 Prazer em descobrir que passos, cortes, movimentos, objectos ou pequenas acções começaram involuntariamente a repetir-se em intervalos semelhantes.

03 Musicalização temporária de uma actividade através da regularidade do tempo.

ETIMOLOGIA formação do grego ísos, «igual», e chrónos, «tempo», com terminação -élia de valor perceptivo e afectivo.

EXEMPLO Enquanto cortava os legumes percebeu que a faca, a tábua e o som da água tinham entrado numa isocronélia tão regular que hesitou em quebrá-la.

isofínia

i·so·fí·ni·a

s. f.

01 Satisfação provocada quando duas actividades independentes terminam exactamente, ou quase exactamente, ao mesmo tempo sem terem sido sincronizadas de propósito.

02 Coincidência temporal entre processos diferentes cuja conclusão simultânea produz uma pequena impressão de ordem.

03 Momento em que o acaso parece ter organizado duas coisas segundo o mesmo ponto final.

ETIMOLOGIA formação híbrida de iso-, do grego ísos, «igual», e do latim finis, «fim», com terminação -ia. Substitui deliberadamente uma formação anterior, isotélia, já existente historicamente com outro significado.

EXEMPLO Acabou de escrever a última frase exactamente quando a máquina de lavar terminou o ciclo; a isofínia pareceu-lhe uma coordenação doméstica que nenhuma das duas partes tinha planeado.

itinerélia

i·ti·ne·ré·li·a

s. f.

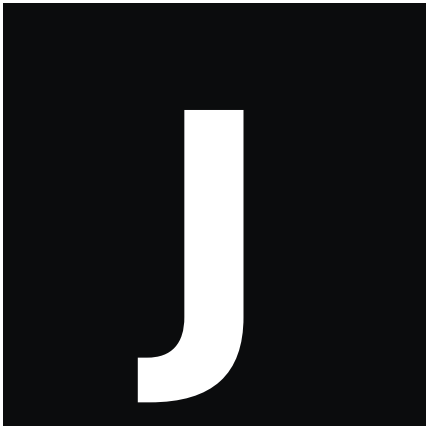
01 Escolha deliberada de um percurso mais longo por o caminho ser mais agradável do que a alternativa mais rápida.

02 Deslocação em que chegar deixa temporariamente de ser o único critério para decidir por onde se vai.

03 Pequena vitória do percurso sobre o destino.

ETIMOLOGIA formação inspirada no latim iter, itineris, «caminho, viagem», com terminação -élia de valor afectivo.

EXEMPLO Podia chegar a casa em dez minutos, mas uma itinerélia levou-o pelo jardim e acrescentou vinte minutos perfeitamente inúteis ao percurso.



030 PALAVRAS / TERRITÓRIO J

Já conhecíamos estas experiências;
faltava apenas escrevê-las.

jamésia

ja·mé·si·a

s. f.

01 Adiamento repetido de uma pequena tarefa cuja execução é sucessivamente transferida para um momento futuro sem que exista decisão consciente de a abandonar.

02 Estado em que «faço depois» se repete durante tanto tempo que deixa de indicar uma ocasião e passa praticamente a constituir o método utilizado para não fazer alguma coisa.

03 Sobrevivência indefinida de uma tarefa demasiado pequena para parecer urgente e suficientemente incómoda para nunca apetecer começá-la.

ETIMOLOGIA formação expressiva inspirada em jamais e na ideia de adiamento continuado, com terminação -ésia de valor processual.

EXEMPLO Precisava apenas de coser um botão; seis meses de jamésia provaram que a tarefa tinha alcançado uma notável estabilidade temporal.

janelância

ja·ne·lân·ci·a

s. f.

01 Tendência para escolher, entre vários lugares equivalentes, aquele que fica junto de uma janela.

02 Preferência espacial por posições que permitem alternar facilmente entre aquilo que acontece dentro de um lugar e aquilo que acontece fora dele.

03 Forma de permanência em que a existência de uma abertura para o exterior participa da escolha do próprio lugar.

ETIMOLOGIA formação a partir de janela, com o sufixo -ância, designando preferência continuada pela proximidade visual do exterior.

EXEMPLO Havia mesas maiores e mais próximas, mas a janelância levou-o directamente para a única cadeira de onde se via a rua.

janelésia

ja·ne·lé·si·a

s. f.

01 Impulso de imaginar brevemente a vida que decorre no interior de uma casa desconhecida ao ver uma janela iluminada a partir da rua.

02 Construção involuntária de uma pequena narrativa sobre pessoas que não conhecemos a partir de fragmentos visíveis de um espaço doméstico.

03 Curiosidade momentânea por uma vida alheia provocada não por quem a habita, mas pela aparição parcial de um quarto, candeeiro, mesa ou movimento atrás de um vidro.

ETIMOLOGIA formação expressiva a partir de janela, com terminação -ésia de valor imaginativo e episódico.

EXEMPLO Passava de autocarro por uma rua desconhecida quando uma janelésia lhe inventou por alguns segundos uma família inteira em torno de um candeeiro aceso.

janemnésia

ja·ne·mné·si·a

s. f.

01 Percepção momentânea de um lugar familiar como espaço presente e, simultaneamente, como conjunto das suas versões anteriores conservadas pela memória.

02 Sobreposição afectiva entre aquilo que um lugar é agora e aquilo que foi em diferentes períodos da vida.

03 Experiência em que edifícios, ruas ou paisagens parecem conter várias épocas sem que nenhuma consiga apagar completamente as outras.

ETIMOLOGIA formação inspirada em Janus, divindade romana associada a passagens e à dupla orientação temporal, e no grego mnēsis, «memória».

EXEMPLO Voltou à rua onde crescera e teve uma janemnésia diante do prédio: via as novas janelas e, ao mesmo tempo, sabia exactamente onde continuavam as antigas.

janópsia

ja·nóp·si·a

s. f.

01 Qualidade de uma obra, imagem ou construção conceptual que admite simultaneamente duas orientações ou interpretações diferentes sem obrigar à escolha definitiva de uma delas.

02 Organização artística em que duas leituras aparentemente incompatíveis permanecem activas e se modificam mutuamente.

03 Capacidade de uma forma olhar para dois sentidos ao mesmo tempo.

ETIMOLOGIA formação inspirada em Janus, divindade romana representada com duas faces, e no grego ópsis, «visão, aspecto».

EXEMPLO A instalação podia ser percebida como chegada ou despedida; a janópsia fazia com que qualquer escolha destruísse deliberadamente metade da obra.

jantélia

jan·té·li·a

s. f.

01 Conjunto de pequenas provas feitas enquanto se prepara uma refeição que, somadas, reduzem ou eliminam a fome antes de o jantar estar pronto.

02 Alimentação informal e fragmentária ocorrida durante o processo de cozinhar, sem que nenhum dos gestos individuais seja mentalmente contabilizado como refeição.

03 Situação em que quem cozinha chega à mesa menos faminto do que quem apenas esperou.

ETIMOLOGIA formação expressiva a partir de jantar, com terminação -élia de valor episódico.

EXEMPLO Provou o molho, depois o queijo, depois uma batata e ainda outra para confirmar a primeira; a jantélia deixou-o sem grande interesse pelo prato quando finalmente se sentou.

jarguência

jar·gu·ên·ci·a

s. f.

01 Tendência para utilizar vocabulário técnico ou especializado sem perceber que o interlocutor pode não o compreender.

02 Perda temporária da percepção de que certas palavras, abreviaturas ou conceitos são familiares apenas dentro de um grupo profissional, académico ou artístico.

03 Estado em que a especialização linguística de uma pessoa começa a parecer-lhe linguagem comum.

ETIMOLOGIA formação expressiva a partir de jargão, com o sufixo -ência, designando permanência inconsciente dentro de um vocabulário especializado.

EXEMPLO Explicou durante cinco minutos o problema utilizando três siglas e dois termos técnicos; só a expressão do outro lhe revelou a própria jarguência.

jarrélia

jar·ré·li·a

s. f.

01 Tendência para deixar uma quantidade mínima de líquido num recipiente para evitar o acto de o declarar vazio, lavar ou deitar fora.

02 Sobrevivência de um último gole que permanece durante horas ou dias porque terminar o conteúdo criaria imediatamente uma pequena tarefa adicional.

03 Estratégia doméstica pela qual algumas gotas conseguem prolongar administrativamente a existência de uma garrafa, chávena ou jarro.

ETIMOLOGIA formação expressiva inspirada em jarro, com terminação -élia de valor episódico, embora o fenómeno se aplique a qualquer recipiente.

EXEMPLO Restava menos de um centímetro de sumo na garrafa, mas uma jarrélia manteve-a no frigorífico como se ainda possuísse um futuro significativo.

jeitância

jei·tân·ci·a

s. f.

01 Capacidade de improvisar uma solução funcional com os materiais, ferramentas ou condições disponíveis, sem possuir necessariamente formação técnica específica para o problema.

02 Inteligência prática aplicada a pequenos obstáculos materiais cuja solução depende mais de compreender relações físicas do que de seguir um procedimento conhecido.

03 Aptidão para descobrir como uma coisa pode funcionar antes de saber exactamente como deveria funcionar.

ETIMOLOGIA formação a partir de jeito, com o sufixo -ância, designando uma competência prática continuada.

EXEMPLO A peça de plástico tinha partido e não havia substituição; a jeitância dela resolveu temporariamente o problema com um elástico, uma mola e uma utilização bastante livre da função original de ambos.

jeitéria

jei·té·ri·a

s. f.

01 Ajustamento provisório feito a um objecto avariado para que continue a funcionar sem que a verdadeira reparação seja realizada.

02 Solução material suficientemente eficaz para deixar de parecer temporária e suficientemente imperfeita para nunca poder ser considerada definitiva.

03 Estado intermédio em que uma coisa está tecnicamente estragada mas funcionalmente autorizada a continuar.

ETIMOLOGIA formação expressiva a partir de jeito, no sentido de arranjo ou solução prática, com terminação -éria de valor material.

EXEMPLO A porta precisava de uma dobradiça nova, mas uma jeitéria com um pedaço de cartão resolveu o problema há três anos e começou entretanto a adquirir estatuto de engenharia permanente.

jocência

jo·cên·ci·a

s. f.

01 Capacidade de perceber que uma frase é provavelmente humorística, irónica ou provocatória antes de existir um sinal explícito de que não deve ser tomada literalmente.

02 Sensibilidade para alterações subtis de ritmo, contexto, exagero ou expressão que sugerem intenção cómica.

03 Leitura do carácter jocoso de uma fala sem pressupor que essa interpretação seja sempre correcta.

ETIMOLOGIA formação inspirada no latim jocus, «brincadeira, gracejo», com o sufixo -ência aplicado à percepção de intenção lúdica.

EXEMPLO Ninguém riu imediatamente, mas a jocência dela percebeu pelo pequeno excesso de solenidade que a proposta não era inteiramente séria.

jocúria

jo·cú·ri·a

s. f.

01 Prolongamento involuntário de uma brincadeira verbal depois de esta ter deixado de ser especialmente divertida, apenas porque os participantes já criaram uma lógica interna difícil de abandonar.

02 Crescimento de uma piada através de variações sucessivas até esta adquirir uma existência quase independente da graça inicial.

03 Estado em que uma brincadeira começa a continuar por tradição local.

ETIMOLOGIA formação inspirada no latim jocus, «gracejo, brincadeira», com terminação -úria de valor persistente.

EXEMPLO O trocadilho inicial demorara cinco segundos; a jocúria ocupou os dez minutos seguintes e produziu oito versões progressivamente piores.

jogúria

jo·gú·ri·a

s. f.

01 Impulso de iniciar imediatamente mais uma ronda, partida, nível ou tentativa depois de terminar a anterior, sobretudo quando a duração prevista parece pequena.

02 Incapacidade temporária de considerar concluída uma actividade lúdica porque cada final produz uma oportunidade imediata de recomeço.

03 Estado em que «só mais uma» funciona como unidade de tempo sem quantidade previamente definida.

ETIMOLOGIA formação expressiva de jogo, com terminação -úria indicadora de impulso repetitivo.

EXEMPLO Ia desligar o jogo à meia-noite, mas uma jogúria composta por quatro «só mais uma» alterou discretamente a definição de meia-noite.

jornésia

jor·né·si·a

s. f.

01 Alteração subtil da percepção de um dia inteiro provocada por um acontecimento pequeno ocorrido logo no seu início.

02 Persistência afectiva de uma primeira música, mensagem, notícia, encontro ou contrariedade que parece fornecer temporariamente o tom ao restante dia.

03 Capacidade das primeiras horas de contaminarem emocionalmente acontecimentos que nada tinham a ver com elas.

ETIMOLOGIA formação expressiva inspirada em jornada, com terminação -ésia de valor afectivo e episódico.

EXEMPLO Ouviu uma canção inesperadamente bela ao pequeno-almoço e uma jornésia fez com que a manhã inteira parecesse ter sido composta a partir dela.

jovélia

jo·vé·li·a

s. f.

01 Reaparecimento momentâneo de uma versão muito mais jovem de nós próprios através de um gesto, expressão, entusiasmo ou reacção que julgávamos ter desaparecido.

02 Reconhecimento súbito de continuidade entre o comportamento presente e uma forma antiga de estar no mundo.

03 Pequena sobrevivência do passado pessoal que se manifesta no corpo antes de se transformar em recordação.

ETIMOLOGIA formação expressiva inspirada em jovem, com terminação -élia de valor episódico e afectivo.

EXEMPLO Ao ouvir a primeira nota do concerto deu por si a sorrir exactamente como aos dezassete anos; uma jovélia atravessara quarenta anos sem envelhecer.

jubrélia

ju·bré·li·a

s. f.

01 Alívio imediatamente transformado em alegria quando uma obrigação, reunião, compromisso ou tarefa que não se desejava realizar é cancelada por iniciativa alheia.

02 Prazer particular de recuperar inesperadamente tempo que já tinha sido mentalmente dado como perdido.

03 Felicidade ligeiramente indecorosa produzida pela frase «afinal fica para outro dia».

ETIMOLOGIA formação expressiva inspirada em júbilo e na ideia de uma brecha súbita no tempo ocupado.

EXEMPLO Preparava-se para sair quando recebeu a mensagem a cancelar a reunião; a jubrélia devolveu-lhe duas horas que já não considerava suas.

jubilésia

ju·bi·lé·si·a

s. f.

01 Alegria espontânea provocada pela felicidade, êxito ou entusiasmo de outra pessoa, sem necessidade de benefício próprio.

02 Prazer em assistir a algo bom que acontece a alguém, mesmo quando o acontecimento não altera directamente a nossa vida.

03 Capacidade de receber temporariamente a alegria alheia como matéria da própria alegria.

ETIMOLOGIA formação expressiva inspirada em júbilo, com terminação -ésia de valor afectivo e episódico.

EXEMPLO Não conhecia sequer o candidato premiado, mas a reacção dele ao ouvir o nome provocou-lhe uma jubilésia imediata.

julgélia

jul·gé·li·a

s. f.

01 Momento em que uma primeira impressão acerca de uma pessoa começa a desfazer-se perante um comportamento que não cabe na imagem inicialmente construída.

02 Pequena instabilidade perceptiva provocada pela descoberta de uma característica inesperada em alguém que julgávamos já ter compreendido.

03 Revisão espontânea de um juízo social quando a pessoa real deixa de colaborar com a versão simplificada que tínhamos criado dela.

ETIMOLOGIA formação expressiva a partir de julgar, com terminação -élia de valor episódico e transformativo.

EXEMPLO Tinha-o considerado distante durante semanas; vê-lo passar vinte minutos a tranquilizar uma criança provocou-lhe uma julgélia suficientemente forte para recomeçar a conhecê-lo.

juncélia

jun·cé·li·a

s. f.

01 Momento em que duas ideias anteriormente independentes revelam subitamente uma relação produtiva entre si.

02 Descoberta de que dois problemas, imagens, conceitos ou materiais que estavam a ser pensados separadamente podem constituir partes da mesma solução.

03 Pequena ligação mental capaz de reorganizar retrospectivamente aquilo que existia dos dois lados.

ETIMOLOGIA formação inspirada no latim jungere, «ligar, unir», com terminação -élia de valor súbito e criativo.

EXEMPLO Pensava na estrutura do texto e numa fotografia encontrada dias antes quando uma juncélia lhe mostrou que ambos tratavam afinal do mesmo problema.

juntávia

jun·tá·vi·a

s. f.

01 Prolongamento voluntário de um percurso para continuar durante mais algum tempo na companhia de alguém antes da separação.

02 Pequeno desvio, volta adicional ou escolha de um caminho menos directo cuja verdadeira função consiste em adiar uma despedida.

03 Distância acrescentada a uma viagem exclusivamente para prolongar a presença partilhada.

ETIMOLOGIA formação expressiva inspirada em junto e no latim via, «caminho», com contracção destinada a evitar uma composição inteiramente transparente.

EXEMPLO A casa dele ficava para o outro lado, mas uma juntávia levou-o até à esquina seguinte antes de finalmente se despedirem.

juntélia

jun·té·li·a

s. f.

01 Satisfação provocada por reunir num mesmo lugar objectos dispersos que pertencem à mesma categoria, função ou tarefa.

02 Prazer de ver cabos, papéis, ferramentas, ficheiros ou pequenos elementos anteriormente espalhados passarem a constituir um conjunto reconhecível.

03 Sensação de ordem produzida mais pela reunião do que pela arrumação propriamente dita.

ETIMOLOGIA formação expressiva a partir de juntar, com terminação -élia de valor afectivo.

EXEMPLO Não arrumou verdadeiramente a secretária, mas experimentou uma juntélia considerável ao colocar todos os cabos na mesma caixa.

juntésia

jun·té·si·a

s. f.

01 Momento em que duas conversas independentes que decorrem próximas uma da outra se fundem espontaneamente numa única conversa.

02 Passagem social de vários pequenos núcleos de diálogo para um grupo comum sem que ninguém anuncie essa reorganização.

03 Instante em que uma frase suficientemente interessante atravessa a fronteira entre duas conversas e altera a geometria da mesa.

ETIMOLOGIA formação inspirada em juntar, com terminação -ésia de valor episódico.

EXEMPLO Havia duas conversas distintas à mesa até alguém mencionar a viagem; uma juntésia envolveu seis pessoas antes de qualquer delas perceber que tinha mudado de interlocutor.

juntomnésia

jun·to·mné·si·a

s. f.

01 Recordação de uma pessoa desencadeada pela presença de um objecto, lugar, música ou hábito durante muito tempo associado à convivência com ela.

02 Memória relacional em que uma coisa não recorda apenas um episódio, mas a experiência repetida de estar junto de alguém.

03 Persistência de uma companhia em objectos ou gestos que continuam presentes depois de a própria convivência ter mudado ou terminado.

ETIMOLOGIA formação híbrida de junto e do grego mnēsis, «memória».

EXEMPLO Ouviu novamente aquele disco e a juntomnésia não lhe devolveu nenhuma noite específica; devolveu-lhe simplesmente anos inteiros de o ouvir com a mesma pessoa.

jurélia

ju·ré·li·a

s. f.

01 Impulso de acrescentar uma justificação a uma decisão simples quando ninguém pediu explicação.

02 Necessidade de demonstrar que uma escolha banal possui razões suficientes para ser legítima.

03 Pequena defesa preventiva contra uma crítica que ainda não aconteceu e talvez nunca viesse a acontecer.

ETIMOLOGIA formação expressiva inspirada no latim jus, juris, «direito», e na família de justificar, com terminação -élia de valor episódico.

EXEMPLO Disse que não ia ao jantar e, antes que alguém perguntasse porquê, uma jurélia já lhe tinha acrescentado trânsito, trabalho, cansaço e a previsão meteorológica.

jurissenso

ju·ris·sen·so

s. m.

01 Capacidade de perceber uma regra social não escrita num lugar, grupo ou situação antes de alguém a explicar explicitamente.

02 Sensibilidade para distinguir aquilo que formalmente seria permitido daquilo que, naquele contexto, claramente não se costuma fazer.

03 Percepção prática de normas implícitas através da observação dos comportamentos alheios.

ETIMOLOGIA formação inspirada no latim jus, juris, «direito, regra», e sensus, «percepção, sentido», sem referência necessária ao direito jurídico formal.

EXEMPLO Ninguém lhe disse que naquela biblioteca não se atendiam chamadas, mas alguns segundos de jurissenso foram suficientes para manter o telefone no bolso.

justavéria

jus·ta·vé·ri·a

s. f.

01 Tendência para reorganizar mentalmente uma conversa, discussão ou situação passada até encontrar a frase exacta que teria sido ideal dizer naquele momento.

02 Produção retrospectiva de respostas particularmente claras, inteligentes ou eficazes quando já não existe possibilidade de as utilizar.

03 Forma tardia de competência verbal cuja pontualidade deixa muito a desejar.

ETIMOLOGIA formação expressiva inspirada em justa, no sentido de «ajustada, exacta», e no latim verbum, «palavra», através de deformação fonética.

EXEMPLO No duche da manhã seguinte teve finalmente uma justavéria perfeita para a discussão da véspera.

justéria

jus·té·ri·a

s. f.

01 Necessidade de corrigir uma pequena imprecisão factual numa conversa mesmo quando essa correcção não altera em nada o sentido do que está a ser dito.

02 Impulso para substituir «terça» por «quarta», «três» por «quatro» ou outro detalhe secundário apenas porque se sabe que a informação exacta está disponível.

03 Forma de rigor que consegue interromper uma história sem melhorar substancialmente a história.

ETIMOLOGIA formação expressiva inspirada em justo no sentido de «exacto, ajustado», com terminação -éria de valor insistente.

EXEMPLO A história era sobre uma viagem de infância, mas a justéria obrigou-o a interromper para esclarecer que não tinha nove anos, tinha oito e meio.

justímia

jus·tí·mi·a

s. f.

01 Desconforto provocado por assistir a uma situação ligeiramente injusta, desproporcionada ou parcial mesmo quando a pessoa não é directamente afectada por ela.

02 Sensibilidade para pequenas assimetrias de tratamento que não chegam necessariamente a constituir injustiça grave, mas perturbam a percepção de equilíbrio.

03 Impulso de repor uma proporção que parece desviada.

ETIMOLOGIA formação inspirada no latim justus, «justo», com terminação expressiva -ímia de valor afectivo.

EXEMPLO Ninguém pareceu reparar que uma pessoa tinha feito quase todo o trabalho e outra recebera os agradecimentos; a justímia dela não conseguiu deixar o detalhe passar.

justoscopia

jus·tos·co·pi·a

s. f.

01 Reavaliação repetida de uma situação passada com o objectivo de determinar se se foi tratado de maneira justa, injusta ou desproporcionada.

02 Exame retrospectivo de pequenas diferenças de tratamento que continua depois de a situação já ter terminado.

03 Investigação mental em que a memória é sucessivamente convocada como testemunha, acusação e tribunal.

ETIMOLOGIA formação expressiva de justo e do grego -scopia, de skopeîn, «observar, examinar».

EXEMPLO A reunião tinha acabado havia horas, mas uma justoscopia continuava a comparar quem fora interrompido, quem recebera crédito e quem tivera direito à última palavra.

juxtescuta

jux·tes·cu·ta

s. f.

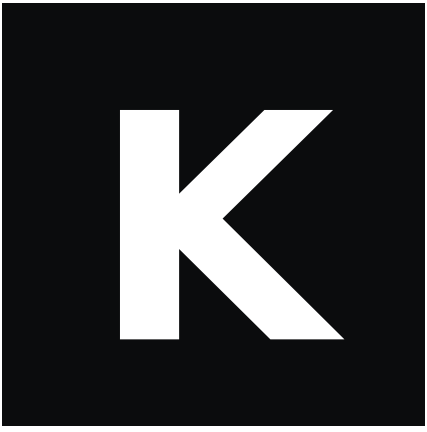
01 Alteração perceptiva de um som ou música causada pela audição imediatamente anterior ou posterior de outro material sonoro muito diferente.

02 Mudança aparente de densidade, brilho, velocidade, volume ou carácter de uma obra produzida pelo contraste com aquilo que foi ouvido ao lado dela.

03 Escuta relacional em que um som modifica perceptivamente outro sem que nenhum deles seja materialmente alterado.

ETIMOLOGIA formação expressiva por contracção de juxta, do latim «junto de, ao lado», e escuta.

EXEMPLO Depois de dez minutos de ruído muito denso, o quarteto de cordas pareceu quase transparente; era juxtescuta, não uma alteração da gravação.



012 PALAVRAS / TERRITÓRIO K

Kilómetros de língua podem caber
numa palavra acabada de nascer.

kairalgia

kai·ral·gi·a

s. f.

01 Desconforto provocado pela percepção tardia de que existiu um momento especialmente adequado para dizer, perguntar ou fazer alguma coisa e que esse momento já passou.

02 Arrependimento dirigido menos ao conteúdo de uma decisão do que ao instante em que ela deixou de poder acontecer com a mesma naturalidade.

03 Dor ligeira do momento oportuno perdido.

ETIMOLOGIA formação a partir do grego kairós, «momento oportuno, ocasião certa», e álgos, «dor».

EXEMPLO Só depois de se despedirem percebeu que aquela teria sido a ocasião perfeita para fazer a pergunta; a kairalgia acompanhou-o durante o caminho inteiro.

kairélia

kai·ré·li·a

s. f.

01 Percepção do momento exacto em que uma frase, pergunta, gesto ou decisão deve acontecer para produzir o efeito adequado.

02 Sensibilidade para distinguir entre fazer alguma coisa cedo demais, tarde demais ou precisamente quando a situação se tornou receptiva a ela.

03 Pequena inteligência do momento oportuno.

ETIMOLOGIA formação inspirada no grego kairós, «momento oportuno, ocasião certa», com terminação -élia de valor perceptivo e episódico.

EXEMPLO A pergunta era delicada e ele esperou quase toda a conversa; uma kairélia disse-lhe finalmente quando a podia fazer sem a transformar numa invasão.

kairurgia

kai·rur·gi·a

s. f.

01 Utilização artística do momento exacto em que um acontecimento deve surgir para que a sua posição temporal faça parte do seu significado.

02 Construção de uma obra em que entrada, interrupção, repetição ou desaparecimento dependem menos da duração absoluta do que da oportunidade com que acontecem.

03 Composição através do momento oportuno.

ETIMOLOGIA formação do grego kairós, «ocasião, momento adequado», e -urgia, de érgon, «obra, trabalho».

EXEMPLO O silêncio não era particularmente longo, mas a kairurgia fazia com que surgisse exactamente quando o ouvinte esperava a continuação.

karaomnésia

ka·ra·om·né·si·a

s. f.

01 Capacidade de recordar palavras de uma canção apenas enquanto a melodia ou o acompanhamento está a decorrer.

02 Memória verbal dependente da música, pela qual uma letra aparentemente esquecida regressa exactamente no instante em que deve ser cantada.

03 Situação em que uma pessoa seria incapaz de recitar uma canção mas consegue cantá-la quase inteira.

ETIMOLOGIA formação inspirada em karaoke e no grego mnēsis, «memória», aplicada à recuperação verbal guiada pela música.

EXEMPLO Não conseguia recordar a segunda frase do refrão, mas bastou a guitarra começar para a karaomnésia devolver todas as palavras na ordem certa.

kinemnésia

ki·ne·mné·si·a

s. f.

01 Memória de uma sequência conservada mais facilmente como movimento corporal do que como informação conscientemente reproduzível.

02 Capacidade de executar uma combinação de teclas, movimentos dos dedos ou gestos aprendidos sem conseguir descrevê-los verbalmente com igual facilidade.

03 Situação em que o corpo sabe uma informação que a linguagem não consegue recuperar.

ETIMOLOGIA formação inspirada no grego kínēsis, «movimento», e mnēsis, «memória».

EXEMPLO Perguntaram-lhe qual era a palavra-passe e não soube responder; diante do teclado, a kinemnésia fez os dedos escrevê-la sem hesitação.

kinestélia

ki·nes·té·li·a

s. f.

01 Prazer físico imediato de voltar a mover o corpo depois de um período prolongado de imobilidade.

02 Sensação de recuperação corporal provocada por caminhar, esticar-se ou mudar de posição depois de muitas horas sentado ou parado.

03 Pequena alegria muscular produzida simplesmente pelo regresso do movimento.

ETIMOLOGIA formação inspirada no grego kínēsis, «movimento», com terminação -élia de valor sensorial e episódico.

EXEMPLO Depois de três horas ao computador, levantou-se e atravessou a casa numa kinestélia que tornou inesperadamente interessante possuir pernas.

kintsélia

kint·sé·li·a

s. f.

01 Aumento do valor afectivo de um objecto depois de este ter sido reparado, sobretudo quando a reparação permanece visível.

02 Apego produzido pela incorporação de uma quebra na história material de uma coisa, em vez da tentativa de apagar completamente aquilo que lhe aconteceu.

03 Qualidade pela qual um objecto reparado pode tornar-se mais singular para quem o possui do que era quando estava intacto.

ETIMOLOGIA formação inspirada no japonês kintsugi, técnica de reparação de cerâmica que torna visível a fractura, com terminação -élia de valor afectivo. A palavra não designa a técnica, mas a alteração da relação com o objecto reparado.

EXEMPLO A chávena valia pouco antes de partir; depois de colada pela própria mão adquiriu uma kintsélia que tornou impensável substituí-la por outra igual.

klangnésia

klang·né·si·a

s. f.

01 Reconhecimento imediato de um som muito familiar depois de um longo período sem o ouvir, antes mesmo de se identificar conscientemente a sua fonte.

02 Memória auditiva particularmente ligada à sonoridade específica de um instrumento, máquina, objecto ou lugar.

03 Situação em que o ouvido reconhece primeiro e a memória explica depois.

ETIMOLOGIA formação inspirada no alemão Klang, «som, sonoridade», e no grego mnēsis, «memória».

EXEMPLO Ouviu dois segundos da velha caixa de ritmos e uma klangnésia devolveu-lhe imediatamente um estúdio onde não entrava havia trinta anos.

klangúria

klan·gú·ri·a

s. f.

01 Impulso de conservar, gravar ou reutilizar artisticamente um som encontrado por causa da sua qualidade tímbrica, independentemente da fonte que o produziu.

02 Atracção imediata por uma matéria sonora antes de existir qualquer ideia clara sobre a função que poderá ter numa obra.

03 Estado criativo em que um som é primeiro escolhido porque possui uma qualidade irresistível, ficando para depois descobrir o que fazer com ele.

ETIMOLOGIA formação inspirada no alemão Klang, «som, sonoridade», com terminação -úria de valor impulsivo e criativo.

EXEMPLO A porta metálica fez um ruído estranho ao fechar; uma klangúria levou-o a gravá-la antes mesmo de saber para que peça poderia servir.

knobélia

kno·bé·li·a

s. f.

01 Impulso de rodar, deslocar ou experimentar um botão físico apenas por este oferecer uma resposta táctil satisfatória, mesmo quando não existe verdadeira necessidade de alterar o parâmetro que controla.

02 Prazer de manipular controlos mecânicos cuja resistência, clique ou percurso tornam o gesto interessante por si próprio.

03 Pequena preferência afectiva pelo botão que se roda sobre a função equivalente escondida num menu.

ETIMOLOGIA formação inspirada no inglês knob, «botão rotativo», com terminação -élia de valor táctil e afectivo.

EXEMPLO O volume já estava exactamente como queria, mas uma knobélia levou-o a rodar o botão ligeiramente para a esquerda e de novo para a direita só para sentir o mecanismo.

koanésia

ko·a·né·si·a

s. f.

01 Alteração súbita de perspectiva produzida por uma pergunta, frase ou problema aparentemente absurdo que interrompe uma maneira habitual de pensar.

02 Momento em que uma formulação sem solução lógica evidente se revela útil precisamente porque obriga a abandonar os termos em que o problema estava colocado.

03 Pequeno curto-circuito cognitivo capaz de abrir uma possibilidade que o raciocínio linear não encontrava.

ETIMOLOGIA formação inspirada no japonês kōan, enunciado ou problema usado em tradições Zen para desafiar modos habituais de pensamento, com terminação -ésia de valor perceptivo.

EXEMPLO Perguntou-lhe como faria a peça se estivesse proibido de utilizar o instrumento para que a escrevera; a koanésia não respondeu à pergunta, mas resolveu o problema.

kronélia

kro·né·li·a

s. f.

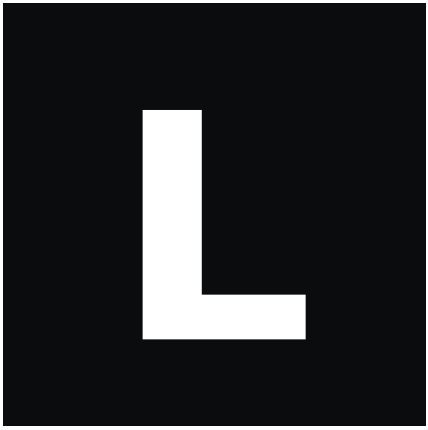
01 Surpresa produzida ao descobrir quanto tempo passou durante uma actividade absorvente.

02 Desajustamento entre a duração subjectivamente sentida de uma experiência e a duração indicada pelo relógio.

03 Momento em que o tempo exterior aparece subitamente muito maior do que aquele que parecia ter passado por dentro.

ETIMOLOGIA formação inspirada no grego chrónos, «tempo», grafado deliberadamente com K no território excepcional desta letra, com terminação -élia de valor episódico.

EXEMPLO Sentou-se para trabalhar durante alguns minutos; uma kronélia aconteceu quando levantou os olhos e descobriu que tinham passado três horas.



027 PALAVRAS / TERRITÓRIO L

Lembrar também é descobrir que o passado ainda procura vocabulário.

labirésia

la·bi·ré·si·a

s. f.

01 Situação em que uma pessoa abre uma aplicação, menu, pasta ou página digital para realizar uma tarefa simples e, depois de vários desvios sucessivos, já não se lembra exactamente do que ia fazer.

02 Perda do objectivo inicial provocada pela própria navegação necessária para o alcançar.

03 Pequeno labirinto digital em que cada clique parece razoável até deixar de se saber onde começou o percurso.

ETIMOLOGIA formação inspirada em labirinto, com terminação -ésia de valor episódico.

EXEMPLO Abriu o telemóvel para consultar uma morada, respondeu a uma mensagem, viu uma fotografia, abriu uma notícia e uma labirésia devolveu-o ao ecrã inicial sem a menor ideia do que procurava.

lacrência

la·crên·ci·a

s. f.

01 Percepção de que determinado assunto se tornou socialmente fechado, embora ninguém tenha declarado explicitamente que não deseja continuar a falar dele.

02 Sensibilidade para respostas mais curtas, desvios de olhar, ausência de perguntas ou outros sinais que sugerem que uma conversa chegou ao limite da disponibilidade de alguém.

03 Capacidade de reconhecer quando insistir numa pergunta deixaria de ser curiosidade e começaria a ser invasão.

ETIMOLOGIA formação expressiva inspirada em lacre, com o sufixo -ência, designando a percepção de um assunto que parece ter sido simbolicamente selado.

EXEMPLO Ela respondeu educadamente à primeira pergunta, depois à segunda; a lacrência dele percebeu que uma terceira já não pertenceria à mesma conversa.

lacunélia

la·cu·né·li·a

s. f.

01 Percepção de que falta alguma coisa num conjunto familiar antes de se conseguir identificar exactamente o que desapareceu.

02 Sensação de ausência produzida por uma alteração mínima na disposição habitual de objectos, pessoas ou elementos recorrentes.

03 Estado em que a falta é reconhecida antes da coisa que falta.

ETIMOLOGIA formação inspirada no latim lacuna, «falta, espaço vazio», com terminação -élia de valor perceptivo.

EXEMPLO Entrou na sala e teve imediatamente uma lacunélia; só alguns minutos depois percebeu que o pequeno quadro junto à porta já não estava lá.

lapsúria

lap·sú·ri·a

s. f.

01 Convicção de já se ter respondido a uma mensagem porque a resposta foi formulada mentalmente, embora nunca tenha chegado a ser escrita ou enviada.

02 Confusão entre a intenção de responder e o acto efectivo de o fazer.

03 Pequeno erro administrativo da memória em que uma conversa imaginada é arquivada como acontecida.

ETIMOLOGIA formação expressiva inspirada no latim lapsus, «deslize, erro», com terminação -úria de valor episódico.

EXEMPLO Estranhou não receber resposta durante dois dias até descobrir que sofrera de lapsúria: a mensagem que recordava perfeitamente ter enviado existia apenas na sua cabeça.

larguência

lar·gu·ên·ci·a

s. f.

01 Capacidade de deixar a outra pessoa pensar, procurar palavras ou permanecer em silêncio sem preencher imediatamente o intervalo.

02 Competência conversacional de oferecer espaço temporal ao interlocutor sem interpretar cada pausa como falha da comunicação.

03 Forma de escuta em que esperar faz parte da resposta.

ETIMOLOGIA formação inspirada em largo, no sentido de espaço amplo, com o sufixo -ência, aplicado ao espaço concedido dentro de uma conversa.

EXEMPLO Ela demorava a encontrar as palavras e ele tinha larguência suficiente para não lhe oferecer nenhuma antes de ela descobrir as suas.

latrélia

la·tré·li·a

s. f.

01 Tendência para atribuir valor desproporcionado a um objecto por este ter sido usado por uma pessoa admirada, independentemente das qualidades próprias do objecto.

02 Transferência afectiva de prestígio, admiração ou importância de uma pessoa para uma coisa que lhe pertenceu.

03 Pequena sacralização material produzida por proximidade biográfica.

ETIMOLOGIA formação inspirada no grego latreía, «serviço, veneração», com deslocação semântica para uma forma secular e quotidiana de reverência.

EXEMPLO Era uma palheta gasta e praticamente inútil, mas a latrélia transformou-a num objecto que ninguém se atrevia a deitar fora.

leitúria

lei·tú·ri·a

s. f.

01 Releitura repetida da mesma frase ou parágrafo porque os olhos continuaram a avançar enquanto a atenção estava ocupada noutro pensamento.

02 Situação em que se reconhece visualmente ter percorrido um texto sem ter adquirido qualquer informação sobre aquilo que acabou de ser lido.

03 Regresso obrigatório a palavras por onde o olhar passou sem companhia da compreensão.

ETIMOLOGIA formação expressiva a partir de leitura, com redução e terminação -úria de valor reiterativo.

EXEMPLO Chegou ao fim da página sem saber o que acontecera e uma leitúria obrigou-o a regressar ao mesmo parágrafo pela terceira vez.

lembrúria

lem·brú·ri·a

s. f.

01 Tendência para repetir mentalmente uma informação importante com receio de a esquecer antes de ser possível registá-la.

02 Manutenção activa de um nome, número, frase ou tarefa através de repetição interior contínua.

03 Estado em que uma parte do pensamento fica temporariamente ocupada a impedir que uma pequena informação desapareça.

ETIMOLOGIA formação expressiva a partir de lembrar, com terminação -úria de valor insistente.

EXEMPLO Caminhou até ao outro quarto numa lembrúria de «pilhas, pilhas, pilhas» para impedir que outra ideia chegasse primeiro.

lentélia

len·té·li·a

s. f.

01 Prazer de executar deliberadamente uma actividade habitual mais devagar do que seria necessário, sem intenção de optimizar ou acelerar o resultado.

02 Redução voluntária do ritmo de uma tarefa para permitir maior atenção ao próprio gesto.

03 Pequena suspensão da obrigação de eficiência.

ETIMOLOGIA formação expressiva inspirada em lento, com terminação -élia de valor afectivo.

EXEMPLO Podia ter feito o café em dois minutos, mas uma lentélia levou-o a moer os grãos devagar e a ouvir a água antes de a deitar.

lenturgia

len·tur·gi·a

s. f.

01 Utilização artística deliberada da lentidão como princípio estrutural e não apenas como redução de velocidade.

02 Construção de uma obra em que a duração prolongada de movimentos, transformações ou acontecimentos modifica a atenção do espectador ou ouvinte.

03 Composição através de uma velocidade suficientemente baixa para tornar perceptíveis alterações que uma progressão mais rápida ocultaria.

ETIMOLOGIA formação expressiva inspirada em lento e no elemento grego -urgia, de érgon, «obra, trabalho».

EXEMPLO O movimento demorava vários minutos a atravessar o palco; a lenturgia fazia com que cada deslocação mínima adquirisse uma dimensão que um gesto rápido nunca teria.

lexidélia

le·xi·dé·li·a

s. f.

01 Satisfação produzida pela descoberta da palavra exacta depois de várias aproximações que pareciam insuficientes.

02 Prazer de encontrar uma formulação que elimina de repente a necessidade de continuar a explicar aquilo que se pretendia dizer.

03 Momento em que uma palavra consegue ocupar precisamente o espaço conceptual que até então exigia uma frase inteira.

ETIMOLOGIA formação inspirada no grego léxis, «palavra, expressão», com terminação -délia de valor afectivo e episódico.

EXEMPLO Passou dez minutos a descrever o sentimento até alguém pronunciar a palavra certa; a lexidélia foi quase física.

limenésia

li·me·né·si·a

s. f.

01 Percepção de que uma situação está prestes a mudar de natureza antes de essa transformação possuir uma forma claramente identificável.

02 Sensibilidade para o instante em que uma conversa deixa de ser casual, uma visita começa a tornar-se despedida ou um encontro passa de formal a íntimo.

03 Reconhecimento de um limiar enquanto ainda se está a atravessá-lo.

ETIMOLOGIA formação inspirada no latim limen, «limiar, entrada», com terminação -ésia de valor perceptivo.

EXEMPLO Continuavam a falar do mesmo assunto, mas uma limenésia fez-lhe perceber que a conversa tinha acabado de deixar de ser apenas profissional.

liminurgia

li·mi·nur·gi·a

s. f.

01 Construção artística centrada em estados de passagem, transição ou indefinição entre duas condições.

02 Processo composicional que trabalha deliberadamente com aquilo que ainda não se tornou uma coisa e já deixou de ser inteiramente outra.

03 Em música, cinema, instalação, dança, literatura ou performance, criação através de limiares, transformações graduais e estados intermédios.

ETIMOLOGIA formação do latim limen, «limiar», e do elemento grego -urgia, de érgon, «obra, trabalho».

EXEMPLO A peça nunca apresentava claramente o momento em que o ruído se tornava música; a liminurgia fazia dessa passagem quase imperceptível o verdadeiro assunto.

limpélia

lim·pé·li·a

s. f.

01 Satisfação provocada por remover completamente uma etiqueta, película, nó, resíduo adesivo ou outra pequena coisa que costuma deixar vestígios.

02 Prazer desproporcionado de concluir uma operação material sem restos, rasgões ou imperfeições.

03 Pequena vitória produzida quando alguma coisa sai inteira quando normalmente sairia aos pedaços.

ETIMOLOGIA formação expressiva inspirada em limpo, com terminação -élia de valor afectivo e episódico.

EXEMPLO A etiqueta desprendeu-se de uma só vez sem deixar cola; a limpélia foi suficientemente intensa para justificar mostrar o resultado a outra pessoa.

lisotéria

li·so·té·ri·a

s. f.

01 Tendência para alisar repetidamente uma superfície, folha, toalha, roupa ou objecto que já está suficientemente direito.

02 Pequeno gesto manual de correcção sem necessidade funcional clara, frequentemente realizado enquanto se pensa ou conversa.

03 Tentativa de resolver através das mãos uma irregularidade que talvez exista apenas na atenção.

ETIMOLOGIA formação expressiva inspirada em liso e alisar, com terminação -téria de valor reiterativo.

EXEMPLO Enquanto ouvia a explicação passou cinco minutos em lisotéria sobre a borda da toalha, que já não tinha uma única dobra visível.

listélia

lis·té·li·a

s. f.

01 Satisfação provocada por riscar, assinalar ou eliminar uma tarefa de uma lista depois de concluída.

02 Prazer administrativo de transformar uma obrigação escrita em prova visual de progresso.

03 Por ext. impulso de acrescentar à lista uma tarefa já realizada apenas para poder assinalá-la imediatamente como concluída.

ETIMOLOGIA formação expressiva a partir de lista, com terminação -élia de valor afectivo.

EXEMPLO Já tinha enviado o e-mail quando reparou que não o escrevera na lista; uma listélia bastante pouco digna levou-o a acrescentar «enviar e-mail» apenas para o poder riscar.

listúria

lis·tú·ri·a

s. f.

01 Produção sucessiva de listas destinadas a organizar uma tarefa que permanece por começar.

02 Substituição temporária da execução por instrumentos de planeamento cada vez mais detalhados.

03 Estado em que organizar o que falta fazer se torna suficientemente satisfatório para adiar aquilo que falta fazer.

ETIMOLOGIA formação expressiva a partir de lista, com terminação -úria de valor insistente e acumulativo.

EXEMPLO Fez uma lista geral, depois uma por prioridades e outra por horários; ao fim de uma hora de listúria, nenhuma das tarefas tinha sido iniciada.

locuância

lo·cu·ân·ci·a

s. f.

01 Capacidade de entrar numa conversa já iniciada sem interromper abruptamente o seu ritmo nem obrigar os participantes a reconstruir tudo o que foi dito.

02 Competência social de identificar o momento e a forma adequados para passar de ouvinte periférico a participante.

03 Aptidão para juntar a própria voz a uma conversa sem a fazer recomeçar.

ETIMOLOGIA formação inspirada no latim loqui, «falar», com o sufixo -ância, aplicado a uma competência conversacional.

EXEMPLO Chegou a meio da discussão e, graças à locuância, conseguiu participar sem perguntar imediatamente aquilo que todos tinham acabado de explicar.

locutélia

lo·cu·té·li·a

s. f.

01 Alteração imediata da percepção de um texto quando este é lido em voz alta depois de ter sido trabalhado silenciosamente.

02 Descoberta de problemas de ritmo, repetição, extensão ou sintaxe que permaneciam pouco visíveis enquanto as palavras eram apenas lidas mentalmente.

03 Passagem crítica em que a boca revela ao texto aquilo que os olhos lhe tinham permitido esconder.

ETIMOLOGIA formação inspirada no latim locutio, «fala, maneira de falar», com terminação -élia de valor perceptivo.

EXEMPLO O parágrafo parecia terminado até o ler em voz alta; a locutélia mostrou-lhe imediatamente onde a frase deixava de respirar.

loquimetria

lo·qui·me·tri·a

s. f.

01 Capacidade de avaliar quanta explicação uma pessoa precisa antes de uma resposta se tornar insuficiente ou excessiva.

02 Sensibilidade para ajustar a quantidade de detalhe ao conhecimento, interesse e contexto do interlocutor.

03 Competência de saber quando uma explicação já disse o suficiente.

ETIMOLOGIA formação inspirada no latim loqui, «falar», e no grego métron, «medida».

EXEMPLO Perguntaram-lhe apenas como funcionava o aparelho; a sua loquimetria impediu que uma resposta de dois minutos se transformasse numa conferência sobre electrónica.

loopélia

loo·pé·li·a

s. f.

01 Alteração perceptiva produzida pela repetição contínua de um fragmento sonoro muito curto até este começar a revelar ritmos, acentos, figuras ou sentidos que não eram evidentes nas primeiras repetições.

02 Estado de escuta em que a repetição deixa de confirmar o mesmo e começa a fazer ouvir diferenças dentro do aparentemente idêntico.

03 Transformação subjectiva de um fragmento provocada apenas pelo facto de este regressar muitas vezes.

ETIMOLOGIA formação inspirada no inglês loop, já corrente no vocabulário musical e tecnológico, com terminação -éliade valor perceptivo.

EXEMPLO Repetiu os mesmos dois segundos de gravação durante vários minutos e uma loopélia fez aparecer uma pequena melodia onde antes ouvia apenas ruído.

ludéria

lu·dé·ri·a

s. f.

01 Transformação espontânea de uma tarefa repetitiva em pequeno jogo através da criação informal de regras, metas, ritmos ou desafios.

02 Estratégia pela qual uma actividade sem carácter lúdico adquire interesse por ser temporariamente tratada como se tivesse pontuação ou objectivo próprio.

03 Introdução de jogo onde ninguém o tinha pedido.

ETIMOLOGIA formação inspirada no latim ludus, «jogo», com terminação -éria de valor processual.

EXEMPLO Começou a guardar os livros normalmente e uma ludéria acabou por obrigá-lo a tentar terminar cada prateleira antes de acabar a música que estava a tocar.

lufélia

lu·fé·li·a

s. f.

01 Prazer imediato provocado pela primeira corrente de ar fresco que entra num espaço demasiado quente ou abafado depois de se abrir uma janela ou porta.

02 Sensação de alívio corporal produzida por uma mudança mínima de circulação do ar.

03 Pequena felicidade atmosférica cuja duração costuma ser inferior à gratidão que provoca.

ETIMOLOGIA formação expressiva inspirada em lufada, com terminação -élia de valor sensorial e episódico.

EXEMPLO Abriu finalmente a janela e a primeira lufélia atravessou a sala como se alguém tivesse acabado de melhorar o mundo por alguns graus.

lumésia

lu·mé·si·a

s. f.

01 Memória de um lugar ou acontecimento desencadeada não pelo objecto observado, mas por uma qualidade particular da luz.

02 Reaparecimento de uma situação passada através de determinada combinação de claridade, sombra, cor ou hora do dia.

03 Forma de memória em que a luz parece reconhecer primeiro aquilo de que a pessoa só depois se recorda.

ETIMOLOGIA formação inspirada no latim lumen, «luz», com terminação -ésia de valor mnésico e perceptivo.

EXEMPLO A sala não se parecia em nada com a casa antiga, mas a luz de fim de tarde provocou uma lumésia tão precisa que por um instante voltou a sentir o corredor da infância.

lumifúgio

lu·mi·fú·gi·o

s. m.

01 Procura espontânea de sombra ou de uma zona menos iluminada quando a intensidade da luz se torna excessiva para aquilo que se pretende fazer.

02 Deslocação pequena e quase automática do corpo para fugir de reflexos, encandeamento ou exposição directa.

03 Lugar temporário encontrado pelo corpo quando a luz começa a ocupar demasiado espaço.

ETIMOLOGIA formação do latim lumen, «luz», e fugium, relacionado com fugere, «fugir».

EXEMPLO Tentou continuar a ler ao sol, mas acabou por organizar um lumifúgio entre o guarda-sol e a parede.

lumipoiese

lu·mi·poi·e·se

s. f.

01 Construção artística em que a luz funciona como matéria temporal, estrutural ou composicional e não apenas como meio de tornar outras coisas visíveis.

02 Processo em que intensidade, direcção, cor, sombra, duração ou transformação luminosa participam directamente na produção da forma.

03 Em instalação, cinema, performance, fotografia, arquitectura ou artes visuais, criação através da própria luz.

ETIMOLOGIA formação híbrida do latim lumen, «luz», e do grego poíēsis, «criação, produção». Substitui uma formação anterior, luminurgia, por esta já apresentar usos prévios.

EXEMPLO Na instalação não havia objectos centrais: a lumipoiese fazia com que a alteração quase imperceptível da luz ao longo de vinte minutos fosse a própria obra.

luscoélia

lus·co·é·li·a

s. f.

01 Prazer particular de permanecer num espaço durante a transição da luz natural para a escuridão sem acender imediatamente iluminação artificial.

02 Período em que se permite que uma divisão escureça lentamente em torno de quem nela permanece.

03 Pequena resistência doméstica a interromper o crepúsculo com um interruptor.

ETIMOLOGIA formação inspirada em lusco-fusco, com terminação -élia de valor afectivo e episódico.

EXEMPLO Continuou sentado enquanto a sala perdia lentamente a luz; a luscoélia fazia-lhe parecer excessivamente brusco carregar no interruptor.



029 PALAVRAS / TERRITÓRIO M

Muitas coisas pequenas tornam-se visíveis assim que encontram uma palavra.

malentélia

ma·len·té·li·a

s. f.

01 Percepção de que duas pessoas começaram a compreender de maneira diferente aquilo que está a ser dito, antes de o mal-entendido se tornar explícito.

02 Sensibilidade para pequenas respostas, hesitações ou reformulações que indicam que os interlocutores já não estão exactamente na mesma conversa.

03 Momento em que uma divergência de interpretação ainda pode ser corrigida antes de produzir consequências.

ETIMOLOGIA formação expressiva inspirada em mal-entendido, com terminação -élia de valor perceptivo e episódico.

EXEMPLO Quando ele respondeu «sim, terça serve» a uma pergunta que era sobre quarta, uma malentélia permitiu corrigir a conversa antes de nascer um encontro inexistente.

mapélia

ma·pé·li·a

s. f.

01 Capacidade de orientar-se num lugar através de referências particulares que não fariam necessariamente sentido para outra pessoa.

02 Construção de um mapa mental feito de árvores, fachadas, lojas, sons, cheiros ou acidentes do percurso em vez de nomes de ruas e coordenadas.

03 Forma pessoal de geografia em que «depois da casa azul» pode constituir uma indicação mais eficaz do que qualquer topónimo.

ETIMOLOGIA formação expressiva inspirada em mapa, com terminação -élia de valor perceptivo.

EXEMPLO Não sabia o nome de nenhuma das ruas, mas a mapélia levava-o sem hesitação pelo muro amarelo, pela padaria e pela árvore torta.

margênsia

mar·gên·si·a

s. f.

01 Capacidade de perceber que uma parte importante de uma afirmação se encontra naquilo que foi deixado à margem dela.

02 Sensibilidade para detalhes laterais, hesitações, exemplos aparentemente secundários ou pequenas omissões que podem alterar a interpretação de um discurso.

03 Leitura da periferia de uma comunicação sem pressupor que os indícios encontrados sejam conclusivos.

ETIMOLOGIA formação inspirada em margem, com terminação -ênsia de valor perceptivo.

EXEMPLO A história parecia ser sobre o trabalho, mas a margênsia dela reparou que ele mencionara três vezes a mesma pessoa como se fosse apenas um detalhe.

matergência

ma·ter·gên·ci·a

s. f.

01 Capacidade de uma matéria utilizada numa obra influenciar activamente a forma final através das suas propriedades, resistências, acidentes ou limitações.

02 Processo criativo em que madeira, tinta, pedra, tecido, som, película ou outro material deixa de funcionar como suporte inteiramente passivo e começa a modificar a própria ideia que deveria realizar.

03 Emergência de decisões artísticas produzidas pelo encontro entre intenção e comportamento da matéria.

ETIMOLOGIA formação por contracção de matéria e emergência, destinada a nomear aquilo que emerge da própria relação material.

EXEMPLO Pretendia uma superfície perfeitamente regular, mas a tinta começou a formar pequenas fissuras; em vez de as corrigir, deixou que a matergência reorganizasse toda a pintura.

matinória

ma·ti·nó·ri·a

s. f.

01 Sensação de que o dia já vai muito adiantado por se terem realizado várias tarefas cedo, apesar de ainda ser objectivamente manhã.

02 Desajustamento entre a hora indicada pelo relógio e a quantidade de dia que parece já ter acontecido.

03 Estado em que dez da manhã podem adquirir emocionalmente a idade das quatro da tarde.

ETIMOLOGIA formação inspirada no latim matutinus, «da manhã», com terminação -ória de valor temporal.

EXEMPLO Já tinha ido ao banco, feito compras e respondido a cinco mensagens; a matinória tornou surpreendente descobrir que ainda nem sequer eram onze.

matutélia

ma·tu·té·li·a

s. f.

01 Prazer de estar acordado durante algum tempo antes de começar aquilo que o dia exige.

02 Sensação de possuir uma pequena região da manhã ainda não ocupada por compromissos, mensagens, trabalho ou deslocações.

03 Período em que estar desperto não significa ainda ter começado oficialmente o dia.

ETIMOLOGIA formação inspirada no latim matutinus, «matinal, da manhã», com terminação -élia de valor afectivo.

EXEMPLO A reunião era só às dez e ele acordara às sete; uma matutélia transformou aquelas três horas em território que ainda não pertencia a ninguém.

meandrésia

me·an·dré·si·a

s. f.

01 Desvio progressivo de uma conversa para assuntos sucessivamente afastados do tema inicial sem que nenhum dos participantes deseje regressar a ele.

02 Forma produtiva de deriva conversacional em que cada associação cria legitimamente a seguinte.

03 Situação em que uma conversa chega a um lugar interessante precisamente porque deixou de saber para onde ia.

ETIMOLOGIA formação inspirada em meandro, do grego Maíandros, nome de um rio proverbialmente sinuoso, com terminação -ésia de valor processual.

EXEMPLO Começaram por falar de um filme, passaram por estações ferroviárias e terminaram numa discussão sobre polvos; a meandrésia tinha feito um percurso que nenhum deles saberia reconstruir.

membrésia

mem·bré·si·a

s. f.

01 Recordação despertada pela posição específica do corpo, por um gesto ou pela maneira particular de ocupar um espaço.

02 Memória que regressa não através de uma imagem ou palavra, mas quando braços, pernas, mãos ou postura repetem uma configuração antiga.

03 Reconhecimento corporal de uma situação antes de esta ser recuperada narrativamente pela memória.

ETIMOLOGIA formação inspirada no latim membrum, «membro do corpo», com terminação -ésia de valor mnésico.

EXEMPLO Sentou-se no chão com as costas contra a parede e uma membrésia devolveu-lhe imediatamente a maneira como ouvia discos naquele quarto aos vinte anos.

menudélia

me·nu·dé·li·a

s. f.

01 Satisfação de descobrir num menu digital uma opção pequena mas exactamente correspondente a uma necessidade que se julgava não estar prevista.

02 Prazer tecnológico de encontrar, depois de alguma procura, a configuração que permite finalmente fazer uma coisa simples da maneira desejada.

03 Pequena reconciliação com uma interface depois de esta demonstrar que escondia a função certa.

ETIMOLOGIA formação a partir de menu, com terminação -délia de valor descobertivo e afectivo.

EXEMPLO Já se preparava para desistir quando encontrou a opção «mostrar apenas favoritos»; a menudélia restituiu durante alguns segundos a sua fé no desenho de interfaces.

mensurélia

men·su·ré·li·a

s. f.

01 Satisfação provocada quando uma quantidade cabe exactamente no recipiente, espaço ou intervalo disponível sem ter sido calculada previamente.

02 Prazer de ver desaparecer por acaso a diferença entre aquilo que havia e aquilo que cabia.

03 Pequena coincidência doméstica em que o mundo parece, durante alguns segundos, ter sido correctamente dimensionado.

ETIMOLOGIA formação inspirada no latim mensura, «medida», com terminação -élia de valor afectivo e episódico.

EXEMPLO Deitou o resto da sopa para a caixa e esta ficou cheia exactamente até à borda; a mensurélia pareceu-lhe uma competência que não tinha tido qualquer participação em adquirir.

mescléria

mes·clé·ri·a

s. f.

01 Tendência para reunir num único recipiente pequenas quantidades restantes de produtos semelhantes que, separadamente, já parecem insuficientes para justificar a sua existência.

02 Operação doméstica pela qual restos de sabonete líquido, detergente, especiarias ou outros conteúdos são obrigados a constituir uma última unidade colectiva.

03 Tentativa de impedir que várias pequenas sobras sejam reconhecidas individualmente como fim.

ETIMOLOGIA formação expressiva inspirada em mesclar, com terminação -éria de valor acumulativo e material.

EXEMPLO Três frascos tinham menos de um dedo de champô cada um; uma mescléria produziu um quarto frasco de composição química ligeiramente aventureira.

metafrésia

me·ta·fré·si·a

s. f.

01 Descoberta de uma metáfora que permite dizer com precisão algo que a linguagem literal estava a tornar difícil, excessivamente abstracto ou emocionalmente impraticável.

02 Mudança súbita de compreensão produzida quando uma relação figurada reorganiza um problema.

03 Momento em que comparar uma coisa com outra deixa de ornamentar a linguagem e começa efectivamente a pensar.

ETIMOLOGIA formação inspirada no grego metaphorá, «transferência», e phrásis, «expressão», através de contracção expressiva.

EXEMPLO Tentara explicar durante minutos como funcionava a memória; a metafrésia surgiu quando disse que algumas lembranças eram quartos cuja chave continuávamos a ter sem saber em que casa ficavam.

microfúria

mi·cro·fú·ri·a

s. f.

01 Irritação breve e desproporcionada causada por um obstáculo minúsculo e repetitivo: uma tampa que não abre, um cabo que prende, uma aplicação que pede novamente a mesma coisa.

02 Explosão emocional de pequena escala desencadeada não pela gravidade do problema, mas pela combinação entre insignificância e insistência.

03 Raiva que perderia quase toda a legitimidade se tivesse tempo para se explicar.

ETIMOLOGIA formação de micro- e fúria, aplicada a episódios de intensidade curta e causa mínima.

EXEMPLO A embalagem recusou-se a abrir pelo terceiro lado e uma microfúria fez com que por alguns segundos parecesse razoável declarar guerra ao plástico.

migrélia

mi·gré·li·a

s. f.

01 Deslocação gradual de um objecto desde o lugar onde deveria ser guardado até ao lugar onde acaba efectivamente por ser usado e deixado.

02 Processo pelo qual a organização teórica de uma casa é lentamente corrigida pelos hábitos reais dos seus habitantes.

03 Viagem doméstica de uma coisa até encontrar o sítio que a prática lhe atribui, apesar de ninguém o ter escolhido formalmente.

ETIMOLOGIA formação inspirada no latim migrare, «mudar de lugar, migrar», com terminação -élia de valor gradual.

EXEMPLO As tesouras tinham uma gaveta própria, mas meses de migrélia acabaram por estabelecer que o seu verdadeiro habitat era ao lado da impressora.

minutéria

mi·nu·té·ri·a

s. f.

01 Acumulação de pequenas tarefas de um ou dois minutos que, por serem individualmente insignificantes, permanecem todas por fazer.

02 Conjunto de obrigações mínimas cuja soma produz uma sensação de desordem muito maior do que o tempo necessário para as resolver.

03 Ecossistema doméstico ou administrativo de coisas rápidas adiadas.

ETIMOLOGIA formação expressiva inspirada em minuto, com terminação -éria de valor acumulativo.

EXEMPLO Responder a duas mensagens, trocar uma pilha, arquivar um recibo e apertar um parafuso: a minutéria inteira não ocupava quinze minutos, mas já sobrevivia havia semanas.

miravéria

mi·ra·vé·ri·a

s. f.

01 Impulso de olhar novamente para uma pessoa, objecto ou acontecimento imediatamente depois de se ter desviado o olhar, apenas para confirmar que aquilo que chamou a atenção continua ali.

02 Segunda observação motivada menos pela necessidade de obter nova informação do que pela dificuldade de considerar encerrada a primeira.

03 Pequena verificação visual da realidade.

ETIMOLOGIA formação inspirada em mirar e no latim verus, «verdadeiro», através de aproximação fonética.

EXEMPLO Passou pela montra, continuou a andar e cinco metros depois uma miravéria obrigou-o a voltar a cabeça para confirmar que o candeeiro era realmente tão estranho como parecera.

mitigésia

mi·ti·gé·si·a

s. f.

01 Percepção de que uma pessoa está a suavizar ou moderar, enquanto fala, uma formulação que inicialmente parecia encaminhar-se para uma expressão mais forte.

02 Sensibilidade para travagens, substituições vocabulares ou mudanças de tom através das quais alguém torna socialmente menos intensa uma frase ainda em construção.

03 Reconhecimento possível de uma auto-moderação discursiva sem pretender saber com certeza qual teria sido a formulação abandonada.

ETIMOLOGIA formação inspirada no latim mitigare, «abrandar, suavizar», com terminação -ésia de valor perceptivo.

EXEMPLO Começou por dizer «isto é completamente…» e acabou em «pouco claro»; a mitigésia dela ouviu a travagem antes de a frase encontrar estacionamento.

mnemofrásia

mne·mo·frá·si·a

s. f.

01 Recordação de uma pessoa desencadeada por uma expressão, construção verbal ou hábito de linguagem que lhe era característico.

02 Memória provocada pela maneira particular como alguém costumava dizer uma coisa e não propriamente pela coisa dita.

03 Persistência de uma voz dentro de certas formas de linguagem depois de a própria voz deixar de estar presente.

ETIMOLOGIA formação a partir do grego mnḗmē, «memória», e phrásis, «maneira de dizer, expressão».

EXEMPLO Leu «pois claro» escrito daquela maneira e uma mnemofrásia devolveu-lhe imediatamente a voz de quem costumava dizê-lo.

modulésia

mo·du·lé·si·a

s. f.

01 Percepção do momento em que uma pessoa altera discretamente a própria maneira de falar em função de quem acaba de entrar, sair ou assumir importância numa situação.

02 Sensibilidade para mudanças de tom, vocabulário, formalidade, volume ou postura comunicativa provocadas pelo contexto social.

03 Reconhecimento de uma adaptação da fala sem que esta implique necessariamente fingimento ou falta de autenticidade.

ETIMOLOGIA formação inspirada no latim modulari, «regular, ajustar», com terminação -ésia de valor perceptivo.

EXEMPLO Falava descontraidamente até o director entrar; a modulésia tornou audível a mudança antes mesmo de ele alterar o assunto.

monodélia

mo·no·dé·li·a

s. f.

01 Satisfação de se concentrar durante algum tempo numa única actividade sem alternar entre tarefas, mensagens, ecrãs ou interrupções.

02 Prazer de experimentar continuidade atencional num contexto habitualmente fragmentado.

03 Sensação rara de fazer apenas uma coisa e descobrir que isso constitui, afinal, uma experiência inteira.

ETIMOLOGIA formação do grego mónos, «único, só», com terminação -délia de valor afectivo.

EXEMPLO Leu durante uma hora sem tocar no telefone; a monodélia pareceu-lhe uma extravagância tecnológica.

morfurgia

mor·fur·gi·a

s. f.

01 Processo artístico em que uma obra se desenvolve principalmente através da transformação sucessiva de uma mesma matéria, forma, figura ou estrutura, em vez da acumulação de novos elementos.

02 Composição baseada em deformar, erosionar, expandir, contrair ou converter aquilo que já existe.

03 Criação em que produzir significa sobretudo transformar.

ETIMOLOGIA formação a partir do grego morphḗ, «forma», e -urgia, de érgon, «obra, trabalho».

EXEMPLO A peça começava com uma única figura que nunca desaparecia completamente; a morfurgia transformava-a até quase nada restar daquilo que fora no início.

morsúria

mor·sú·ri·a

s. f.

01 Tendência para reservar para o fim a porção de uma refeição considerada mais saborosa, organizando as restantes dentadas em função dessa conclusão.

02 Planeamento informal do prazer alimentar destinado a fazer com que a última experiência de um prato seja a melhor.

03 Pequena estratégia gastronómica pela qual uma batata, pedaço de queijo, crosta ou porção de molho adquire antecipadamente estatuto de final.

ETIMOLOGIA formação inspirada no latim morsus, «mordedura, dentada», com terminação -úria de valor comportamental.

EXEMPLO Comeu cuidadosamente à volta do pedaço mais tostado da batata; a morsúria tinha decidido desde o início quem encerraria o jantar.

mortélia

mor·té·li·a

s. f.

01 Sensação de perda ligeira ao terminar um livro, série, jogo, composição ou outra experiência prolongada que criou temporariamente um mundo habitual.

02 Estranheza de deixar de ter disponível uma continuidade ficcional ou artística que durante algum tempo fazia parte dos dias.

03 Pequeno luto pela conclusão de uma coisa cuja existência sabíamos desde o início que era limitada.

ETIMOLOGIA formação inspirada em morte, com terminação -élia de valor afectivo e não literal.

EXEMPLO Terminou o romance antes de dormir e ficou alguns minutos em mortélia, surpreendido por aquelas pessoas terem deixado de ter amanhã.

motércia

mo·tér·ci·a

s. f.

01 Conhecimento corporal da quantidade exacta de força, rotação ou pressão necessária para operar um objecto familiar.

02 Competência prática adquirida pelo uso que permite abrir uma porta difícil, rodar uma chave, regular uma torneira ou accionar um mecanismo sem calcular conscientemente o gesto.

03 Ajuste entre corpo e objecto produzido por convivência repetida.

ETIMOLOGIA formação inspirada no latim motus, «movimento», com terminação expressiva -ércia de valor operativo.

EXEMPLO A porta emperrava para qualquer visitante, mas anos de motércia faziam-no levantá-la dois milímetros enquanto rodava a chave sem sequer reparar no movimento.

mudélia

mu·dé·li·a

s. f.

01 Alívio silencioso produzido quando se percebe que uma decisão que parecia definitiva ainda pode ser alterada sem consequências graves.

02 Sensação de recuperar margem de escolha depois de descobrir que aquilo que foi decidido não ficou verdadeiramente fechado.

03 Pequena felicidade de verificar que ainda se pode mudar de ideias.

ETIMOLOGIA formação expressiva a partir de mudar, com terminação -élia de valor afectivo.

EXEMPLO Já tinha enviado a proposta quando lhe disseram que ainda podia rever a ordem das peças; a mudélia restituiu-lhe imediatamente três possibilidades que julgava perdidas.

mudotércia

mu·do·tér·ci·a

s. f.

01 Capacidade de perceber qual é a menor alteração necessária para modificar significativamente o resultado de uma coisa.

02 Sensibilidade prática para evitar correcções excessivas quando um pequeno ajuste de posição, intensidade, duração, proporção ou parâmetro é suficiente.

03 Em criação artística ou trabalho técnico, competência para distinguir transformação de exagero.

ETIMOLOGIA formação inspirada em mudar, com terminação -tércia de valor operativo.

EXEMPLO O som parecia demasiado brilhante; em vez de reconstruir a mistura inteira, a mudotércia levou-a a alterar ligeiramente um único parâmetro.

multivéria

mul·ti·vé·ri·a

s. f.

01 Capacidade de sustentar simultaneamente duas ou mais interpretações plausíveis da mesma frase, gesto, imagem ou situação sem decidir prematuramente qual delas é a correcta.

02 Disponibilidade para conservar uma ambiguidade enquanto faltam elementos suficientes para a resolver.

03 Forma de leitura que prefere várias hipóteses provisórias a uma certeza demasiado rápida.

ETIMOLOGIA formação inspirada no latim multus, «muitos», e verus, «verdadeiro», através de composição expressiva.

EXEMPLO A mensagem podia ser irónica, impaciente ou simplesmente breve; a multivéria impediu-a de escolher imediatamente a interpretação que mais a irritava.

murmélia

mur·mé·li·a

s. f.

01 Persistência vocal de uma música depois de esta terminar, através de assobio, murmúrio ou canto involuntário de um fragmento.

02 Continuação corporal de uma melodia cuja fonte sonora já desapareceu.

03 Estado em que uma música abandona os altifalantes mas ainda não abandona completamente quem a ouviu.

ETIMOLOGIA formação inspirada em murmurar, com terminação -élia de valor auditivo e episódico.

EXEMPLO A canção acabou no rádio, mas uma murmélia acompanhou-o pela cozinha durante os dez minutos seguintes.

mutímia

mu·tí·mi·a

s. f.

01 Momento em que o silêncio entre duas pessoas deixa de parecer um intervalo que é preciso preencher e passa a funcionar como forma confortável de companhia.

02 Transformação de uma pausa potencialmente embaraçosa numa presença partilhada que já não necessita de fala.

03 Pequena confirmação de intimidade produzida pela descoberta de que nada precisa de ser dito.

ETIMOLOGIA formação inspirada no latim mutus, «calado, silencioso», com terminação -ímia de valor relacional e afectivo.

EXEMPLO Depois de alguns minutos no banco do jardim nenhum dos dois procurou um novo assunto; a mutímia tinha retirado ao silêncio a obrigação de explicar-se.



030 PALAVRAS / TERRITÓRIO N

Nenhum nome resolve o mundo, mas alguns ajudam finalmente a encontrá-lo.

nadiância

na·di·ân·ci·a

s. f.

01 Prazer de descobrir um intervalo livre entre duas obrigações e decidir conscientemente não o preencher com outra tarefa.

02 Preservação deliberada de um período de tempo vazio apesar de existirem actividades úteis que poderiam ocupá-lo.

03 Pequena defesa do nada contra a eficiência.

ETIMOLOGIA formação expressiva a partir de nada, com terminação -iância de valor durativo.

EXEMPLO A reunião acabou quarenta minutos antes do previsto; em vez de aproveitar para tratar de e-mails, entregou os quarenta minutos a uma nadiância rigorosamente improdutiva.

narratúria

nar·ra·tú·ri·a

s. f.

01 Tendência para acrescentar a uma história sucessivos pormenores que parecem indispensáveis a quem conta mas pouco alteram aquilo que está a ser contado.

02 Crescimento involuntário de uma narrativa oral provocado pela dificuldade de distinguir contexto necessário de informação apenas disponível.

03 Estado em que uma história de três minutos começa a exigir a biografia de pessoas que nela aparecem durante quinze segundos.

ETIMOLOGIA formação expressiva a partir de narrar, com terminação -úria de valor expansivo e reiterativo.

EXEMPLO Bastava explicar por que chegara atrasado, mas uma narratúria obrigou primeiro a estabelecer quem era o vizinho, onde vivia e desde quando possuía aquele automóvel.

naufrésia

nau·fré·si·a

s. f.

01 Pequena perda digital produzida quando uma página, fluxo de notícias ou rede social se actualiza inesperadamente e faz desaparecer aquilo que se estava a ler antes de ser possível recuperá-lo.

02 Situação em que um texto, imagem ou publicação acaba de existir diante de nós mas deixa subitamente de ter localização conhecida.

03 Naufrágio de informação provocado pela própria interface que deveria apresentá-la.

ETIMOLOGIA formação inspirada em naufrágio, com terminação -ésia de valor episódico.

EXEMPLO Estava a meio de uma notícia quando tocou no ecrã sem querer; uma naufrésia actualizou a página e o artigo desapareceu para uma região desconhecida da Internet.

navegúria

na·ve·gú·ri·a

s. f.

01 Circulação repetida entre as mesmas aplicações, páginas ou plataformas digitais sem existir uma finalidade nova em cada visita.

02 Sequência automática de verificações — mensagens, notícias, correio, redes, novamente mensagens — realizada apesar de ser pouco provável que alguma coisa tenha mudado desde a passagem anterior.

03 Navegação cujo verdadeiro destino é regressar ao princípio.

ETIMOLOGIA formação expressiva inspirada em navegar, com terminação -úria de valor repetitivo.

EXEMPLO Fechou o correio, abriu as notícias, viu duas mensagens e regressou ao correio três minutos depois; a navegúria completara mais uma volta ao quarteirão digital.

nebulésia

ne·bu·lé·si·a

s. f.

01 Estado em que uma ideia começa a existir antes de poder ser formulada claramente.

02 Sensação de compreender vagamente alguma coisa cuja forma conceptual ou verbal ainda não se consegue fixar.

03 Região intermédia do pensamento em que já existe mais do que uma intuição, mas ainda menos do que uma ideia plenamente formada.

ETIMOLOGIA formação inspirada no latim nebula, «névoa, nuvem», com terminação -ésia de valor cognitivo.

EXEMPLO Sabia que havia uma relação entre os dois problemas, mas permaneceu alguns minutos em nebulésia antes de conseguir dizer qual era.

nebulurgia

ne·bu·lur·gi·a

s. f.

01 Processo artístico que conserva deliberadamente alguma coisa num estado de indeterminação, impedindo que forma, significado, origem ou desenvolvimento se tornem completamente explícitos.

02 Construção de uma obra através de zonas de ambiguidade que não funcionam como ausência de decisão, mas como matéria activa da percepção.

03 Criação pela manutenção controlada daquilo que permanece parcialmente indistinto.

ETIMOLOGIA formação do latim nebula, «névoa, nuvem», e do elemento grego -urgia, de érgon, «obra, trabalho».

EXEMPLO Nunca se percebia inteiramente se os sons provinham dos músicos ou do espaço; a nebulurgia fazia dessa incerteza uma parte essencial da peça.

negatúrgia

ne·ga·túr·gi·a

s. f.

01 Processo criativo em que a forma de uma obra é produzida principalmente através da retirada, apagamento, supressão ou recusa de elementos.

02 Construção artística na qual eliminar matéria possui tanta importância composicional como acrescentá-la.

03 Criação pelo acto deliberado de decidir aquilo que deixará de estar.

ETIMOLOGIA formação inspirada no latim negare, «negar, recusar», e no elemento grego -urgia, de érgon, «obra, trabalho».

EXEMPLO A primeira versão tinha vinte minutos; sucessivas operações de negatúrgia deixaram apenas sete, e foi nos treze minutos ausentes que a peça encontrou finalmente a forma.

neofria

ne·o·fri·a

s. f.

01 Estranheza inicial perante um objecto novo que ainda não adquiriu familiaridade suficiente para parecer verdadeiramente nosso.

02 Intervalo entre possuir uma coisa e começar a incorporá-la nos gestos habituais.

03 Estado em que um objecto já nos pertence mas continua, durante algum tempo, a parecer estar de visita.

ETIMOLOGIA formação de neo-, do grego néos, «novo», com terminação expressiva destinada a sugerir uma familiaridade ainda fria ou incompleta.

EXEMPLO O computador era melhor em tudo, mas durante os primeiros dias uma neofria fazia-o olhar para ele como se estivesse a trabalhar secretamente na máquina de outra pessoa.

neologésia

ne·o·lo·gé·si·a

s. f.

01 Momento em que uma palavra recém-inventada deixa de parecer artificial porque o fenómeno que nomeia a torna subitamente necessária.

02 Passagem perceptiva entre reconhecer uma palavra como invenção e começar a senti-la como se estivesse apenas atrasada em relação à coisa que descreve.

03 Efeito produzido por um neologismo suficientemente adequado para provocar a impressão de que deveria ter existido antes.

ETIMOLOGIA formação a partir do grego néos, «novo», lógos, «palavra, discurso», e terminação -ésia de valor perceptivo.

EXEMPLO Riu-se quando ouviu a palavra pela primeira vez; depois leu a definição e sofreu uma neologésia: parecia absurdo que ninguém a tivesse inventado mais cedo.

nervânsia

ner·vân·si·a

s. f.

01 Percepção de que uma pessoa se encontra provavelmente nervosa, inquieta ou sob tensão apesar de conservar uma fala aparentemente controlada.

02 Sensibilidade para alterações de ritmo, repetição de gestos, respiração, postura, hesitação ou outros indícios comportamentais que podem acompanhar estados de tensão.

03 Leitura social provisória de nervosismo que não permite conhecer a sua causa nem garante que a interpretação esteja correcta.

ETIMOLOGIA formação expressiva inspirada em nervo e nervoso, com terminação -ânsia de valor perceptivo.

EXEMPLO Ele respondia normalmente, mas mexia continuamente no mesmo anel; a nervânsia dela sugeriu tensão sem lhe inventar uma explicação.

neutrésia

neu·tré·si·a

s. f.

01 Percepção de que uma resposta foi formulada deliberadamente de maneira neutra para não revelar ainda concordância, discordância, entusiasmo ou rejeição.

02 Sensibilidade para escolhas de palavras que reduzem voluntariamente a quantidade de posição pessoal exposta numa conversa.

03 Reconhecimento possível de uma suspensão estratégica de opinião sem permitir concluir qual opinião está a ser suspensa.

ETIMOLOGIA formação inspirada no latim neuter, «nem um nem outro», com terminação -ésia de valor perceptivo.

EXEMPLO Perguntou-lhe se gostara da proposta e recebeu apenas «é interessante»; a neutrésia percebeu a prudência, mas teve o bom senso de não inventar o resto.

nexânsia

ne·xân·si·a

s. f.

01 Capacidade de perceber, num grupo desconhecido, quais pessoas possuem entre si maior familiaridade, cumplicidade ou história comum antes de conhecer explicitamente essas relações.

02 Sensibilidade para pequenas diferenças de distância, interrupção, olhar, referência partilhada ou liberdade de tratamento que sugerem vínculos entre pessoas.

03 Leitura provisória da arquitectura relacional de um grupo através da interacção observável.

ETIMOLOGIA formação inspirada no latim nexus, «ligação, vínculo», com terminação -ânsia de valor perceptivo.

EXEMPLO Ninguém explicou quem conhecia quem, mas alguns minutos de nexânsia permitiram-lhe perceber quais amizades eram antigas e quais pessoas acabavam provavelmente de se conhecer.

nexofria

ne·xo·fri·a

s. f.

01 Estranheza momentânea ao perceber que duas ou mais pessoas partilham uma referência, história ou contexto do qual não fazemos parte.

02 Sensação breve de estar perante uma ligação alheia que se tornou visível através de uma frase, olhar ou piada incompreensível.

03 Reconhecimento de uma intimidade que não nos exclui necessariamente, mas cuja existência recorda que começou antes de nós.

ETIMOLOGIA formação expressiva inspirada no latim nexus, «ligação», e em frio, pela pequena deslocação afectiva produzida pela descoberta.

EXEMPLO Os dois começaram a rir ao ouvir o nome de um restaurante; uma nexofria revelou-lhe que naquela frase havia provavelmente dez anos de história que não precisavam de ser explicados.

nidiância

ni·di·ân·ci·a

s. f.

01 Tendência para organizar em redor do lugar onde se permanece os objectos que se prevê utilizar: água, livros, telefone, óculos, comandos, cadernos ou outros instrumentos.

02 Construção informal de uma pequena zona de autonomia material em torno de uma cadeira, sofá, cama ou mesa.

03 Transformação temporária de um lugar onde se está num lugar de onde já quase não é preciso levantar-se.

ETIMOLOGIA formação inspirada no latim nidus, «ninho», com terminação -iância de valor processual.

EXEMPLO Em poucos minutos havia chá, computador, auscultadores e três livros à volta do sofá; a nidiância estava concluída e levantar-se passara a parecer uma falha de planeamento.

niveléria

ni·ve·lé·ri·a

s. f.

01 Impulso de corrigir uma pequena inclinação, desalinhamento ou diferença de altura num objecto mesmo quando esta não interfere com a sua função.

02 Necessidade de endireitar quadros, pilhas, tapetes ou outros elementos cuja irregularidade se tornou impossível de deixar de ver.

03 Tentativa de devolver paz visual ao mundo através de deslocações inferiores a um centímetro.

ETIMOLOGIA formação expressiva inspirada em nível e nivelar, com terminação -éria de valor reiterativo.

EXEMPLO O quadro estava praticamente direito, mas a niveléria exigiu ainda três correcções milimétricas e duas observações a partir da porta.

nocélia

no·cé·li·a

s. f.

01 Prazer de permanecer acordado quando a actividade exterior diminuiu suficientemente para criar uma sensação de tempo privado.

02 Satisfação produzida pelas horas em que mensagens, trânsito, obrigações e movimentos alheios parecem temporariamente suspensos.

03 Apropriação afectiva da noite como intervalo em que o mundo exige menos participação.

ETIMOLOGIA formação inspirada no latim nox, noctis, «noite», com terminação -élia de valor afectivo.

EXEMPLO Já estava cansado, mas a nocélia fazia da uma da manhã uma hora demasiado silenciosa para ser entregue imediatamente ao sono.

noctivérbia

noc·ti·vér·bi·a

s. f.

01 Mudança gradual de uma conversa nocturna para um grau de franqueza, intimidade ou especulação que dificilmente teria surgido nas mesmas pessoas algumas horas antes.

02 Alteração do regime da fala produzida pela combinação entre cansaço, silêncio exterior, duração da convivência e suspensão temporária das exigências do dia.

03 Qualidade particular de certas conversas que parecem depender da noite para se tornarem possíveis.

ETIMOLOGIA formação do latim nox, noctis, «noite», e verbum, «palavra».

EXEMPLO À meia-noite ainda falavam do trabalho; pelas três, a noctivérbia tinha-os levado a assuntos que nenhum teria introduzido durante o almoço.

nodotércia

no·do·tér·ci·a

s. f.

01 Capacidade prática de perceber onde intervir num nó, cabo enrolado, corrente ou fio emaranhado para o desfazer sem aumentar a confusão.

02 Competência adquirida para distinguir a parte que deve ser libertada daquela que não convém puxar.

03 Inteligência manual segundo a qual alguns emaranhados exigem menos força precisamente quando parecem exigir mais.

ETIMOLOGIA formação inspirada no latim nodus, «nó», com terminação expressiva -tércia de valor operativo.

EXEMPLO Todos puxavam extremidades diferentes dos auscultadores; a nodotércia dela encontrou a única pequena volta que precisava de ser solta e resolveu o problema em segundos.

notélia

no·té·li·a

s. f.

01 Satisfação de encontrar uma anotação antiga cujo conteúdo se tornou novamente útil numa situação presente.

02 Prazer de descobrir que uma informação registada sem finalidade imediata acabou por encontrar o momento em que fazia falta.

03 Pequena recompensa tardia concedida ao hábito de escrever coisas que pareciam não servir para nada.

ETIMOLOGIA formação expressiva inspirada em nota, com terminação -élia de valor descobertivo e afectivo.

EXEMPLO Procurava uma referência havia horas quando encontrou num caderno de cinco anos antes exactamente a frase de que precisava; a notélia justificou retrospectivamente dezenas de páginas ilegíveis.

notificéria

no·ti·fi·cé·ri·a

s. f.

01 Impulso de eliminar todos os indicadores visuais de notificações pendentes mesmo quando o conteúdo das notificações não possui verdadeira importância.

02 Necessidade de fazer desaparecer números, pontos, círculos ou outros sinais gráficos que anunciam coisas ainda não consultadas.

03 Pequena limpeza administrativa do ecrã realizada sobretudo para devolver ao ícone a aparência de inocência.

ETIMOLOGIA formação expressiva a partir de notificação, com terminação -éria de valor reiterativo.

EXEMPLO Não tinha interesse nenhum nas promoções da aplicação, mas a notificéria obrigou-o a abri-las apenas para eliminar o pequeno número vermelho.

notopoiese

no·to·poi·e·se

s. f.

01 Processo artístico em que a própria notação participa da criação da obra em vez de se limitar a registar aquilo que já foi previamente concebido.

02 Utilização de sistemas gráficos, instruções, símbolos, diagramas ou regras escritas para produzir acontecimentos que o autor não determinou inteiramente antes de os notar.

03 Criação através das possibilidades e limitações introduzidas pelo acto de escrever uma obra.

ETIMOLOGIA formação inspirada em nota e no grego poíēsis, «criação, produção».

EXEMPLO O desenho da partitura não representava simplesmente sons já imaginados; através da notopoiese, obrigava intérpretes e compositor a descobrir relações que não existiam antes da escrita.

novelância

no·ve·lân·ci·a

s. f.

01 Tendência para prolongar mentalmente a vida de personagens de uma obra depois de a narrativa ter terminado.

02 Imaginação espontânea daquilo que poderá ter acontecido a figuras ficcionais para além do último capítulo, plano ou cena.

03 Resistência da imaginação a aceitar que o fim material de uma narrativa corresponde obrigatoriamente ao fim do mundo que ela criou.

ETIMOLOGIA formação inspirada em novela, no sentido amplo de narrativa, com o sufixo -ância, indicando continuação imaginativa.

EXEMPLO O filme acabava ali, mas a novelância acompanhou-a para casa a decidir onde aquelas duas personagens poderiam estar cinco anos depois.

novidércia

no·vi·dér·ci·a

s. f.

01 Capacidade de distinguir numa novidade aquilo que constitui uma melhoria efectiva daquilo que apenas mudou de aparência, posição ou terminologia.

02 Competência para avaliar uma ferramenta, sistema ou versão nova sem confundir diferença com progresso.

03 Resistência prática à ideia de que aquilo que acaba de chegar deve necessariamente funcionar melhor.

ETIMOLOGIA formação inspirada no latim novus, «novo», com terminação expressiva -dércia de valor avaliativo.

EXEMPLO A aplicação inteira fora redesenhada, mas a novidércia permitiu-lhe descobrir rapidamente que três botões tinham apenas mudado de sítio e ganho nomes mais caros.

nuançésia

nu·an·cé·si·a

s. f.

01 Capacidade de perceber que duas posições aparentemente opostas podem diferir menos no princípio do que na intensidade, circunstância ou grau.

02 Sensibilidade para distinções pequenas mas relevantes que impedem reduzir uma questão a duas alternativas absolutas.

03 Reconhecimento de gradações sem que isso obrigue a considerar todas as posições equivalentes.

ETIMOLOGIA formação inspirada em nuança, com terminação -ésia de valor perceptivo.

EXEMPLO A discussão parecia dividida entre «sim» e «não», mas a nuançésia dela percebeu que quase toda a divergência estava escondida dentro da palavra «depende».

nucleância

nu·cle·ân·ci·a

s. f.

01 Capacidade de identificar, numa conversa longa, discussão ou problema complexo, a questão central de que dependem várias dificuldades aparentemente diferentes.

02 Aptidão para distinguir aquilo que constitui o verdadeiro núcleo de uma situação da multiplicidade de sintomas, exemplos ou consequências que o rodeiam.

03 Competência para reduzir complexidade sem fingir que aquilo que fica em redor deixou de existir.

ETIMOLOGIA formação inspirada no latim nucleus, «núcleo», com o sufixo -ância.

EXEMPLO Depois de meia hora a discutir horários, dinheiro e responsabilidades, a nucleância dela percebeu que o verdadeiro desacordo era simplesmente saber quem tomava a decisão final.

nulélia

nu·lé·li·a

s. f.

01 Alívio produzido pela eliminação completa de uma obrigação que se julgava apenas adiada ou reduzida.

02 Prazer de descobrir que determinada tarefa já não precisa de ser realizada.

03 Satisfação peculiar do zero quando o zero representa trabalho futuro.

ETIMOLOGIA formação inspirada no latim nullus, «nenhum», com terminação -élia de valor afectivo.

EXEMPLO Perguntou para quando precisava de entregar o relatório e responderam-lhe que afinal já não era necessário; a nulélia transformou uma tarde ocupada numa espécie de herança inesperada.

nulurgia

nu·lur·gi·a

s. f.

01 Utilização artística da ausência, do vazio, do silêncio ou da omissão como elemento estrutural activo de uma obra.

02 Processo de composição em que aquilo que não aparece, não soa ou não acontece possui função perceptível na organização da forma.

03 Criação de presença através da construção deliberada de ausência.

ETIMOLOGIA formação inspirada no latim nullus, «nenhum», e no elemento grego -urgia, de érgon, «obra, trabalho».

EXEMPLO Depois do primeiro gesto não acontecia nada durante quase um minuto; a nulurgia fazia com que esse vazio não fosse uma interrupção da peça, mas um dos seus materiais.

numerésia

nu·me·ré·si·a

s. f.

01 Transformação progressiva de uma quantidade aproximada numa quantidade aparentemente exacta à medida que é repetida numa conversa, texto ou relato.

02 Solidificação de um número originalmente incerto até este adquirir aparência de dado factual.

03 Produção involuntária de precisão através da repetição.

ETIMOLOGIA formação inspirada no latim numerus, «número», com terminação -ésia de valor processual.

EXEMPLO Alguém disse «devem ter sido umas vinte pessoas» e, três relatos depois, a numerésia já estabelecera oficialmente que tinham estado vinte.

nuncélia

nun·cé·li·a

s. f.

01 Alívio produzido pela decisão consciente de não resolver antecipadamente uma questão que ainda não exige solução.

02 Recuperação do presente quando se suspende temporariamente uma preocupação exclusivamente futura.

03 Pequena disciplina temporal de deixar para depois aquilo que só depois poderá realmente ser decidido.

ETIMOLOGIA formação inspirada no latim nunc, «agora», com terminação -élia de valor afectivo e episódico.

EXEMPLO Passou meia hora a imaginar problemas para uma viagem marcada para dali a seis meses até uma nuncélia lhe lembrar que alguns deles ainda nem sequer existiam.

nuvélia

nu·vé·li·a

s. f.

01 Prazer provocado pela diminuição súbita da intensidade luminosa quando uma nuvem cobre temporariamente um sol demasiado forte.

02 Alívio sensorial produzido por alguns instantes de sombra atmosférica sem necessidade de mudar de lugar.

03 Pequena gratidão dirigida a uma nuvem que, sem saber, resolveu um problema local.

ETIMOLOGIA formação expressiva inspirada em nuvem, com terminação -élia de valor sensorial e afectivo.

EXEMPLO O calor continuava exactamente o mesmo, mas uma nuvélia atravessou a esplanada quando a nuvem apagou o sol durante meio minuto.



022 PALAVRAS / TERRITÓRIO O

O quotidiano está cheio de fenómenos à espera de serem chamados.

oblitúria

o·bli·tú·ri·a

s. f.

01 Esquecimento do local onde se colocou provisoriamente um objecto precisamente porque se decidiu mudá-lo do seu lugar habitual.

02 Situação em que uma tentativa de guardar melhor uma coisa a torna temporariamente impossível de encontrar.

03 Pequena vingança doméstica da organização contra quem a praticou.

ETIMOLOGIA formação inspirada no latim oblitus, «esquecido», com terminação -úria de valor episódico.

EXEMPLO Guardou o documento num sítio «mais seguro» e uma oblitúria tornou esse lugar tão seguro que nem ele conseguiu voltar a encontrá-lo.

oclusélia

o·clu·sé·li·a

s. f.

01 Satisfação provocada quando uma tampa, gaveta, porta, fecho ou peça encaixa e fecha exactamente como deveria, sobretudo depois de alguma resistência anterior.

02 Prazer táctil e sonoro associado ao pequeno sinal físico de que uma coisa ficou finalmente no lugar.

03 Pequena confirmação mecânica de que o mundo, pelo menos naquele ponto, fechou correctamente.

ETIMOLOGIA formação inspirada no latim occludere, «fechar, encerrar», com terminação -élia de valor sensorial e afectivo.

EXEMPLO A caixa parecia não querer fechar, mas ao terceiro ajuste produziu um clique perfeito; a oclusélia justificou imediatamente as duas tentativas anteriores.

oculurgia

o·cu·lur·gi·a

s. f.

01 Processo artístico em que uma obra é construída através do controlo deliberado daquilo que pode ser visto, daquilo que permanece oculto e do momento em que cada elemento se torna visível.

02 Composição baseada em enquadramento, obstrução, revelação, distância, transparência ou desaparecimento como operações estruturais.

03 Criação em que organizar o olhar constitui parte da matéria da própria obra.

ETIMOLOGIA formação híbrida do latim oculus, «olho», e do elemento grego -urgia, de érgon, «obra, trabalho».

EXEMPLO A instalação nunca permitia observar todos os objectos simultaneamente; a oculurgia obrigava cada deslocação do espectador a fazer aparecer alguma coisa e desaparecer outra.

ocultélia

o·cul·té·li·a

s. f.

01 Satisfação de reencontrar inesperadamente um objecto que já se considerava perdido.

02 Prazer acrescido quando a coisa reaparece num lugar suficientemente absurdo para explicar por que razão nunca fora encontrada.

03 Pequena restituição material concedida pelo mundo depois de já se ter desistido da busca.

ETIMOLOGIA formação inspirada em oculto, com terminação -élia de valor afectivo e episódico.

EXEMPLO Procurara as chaves durante dois dias; encontrá-las dentro de uma caixa de chá produziu uma ocultélia acompanhada de algumas perguntas sobre a própria biografia recente.

ofertélia

o·fer·té·li·a

s. f.

01 Satisfação de encontrar para outra pessoa um presente que parece corresponder-lhe de maneira especialmente precisa.

02 Prazer antecipado provocado menos pelo objecto escolhido do que pela convicção de que a pessoa reconhecerá nele alguma coisa de si própria.

03 Momento em que oferecer deixa de ser apenas dar uma coisa e se transforma numa forma de leitura do outro.

ETIMOLOGIA formação expressiva inspirada em oferta, com terminação -élia de valor afectivo.

EXEMPLO Viu o livro numa montra e teve uma ofertélia imediata: ainda não o tinha comprado, mas já conseguia imaginar exactamente a expressão dela ao recebê-lo.

olhância

o·lhân·ci·a

s. f.

01 Capacidade de perceber que alguém pretende falar, intervir ou chamar a atenção antes de essa intenção ser verbalizada.

02 Sensibilidade para pequenas preparações do olhar, postura ou respiração que antecedem frequentemente uma entrada numa conversa.

03 Leitura social provisória do instante em que uma pessoa parece estar a preparar espaço para a própria voz.

ETIMOLOGIA formação expressiva a partir de olhar, com o sufixo -ância.

EXEMPLO A conversa seguia depressa, mas a olhância dela percebeu que o homem no fundo da mesa tentava entrar havia quase um minuto e deixou-lhe finalmente espaço.

olvidúria

ol·vi·dú·ri·a

s. f.

01 Tendência para esquecer repetidamente uma tarefa simples apesar de esta regressar várias vezes à consciência ao longo do dia.

02 Ciclo em que uma pequena obrigação é lembrada num momento impróprio e novamente esquecida quando finalmente poderia ser realizada.

03 Persistência paradoxal de uma coisa que consegue ser lembrada muitas vezes sem por isso chegar a ser feita.

ETIMOLOGIA formação expressiva a partir de olvidar, com terminação -úria de valor reiterativo.

EXEMPLO Lembrou-se de comprar pilhas no duche, no autocarro e durante o almoço; a olvidúria garantiu que entrasse na loja ao fim da tarde sem voltar a pensar nelas.

omissência

o·mis·sên·ci·a

s. f.

01 Alívio retrospectivo ao perceber que foi melhor não ter dito alguma coisa que esteve muito perto de ser pronunciada.

02 Satisfação tardia produzida por uma frase interrompida, uma mensagem não enviada ou uma opinião guardada antes de se conhecerem todos os factos.

03 Pequena gratidão dirigida àquilo que, por hesitação ou prudência, não chegou a acontecer.

ETIMOLOGIA formação inspirada no latim omissio, «omissão», com terminação -ência de valor resultativo e afectivo.

EXEMPLO Ia responder imediatamente ao e-mail, mas esperou; quando recebeu a mensagem seguinte, uma omissência agradeceu-lhe ter deixado o primeiro texto nos rascunhos.

ondulésia

on·du·lé·si·a

s. f.

01 Percepção de uma oscilação lenta e recorrente de intensidade, atenção, energia ou densidade dentro de uma experiência prolongada.

02 Sensibilidade para a maneira como uma conversa, obra, actividade ou ambiente alterna naturalmente entre expansão e retraimento sem que essas mudanças constituam interrupções.

03 Reconhecimento de uma forma temporal feita menos de etapas do que de vagas.

ETIMOLOGIA formação inspirada no latim undula, diminutivo de unda, «onda», com terminação -ésia de valor perceptivo.

EXEMPLO O concerto não avançava de secção em secção; uma ondulésia fazia sentir antes sucessivas vagas de densidade que apareciam, cresciam e voltavam a rarefazer-se.

onirésia

o·ni·ré·si·a

s. f.

01 Persistência ao acordar de uma emoção produzida por um sonho cujo conteúdo já não se consegue recordar.

02 Estado em que alegria, medo, melancolia ou inquietação sobrevivem à narrativa nocturna que os originou.

03 Resíduo afectivo de um sonho depois de o próprio sonho ter desaparecido.

ETIMOLOGIA formação inspirada no grego óneiros, «sonho», com terminação -ésia de valor mnésico e afectivo.

EXEMPLO Acordou com uma tristeza muito precisa e sem qualquer história que a explicasse; a onirésia tinha sobrevivido ao sonho melhor do que o próprio sonho.

opacésia

o·pa·cé·si·a

s. f.

01 Percepção de que uma pessoa deixou de fornecer sinais suficientes para que se consiga avaliar com segurança o seu estado emocional ou posição numa situação.

02 Momento em que expressão, voz ou comportamento se tornam pouco legíveis, obrigando a suspender interpretações demasiado seguras.

03 Reconhecimento da própria incapacidade de ler alguém naquele instante.

ETIMOLOGIA formação inspirada no latim opacus, «opaco», com terminação -ésia de valor perceptivo.

EXEMPLO Até ali julgava perceber perfeitamente a reacção dela; uma opacésia súbita obrigou-o a admitir que já não sabia se estava zangada, cansada ou apenas a pensar noutra coisa.

oralésia

o·ra·lé·si·a

s. f.

01 Alteração de uma ideia provocada pelo simples facto de a dizer em voz alta a outra pessoa.

02 Descoberta de incoerências, excessos ou possibilidades num pensamento que parecia claro enquanto permanecia silencioso.

03 Momento em que falar deixa de transmitir uma ideia e começa a modificá-la.

ETIMOLOGIA formação inspirada em oral e no latim os, oris, «boca», com terminação -ésia de valor processual e perceptivo.

EXEMPLO A proposta parecia perfeitamente definida na cabeça; bastou começar a explicá-la e uma oralésia mostrou-lhe que a verdadeira ideia era outra.

ordúria

or·dú·ri·a

s. f.

01 Reorganização repetida de uma lista, sequência, biblioteca, colecção ou conjunto antes de se começar efectivamente a utilizá-lo.

02 Tendência para continuar a aperfeiçoar a ordem de elementos cuja função principal permanece entretanto suspensa.

03 Estado em que organizar uma coisa substitui temporariamente a razão pela qual se queria organizá-la.

ETIMOLOGIA formação expressiva inspirada no latim ordo, «ordem», com terminação -úria de valor reiterativo.

EXEMPLO Ia apenas escolher música para ouvir, mas uma ordúria levou-o a passar quarenta minutos a reordenar a lista sem chegar a tocar nenhuma faixa.

ornatúria

or·na·tú·ri·a

s. f.

01 Tendência para continuar a acrescentar detalhes, adornos, explicações ou pequenas intervenções a uma obra que já poderia ser considerada terminada.

02 Dificuldade de abandonar uma criação quando ainda existe qualquer superfície, silêncio, margem ou intervalo onde seria possível acrescentar alguma coisa.

03 Estado em que aperfeiçoar começa discretamente a transformar-se em sobrecarregar.

ETIMOLOGIA formação inspirada no latim ornare, «adornar», com terminação -úria de valor reiterativo.

EXEMPLO O desenho estava concluído havia meia hora, mas uma ornatúria acrescentou mais três linhas, duas sombras e finalmente a primeira coisa que teve de apagar.

orquestrélia

or·ques·tré·li·a

s. f.

01 Satisfação produzida quando vários elementos preparados independentemente começam pela primeira vez a funcionar como um conjunto coerente.

02 Momento em que partes conhecidas separadamente revelam uma relação que não era inteiramente perceptível antes de serem reunidas.

03 Em música, cinema, teatro, dança ou trabalho colectivo, prazer de assistir ao aparecimento do todo.

ETIMOLOGIA formação inspirada em orquestrar, com terminação -élia de valor perceptivo e afectivo; não se restringe à orquestra musical.

EXEMPLO Conhecia cada parte isoladamente, mas só no primeiro ensaio geral surgiu a orquestrélia: aquilo já não parecia várias coisas colocadas juntas, mas uma única forma.

origésia

o·ri·gé·si·a

s. f.

01 Satisfação de descobrir a fonte original de uma frase, imagem, amostra sonora, ideia ou referência encontrada anteriormente apenas através de reproduções, citações ou derivações.

02 Prazer de percorrer uma cadeia de empréstimos até alcançar o ponto de onde alguma coisa aparentemente começou.

03 Momento em que uma referência deixa de ser apenas conhecida e passa a possuir história.

ETIMOLOGIA formação inspirada no latim origo, originis, «origem», com terminação -ésia de valor descobertivo.

EXEMPLO Conhecia aquele fragmento através de três discos diferentes; encontrar finalmente a gravação de onde todos o tinham retirado produziu-lhe uma origésia considerável.

ortofúria

or·to·fú·ri·a

s. f.

01 Irritação breve e desproporcionada provocada por um erro ortográfico muito visível numa palavra conhecida, sobretudo quando o erro se repete.

02 Reacção instantânea em que a forma gráfica incorrecta interrompe momentaneamente a leitura do conteúdo.

03 Pequena incapacidade de ignorar uma letra quando a letra decidiu colocar-se exactamente onde não devia.

ETIMOLOGIA formação de orto-, do grego orthós, «correcto, direito», e fúria, em sentido deliberadamente hiperbólico.

EXEMPLO O cartaz dizia «excessão» em letras de meio metro; uma ortofúria tornou impossível prestar atenção ao resto da publicidade.

oscilésia

os·ci·lé·si·a

s. f.

01 Alternância repetida entre duas opções quase equivalentes sem que apareça nova informação suficiente para justificar a continuação da comparação.

02 Movimento decisório de ida e volta em que cada alternativa parece melhor imediatamente depois de a outra ter sido escolhida.

03 Incapacidade temporária de estabilizar uma preferência entre possibilidades demasiado próximas.

ETIMOLOGIA formação inspirada no latim oscillare, «balançar», com terminação -ésia de valor processual.

EXEMPLO Escolheu a fotografia da esquerda, mudou para a da direita e regressou novamente à primeira; a oscilésia já não estava a decidir, estava apenas a oscilar.

outonélia

ou·to·né·li·a

s. f.

01 Prazer provocado pelo primeiro dia sensivelmente mais fresco depois de um período prolongado de calor.

02 Sensação corporal de mudança de estação antes de qualquer alteração formal do calendário.

03 Pequena alegria de voltar a sentir que o ar possui temperatura própria.

ETIMOLOGIA formação expressiva inspirada em outono, com terminação -élia de valor sensorial e episódico.

EXEMPLO Abriu a janela de manhã e pela primeira vez em semanas entrou ar que não parecia ter sido aquecido previamente; a outonélia anunciou Setembro antes do calendário.

outorgélia

ou·tor·gé·li·a

s. f.

01 Alívio produzido quando alguém com autoridade ou responsabilidade confirma explicitamente que podemos deixar de controlar uma tarefa que já não depende de nós.

02 Sensação de libertação provocada pela transferência legítima de uma decisão, obrigação ou acompanhamento para outra pessoa.

03 Prazer particular de poder finalmente pensar: «agora já não sou eu».

ETIMOLOGIA formação inspirada em outorgar, no sentido de conceder ou transferir legitimamente, com terminação -élia de valor afectivo.

EXEMPLO Entregou os ficheiros, explicou o necessário e recebeu confirmação de que já não precisava de acompanhar o processo; a outorgélia fez desaparecer uma preocupação que continuava activa por hábito.

ouvifria

ou·vi·fri·a

s. f.

01 Estranheza produzida pelo desaparecimento súbito de um som contínuo ao qual a atenção já se tinha habituado.

02 Sensação momentânea de vazio auditivo quando uma máquina pára, uma ventoinha se desliga, o trânsito cessa ou um ruído de fundo deixa inesperadamente de existir.

03 Silêncio percebido não como ausência inicial de som, mas como diferença deixada por aquilo que acabou.

ETIMOLOGIA formação expressiva a partir de ouvir e frio, evocando o pequeno vazio sensorial produzido pela retirada súbita de uma presença sonora.

EXEMPLO O extractor funcionara durante tanto tempo que deixara de o ouvir; quando se desligou, uma ouvifria tornou o silêncio surpreendentemente grande.

ouvitércia

ou·vi·tér·ci·a

s. f.

01 Capacidade de identificar qual elemento de uma mistura sonora está a causar um problema sem ser necessário alterar imediatamente todos os outros.

02 Competência auditiva para distinguir entre excesso de volume, densidade, frequência, duração, reverberação ou sobreposição como origem provável de uma sensação sonora indesejada.

03 Em trabalho musical ou sonoro, aptidão para localizar pela escuta antes de corrigir pela técnica.

ETIMOLOGIA formação expressiva a partir de ouvir, com terminação -tércia de valor operativo.

EXEMPLO A mistura parecia simplesmente confusa, mas a ouvitércia dela percebeu que o problema não estava no conjunto: era uma única região grave a ocupar espaço em excesso.



027 PALAVRAS / TERRITÓRIO P

Por vezes, uma palavra inventada descreve com exactidão uma experiência antiga.

pactesto

pac·tes·to

s. m.

01 Hábito partilhado que duas ou mais pessoas estabelecem espontaneamente sem alguma vez o terem combinado de forma explícita.

02 Acordo implícito produzido pela repetição de pequenos gestos de convivência até estes começarem a funcionar como regra comum.

03 Costume cuja existência costuma tornar-se perceptível sobretudo quando alguém deixa de o cumprir.

ETIMOLOGIA contracção expressiva de pacto e gesto. Conserva-se a fusão pela correspondência entre o acordo nunca verbalizado e os gestos repetidos através dos quais ele passa a existir.

EXEMPLO Nunca decidiram quem faria o café, mas havia entre os dois um pactesto antigo: quem acordasse primeiro tratava disso.

paginame

pa·gi·na·me

s. m.

01 Conjunto excessivo de páginas, separadores, artigos ou documentos digitais deixados abertos com intenção de serem consultados posteriormente.

02 Acumulação de conteúdos que, por não terem sido lidos nem fechados, começam a adquirir estatuto de dívida.

03 Vegetação espontânea de um navegador produzida pela expressão «depois leio isto».

ETIMOLOGIA formação a partir de página e do sufixo colectivo português -ame, utilizado para designar conjuntos ou acumulações.

EXEMPLO Abriu três artigos para ler durante o almoço; uma semana depois, o paginame ocupava quarenta separadores e começava a exigir arqueologia.

palpisco

pal·pis·co

s. m.

01 Toque breve e automático no bolso, mala ou peça de roupa destinado a confirmar que determinado objecto continua no lugar esperado.

02 Verificação táctil da presença de chaves, carteira, telefone ou outra coisa cuja ausência seria particularmente inconveniente.

03 Pequeno inventário realizado pelos dedos sem necessidade de olhar ou retirar os objectos.

ETIMOLOGIA formação expressiva inspirada em palpar, com influência fonética de palavras portuguesas que designam gestos breves, como belisco.

EXEMPLO Já confirmara as chaves ao sair do elevador, mas antes de chegar à rua fez outro palpisco no bolso, porque aparentemente oito metros são distância suficiente para umas chaves desaparecerem.

paralactar

pa·ra·lac·tar

v. tr. e intr.

01 Construir uma obra de modo que a sua percepção se transforme significativamente quando muda a posição do observador.

02 Fazer do ângulo, distância, enquadramento ou deslocação uma variável constitutiva da própria obra.

03 Em artes visuais, instalação, arquitectura ou performance, produzir sentido através da diferença entre pontos de observação.

ETIMOLOGIA formação verbal a partir de paralaxe, fenómeno pelo qual a posição aparente de um objecto varia consoante o ponto de observação.

EXEMPLO A escultura paralactava: vista de frente parecia compacta; três passos para o lado bastavam para a fazer quase desaparecer.

parentesar

pa·ren·te·sar

v. intr.

01 Introduzir sucessivos apartes numa frase até a ideia principal ficar suspensa entre informações secundárias.

02 Abrir uma explicação dentro de outra explicação e, eventualmente, outra dentro desta.

03 Falar de maneira tão parentética que regressar ao princípio da frase exige uma pequena operação de orientação.

ETIMOLOGIA formação verbal a partir de parêntese, por analogia com verbos portugueses em -ar.

EXEMPLO Começou apenas por explicar por que chegaria tarde, mas parentesou de tal maneira que, quando terminou a história do irmão do taxista, já ninguém se lembrava da pergunta.

pausaber

pau·sa·ber

v. intr.

01 Saber permanecer alguns instantes em silêncio depois de ouvir uma pergunta ou afirmação, permitindo que a resposta se forme antes de começar a falar.

02 Não confundir rapidez de resposta com qualidade de pensamento.

03 Utilizar a pausa como parte activa de uma conversa e não como falha momentânea dela.

ETIMOLOGIA fusão de pausa e saber, conservada pela correspondência directa entre a forma da palavra e a capacidade que designa.

EXEMPLO A pergunta apanhou-o de surpresa, mas soube pausaber em vez de preencher imediatamente o silêncio com a primeira frase disponível.

pendório

pen·dó·ri·o

s. m.

01 Pequena tarefa cuja conclusão depende de uma única condição exterior ainda não disponível.

02 Obrigação quase terminada que permanece suspensa por falta de uma resposta, peça, autorização, ficheiro ou acontecimento específico.

03 Estado irritante de uma coisa que já não exige verdadeiro trabalho, mas continua a ocupar espaço mental.

ETIMOLOGIA formação inspirada em pender e pendente, com terminação -ório de valor circunstancial.

EXEMPLO O texto estava pronto, mas faltava uma fotografia; durante três dias viveu em pendório, sem trabalho suficiente para agir nem informação suficiente para acabar.

perdissolvo

per·dis·sol·vo

s. m.

01 Alívio experimentado quando se decide considerar perdido um objecto que se procurou durante demasiado tempo.

02 Suspensão voluntária da sucessão de hipóteses sobre gavetas, bolsos, caixas e lugares improváveis onde uma coisa ainda poderia estar.

03 Paz provisória obtida não por encontrar, mas por deixar de procurar.

ETIMOLOGIA formação expressiva a partir de perder e dissolver, sugerindo a dissolução mental da procura.

EXEMPLO Depois de inspeccionar pela quarta vez as mesmas gavetas, concedeu aos óculos um perdissolvo; encontrou-os quinze minutos depois em cima da cabeça.

perscrunta

pers·crun·ta

s. f.

01 Pergunta cuja resposta factual já é conhecida por quem a faz, mas que é formulada para descobrir como outra pessoa interpreta, organiza ou conta essa mesma realidade.

02 Interrogação destinada menos a obter informação do que a conhecer um ponto de vista.

03 Pergunta utilizada como instrumento de escuta do pensamento alheio.

ETIMOLOGIA contracção expressiva de perscrutar, «examinar atentamente», e pergunta.

EXEMPLO Sabia perfeitamente o que acontecera na reunião; fez-lhe, contudo, uma perscrunta: «E tu, como viste aquilo?»

picotempo

pi·co·tem·po

s. m.

01 Intervalo entre duas obrigações suficientemente longo para parecer tempo disponível e suficientemente curto para desencorajar o início de uma actividade importante.

02 Fragmento temporal frequentemente consumido a decidir se ainda vale a pena utilizá-lo.

03 Porção de tempo que consegue parecer simultaneamente livre e inutilizável.

ETIMOLOGIA composição de pico, no sentido de pequena porção ou fragmento, e tempo.

EXEMPLO Tinha vinte minutos antes de sair; o picotempo não chegava para começar o trabalho e parecia demasiado grande para não fazer nada, pelo que acabou gasto a avaliar ambas as possibilidades.

piscerto

pis·cer·to

s. m.

01 Última verificação visual, breve e quase automática, feita depois de uma acção já ter sido considerada concluída.

02 Olhar adicional dirigido a uma porta, fogão, janela, automóvel ou ecrã apenas para confirmar que ficou efectivamente como deveria.

03 Pequeno suplemento ocular de certeza.

ETIMOLOGIA contracção expressiva de piscar e certo, designando o olhar mínimo destinado apenas a confirmar.

EXEMPLO Já descera dois degraus quando voltou a cabeça para dar um piscerto à fechadura antes de continuar.

plasmalho

plas·ma·lho

s. m.

01 Primeira forma material, imperfeita e assumidamente provisória de uma ideia ainda em desenvolvimento.

02 Esboço, gravação, maquete, frase, imagem, gesto ou objecto cuja função principal consiste em permitir que uma ideia passe a ser observada de fora.

03 Corpo temporário de um pensamento antes de este descobrir a forma que realmente pretende ter.

ETIMOLOGIA formação inspirada no grego plásma, «coisa moldada, forma», com terminação expressiva -alho, aqui utilizada para sugerir uma forma ainda grosseira ou incompleta.

EXEMPLO A gravação estava cheia de falhas, mas era apenas um plasmalho: precisava de existir para que ele pudesse finalmente ouvir o que faltava à peça.

pluvabrigo

plu·va·bri·go

s. m.

01 Prazer de ouvir começar a chover quando já se está num lugar abrigado e não existe necessidade imediata de sair.

02 Aumento da sensação de conforto interior produzido pela presença audível da chuva no exterior.

03 Pequeno bem-estar meteorológico fundado na coincidência entre chover e estar do lado certo da janela.

ETIMOLOGIA formação expressiva a partir do latim pluvia, «chuva», e de abrigo. Conserva-se a composição transparente porque a oposição entre exterior e interior constitui o próprio fenómeno.

EXEMPLO A chuva começou com força cinco minutos depois de chegar a casa; instalou-se imediatamente um pluvabrigo no sofá.

pontivar

pon·ti·var

v. tr.

01 Resolver uma dificuldade de ritmo, respiração ou relação lógica numa frase através da pontuação, sem necessidade de alterar as palavras.

02 Encontrar o sinal gráfico que permite a uma frase realizar a leitura que já parecia conter potencialmente.

03 Fazer uma frase funcionar mudando apenas o lugar onde ela pára, continua ou se abre.

ETIMOLOGIA formação verbal inspirada no latim punctum, «ponto», e na família de pontuar, criada para distinguir o simples uso da pontuação do acto específico de resolver uma frase através dela.

EXEMPLO Reescrevera a frase quatro vezes até perceber que não precisava de outras palavras: bastava pontivá-la com um travessão.

porfingo

por·fin·go

s. m.

01 Satisfação especialmente intensa quando uma coisa que resistiu repetidamente acaba finalmente por funcionar.

02 Prazer produzido menos pela importância do resultado do que pela quantidade absurda de insistência necessária para o alcançar.

03 Vitória privada sobre tampas, parafusos, fichas, fechos, programas e outros adversários que desconheciam participar numa disputa.

ETIMOLOGIA formação expressiva inspirada em porfiar e vingar, através de contracção fonética.

EXEMPLO A ficha entrou à quinta tentativa e o porfingo foi muito superior à relevância histórica do acontecimento.

pormenar

por·me·nar

v. intr.

01 Continuar a trabalhar pequenos detalhes depois de a parte essencial de uma tarefa estar já resolvida.

02 Dedicar progressivamente mais atenção a diferenças cuja importância diminui à medida que aumenta o tempo gasto nelas.

03 Permitir que um pormenor se promova temporariamente a problema principal.

ETIMOLOGIA deformação verbal de pormenor, reduzida para produzir uma forma verbal autónoma.

EXEMPLO O cartaz estava pronto havia quarenta minutos, mas ele continuava a pormenar entre duas posições do título separadas por aproximadamente três milímetros.

porosar

po·ro·sar

v. tr. e intr.

01 Construir uma obra de modo que elementos exteriores — sons, acaso, luz, ambiente, público ou interferências — possam penetrá-la e modificar a experiência.

02 Tornar deliberadamente permeável a fronteira entre uma criação e o contexto em que ela acontece.

03 Recusar o isolamento absoluto de uma obra sem abdicar da sua estrutura.

ETIMOLOGIA formação verbal a partir de poro, do grego póros, «passagem, abertura».

EXEMPLO Em vez de eliminar os ruídos da rua, decidiu porosar a composição: tudo o que entrasse pela janela poderia passar temporariamente a pertencer-lhe.

portívio

por·tí·vi·o

s. m.

01 Alívio corporal sentido imediatamente depois de fechar a porta de casa ao regressar de um dia longo, deslocação cansativa ou período prolongado de exposição ao exterior.

02 Mudança súbita de disponibilidade produzida pela passagem para um espaço onde já não é necessário responder ao mundo.

03 Sensação de que a parte pública do dia terminou no instante em que a porta se fechou por dentro.

ETIMOLOGIA contracção expressiva de porta e alívio. Conserva-se a fusão pela correspondência directa entre o gesto físico e a sensação.

EXEMPLO Pousou os sacos, fechou a porta e sentiu um portívio antes mesmo de tirar o casaco.

pós-fôlego

pós·fô·le·go

s. m.

01 Breve intervalo de alívio que sucede à conclusão de uma actividade exigente antes de outras obrigações voltarem a ocupar a atenção.

02 Momento em que o trabalho já terminou mas o corpo ainda está a adaptar-se à ideia de que terminou.

03 Pequena respiração temporal entre «acabou» e aquilo que vier a seguir.

ETIMOLOGIA formação de pós- e fôlego, tomando a recuperação da respiração como imagem da libertação posterior a um esforço prolongado.

EXEMPLO Enviou finalmente o trabalho, fechou o computador e ficou alguns minutos em pós- fôlego antes de permitir que o resto do dia voltasse a existir.

prambular

pram·bu·lar

v. intr.

01 Prolongar excessivamente a introdução de uma pergunta, pedido ou afirmação que poderia ser feita de maneira muito mais directa.

02 Acumular contexto, ressalvas e justificações antes de chegar ao verdadeiro assunto.

03 Dar tantas voltas verbais à entrada que o interlocutor começa a suspeitar que talvez nunca se chegue ao interior.

ETIMOLOGIA deformação verbal de preâmbulo, reduzida foneticamente para adquirir forma de verbo corrente.

EXEMPLO Queria apenas perguntar se a reunião podia passar para sexta-feira, mas prambulou durante cinco minutos sobre a complexidade geral da semana.

pretextério

pre·tex·té·ri·o

s. m.

01 Percepção de uma possível desproporção entre a razão apresentada para uma decisão e o comportamento que a acompanha.

02 Conjunto de pequenos indícios que faz suspeitar que uma explicação pode não esgotar tudo aquilo que motivou uma escolha.

03 Leitura provisória de uma justificação, sem concluir que ela seja falsa nem pretender conhecer a verdadeira intenção de quem fala.

ETIMOLOGIA formação a partir de pretexto, do latim praetextus, com terminação expressiva -ério, aqui usada para sugerir um campo de indícios.

EXEMPLO Disse que não iria por causa da chuva; o pretextério sugeriu-lhe apenas que talvez a meteorologia não explicasse sozinha uma mudança tão brusca de entusiasmo.

priscumo

pris·cu·mo

s. m.

01 Vestígio de uma utilização anterior conservado num objecto e capaz de sugerir vagamente a existência de quem o usou antes.

02 Marca sem história conhecida — dobra, risco, anotação, desgaste ou reparação — que torna perceptível um passado inacessível.

03 Pequena biografia anónima incorporada numa coisa.

ETIMOLOGIA formação inspirada no latim priscus, «antigo, de outrora», com terminação expressiva -umo, sem valor morfológico fixo.

EXEMPLO O livro em segunda mão tinha uma frase sublinhada na página quarenta e sete; aquele priscumo era tudo o que sabia da pessoa que o lera antes dele.

privesso

pri·ves·so

s. m.

01 Prazer de se encontrar momentaneamente sozinho num lugar que costuma ser partilhado, frequentado ou movimentado.

02 Sensação de intimidade inesperada com um espaço público ou comum temporariamente vazio.

03 Pequena apropriação acidental de um lugar que, durante algum tempo, parece existir exclusivamente para quem nele está.

ETIMOLOGIA formação inspirada no latim privus, «particular, próprio», com terminação expressiva -esso, sem função derivacional fixa.

EXEMPLO Entrou na piscina municipal e não havia ninguém; durante vinte minutos desfrutou de um privesso quase indecente numa infra-estrutura inteira.

prontátil

pron·tá·til

adj. 2 g.

01 Diz-se do objecto deixado deliberadamente visível ou acessível porque será necessário em breve e guardá-lo aumentaria a probabilidade de esquecimento.

02 Colocado temporariamente fora do lugar habitual por razões de disponibilidade futura.

03 Que parece desarrumado apenas para quem desconhece o plano temporal da sua localização.

ETIMOLOGIA formação expressiva de pronto, com influência fonética de portátil e táctil, sugerindo disponibilidade e proximidade da mão.

EXEMPLO O passaporte não estava esquecido sobre a mesa: estava prontátil para a viagem da manhã seguinte.

prontempo

pron·tem·po

s. m.

01 Intervalo agradável entre o momento em que se fica inteiramente preparado e aquele em que é realmente necessário sair, começar ou apresentar alguma coisa.

02 Tempo inesperadamente livre criado porque a preparação terminou antes do previsto.

03 Pequena riqueza cronológica produzida pela ausência de pressa.

ETIMOLOGIA contracção de pronto e tempo, com sobreposição fonética do segmento final e inicial das duas palavras.

EXEMPLO A mala estava feita e o táxi só chegaria dali a meia hora; tinha diante de si um prontempo de trinta minutos que não pertencia a tarefa nenhuma.

protelume

pro·te·lu·me

s. m.

01 Pequeno acto realizado para adiar o início de uma tarefa sem parecer, a quem o pratica, que está realmente a adiá-la.

02 Actividade periférica justificada como preparação embora não seja necessária naquele momento.

03 Forma respeitável de procrastinação que costuma começar com as palavras «antes disso só vou…».

ETIMOLOGIA formação expressiva inspirada em protelar, com terminação -ume sem valor fixo, destinada a sugerir acumulação discreta.

EXEMPLO Antes de começar o relatório decidiu apenas limpar a secretária; o protelume acabou por incluir café, actualização do computador e uma investigação urgente sobre cabos antigos.

pulsura

pul·su·ra

s. f.

01 Capacidade de perceber alterações subtis na dinâmica colectiva de um grupo antes de estas se manifestarem numa acção clara.

02 Sensibilidade para mudanças de ritmo, atenção, silêncio, sobreposição de vozes ou postura que sugerem que uma situação está a mudar.

03 Leitura provisória do «pulso» de um grupo sem pretender conhecer aquilo que cada uma das pessoas sente individualmente.

ETIMOLOGIA formação inspirada no latim pulsus, «batimento, impulso», com -ura enquanto terminação de estado ou qualidade percebida.

EXEMPLO Ninguém levantara a voz, mas a pulsura dela percebeu que a reunião estava a poucos minutos de mudar de temperatura.



015 PALAVRAS / TERRITÓRIO Q

Quase tudo o que sentimos já existia;
nem tudo tinha ainda conseguido falar.

qualitacto

qua·li·tac·to

s. m.

01 Capacidade de avaliar qual o grau de rigor, acabamento ou perfeição realmente adequado à importância de uma tarefa.

02 Sensibilidade para perceber quando melhorar mais uma coisa deixou de produzir benefício proporcional ao tempo ou esforço investido.

03 Aptidão para distinguir qualidade suficiente de perfeccionismo e rapidez de negligência.

ETIMOLOGIA formação de qualidade e do latim tactus, «toque, tacto», sugerindo uma espécie de tacto prático para determinar quanta qualidade uma situação requer.

EXEMPLO Era apenas uma mensagem de três linhas; o qualitacto impediu-o de transformar dois minutos de resposta numa revisão editorial.

quasecasa

qua·se·ca·sa

s. f.

01 Lugar que não é a nossa residência mas onde a repetição da presença já produziu hábitos, familiaridade e pequenos automatismos semelhantes aos de casa.

02 Espaço alheio onde já se sabe onde estão os copos, qual cadeira escolher ou que porta range.

03 Lugar que ainda exige despedida, mas quase já não exige orientação.

ETIMOLOGIA composição de quase e casa. Conserva-se a transparência porque a condição intermédia entre lugar alheio e lugar próprio constitui precisamente o conceito.

EXEMPLO Depois de tantos anos de visitas, aquela casa tornara-se uma quasecasa: ainda tocava à campainha, mas já sabia onde procurar o café.

quasedito

qua·se·di·to

s. m.

01 Frase que chegou a formar-se inteiramente durante uma conversa mas acabou por não ser pronunciada.

02 Formulação não dita que permanece durante algum tempo na memória como se tivesse participado parcialmente da conversa.

03 Aquilo que esteve suficientemente perto da fala para deixar vestígios apesar de nunca ter sido ouvido.

ETIMOLOGIA formação de quase e dito.

EXEMPLO Já no elevador continuava a ouvir mentalmente o quasedito que decidira guardar quando percebeu que a conversa estava a terminar.

quasefim

qua·se·fim

s. m.

01 Estado de uma tarefa que parece psicologicamente terminada embora ainda reste uma pequena operação necessária para a concluir de facto.

02 Fase em que o trabalho principal acabou e aquilo que falta perdeu injustamente o direito de parecer trabalho.

03 Região perigosa entre «está feito» e «está mesmo feito».

ETIMOLOGIA composição de quase e fim.

EXEMPLO O texto estava escrito e revisto, mas faltava enviar três anexos; o quasefim fez com que essa operação de quatro minutos demorasse dois dias.

quasívio

qua·sí·vi·o

s. m.

01 Alívio intenso produzido pela descoberta de um erro imediatamente antes de este se tornar efectivo ou difícil de corrigir.

02 Sensação que acompanha uma mensagem ainda não enviada, uma porta ainda não fechada, uma data corrigida no último instante ou outro engano interrompido por muito pouco.

03 Prazer retrospectivo de uma coisa ter quase corrido mal.

ETIMOLOGIA contracção expressiva de quase e alívio.

EXEMPLO Ia carregar em «Enviar» quando reparou que escolhera o destinatário errado; o quasívio foi proporcional à pequena catástrofe que acabara de não acontecer.

quebraeco

que·bra·e·co

s. m.

01 Frase, gesto ou mudança de assunto capaz de interromper uma repetição conversacional que já se alimentava apenas de si própria.

02 Intervenção que impede uma discussão, queixa ou argumento de regressar repetidamente ao mesmo ponto.

03 Pequena saída encontrada para uma conversa que começou a produzir ecos em vez de ideias.

ETIMOLOGIA composição de quebrar e eco, conservada pela correspondência directa com o fenómeno.

EXEMPLO Já tinham reformulado a mesma discordância três vezes; uma pergunta inesperada funcionou como quebraeco e devolveu finalmente movimento à conversa.

quebrasso

que·bras·so

s. m.

01 Pequena alteração introduzida deliberadamente numa rotina para impedir que a repetição torne uma actividade inteiramente automática.

02 Desvio mínimo de sequência, percurso ou procedimento destinado a recuperar atenção sobre aquilo que já se faz sem pensar.

03 Irregularidade voluntária utilizada para acordar um hábito.

ETIMOLOGIA formação expressiva inspirada em quebra e passo, com contracção fonética.

EXEMPLO Fazia sempre o mesmo percurso até ao trabalho; um quebrasso por uma rua paralela foi suficiente para voltar a reparar na cidade.

quedário

que·dá·ri·o

s. m.

01 Lugar habitual onde pequenos objectos acabam por ser pousados temporariamente apesar de não ter sido destinado formalmente a essa função.

02 Superfície doméstica que, pela força do uso, se transforma em destino espontâneo de chaves, moedas, cartas, óculos ou outros objectos de passagem.

03 Sítio que oficialmente não guarda nada e praticamente guarda tudo.

ETIMOLOGIA formação inspirada em quedar, «ficar, permanecer», com terminação -ário de valor locativo e funcional.

EXEMPLO A pequena consola da entrada nunca fora comprada para isso, mas transformou-se no quedário oficial de chaves, recibos e coisas que ninguém sabia ainda onde pôr.

quedescuta

que·des·cu·ta

s. f.

01 Brevíssimo intervalo de atenção absoluta entre deixar cair acidentalmente um objecto e ouvir o som que permitirá perceber se este se partiu.

02 Suspensão momentânea de toda a actividade enquanto o ouvido espera a sentença material da queda.

03 Instante subjectivamente muito maior do que o tempo físico existente entre a queda e a consequência percebida.

ETIMOLOGIA contracção expressiva de queda e escuta.

EXEMPLO O telefone escapou-lhe da mão; durante a quedescuta entre a mesa e o chão, meio segundo conseguiu conter várias teorias sobre vidro partido.

quefreio

que·frei·o

s. m.

01 Decisão de não fazer uma pergunta que já estava pronta a ser formulada por se perceber que obter a resposta poderá produzir consequências desnecessárias naquele momento.

02 Travagem voluntária da curiosidade quando saber imediatamente não é necessariamente melhor do que continuar temporariamente sem saber.

03 Pergunta suspensa não por medo de perguntar, mas por consciência do que uma resposta pode obrigar a enfrentar.

ETIMOLOGIA formação expressiva de quê, enquanto núcleo interrogativo, e freio.

EXEMPLO Ia perguntar se ela pensava realmente abandonar o projecto, mas um quefreio fê-lo perceber que talvez aquela fosse uma pergunta para depois, não para aquele corredor.

quefundo

que·fun·do

s. m.

01 Questão mais ampla que parece existir por baixo de uma pergunta aparentemente simples ou factual.

02 Possível problema que uma interrogação literal não formula directamente mas cujo contexto permite considerar.

03 «Pergunta da pergunta», inferida provisoriamente sem pretender conhecer com certeza a intenção de quem a fez.

ETIMOLOGIA composição expressiva de quê e fundo.

EXEMPLO «Vais ficar até tarde?» parecia uma pergunta de horário, mas ele percebeu que podia existir ali um quefundo: «posso contar contigo esta noite?»

quiescível

qui·es·cí·vel

adj. 2 g.

01 Diz-se de uma tarefa, problema ou decisão que pode permanecer temporariamente por resolver sem se deteriorar nem exigir atenção contínua.

02 Que admite repouso sem se transformar automaticamente em urgência.

03 Susceptível de ser deixado em paz até surgirem condições melhores para agir.

ETIMOLOGIA formação inspirada no latim quiescere, «repousar, ficar quieto», com o sufixo português -ível.

EXEMPLO Percebeu finalmente que o assunto era quiescível: não precisava de resolver naquela noite uma decisão que só teria consequências dali a três meses.

quinapenso

qui·na·pen·so

s. m.

01 Ideia que surge lateralmente durante a resolução de outro problema e que, embora pareça inicialmente secundária, acaba por deslocar o centro do pensamento.

02 Pensamento encontrado fora da trajectória principal do raciocínio.

03 Solução ou possibilidade descoberta de lado enquanto se procurava outra coisa.

ETIMOLOGIA formação de quina, «ângulo, aresta», e de penso, por associação ao verbo pensar, construindo a imagem de um pensamento encontrado numa esquina conceptual.

EXEMPLO Procurava apenas um título quando um quinapenso lhe mostrou que o problema verdadeiro estava afinal na estrutura inteira do texto.

quiralhar

qui·ra·lhar

v. tr.

01 Criar duas versões de uma mesma forma que correspondem estruturalmente uma à outra como imagens espelhadas mas não são inteiramente substituíveis entre si.

02 Em criação artística, derivar de um mesmo material duas organizações inversas ou reflectidas cuja diferença permaneça perceptivamente significativa.

03 Trabalhar uma forma através da assimetria entre ela e o seu equivalente invertido.

ETIMOLOGIA formação verbal inspirada em quiral, termo científico aplicado a estruturas que não são sobreponíveis à respectiva imagem especular, com terminação verbal expressiva.

EXEMPLO Quiralhou a sequência coreográfica: o segundo bailarino repetia todos os gestos do primeiro em orientação inversa, mas o resultado parecia estranhamente outra coisa.

quotermo

quo·ter·mo

s. m.

01 Sensação de ter cumprido a parte razoável que nos cabia numa tarefa colectiva, relação de cooperação ou responsabilidade partilhada.

02 Ponto a partir do qual continuar a fazer mais deixa de constituir obrigação e passa a ser escolha.

03 Limite prático que permite entregar aos outros aquilo que legitimamente lhes pertence sem sentir que se abandonou a própria responsabilidade.

ETIMOLOGIA formação inspirada em quota, «parte atribuída», e termo, «limite, fim».

EXEMPLO Organizou os ficheiros, respondeu às perguntas e deixou todas as instruções necessárias; atingira o quotermo e podia finalmente entregar o resto do processo.



025 PALAVRAS / TERRITÓRIO R

Reconhecer uma palavra inexistente é saber que ela nos fazia falta.

rascunulo

ras·cu·nu·lo

s. m.

01 Primeira versão deliberadamente imperfeita de um texto, desenho, composição ou projecto, feita para eliminar a obrigação de começar bem.

02 Esboço cuja função principal não é aproximar-se imediatamente da forma final, mas permitir que alguma coisa passe a existir para poder ser transformada.

03 Mau começo feito de propósito para que começar deixe de ser um problema.

ETIMOLOGIA contracção expressiva de rascunho e nulo, concedendo antecipadamente à primeira versão o direito de quase não valer.

EXEMPLO A página branca bloqueava-o havia meia hora; escreveu um rascunulo de cinco linhas péssimas e passou finalmente a ter alguma coisa contra a qual trabalhar.

rastocriar

ras·to·cri·ar

v. tr.

01 Construir uma obra de maneira que estados anteriores da sua elaboração permaneçam parcialmente visíveis, audíveis ou reconhecíveis na forma final.

02 Integrar apagamentos, correcções, versões, sobreposições ou acidentes como vestígios activos do processo criativo.

03 Fazer com que uma obra mostre não apenas aquilo em que se tornou, mas parte daquilo que deixou de ser.

ETIMOLOGIA formação de rasto e criar, conservando no próprio verbo a ideia de uma criação que não apaga inteiramente o caminho percorrido.

EXEMPLO Em vez de eliminar completamente as primeiras linhas do desenho, decidiu rastocriar: as formas abandonadas continuaram visíveis sob a imagem final.

rastovazio

ras·to·va·zi·o

s. m.

01 Marca deixada pela ausência de um objecto que permaneceu durante muito tempo no mesmo lugar.

02 Contorno mais claro numa superfície, diferença de pó, descoloração, depressão ou outra impressão material que torna visível aquilo que já não está.

03 Forma paradoxal pela qual uma coisa continua a ocupar espaço depois de ter sido retirada.

ETIMOLOGIA composição de rasto e vazio, conservada porque a contradição entre vestígio e ausência constitui o próprio fenómeno.

EXEMPLO Tirou o vaso da estante e ficou um rastovazio perfeitamente circular no pó, como se a ausência também precisasse de uma moldura.

rasurário

ra·su·rá·ri·o

s. m.

01 Conjunto de correcções, apagamentos, substituições e tentativas abandonadas que uma obra conserva como vestígio da sua construção.

02 História material das decisões que deixaram de pertencer à versão final mas continuam parcialmente legíveis nela.

03 Arquivo involuntário daquilo que uma criação precisou de deixar de ser.

ETIMOLOGIA formação a partir de rasura, com -ário em valor de conjunto, depósito ou arquivo.

EXEMPLO No manuscrito viam-se palavras riscadas, setas e frases sobrepostas; aquele rasurário permitia acompanhar o pensamento quase tão claramente como o texto definitivo.

reaceno

re·a·ce·no

s. m.

01 Pequeno gesto, palavra ou referência utilizado para retomar uma conversa ou assunto interrompido anteriormente sem reconstruir todo o contexto.

02 Sinal discreto de que duas pessoas continuam a reconhecer como activo um tema que ficou suspenso.

03 Forma mínima de dizer «ainda estamos naquela conversa».

ETIMOLOGIA formação de re- e aceno, atribuindo ao gesto a função de chamar de volta alguma coisa suspensa.

EXEMPLO Dois dias depois, bastou-lhe perguntar «e aquela chamada?»; o reaceno restituiu imediatamente a conversa inteira.

recuafala

re·cu·a·fa·la

s. f.

01 Momento em que uma pessoa começa a retirar-se de uma conversa antes de anunciar explicitamente que pretende terminá-la.

02 Redução gradual das respostas, diminuição de novas perguntas, orientação do corpo para uma saída ou outros sinais de aproximação do fim da interacção.

03 Fase intermédia entre ainda participar numa conversa e já estar socialmente a caminho da porta.

ETIMOLOGIA formação de recuar e fala, designando uma retirada que começa dentro da própria conversação.

EXEMPLO Continuava a responder-lhe, mas a recuafala já encurtara as frases e colocara metade do corpo na direcção do corredor.

reentorno

re·en·tor·no

s. m.

01 Breve estranheza sentida ao regressar a um lugar muito familiar depois de uma ausência suficientemente longa para este parecer ligeiramente diferente.

02 Intervalo em que uma casa, quarto, estúdio ou cidade continua reconhecível mas ainda não recuperou completamente a sensação habitual de pertença.

03 Reajuste entre a memória de um lugar e o lugar reencontrado.

ETIMOLOGIA formação de re- e entorno, no sentido de espaço circundante, distinguindo a experiência do simples acto de regressar.

EXEMPLO Depois de três semanas fora, entrou no estúdio e teve alguns minutos de reentorno: tudo estava exactamente onde deixara, mas parecia ter continuado a existir sem ele.

refim

re·fim

s. m.

01 Segundo fim que ocorre depois de uma actividade já ter parecido terminada.

02 Conclusão efectiva posterior a uma despedida, pausa, último gesto ou encerramento que afinal não era o último.

03 Fim encarregado de corrigir outro fim demasiado optimista.

ETIMOLOGIA formação de re- e fim.

EXEMPLO Despediram-se à porta, lembraram-se de mais uma coisa, voltaram à sala e só quinze minutos depois aconteceu o refim.

relógioculto

re·ló·gio·cul·to

s. m.

01 Evitamento deliberado de consultar as horas durante uma actividade agradável para não introduzir nela a consciência do tempo restante.

02 Suspensão voluntária do relógio enquanto olhar para ele poderia modificar a experiência.

03 Tentativa de preservar a sensação de duração através da ignorância deliberada da hora exacta.

ETIMOLOGIA contracção de relógio e oculto, fazendo coincidir o objecto escondido com a informação temporal que se prefere momentaneamente desconhecer.

EXEMPLO Sabia que já devia ser tarde, mas manteve o telefone virado para baixo num relógioculto que prolongou a conversa sem acrescentar um único minuto ao tempo real.

remaneco

re·ma·ne·co

s. m.

01 Pequena quantidade de energia, atenção ou vontade que ainda permanece depois de uma actividade exigente.

02 Reserva final suficiente para concluir uma operação mínima antes de parar completamente.

03 Último vestígio funcional de disponibilidade.

ETIMOLOGIA formação expressiva inspirada em remanescente e eco, sugerindo aquilo que ainda responde depois de a energia principal ter terminado.

EXEMPLO Já não conseguia trabalhar, mas encontrou um remaneco suficiente para guardar os ficheiros, desligar o equipamento e levar os copos para a cozinha.

rematiz

re·ma·tiz

s. m.

01 Pequena alteração final que não modifica a estrutura essencial de uma obra ou tarefa mas faz com que esta passe finalmente a parecer concluída.

02 Pormenor mínimo de intensidade, posição, palavra, duração ou equilíbrio cuja correcção permite deixar de sentir que ainda falta alguma coisa.

03 Última diferença entre «praticamente pronto» e «agora acabou».

ETIMOLOGIA contracção expressiva de remate e matiz, unindo conclusão e diferença mínima.

EXEMPLO A mistura estava pronta havia uma hora; baixar ligeiramente um único som foi o rematiz que lhe permitiu finalmente parar.

resfrase

res·fra·se

s. f.

01 Mensagem ou frase deliberadamente deixada algum tempo sem enviar para permitir que a sua intensidade, tom ou necessidade sejam reavaliados depois do impulso inicial.

02 Intervalo de arrefecimento aplicado à linguagem antes de esta se tornar pública ou difícil de retirar.

03 Texto mantido temporariamente entre escrever e dizer.

ETIMOLOGIA contracção expressiva de resfriar e frase.

EXEMPLO Escreveu a resposta inteira, mas deixou-a vinte minutos em resfrase; quando voltou, apagou precisamente as duas frases que antes lhe tinham parecido indispensáveis.

resguardume

res·guar·du·me

s. m.

01 Tranquilidade produzida pela existência de uma cópia, alternativa, reserva ou plano de segurança que provavelmente nunca será necessário utilizar.

02 Alívio resultante menos do uso de uma protecção do que do simples conhecimento de que ela existe.

03 Segurança psicológica proporcionada por uma segunda possibilidade.

ETIMOLOGIA formação inspirada em resguardo, com terminação expressiva -ume, sem valor derivacional fixo.

EXEMPLO Guardou uma cópia do ficheiro noutro disco e o resguardume permitiu-lhe finalmente editar o original sem imaginar catástrofes a cada gravação.

retomarca

re·to·mar·ca

s. f.

01 Elemento deixado deliberadamente numa tarefa interrompida para tornar evidente o ponto por onde deverá ser retomada.

02 Palavra incompleta, anotação, ferramenta em determinada posição, marcador ou outro vestígio funcional preparado para facilitar o regresso.

03 Pequena indicação deixada pelo presente ao nosso próprio futuro.

ETIMOLOGIA formação de retomar e marca, com sobreposição entre o regresso e o sinal preparado para ele.

EXEMPLO Antes de fechar o ficheiro escreveu três palavras sobre o parágrafo seguinte; a retomarca permitiu-lhe, no dia seguinte, entrar no texto sem voltar a procurar a porta.

retrocisco

re·tro·cis·co

s. m.

01 Recuo muito breve numa gravação, vídeo ou emissão para voltar a ouvir ou ver um detalhe que escapou à primeira passagem.

02 Repetição de poucos segundos destinada a confirmar uma palavra, som, gesto ou acontecimento preciso.

03 Fragmento de tempo reproduzido novamente sem intenção de rever o conjunto.

ETIMOLOGIA formação de retro-, «para trás», e cisco, tomado figuradamente como coisa muito pequena.

EXEMPLO Não percebeu a última palavra da entrevista e fez um retrocisco de seis segundos até confirmar aquilo que tinha ouvido.

retromão

re·tro·mão

s. f.

01 Movimento automático da mão para o antigo lugar de um objecto depois de este ter sido mudado de sítio.

02 Persistência corporal de uma localização habitual que continua activa mesmo quando se sabe conscientemente que a coisa já não se encontra ali.

03 Pequeno atraso da memória dos gestos em relação à reorganização do espaço.

ETIMOLOGIA formação de retro-, «para trás, anterior», e mão.

EXEMPLO Mudara o interruptor do candeeiro para o outro lado da mesa havia uma semana, mas uma retromão continuava todas as noites a procurar o antigo.

reversura

re·ver·su·ra

s. f.

01 Alívio produzido ao perceber que uma decisão aparentemente importante pode ser facilmente desfeita ou corrigida.

02 Redução da dificuldade de escolher quando as consequências da escolha não são irreversíveis.

03 Liberdade prática criada pela possibilidade real de voltar atrás.

ETIMOLOGIA formação inspirada no latim reversus, «voltado para trás», com -ura enquanto terminação de estado ou condição.

EXEMPLO Hesitou dez minutos entre as duas disposições até perceber que podia mudar tudo no dia seguinte; a reversura reduziu imediatamente a importância metafísica da escolha.

revisombra

re·vi·som·bra

s. f.

01 Estado em que sucessivas revisões de um texto, imagem, som ou outra obra tornam progressivamente mais difícil perceber se as alterações continuam realmente a melhorá-la.

02 Perda temporária de distância crítica causada pelo excesso de contacto com versões quase idênticas.

03 Momento em que corrigir demais começa a obscurecer o próprio critério utilizado para corrigir.

ETIMOLOGIA formação de revisão e sombra, sugerindo a perda de nitidez crítica produzida pela própria repetição do acto de rever.

EXEMPLO Depois de comparar a décima segunda versão da frase com a décima primeira, entrou em revisombra e já não conseguia dizer qual das duas era melhor.

risonexo

ri·so·ne·xo

s. m.

01 Pequena cumplicidade criada instantaneamente entre duas pessoas que riem da mesma coisa antes de terem estabelecido outra relação entre si.

02 Vínculo social momentâneo produzido pelo reconhecimento simultâneo do mesmo aspecto cómico de uma situação.

03 Aliança mínima formada por dois risos que se descobrem do mesmo lado.

ETIMOLOGIA formação de riso e do latim nexus, «ligação, vínculo».

EXEMPLO Não se conheciam, mas ambos repararam no cartaz colocado ao contrário; um risonexo durou apenas alguns segundos e foi suficiente para deixarem de ser inteiramente estranhos.

risotardo

ri·so·tar·do

s. m.

01 Riso que surge alguns segundos depois de uma frase humorística porque o sentido, referência ou mecanismo da graça só então foi compreendido.

02 Reacção cómica atrasada em relação ao acontecimento que a provocou.

03 Pequena chegada tardia do entendimento ao lugar onde o humor já estava à espera.

ETIMOLOGIA composição de riso e tardo, do latim tardus, «lento, tardio».

EXEMPLO A conversa já tinha avançado para outro assunto quando teve um risotardo e obrigou toda a mesa a recordar a frase de quinze segundos antes.

ritmanso

rit·man·so

s. m.

01 Ritmo pessoal e confortável que uma actividade adquire quando deixa de estar submetida a pressa, horários ou cadência exterior.

02 Velocidade espontânea com que alguém lê, cozinha, trabalha, caminha ou organiza o próprio tempo quando ninguém exige que faça mais depressa.

03 Andamento natural de uma pessoa quando o relógio deixa temporariamente de dirigir.

ETIMOLOGIA contracção expressiva de ritmo e manso, sugerindo um andamento que encontrou a sua velocidade confortável.

EXEMPLO Sem compromissos durante a tarde, entrou num ritmanso em que fazer o almoço demorou uma hora e não pareceu demorar nada.

rodacanto

ro·da·can·to

s. m.

01 Tendência para explorar um espaço desconhecido começando pelas margens, paredes, prateleiras ou cantos antes de ocupar o centro.

02 Percurso periférico espontâneo realizado numa livraria, exposição, sala, loja ou outro espaço com múltiplos pontos de atenção.

03 Maneira de conhecer um lugar dando-lhe primeiro a volta.

ETIMOLOGIA formação de rodar e canto, tomando o canto como unidade periférica do espaço.

EXEMPLO Entrou na exposição e iniciou automaticamente um rodacanto pelas paredes, deixando o centro da sala para depois.

rodapenso

ro·da·pen·so

s. m.

01 Pensamento secundário recordado precisamente quando uma conversa, texto ou actividade está prestes a terminar.

02 Ideia que chega demasiado tarde para ocupar o corpo principal daquilo que estava a acontecer e surge quase como nota adicional.

03 Pequeno pensamento de rodapé que aproveita o fim para não desaparecer.

ETIMOLOGIA contracção expressiva de rodapé e penso, por associação a pensar.

EXEMPLO Já estavam a despedir-se quando lhe ocorreu um rodapenso sobre o livro que tinham discutido e a porta teve de esperar mais três minutos.

ruídelo

ru·í·de·lo

s. m.

01 Pequeno som repetitivo, geralmente insignificante, que se torna progressivamente impossível de ignorar depois de ter sido notado.

02 Ruído de baixa intensidade cuja capacidade de incomodar cresce não pelo volume, mas pela insistência.

03 Som mínimo que, uma vez descoberto, parece adquirir autorização para ocupar toda a atenção.

ETIMOLOGIA formação expressiva a partir de ruído, com terminação diminutiva irregular destinada a contrastar a pequenez física do som com a sua crescente importância perceptiva.

EXEMPLO O relógio sempre fizera aquele clique, mas nessa noite transformou-se num ruídelo e passou a ocupar uma divisão inteira.

rumofria

ru·mo·fri·a

s. f.

01 Dúvida súbita sobre se se está a seguir o caminho correcto depois de um percurso que até esse momento parecia familiar ou evidente.

02 Breve perda de confiança na própria orientação sem existir ainda qualquer prova concreta de erro.

03 Instante em que uma estrada conhecida consegue, por alguma razão, parecer suspeita.

ETIMOLOGIA formação de rumo e frio, sugerindo a pequena quebra de confiança produzida pela incerteza espacial.

EXEMPLO Conhecia o caminho havia anos, mas a rotunda pareceu-lhe subitamente diferente e uma rumofria obrigou-o a confirmar a direcção.



020 PALAVRAS / TERRITÓRIO S

Se a experiência existe e o nome não,
a língua terá de se aproximar.

safalume

sa·fa·lu·me

s. m.

01 Pequeno alívio sentido quando se encontra finalmente um objecto que se acreditava perdido, sobretudo num lugar onde já se tinha procurado.

02 Sensação de descoberta acompanhada por ligeira irritação perante a evidente presença da coisa.

03 Vitória doméstica sobre um desaparecimento que afinal nunca ocorreu.

ETIMOLOGIA formação expressiva inspirada em safar e lume, sugerindo o súbito reaparecimento de algo no campo da atenção.

EXEMPLO Procurara os óculos durante dez minutos; quando os viu sobre a mesa onde jurava ter olhado três vezes, sentiu um safalume acompanhado por algumas palavras impróprias para dicionários.

salaíndice

sa·la·ín·di·ce

s. m.

01 Pequeno vestígio existente num espaço aparentemente vazio que permite perceber que alguém esteve ali há pouco tempo.

02 Copo ainda húmido, cadeira deslocada, ecrã aceso, cheiro recente ou outro detalhe material que denuncia uma presença já ausente.

03 Sinal através do qual um lugar conta alguma coisa que acabou de acontecer nele.

ETIMOLOGIA formação de sala e índice, este último no sentido semiótico de sinal material directamente relacionado com aquilo que indica.

EXEMPLO A divisão estava vazia, mas o café ainda quente sobre a mesa era um salaíndice suficientemente preciso para perceber que alguém acabara de sair.

salutívoco

sa·lu·tí·vo·co

s. m.

01 Cumprimento devolvido por engano a alguém cujo aceno, sorriso ou saudação se destinava afinal a outra pessoa situada perto de nós.

02 Breve embaraço produzido pela descoberta de que interpretámos como dirigido a nós um gesto que tinha outro destinatário.

03 Momento em que é necessário decidir o destino de uma mão que já está no ar depois de se perceber que nunca deveria ter sido levantada.

ETIMOLOGIA formação híbrida inspirada no latim salutare, «saudar», e aequivocus, «equívoco, ambíguo», adaptada foneticamente ao português.

EXEMPLO Acenou entusiasticamente para o outro lado da rua e sofreu um salutívoco imediato quando percebeu que o homem cumprimentava a mulher que estava exactamente atrás dele.

segundolho

se·gun·do·lho

s. m.

01 Segundo olhar automático dirigido a alguma coisa porque o primeiro registou uma discrepância que ainda não conseguiu identificar conscientemente.

02 Reobservação imediata provocada pela sensação de que algo está diferente, deslocado, ausente ou inesperado.

03 Momento em que os olhos regressam antes de o pensamento saber exactamente porquê.

ETIMOLOGIA contracção expressiva de segundo e olho.

EXEMPLO Passou pela estante sem parar, deu dois passos e teve um segundolho: só então percebeu que faltava um dos livros.

seguríntimo

se·gu·rín·ti·mo

s. m.

01 Lugar excepcionalmente seguro onde se guarda uma coisa importante e que, precisamente por não corresponder ao sítio habitual, se torna posteriormente difícil de recordar.

02 Esconderijo escolhido com excesso de prudência e recuperado com insuficiência de memória.

03 Local onde um objecto fica protegido sobretudo da pessoa que o guardou.

ETIMOLOGIA contracção expressiva de seguro e íntimo, sugerindo um lugar excessivamente reservado.

EXEMPLO Guardou o passaporte num seguríntimo tão eficaz que passou a véspera da viagem a procurar onde o tinha protegido de si próprio.

semquilos

sem·qui·los

s. m. pl.

01 Designação informal para partículas ou quanta que possuem massa de repouso nula, como os fotões e, no Modelo Padrão, os gluões.

02 Entidades físicas que transportam energia e momento apesar de não possuírem massa de repouso, contrariando a intuição quotidiana de que tudo aquilo que produz efeitos deve necessariamente «pesar».

03 Fig. Coisas sem massa material que, apesar disso, produzem consequências reais: ideias, memórias, música, ameaças, promessas ou expectativas.

ETIMOLOGIA formação de sem e quilos, utilizando deliberadamente uma unidade quotidiana de massa para nomear de maneira quase doméstica uma condição extrema da física.

EXEMPLO A luz entrou pela janela cheia de semquilos: nenhum deles tinha massa de repouso, mas poucos minutos depois o chão já estava mais quente.

sentiavesso

sen·ti·a·ves·so

s. m.

01 Impressão de que uma reacção emocional própria não corresponde àquela que se esperava sentir perante determinada situação.

02 Estranheza provocada por alegria, tristeza, indiferença, medo ou alívio surgidos numa direcção diferente da antecipada.

03 Desacordo momentâneo entre aquilo que acontece e aquilo que imaginávamos que sentiríamos quando acontecesse.

ETIMOLOGIA formação de sentir e avesso, sugerindo uma emoção encontrada do lado inesperado.

EXEMPLO Esperara meses pela notícia e, quando finalmente chegou, teve um sentiavesso: em vez da euforia apareceu apenas um grande sossego.

silencerto

si·len·cer·to

s. m.

01 Silêncio que surge numa conversa e é percebido pelas pessoas presentes como confortável, suficiente ou necessário.

02 Pausa que não exige imediatamente explicação, pergunta ou tentativa de preenchimento.

03 Intervalo em que ninguém fala e ninguém sente que alguma coisa falhou.

ETIMOLOGIA contracção expressiva de silêncio e certo, designando o silêncio que aparece no lugar exacto.

EXEMPLO Depois de ouvirem a história instalou-se um silencerto de alguns segundos e ninguém teve a crueldade de o estragar com «pois é».

simetrusar

si·me·tru·sar

v. tr.

01 Introduzir deliberadamente uma pequena irregularidade numa estrutura excessivamente simétrica para lhe devolver tensão, movimento ou singularidade.

02 Romper uma equivalência formal sem destruir a percepção da ordem que lhe serve de base.

03 Em criação artística, utilizar uma falha controlada para tornar perceptível a própria simetria.

ETIMOLOGIA formação verbal inspirada em simetria e intrusão, com redução fonética sugerindo a entrada de uma diferença dentro de uma ordem regular.

EXEMPLO A composição estava demasiado equilibrada; decidiu simetrusá-la retirando um único acontecimento da terceira repetição.

sobrarquivo

so·brar·qui·vo

s. m.

01 Conjunto de ficheiros, versões, fotografias, documentos ou materiais conservados depois de terminado um projecto embora já não exista uma razão concreta para os guardar.

02 Arquivo residual mantido porque apagar parece uma decisão excessivamente definitiva.

03 Zona digital ou material onde sobrevivem coisas cuja utilidade terminou antes da nossa coragem para as eliminar.

ETIMOLOGIA contracção expressiva de sobra e arquivo.

EXEMPLO O filme estava entregue havia dois anos, mas o disco continuava a conter um sobrarquivo de testes, versões, exportações e ficheiros chamados «FINAL_3_AGORA_SIM».

sobrelembrar

so·bre·lem·brar

v. tr.

01 Recordar repetidamente uma tarefa antes do momento em que é possível executá-la e, por isso mesmo, correr o risco de a esquecer quando esse momento finalmente chega.

02 Manter prematuramente activa uma obrigação futura sem ainda poder resolvê-la.

03 Gastar antecipadamente várias lembranças da mesma coisa.

ETIMOLOGIA formação de sobre- e lembrar, empregando sobre- no sentido de excesso.

EXEMPLO Sobrelembrou durante toda a manhã que precisava de telefonar depois das três; às três e vinte já tinha gasto todas as lembranças e esqueceu-se.

somencontro

so·men·con·tro

s. m.

01 Reconhecimento inesperado de um som familiar num contexto em que não se esperava encontrá-lo.

02 Aparição fortuita de uma música, voz, ruído ou sinal conhecido num lugar estranho ou distante da sua origem habitual.

03 Pequeno encontro produzido inteiramente pelo ouvido.

ETIMOLOGIA contracção expressiva de som e encontro.

EXEMPLO Caminhava numa cidade onde nunca estivera quando ouviu através de uma janela uma música que conhecia desde adolescente; o somencontro fez a rua parecer, durante alguns segundos, menos estrangeira.

somvulto

som·vul·to

s. m.

01 Som que permite perceber a presença de alguma coisa ou alguém sem fornecer informação suficiente para identificar claramente a sua origem.

02 Espécie de silhueta auditiva produzida por passos, deslocações, respirações, objectos ou movimentos ocultos da vista.

03 Presença percebida primeiro pelo ouvido e apenas incompletamente definida por ele.

ETIMOLOGIA formação de som e vulto, transportando para a audição a ideia visual de uma forma reconhecível sem detalhe.

EXEMPLO Do corredor chegou um somvulto de passos e tecido; sabia que alguém se aproximava, mas ainda não quem.

soproguia

so·pro·gui·a

s. m.

01 Pequena corrente de ar utilizada espontaneamente para localizar uma abertura, passagem ou direcção que ainda não se vê claramente.

02 Informação espacial transmitida pelo movimento do ar em situações de pouca luz ou em espaços desconhecidos.

03 Orientação táctil produzida pelo modo como o ar toca a pele.

ETIMOLOGIA composição de sopro e guia.

EXEMPLO No corredor às escuras não via a porta aberta, mas um soproguia frio no rosto indicou-lhe exactamente onde estava.

sorrifresta

sor·ri·fres·ta

s. f.

01 Sorriso muito breve que atravessa uma expressão até então séria, tensa ou reservada.

02 Pequena abertura momentânea da expressão facial que não chega a transformar-se num sorriso completo.

03 Fresta de sorriso que aparece e desaparece antes de ocupar inteiramente o rosto.

ETIMOLOGIA formação de sorriso e fresta.

EXEMPLO Manteve a expressão séria durante toda a explicação, mas uma sorrifresta passou-lhe pelo rosto quando ouviu a última frase.

sossegardo

sos·se·gar·do

s. m.

01 Alívio sentido depois de colocar finalmente num lugar seguro um objecto que se transportou, protegeu ou vigiou durante algum tempo.

02 Relaxamento produzido quando a responsabilidade física por uma coisa deixa momentaneamente de depender das nossas mãos.

03 Prazer de poder deixar de verificar se aquilo que não se podia perder continua connosco.

ETIMOLOGIA contracção expressiva de sossego e guardar.

EXEMPLO Só depois de pousar o disco rígido na gaveta e fechá-la sentiu o sossegardo da viagem verdadeiramente terminada.

subitarde

su·bi·tar·de

s. f.

01 Descoberta súbita de que é muito mais tarde do que se imaginava depois de um período de concentração, conversa, leitura ou outra actividade absorvente.

02 Salto subjectivo do tempo produzido quando várias horas parecem ter passado sem atravessar os minutos intermédios.

03 Instante em que se olha para o relógio e o dia parece ter avançado clandestinamente.

ETIMOLOGIA contracção expressiva de súbito e tarde.

EXEMPLO Começou a ler depois do jantar e uma subitarde às duas e vinte da manhã informou-o de que o livro tinha estado a negociar directamente com o relógio.

subsomar

sub·so·mar

v. tr.

01 Integrar numa obra sonora um elemento suficientemente discreto para não funcionar como figura principal, mas suficientemente presente para modificar a percepção do conjunto.

02 Colocar um som abaixo da atenção dominante sem o tornar irrelevante.

03 Fazer actuar musicalmente aquilo que quase não se ouve.

ETIMOLOGIA formação de sub- e som, verbalizada por -ar.

EXEMPLO Subsomou uma gravação distante de tráfego sob as cordas; ninguém a identificava imediatamente, mas sem ela a peça parecia inexplicavelmente mais vazia.

súbitofolga

sú·bi·to·fol·ga

s. f.

01 Porção inesperada de tempo livre criada pelo cancelamento, adiamento ou conclusão antecipada de uma obrigação.

02 Intervalo que não estava previsto no dia e que, por isso, parece possuir uma qualidade diferente do tempo livre previamente organizado.

03 Pequena herança cronológica deixada por alguma coisa que afinal não aconteceu.

ETIMOLOGIA composição de súbito e folga.

EXEMPLO Cancelaram a reunião vinte minutos antes de começar e apareceu-lhe uma súbitofolga de duas horas que ainda não pertencia a plano nenhum.

suspensoalho

sus·pen·so·a·lho

s. m.

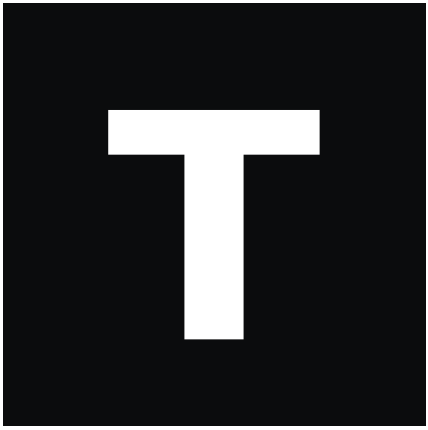
01 Objecto ou pequena tarefa deixada deliberadamente a meio e visível para impedir que uma interrupção se transforme em esquecimento.

02 Vestígio material de uma actividade suspensa que funciona simultaneamente como recordação e convite ao regresso.

03 Coisa temporariamente não arrumada porque a sua própria presença constitui um sistema de memória.

ETIMOLOGIA formação expressiva de suspenso e soalho, evocando aquilo que fica literalmente deixado no caminho para não poder ser ignorado.

EXEMPLO Deixou a caixa aberta no meio da sala como suspensoalho; arrumá-la seria, naquele caso, a maneira mais eficaz de nunca mais terminar o trabalho.



Toda a palavra nova altera ligeiramente o mapa daquilo que podemos sentir.

tactêncio

tac·tên·ci·o

s. m.

01 Percepção imediata, através do toque, de que um objecto está ligeiramente diferente do modo habitual antes de se conseguir identificar exactamente a alteração.

02 Reconhecimento táctil de uma pequena mudança de textura, posição, temperatura, tensão ou forma.

03 Instante em que a mão detecta primeiro e o pensamento explica depois.

ETIMOLOGIA formação inspirada no latim tactus, «toque», com terminação expressiva -êncio, sem valor morfológico fixo.

EXEMPLO Pegou na guitarra e teve um tactêncio imediato; ainda não sabia o que se passava, mas alguma coisa na tensão das cordas estava diferente.

talvezume

tal·vez·u·me

s. m.

01 Estado mental em que uma possibilidade permanece suficientemente plausível para não ser abandonada, mas insuficientemente sólida para orientar uma decisão.

02 Acumulação de hipóteses intermédias entre o sim e o não.

03 Névoa decisória produzida por demasiados «talvez».

ETIMOLOGIA formação de talvez e da terminação expressiva -ume, usada para sugerir uma matéria difusa ou acumulada.

EXEMPLO Depois de ouvir três opiniões incompatíveis, ficou num talvezume em que todas as hipóteses pareciam ligeiramente possíveis e nenhuma suficientemente boa.

tardúbio

tar·dú·bi·o

s. m.

01 Indecisão produzida por uma tarefa que ainda poderia ser realizada nesse dia, embora o momento confortável para a começar pareça já ter passado.

02 Estado intermédio entre «ainda vou a tempo» e «agora já não vale a pena».

03 Dúvida cronológica que costuma aparecer quando o dia está demasiado avançado para começar e demasiado incompleto para desistir.

ETIMOLOGIA contracção expressiva de tarde e dúbio, do latim dubius, «incerto».

EXEMPLO Às onze e meia lembrou-se de responder ao e-mail e passou quinze minutos em tardúbio antes de reconhecer que o dia seguinte também possuía correio electrónico.

teimafim

tei·ma·fim

s. m.

01 Prolongamento de uma actividade apenas porque falta muito pouco para terminar, apesar de o cansaço já tornar a continuação menos eficaz.

02 Persistência motivada pela proximidade do fim e não pela qualidade do trabalho que ainda se consegue produzir.

03 Convicção perigosa de que «são só mais dez minutos».

ETIMOLOGIA composição de teima e fim.

EXEMPLO Já mal lia o que escrevia, mas um teimafim manteve-o diante do ecrã durante mais quarenta minutos porque «faltava só um bocadinho».

telapouso

te·la·pou·so

s. m.

01 Momento em que se deixa de utilizar activamente um ecrã mas se permanece diante dele sem decisão clara de iniciar outra actividade.

02 Pequeno intervalo passivo entre terminar uma tarefa digital e regressar plenamente ao espaço físico envolvente.

03 Permanência da atenção diante de um dispositivo que já deixou de ser necessário.

ETIMOLOGIA formação de tela e pouso, tomando o ecrã como lugar onde a atenção continua pousada depois de acabar a tarefa.

EXEMPLO Fechou o documento, mas ficou cinco minutos em telapouso diante do ambiente de trabalho vazio antes de se levantar.

temperário

tem·pe·rá·ri·o

s. m.

01 Pequeno ritual usado para ajustar o próprio estado físico ou mental antes de começar uma actividade.

02 Sequência de gestos destinada a encontrar a disposição adequada para trabalhar, estudar, tocar, escrever ou falar em público.

03 Preparação que não pertence tecnicamente à tarefa, mas regula a condição de quem vai executá-la.

ETIMOLOGIA formação inspirada em temperar, no sentido de ajustar, equilibrar ou preparar, com -ário em valor funcional.

EXEMPLO O temperário dele antes de escrever incluía café, uma janela aberta, três minutos sem fazer nada e a decisão solene de não consultar mensagens.

terceiroouvido

ter·cei·ro·ou·vi·do

s. m.

01 Atenção dirigida não apenas ao que alguém diz nem apenas ao modo como o diz, mas à relação entre ambos.

02 Escuta sensível a pequenas diferenças entre conteúdo verbal, ritmo, silêncio, entoação e contexto.

03 Forma provisória de percepção social que regista incongruências sem as transformar em prova de mentira, intenção oculta ou estado emocional determinado.

ETIMOLOGIA composição de terceiro e ouvido, sugerindo metaforicamente uma escuta suplementar à do conteúdo e à do som considerados separadamente.

EXEMPLO As palavras eram tranquilizadoras, mas o terceiroouvido dela reparou que a velocidade da resposta não combinava inteiramente com essa tranquilidade.

textalgia

tex·tal·gi·a

s. f.

01 Desconforto provocado por reencontrar um texto antigo próprio cuja linguagem já não corresponde inteiramente à pessoa que o lê no presente.

02 Mistura de estranheza, embaraço e ternura perante uma versão anterior da própria escrita.

03 Dor ligeira de reconhecer a autoria sem reconhecer completamente quem escreveu.

ETIMOLOGIA formação de texto e do grego álgos, «dor».

EXEMPLO Releu uma entrevista de vinte anos antes e teve textalgia suficiente para reconhecer cada frase e querer discutir com quase todas.

textofrio

tex·to·fri·o

s. m.

01 Texto próprio que, depois de permanecer algum tempo sem ser relido, volta a ser encontrado com distância suficiente para parecer parcialmente escrito por outra pessoa.

02 Versão afastada no tempo que permite recuperar capacidade crítica perdida durante a proximidade intensa da escrita.

03 Texto cuja temperatura autoral desceu o suficiente para poder ser julgado.

ETIMOLOGIA composição de texto e frio, tomando o arrefecimento como metáfora da distância crítica.

EXEMPLO Guardou o ensaio durante uma semana e só então voltou ao textofrio; três páginas que antes pareciam indispensáveis revelaram-se perfeitamente dispensáveis.

timbrume

tim·bru·me

s. m.

01 Qualidade sonora residual que permite reconhecer uma voz ou instrumento mesmo quando a fonte está distante, abafada ou parcialmente mascarada.

02 Vestígio de timbre que sobrevive à perda de detalhe suficiente para tornar ainda perceptível uma identidade sonora.

03 Assinatura acústica mínima de uma presença.

ETIMOLOGIA formação a partir de timbre, com terminação expressiva -ume.

EXEMPLO A conversa chegava indistinta do corredor, mas havia timbrume suficiente para reconhecer quem estava a falar.

tocavés

to·ca·vés

s. f.

01 Impulso de tocar brevemente num objecto apenas porque a sua textura, forma ou superfície parece convidar ao contacto.

02 Curiosidade táctil sem finalidade funcional.

03 Pequeno desejo das mãos de confirmar aquilo que os olhos já viram.

ETIMOLOGIA formação expressiva inspirada em tocar e vez, sugerindo um único contacto breve.

EXEMPLO A pedra polida da escultura provocava uma tocavés imediata, embora o aviso «não tocar» tivesse previsto exactamente esse problema.

tomabrigo

to·ma·bri·go

s. m.

01 Escolha espontânea de um lugar ligeiramente protegido dentro de um espaço público, como um canto, parede, coluna, fundo de sala ou extremidade de mesa.

02 Tendência para ocupar uma posição que reduz a exposição sem implicar afastamento social completo.

03 Pequeno abrigo espacial escolhido pelo corpo antes de uma decisão consciente.

ETIMOLOGIA contracção expressiva de tomar e abrigo.

EXEMPLO Havia cadeiras no centro da sala, mas escolheu imediatamente a que encostava à parede; o tomabrigo decidira antes dele.

transbordito

trans·bor·di·to

s. m.

01 Informação adicional que escapa involuntariamente durante uma resposta e revela mais contexto do que a pessoa pretendia fornecer.

02 Pequeno excesso verbal que ultrapassa os limites inicialmente escolhidos para uma explicação.

03 Pormenor dito de passagem que, depois de pronunciado, se torna mais interessante do que a própria resposta.

ETIMOLOGIA formação expressiva de transbordar e dito.

EXEMPLO Respondeu apenas que a viagem tinha corrido bem, mas um transbordito sobre «a discussão no hotel» abriu imediatamente uma segunda conversa.

travadia

tra·va·di·a

s. m.

01 Dia cuja organização fica psicologicamente bloqueada pela existência de um compromisso marcado para mais tarde.

02 Dificuldade em começar actividades substanciais antes de uma reunião, consulta, viagem ou outra obrigação futura por se sentir que já não existe tempo verdadeiramente livre.

03 Capacidade de um acontecimento de uma hora ocupar antecipadamente várias horas do mesmo dia.

ETIMOLOGIA formação de travar e dia.

EXEMPLO A consulta era apenas às cinco, mas instalou-se um travadia desde o almoço e às quatro percebeu que passara três horas à espera de começar a esperar.

travessenso

tra·ves·sen·so

s. m.

01 Mudança retrospectiva de significado produzida quando uma informação posterior altera a maneira de compreender algo que aconteceu anteriormente.

02 Releitura súbita de uma frase, gesto, acontecimento ou situação depois de surgir um dado que lhes atribui outra relação ou sentido.

03 Transformação da interpretação do passado sem alteração de nenhum dos factos que o compõem.

ETIMOLOGIA formação de atravessar e senso, sugerindo um novo sentido que atravessa aquilo que já tinha sido interpretado.

EXEMPLO Quando soube que ela já conhecia a notícia naquela manhã, toda a conversa do almoço sofreu um travessenso.

trazmente

traz·men·te

s. f.

01 Sensação de que um pensamento secundário continua activo no fundo da atenção enquanto outra tarefa ocupa o primeiro plano.

02 Problema, frase, melodia ou decisão que permanece mentalmente presente sem exigir concentração contínua.

03 Zona posterior da atenção onde uma questão pode continuar a acompanhar-nos enquanto fazemos outra coisa.

ETIMOLOGIA formação inspirada em trás e mente, com alteração gráfica destinada a criar uma unidade lexical autónoma.

EXEMPLO Passou a manhã a trabalhar noutro assunto, mas a trazmente continuava a experimentar discretamente finais para a peça.

trizlume

triz·lu·me

s. m.

01 Aparição muito breve de uma ideia antes de esta adquirir formulação suficiente para ser retida.

02 Sensação de encontrar por um instante a solução, palavra ou relação procurada, seguida pelo desaparecimento quase imediato dessa possibilidade.

03 Clarão cognitivo demasiado rápido para conseguir iluminar-se a si próprio.

ETIMOLOGIA formação de triz, «mínimo, quase nada», e lume, «luz».

EXEMPLO Teve um trizlume da solução enquanto fechava a porta, mas quando encontrou papel para a escrever já só se lembrava de ter sabido alguma coisa.

trizpar

triz·par

v. intr.

01 Interromper deliberadamente uma tarefa pouco antes de um ponto natural de conclusão para deixar preparada uma continuação evidente.

02 Parar num lugar funcionalmente incompleto de maneira a facilitar o recomeço posterior.

03 Suspender uma actividade deixando activo o impulso necessário para regressar a ela.

ETIMOLOGIA formação expressiva inspirada em por um triz e parar, designando uma paragem efectuada deliberadamente a pequena distância da conclusão.

EXEMPLO Em vez de terminar o parágrafo, trizpou a escrita quando já sabia a frase seguinte; no dia seguinte entrou no texto sem precisar de voltar a procurar a porta.

trocalado

tro·ca·la·do

s. m.

01 Mudança espontânea da posição relativa de duas pessoas durante uma caminhada, conversa ou actividade sem necessidade de a explicitar.

02 Passagem de um lado para o outro determinada por ruído, sol, trânsito, espaço, hábito ou conforto.

03 Pequena reorganização corporal realizada por negociação silenciosa.

ETIMOLOGIA contracção de troca e lado.

EXEMPLO Quando chegaram à rua mais movimentada fizeram um trocalado automático para continuar a ouvir-se sem interromper a conversa.

trocavolta

tro·ca·vol·ta

s. f.

01 Decisão de regressar a uma opção anteriormente rejeitada depois de as alternativas revelarem problemas que inicialmente não eram visíveis.

02 Retorno pragmático a uma escolha antiga sem que isso implique considerá-la perfeita.

03 Volta a uma solução abandonada porque o percurso pelas outras modificou a avaliação inicial.

ETIMOLOGIA formação de troca e volta, sugerindo uma mudança que se realiza através do regresso.

EXEMPLO Experimentou três disposições diferentes para a sala e acabou numa trocavolta à primeira, agora já sabendo por que razão funcionava melhor.

trocofalso

tro·co·fal·so

s. m.

01 Sensação breve de que alguma coisa mudou quando, na realidade, mudou apenas a atenção que lhe dirigimos.

02 Impressão de novidade produzida por reparar pela primeira vez num detalhe antigo.

03 Alteração aparente causada pelo observador e não pelo objecto.

ETIMOLOGIA formação de troca e falso.

EXEMPLO Jurava que o botão tinha aparecido naquela semana, mas era um trocofalso: estava ali desde que comprara o aparelho.

tropenso

tro·pen·so

s. m.

01 Ideia surgida de um erro de leitura, audição, associação ou interpretação que se revela mais interessante do que aquilo que se pretendia compreender.

02 Pensamento nascido de um engano fértil.

03 Acidente cognitivo que abre uma direcção inesperada.

ETIMOLOGIA formação expressiva de tropeço e penso, por associação ao verbo pensar.

EXEMPLO Leu mal uma palavra no título e desse erro nasceu um tropenso que acabou por se tornar o conceito central do projecto.

U

009 PALAVRAS / TERRITÓRIO U

Uma língua inacabada é uma língua viva; o resto é trabalho de campo.

ultimância

ul·ti·mân·ci·a

s. f.

01 Aumento súbito da atenção, intensidade ou valor afectivo de uma experiência quando se sabe que ela está a acontecer pela última vez.

02 Transformação de um gesto habitual em acontecimento significativo apenas porque se conhece antecipadamente a impossibilidade da sua repetição nas mesmas condições.

03 Nitidez emocional adquirida por uma coisa quando o seu fim já está presente dentro dela.

ETIMOLOGIA formação a partir de último, com -ância enquanto terminação de estado ou condição, utilizada excepcionalmente nesta letra.

EXEMPLO O café não tinha mudado de sabor, mas a ultimância de saber que era o último naquela casa tornou cada gole excessivamente nítido.

últimotempo

úl·ti·mo·tem·po

s. m.

01 Pequeno intervalo que alguém acrescenta deliberadamente a uma actividade porque sabe que está prestes a terminá-la.

02 Minutos adicionais concedidos a uma música, conversa, lugar ou tarefa antes de uma partida ou interrupção já decidida.

03 Tempo cuja intensidade resulta precisamente de se conhecer antecipadamente o seu limite.

ETIMOLOGIA composição de último e tempo.

EXEMPLO O táxi chegaria dali a dez minutos; usou aquele últimotempo para ouvir mais uma faixa inteira em vez de começar imediatamente a despedir-se da casa.

umbrelhar

um·bre·lhar

v. tr.

01 Organizar uma obra de modo que um elemento só se torne plenamente perceptível depois de outro ter preparado lentamente as condições para a sua aparição.

02 Fazer uma forma emergir gradualmente de uma zona de sombra, ruído, indistinção ou ambiguidade.

03 Em música, imagem, cinema ou escrita, trabalhar deliberadamente a passagem entre ainda não se perceber e começar a perceber.

ETIMOLOGIA formação verbal inspirada no latim umbra, «sombra», com ressonância de umbral, «limiar».

EXEMPLO Umbrelhou a voz durante quase um minuto: primeiro parecia apenas parte do ruído, depois começaram a aparecer sílabas e só no fim se tornou linguagem.

umbralento

um·bra·len·to

s. m.

01 Momento em que uma alteração muito gradual se torna finalmente perceptível, embora não seja possível determinar exactamente quando começou.

02 Limiar subjectivo atravessado por uma mudança lenta de luz, som, temperatura, atmosfera ou comportamento.

03 Instante em que aquilo que vinha acontecendo imperceptivelmente passa subitamente a poder ser notado.

ETIMOLOGIA formação de umbral, «limiar», e lento, designando o aparecimento perceptivo de uma transformação gradual.

EXEMPLO A tarde escurecera durante quase uma hora sem que reparasse; de repente atingiu-se um umbralento e percebeu que já precisava de acender a luz.

unifresta

u·ni·fres·ta

s. f.

01 Pequeno ponto de acordo encontrado entre duas posições globalmente incompatíveis.

02 Aspecto particular sobre o qual pessoas que discordam de quase tudo conseguem reconhecer uma base comum.

03 Abertura mínima através da qual uma discussão bloqueada pode voltar a transformar-se em conversa.

ETIMOLOGIA formação de união e fresta, reduzida de modo a sugerir uma abertura estreita mas funcional.

EXEMPLO Continuavam em desacordo sobre o projecto inteiro, mas encontraram uma unifresta no calendário e foi por aí que a reunião conseguiu avançar.

unissalto

u·nis·sal·to

s. m.

01 Coincidência espontânea em que duas ou mais pessoas realizam ao mesmo tempo o mesmo pequeno gesto, pronunciam a mesma palavra ou tomam a mesma iniciativa sem combinação prévia.

02 Breve sincronização involuntária cuja simultaneidade se torna perceptível precisamente porque surpreende quem nela participa.

03 Pequeno acontecimento social em que duas decisões independentes parecem ter recebido o mesmo sinal invisível.

ETIMOLOGIA formação inspirada em uníssono e salto, transferindo para uma acção súbita a ideia de simultaneidade.

EXEMPLO Ambos se levantaram exactamente no mesmo instante para ir buscar água e o unissalto provocou um segundo movimento igualmente sincronizado: os dois voltaram a sentar-se para deixar o outro passar.

urgivulto

ur·gi·vul·to

s. m.

01 Sensação de urgência produzida principalmente pelo facto de uma tarefa permanecer visível, aberta ou repetidamente presente, embora não exista prazo próximo nem consequência imediata.

02 Pressão subjectiva que uma coisa por fazer ganha simplesmente por continuar dentro do campo de atenção.

03 Urgência criada pela presença e não pelo calendário.

ETIMOLOGIA formação de urgência e vulto, atribuindo à tarefa uma espécie de corpo perceptivo que cresce enquanto permanece visível.

EXEMPLO O e-mail não precisava de resposta antes de sexta-feira, mas deixá-lo aberto no ecrã deu-lhe um urgivulto tão grande que acabou por responder na terça.

usufrasto

u·su·fras·to

s. m.

01 Vestígio material deixado num objecto por uma utilização prolongada e afectivamente significativa.

02 Desgaste que, em vez de parecer simples deterioração, funciona como prova de que uma coisa foi verdadeiramente usada e vivida.

03 Marca cuja eliminação poderia tornar um objecto materialmente mais novo e biograficamente mais pobre.

ETIMOLOGIA formação expressiva de usufruir e rasto.

EXEMPLO A capa do livro estava gasta exactamente onde os dedos a seguravam; aquele usufrasto valia-lhe mais do que uma edição impecável.

utilêncio

u·ti·lên·ci·o

s. m.

01 Prazer específico produzido por um objecto cuja forma, peso, mecanismo ou disposição corresponde de maneira excepcionalmente satisfatória àquilo para que serve.

02 Sensação de harmonia perante uma solução funcional que parece não conter nada a mais nem nada a menos.

03 Beleza percebida através da adequação do uso e não da ornamentação.

ETIMOLOGIA formação de útil e silêncio, sugerindo uma utilidade tão bem resolvida que deixa de chamar atenção para o próprio esforço de funcionar.

EXEMPLO A pequena tesoura cortava exactamente onde os dedos esperavam; havia naquele objecto um utilêncio que dispensava qualquer decoração.

V

028 PALAVRAS / TERRITÓRIO V

Ver melhor pode começar por encontrar a palavra que faltava ao olhar.

vagapasso

va·ga·pas·so

s. m.

01 Caminhada breve sem destino próprio realizada enquanto se pensa, espera ou tenta resolver mentalmente alguma coisa.

02 Deslocação cujo percurso é secundário porque a verdadeira actividade acontece no pensamento.

03 Movimento dos pés utilizado como espaço provisório para uma ideia.

ETIMOLOGIA formação de vagar e passo, conservando a ambiguidade entre andar sem rumo e avançar lentamente.

EXEMPLO Não conseguia resolver a última frase sentado; fez um vagapasso pela casa e encontrou-a algures entre a cozinha e a janela.

vaziochama

va·zi·o·cha·ma

s. m.

01 Ausência que chama imediatamente a atenção por ocorrer no lugar onde alguma coisa era esperada.

02 Espaço vazio cuja visibilidade resulta da memória daquilo que habitualmente o ocupava.

03 Falta que consegue tornar-se perceptivamente mais presente do que muitos objectos efectivamente presentes.

ETIMOLOGIA composição de vazio e chama, do verbo chamar, designando um vazio que atrai activamente a atenção.

EXEMPLO Entrou na sala e não reparou nas cadeiras, nos livros nem nas plantas; o vaziochama deixado pelo quadro retirado da parede apanhou-lhe imediatamente o olhar.

vedafala

ve·da·fa·la

s. f.

01 Frase verdadeira ou pertinente que se decide não dizer porque o momento, contexto ou estado da outra pessoa tornaria a sua enunciação inadequada.

02 Conteúdo verbal conscientemente retido não por falsidade, mas por avaliação das consequências de o dizer naquele instante.

03 Coisa que talvez deva ser dita, mas não necessariamente agora.

ETIMOLOGIA formação de vedar e fala, designando aquilo a que se fecha temporariamente a passagem para a linguagem.

EXEMPLO Tinha uma observação correcta sobre o problema, mas percebeu que naquele momento seria apenas crueldade com boa argumentação e deixou-a em vedafala.

veiofundo

vei·o·fun·do

s. m.

01 Tema, gesto, imagem, intervalo, ideia ou procedimento que reaparece em várias obras de uma mesma pessoa sem ter sido conscientemente escolhido como elemento recorrente.

02 Continuidade subterrânea que só se torna perceptível quando trabalhos separados são observados em conjunto.

03 Linha de criação que parece ter sabido que existia antes de quem a criou.

ETIMOLOGIA composição de veio, no sentido de filão ou corrente interior, e fundo.

EXEMPLO Só ao rever trabalhos de vinte anos percebeu que a suspensão antes do som era um veiofundo que atravessava quase tudo o que tinha feito.

verifundo

ve·ri·fun·do

s. m.

01 Verificação feita não para confirmar se uma coisa foi realizada, mas se foi realizada da maneira que julgávamos tê-la realizado.

02 Revisão de uma acção concluída quando a dúvida recai sobre o procedimento e não sobre o resultado visível.

03 Confirmação dirigida ao «como» em vez de ao simples «se».

ETIMOLOGIA formação inspirada em verificar e fundo, sugerindo uma confirmação que procura abaixo da superfície do resultado.

EXEMPLO O ficheiro estava guardado, mas fez um verifundo para confirmar se o colocara realmente na pasta certa e não apenas nalgum lugar seguro do universo digital.

versavesso

ver·sa·ves·so

s. m.

01 Versão de uma obra construída através da inversão deliberada de uma regra central da versão anterior.

02 Recriação que conserva o material de origem mas altera fundamentalmente a relação entre os seus elementos.

03 Forma derivada destinada a descobrir aquilo em que uma obra se transforma quando uma das suas lógicas é virada do avesso.

ETIMOLOGIA formação de versão e avesso.

EXEMPLO Depois da peça para sons densos e contínuos, compôs um versavesso utilizando os mesmos materiais mas deixando quase tudo em silêncio.

vésperalvo

vés·pe·ral·vo

s. m.

01 Tarefa pequena escolhida para a véspera de um acontecimento importante por produzir a sensação de que a preparação já começou.

02 Acção simples — carregar baterias, separar documentos, escolher roupa, confirmar um endereço — que concentra a atenção no dia seguinte sem exigir ainda a actividade principal.

03 Primeiro objectivo concreto que a véspera oferece ao futuro próximo.

ETIMOLOGIA formação de véspera e alvo.

EXEMPLO O concerto era no dia seguinte; carregar todos os equipamentos tornou-se o vésperalvo que lhe permitiu parar de pensar simultaneamente em vinte coisas.

vésperto

vés·per·to

s. m.

01 Estado de atenção ligeiramente aumentada produzido pela consciência de que no dia seguinte existe uma obrigação importante.

02 Presença antecipada de um acontecimento futuro que começa a reorganizar mentalmente a noite anterior.

03 Forma de amanhã chegar um pouco antes de o dia de hoje terminar.

ETIMOLOGIA contracção expressiva de véspera e desperto.

EXEMPLO O voo era apenas às onze da manhã, mas desde o jantar estava em vésperto e já verificara três vezes o despertador.

vidarumo

vi·da·ru·mo

s. m.

01 Sensação retrospectiva de que acontecimentos inicialmente dispersos formaram, com o tempo, uma direcção reconhecível que não tinha sido planeada antecipadamente.

02 Linha biográfica percebida apenas depois de percorrida.

03 Coerência encontrada no passado sem pressupor que este obedecesse a um destino previamente determinado.

ETIMOLOGIA formação de vida e rumo, tomando o rumo como construção retrospectiva e não como destino.

EXEMPLO Só décadas depois percebeu o vidarumo que ligava experiências que, quando aconteceram, lhe tinham parecido inteiramente independentes.

vincossenso

vin·cos·sen·so

s. m.

01 Percepção de que uma relação entre duas pessoas se alterou através de mudanças pequenas e acumuladas no modo como estas se procuram, respondem, interrompem ou permanecem juntas.

02 Sensibilidade para a transformação gradual de um vínculo sem pretender identificar uma causa única ou determinar o estado interior de quem nele participa.

03 Leitura provisória da forma de uma relação através dos vincos deixados pelas interacções.

ETIMOLOGIA formação de vinco e senso, utilizando a marca material como metáfora das alterações acumuladas numa relação.

EXEMPLO Nada acontecera de forma dramática, mas o vincossenso dela percebia que entre os dois já existia uma distância que três meses antes não estava ali.

viramanso

vi·ra·man·so

s. m.

01 Mudança gradual de opinião, preferência ou disposição sem existir um momento preciso em que se possa dizer que a mudança ocorreu.

02 Transformação lenta produzida por pequenas experiências acumuladas em vez de um argumento ou acontecimento decisivo.

03 Alteração cuja chegada só é reconhecida quando já se encontra instalada.

ETIMOLOGIA formação de virar e manso, sugerindo uma mudança realizada sem ruptura.

EXEMPLO Durante anos dizia não gostar daquele compositor; depois percebeu, num viramanso impossível de datar, que já possuía quase todos os discos.

viramargem

vi·ra·mar·gem

s. f.

01 Mudança de perspectiva obtida ao observar deliberadamente um problema a partir de um elemento até então considerado periférico.

02 Deslocação do centro da atenção para aquilo que estava na margem, permitindo reorganizar o conjunto.

03 Procedimento criativo ou analítico pelo qual um detalhe secundário passa temporariamente a comandar a leitura.

ETIMOLOGIA formação de virar e margem.

EXEMPLO Não conseguia resolver a cena pelo protagonista; fez uma viramargem e começou a escrevê-la a partir da pessoa que permanecia calada ao fundo.

vistafunda

vis·ta·fun·da

s. f.

01 Familiaridade visual adquirida com um lugar ou objecto ao ponto de pequenas alterações se tornarem perceptíveis sem procura consciente.

02 Conhecimento acumulado pelo olhar através da repetição prolongada.

03 Capacidade de perceber que alguma coisa mudou antes de se conseguir indicar exactamente o quê.

ETIMOLOGIA composição de vista e funda, no sentido de uma percepção aprofundada pelo tempo.

EXEMPLO Ninguém reparou na alteração da sala, mas a vistafunda dela detectou imediatamente que uma pequena fotografia mudara de parede.

vitralhar

vi·tra·lhar

v. tr.

01 Fragmentar uma imagem, narrativa, som ou ideia em partes distintas que continuam a formar um conjunto através das relações entre elas.

02 Criar uma unidade descontínua em que cada fragmento conserva identidade própria e simultaneamente modifica a percepção dos restantes.

03 Em criação artística, construir um todo através da articulação de zonas relativamente autónomas.

ETIMOLOGIA formação verbal inspirada em vitral, cuja imagem total resulta da relação entre fragmentos separados.

EXEMPLO Vitralhou a narrativa em onze cenas independentes que só no fim revelavam pertencer ao mesmo acontecimento.

vizinhor

vi·zi·nhor

s. m.

01 Som recorrente proveniente de uma casa, divisão ou espaço vizinho que, pela repetição, passa a integrar a familiaridade acústica de um lugar.

02 Ruído alheio que deixa gradualmente de ser apenas intrusão e começa também a funcionar como sinal de presença, horário ou continuidade quotidiana.

03 Marca sonora informal da existência dos outros nas proximidades.

ETIMOLOGIA formação expressiva inspirada em vizinho e sonoro, comprimidos numa forma única.

EXEMPLO Nunca conhecera a pessoa do andar de cima, mas o piano das seis da tarde tornara-se um vizinhor tão regular que estranhava os dias em que não aparecia.

voltalento

vol·ta·len·to

s. m.

01 Período necessário para recuperar plenamente hábitos, ritmos e referências quotidianas depois de uma ausência prolongada.

02 Regresso gradual à sensação de normalidade quando voltar fisicamente foi muito mais rápido do que voltar mentalmente.

03 Tempo que uma rotina demora a reconhecer novamente quem regressou.

ETIMOLOGIA formação de volta e lento.

EXEMPLO Chegou de viagem numa hora, mas o voltalento durou quase três dias até a casa deixar de parecer ligeiramente provisória.

voltarumo

vol·ta·ru·mo

s. m.

01 Momento em que uma actividade abandonada, dispersa ou desviada recupera uma direcção clara.

02 Regresso a uma linha de trabalho depois de um período em que ainda não se sabia exactamente por onde continuar.

03 Sensação de reconhecer novamente para onde uma coisa estava a ir.

ETIMOLOGIA formação de voltar e rumo.

EXEMPLO Passou dois dias a experimentar possibilidades sem resultado; bastou retirar uma secção para sentir o voltarumo da peça.

voltaviso

vol·ta·vi·so

s. m.

01 Detalhe percebido apenas no instante em que já se está a abandonar um lugar e que provoca uma interrupção ou regresso do olhar.

02 Informação visual que chega demasiado tarde para a primeira observação mas ainda a tempo de impedir a partida completa.

03 Última coisa que um espaço mostra precisamente quando deixámos de o observar activamente.

ETIMOLOGIA formação de voltar e aviso, com ressonância de vista.

EXEMPLO Já tinha a mão na maçaneta quando um voltaviso lhe mostrou as chaves esquecidas sobre a mesa.

vontapronto

von·ta·pron·to

s. m.

01 Vontade de realizar uma tarefa que surge precisamente quando já não existe tempo suficiente para a começar de maneira razoável.

02 Energia tardia que aparece depois de o período disponível ter praticamente terminado.

03 Disposição súbita para trabalhar exactamente quando é necessário parar.

ETIMOLOGIA contracção expressiva de vontade e pronto, sugerindo uma vontade que chega quando o tempo está praticamente encerrado.

EXEMPLO Passara a tarde sem vontade de escrever; às onze e cinquenta apareceu-lhe um vontapronto capaz de começar imediatamente um capítulo de quarenta páginas.

vozporto

voz·por·to

s. m.

01 Sensação de familiaridade, segurança ou orientação produzida ao ouvir uma voz conhecida depois de um período de estranheza, deslocação ou isolamento.

02 Voz que funciona momentaneamente como lugar de regresso.

03 Pequeno abrigo auditivo criado pelo reconhecimento de alguém.

ETIMOLOGIA formação de voz e porto, tomando o porto como metáfora de chegada, abrigo e reconhecimento.

EXEMPLO Depois de um dia inteiro entre pessoas desconhecidas, ouviu ao telefone a primeira palavra dela e houve imediatamente um vozporto.

watchmão

watch·mão

s. f.

01 Movimento automático de olhar para o pulso para consultar as horas mesmo quando não se está a usar relógio.

02 Persistência corporal de um hábito adquirido com um objecto temporariamente ausente.

03 Gesto em que a memória do corpo consulta um mostrador que a realidade se esqueceu de fornecer.

ETIMOLOGIA formação híbrida do inglês watch, «relógio de pulso», e do português mão, estendido aqui ao gesto que envolve mão, pulso e braço.

EXEMPLO Passara o dia sem relógio, mas a watchmão continuou a consultar um mostrador imaginário com absoluta confiança.

waveolho

wave·o·lho

s. m.

01 Capacidade adquirida de reconhecer visualmente, numa representação de forma de onda sonora, a localização provável de determinados acontecimentos acústicos.

02 Leitura prática de ataques, silêncios, alterações de intensidade ou outros elementos de uma gravação através da configuração gráfica da onda antes de os ouvir.

03 Forma de começar a ouvir uma gravação com os olhos.

ETIMOLOGIA formação híbrida do inglês wave, «onda», por associação a waveform, e do português olho.

EXEMPLO Nem precisou de reproduzir o ficheiro inteiro; o waveolho mostrou-lhe imediatamente onde se encontrava o ataque que procurava.

webnáufrago

web·náu·fra·go

s. m.

01 Separador ou página de navegador que permanece aberta depois de se ter esquecido por que razão foi inicialmente aberta.

02 Conteúdo digital cuja ligação à tarefa que o originou se perdeu, mas que ainda parece demasiado potencialmente importante para ser fechado.

03 Página que sobreviveu ao motivo da própria existência e continua à deriva entre os restantes separadores.

ETIMOLOGIA formação de web e náufrago, tomando a perda do propósito como uma espécie de naufrágio digital.

EXEMPLO Não fazia ideia de por que abrira um artigo sobre pontes romanas, mas deixou aquele webnáufrago no navegador durante mais dois dias, não fosse o passado ter tido uma razão.

wiferguer

wi·fer·guer

v. tr.

01 Levantar, inclinar, rodar ou deslocar um telefone, computador ou outro dispositivo na tentativa de melhorar uma ligação sem fios instável.

02 Procurar fisicamente no espaço, através do movimento do aparelho, uma posição em que o sinal pareça funcionar melhor.

03 Realizar um gesto cuja eficácia técnica pode ser duvidosa mas cuja necessidade psicológica parece incontestável.

ETIMOLOGIA contracção híbrida de Wi-Fi e erguer.

EXEMPLO A chamada começou a falhar e ele wifergueu o telefone junto à janela, como se houvesse um pequeno depósito de internet suspenso perto do tecto.

wifincho

wi·fin·cho

s. m.

01 Pequeno lugar de uma casa, sala, jardim ou outro espaço onde a ligação sem fios funciona perceptivelmente melhor do que nos pontos imediatamente circundantes.

02 Posição informalmente descoberta e repetidamente utilizada por proporcionar recepção particularmente estável.

03 Nicho invisível cuja arquitectura parece ter sido desenhada pelas ondas de rádio.

ETIMOLOGIA contracção expressiva de Wi-Fi e nicho.

EXEMPLO Na casa de férias a internet era imprevisível excepto num wifincho muito preciso entre a janela e uma cadeira, onde todos acabavam por se reunir com os telefones.

windowrasto

win·dow·ras·to

s. m.

01 Persistência mental da localização habitual de janelas, aplicações ou documentos num ecrã depois de estes terem sido fechados ou reorganizados.

02 Tendência para procurar visualmente informação no lugar onde costumava aparecer apesar de a disposição do espaço digital ter mudado.

03 Memória espacial criada pela repetição de uma determinada organização do ambiente de trabalho digital.

ETIMOLOGIA formação híbrida do inglês window, «janela», no sentido informático, e do português rasto.

EXEMPLO Mudou a disposição dos monitores, mas o windowrasto fazia-o continuar a procurar o correio electrónico no canto esquerdo onde vivera durante anos.

workpouso

work·pou·so

s. m.

01 Pequeno ritual ou conjunto de gestos que assinala corporalmente o fim do trabalho e facilita a passagem para outra parte do dia.

02 Acto de fechar, guardar, desligar, arrumar ou abandonar determinado espaço através do qual o trabalho deixa de continuar apenas porque o relógio declarou que terminou.

03 Aterragem prática da atenção depois de um período prolongado de actividade.

ETIMOLOGIA formação híbrida do inglês work, «trabalho», e do português pouso.

EXEMPLO Não lhe bastava fechar o ficheiro; o workpouso só acontecia depois de desligar o equipamento, arrumar a mesa e sair da divisão.

wrongachado

wrong·a·cha·do

s. m.

01 Descoberta útil produzida por uma acção errada, escolha incorrecta, engano de leitura ou percurso que não conduziu ao resultado pretendido.

02 Resultado valioso encontrado precisamente porque alguma coisa aconteceu de maneira diferente da planeada.

03 Erro que, sem deixar de ser erro, adquire retrospectivamente razões para ser agradecido.

ETIMOLOGIA formação híbrida do inglês wrong, «errado», e do português achado.

EXEMPLO Abriu por engano o ficheiro antigo e encontrou nele uma versão abandonada que resolveu o problema da actual; foi um wrongachado demasiado bom para pedir desculpa.



008 PALAVRAS / TERRITÓRIO X

X assinala o lugar onde uma experiência ainda aguarda definição.

xabrigo

xa·bri·go

s. m.

01 Sensação inesperada de conforto ou acolhimento sentida num lugar desconhecido pouco depois de se chegar.

02 Familiaridade precoce com um espaço que ainda não possui história suficiente para ser verdadeiramente familiar.

03 Impressão súbita de que seria possível permanecer num lugar que acabámos de encontrar.

ETIMOLOGIA formação de x, enquanto símbolo do desconhecido, e abrigo, fazendo do lugar desconhecido uma possível forma de acolhimento.

EXEMPLO Entrou naquela pequena biblioteca apenas para fugir da chuva e, dez minutos depois, havia já um xabrigo entre a luz das janelas, o cheiro dos livros e a cadeira onde se sentara.

xepasso

xe·pas·so

s. m.

01 Pequena sequência embaraçada em que duas pessoas que caminham uma em direcção à outra tentam simultaneamente desviar-se para o mesmo lado.

02 Repetição involuntária do movimento quando ambas corrigem novamente a trajectória na mesma direcção.

03 Breve coreografia social criada por duas pessoas que pretendiam apenas não chocar.

ETIMOLOGIA formação expressiva a partir da figura gráfica do X, representando duas trajectórias que se cruzam, e de passo, com e de apoio fonético.

EXEMPLO Tentou passar pela direita no mesmo instante em que ela fez o mesmo; depois de dois xepassos, ambos riram e alguém finalmente teve a sensatez de ficar quieto.

xerofrase

xe·ro·fra·se

s. f.

01 Frase que, por ter sido excessivamente repetida, conserva o significado literal mas perdeu grande parte da força afectiva ou expressiva que inicialmente possuía.

02 Formulação desgastada pela utilização até começar a soar desligada da experiência que pretende nomear.

03 Expressão emocionalmente seca pelo excesso de uso.

ETIMOLOGIA formação do grego xērós, «seco», e de frase.

EXEMPLO «Vai ficar tudo bem» transformara-se numa xerofrase: ninguém duvidava do significado das palavras, mas já havia muito pouco dentro delas.

xescuta

xes·cu·ta

s. f.

01 Escuta de uma língua que não se compreende suficientemente para que o significado se sobreponha à sua matéria sonora.

02 Percepção de uma fala desconhecida sobretudo através do ritmo, timbre, articulação, repetição, pausas e melodia.

03 Momento em que a linguagem, por não poder ainda ser entendida, passa a ser ouvida quase como música.

ETIMOLOGIA formação de x, enquanto símbolo daquilo cujo valor ou significado se desconhece, e de escuta.

EXEMPLO Não compreendia uma única frase da conversa na mesa ao lado, mas ficou algum tempo em xescuta, seguindo as vogais, pausas e consoantes como quem ouvia uma composição involuntária.

xilouvir

xi·lou·vir

v. tr.

01 Explorar as propriedades sonoras de um objecto de madeira através de toques, pancadas, fricção, ressonância ou vibração.

02 Escutar a madeira como matéria acústica antes de considerar apenas a função do objecto de que faz parte.

03 Em criação musical, investigar através do som diferenças de densidade, espessura, cavidade ou espécie de madeira.

ETIMOLOGIA formação do grego xýlon, «madeira», e de ouvir.

EXEMPLO Passou a tarde a xilouvir pedaços de madeira destinados ao cenário e acabou por transformar dois deles em instrumentos da peça.

xisar

xi·sar

v. tr.

01 Fazer cruzar deliberadamente duas estruturas, sequências ou processos inicialmente independentes para que a intersecção entre ambos produza acontecimentos novos.

02 Em criação artística, organizar materiais autónomos de modo que a relação entre eles resulte dos pontos em que se atravessam e não da sua fusão.

03 Compor através de cruzamentos.

ETIMOLOGIA formação verbal a partir de xis, nome da letra X, tomada como figura gráfica de duas linhas que se cruzam.

EXEMPLO Em vez de sincronizar o vídeo com a música, decidiu xisá-los: cada um conservaria o seu tempo e a obra aconteceria nos pontos imprevisíveis em que ambos se encontrassem.

xisolhar

xis·o·lhar

s. m.

01 Olhar simultâneo trocado por duas pessoas imediatamente depois de ambas presenciarem o mesmo acontecimento inesperado, estranho ou cómico.

02 Brevíssima confirmação mútua de que determinada coisa foi percebida pelos dois.

03 Cruzamento ocular capaz de substituir uma pergunta como «também viste isto?».

ETIMOLOGIA formação de xis e olhar, utilizando a figura do X para representar duas linhas visuais que se encontram.

EXEMPLO O empregado deixou cair discretamente uma colher dentro do vaso; houve um xisolhar entre os dois e nenhum precisou de perguntar se o outro tinha reparado.

xispera

xis·pe·ra

s. f.

01 Período de espera cuja duração permanece desconhecida e que, por essa razão, dificulta a organização do tempo em redor.

02 Intervalo durante o qual não se está propriamente ocupado, mas também não se está verdadeiramente livre porque não se sabe quando acontecerá aquilo por que se espera.

03 Porção cronológica de tamanho desconhecido que impede comprometer com segurança aquilo que a rodeia.

ETIMOLOGIA contracção de x, símbolo de uma quantidade desconhecida, e espera.

EXEMPLO O técnico chegaria «entre as nove e a uma»; instalou-se assim uma xispera de quatro horas no meio da manhã, grande demais para ignorar e indefinida demais para organizar.



Y entra neste alfabeto para recordar
que nenhuma língua vem fechada.

yesquase

yes·qua·se

s. m.

01 Aceitação dada num primeiro impulso que, imediatamente depois de pronunciada, revela conter ainda uma dúvida que não chegou a ser considerada.

02 «Sim» proferido mais depressa do que a decisão capaz de o sustentar.

03 Consentimento verbal que chega alguns segundos antes da certeza.

ETIMOLOGIA formação híbrida do inglês yes, «sim», e do português quase. O carácter híbrido é deliberado e adequado à posição periférica do Y no léxico português.

EXEMPLO Respondeu imediatamente «claro que vou»; dois segundos depois percebeu que aquele sim fora um yesquase e começou mentalmente a procurar no calendário problemas que ainda não consultara.

ypsilonar

yp·si·lo·nar

v. tr. e intr.

01 Fazer uma estrutura, percurso, narrativa ou processo dividir-se em duas direcções que permanecem simultaneamente possíveis.

02 Criar uma bifurcação sem determinar imediatamente qual dos ramos deverá prevalecer.

03 Em criação artística, fazer uma forma única produzir duas continuações independentes a partir do mesmo ponto.

ETIMOLOGIA formação verbal a partir de ypsilon, designação tradicional da letra Y, cuja forma gráfica sugere uma linha única que se divide em dois ramos.

EXEMPLO A peça encaminhava-se para um único final, mas decidiu ypsiloná-la: depois daquele acorde, dois percursos começariam simultaneamente e nenhum teria autoridade para dizer que era o verdadeiro.

yresto

yres·to

s. m.

01 Pequena alternativa que permanece mentalmente activa depois de uma escolha já ter sido feita.

02 Possibilidade rejeitada que continua durante algum tempo a acompanhar a opção escolhida sem chegar necessariamente a pô-la em causa.

03 Resto mental do caminho que não se seguiu.

ETIMOLOGIA formação de Y, tomado como figura de uma bifurcação, e resto, designando aquilo que permanece do ramo abandonado depois da escolha.

EXEMPLO Comprou o bilhete para sábado e não se arrependeu, mas durante algumas horas permaneceu um yresto de domingo a lembrar-lhe discretamente que outra versão daquele fim-de-semana continuara possível.



005 PALAVRAS / TERRITÓRIO Z

Zero palavras finais: o dicionário termina precisamente onde recomeça.

zelomais

ze·lo·mais

s. m.

01 Cuidado adicional aplicado a uma coisa depois de esta já se encontrar suficientemente protegida, preparada ou verificada.

02 Precaução suplementar cuja utilidade é menor do que a dificuldade de aceitar que aquilo que já foi feito possa ser bastante.

03 Ponto em que cuidar melhor começa discretamente a significar apenas cuidar mais.

ETIMOLOGIA composição de zelo e mais, conservada pela simplicidade quase proverbial da relação entre os dois termos.

EXEMPLO Já tinha feito duas cópias do ficheiro e guardado uma delas noutro disco; a terceira foi puro zelomais.

zénivolta

zé·ni·vol·ta

s. f.

01 Mudança deliberada de direcção realizada precisamente quando uma actividade, forma ou procedimento parece ter atingido o seu ponto máximo de eficácia.

02 Decisão criativa de abandonar ou transformar uma solução no momento em que ela começa a funcionar demasiado previsivelmente bem.

03 Recusa de converter um êxito formal numa fórmula.

ETIMOLOGIA formação de zénite, «ponto culminante», e volta, «mudança de direcção».

EXEMPLO A improvisação encontrara finalmente um groove perfeito; em vez de o conservar, fizeram uma zénivolta e desmontaram-no antes que começasse a saber que era eficaz.

zerapêndio

ze·ra·pên·di·o

s. m.

01 Satisfação produzida ao eliminar a última pequena tarefa de um conjunto de pendências.

02 Estado excepcional em que uma lista de coisas por fazer chega temporariamente a zero.

03 Breve sensação administrativa de que o futuro imediato não está naquele instante a cobrar-nos nada.

ETIMOLOGIA formação expressiva de zerar e pendência, com contracção destinada a nomear o desaparecimento do último elemento pendente.

EXEMPLO Enviou o último documento, respondeu à única mensagem em atraso e entrou num zerapêndio tão raro que abriu novamente a lista apenas para confirmar que estava realmente vazia.

zigpenso

zig·pen·so

s. m.

01 Pensamento que progride através de sucessivas mudanças de direcção em vez de seguir uma linha argumentativa contínua.

02 Raciocínio em que uma ideia aparentemente lateral conduz a outra e esta pode acabar por devolver inesperadamente ao problema inicial.

03 Percurso mental cujos desvios só retrospectivamente revelam ter participado da solução.

ETIMOLOGIA formação inspirada em ziguezague e penso, por associação ao verbo pensar.

EXEMPLO Começou por tentar resolver o título, passou pela imagem da capa, lembrou-se de uma frase antiga e, depois de vinte minutos de zigpenso aparentemente inútil, encontrou afinal a estrutura do capítulo.

zonavulto

zo·na·vul·to

s. m.

01 Área de um espaço familiar que permanece pouco conhecida porque raramente contém alguma coisa que exija atenção.

02 Parte de uma sala, casa, rua ou percurso conhecida o suficiente para ser ignorada e ignorada o suficiente para permanecer parcialmente desconhecida.

03 Região quotidiana existente na periferia prática do olhar.

ETIMOLOGIA formação de zona e vulto, designando uma área reconhecível mas pouco definida.

EXEMPLO Passara centenas de vezes pelo fundo daquele corredor, mas só quando caiu ali uma moeda percebeu que aquela zona era um zonavulto: inteiramente familiar e, ao mesmo tempo, quase nunca realmente vista.

PALAVRAS QUE CONTINUAM EM FALTA

Chegar ao Z não resolve o problema que deu origem a este livro. Resolve apenas a ordem alfabética. As experiências continuam a acontecer depois da última página, e muitas delas continuarão sem palavra porque nenhuma lista, por extensa que seja, consegue acompanhar a velocidade com que a vida produz diferenças. Um dicionário convencional aceita esta incompletude porque sabe que haverá novas edições. Um dicionário de palavras inexistentes tem de aceitá-la por uma razão ainda mais simples: o seu objecto é precisamente aquilo que ainda não foi estabilizado.

Ao longo destas páginas, uma coisa banal repetiu-se centenas de vezes. Primeiro aparecia uma situação reconhecível — um gesto, uma hesitação, uma forma de escuta, um pequeno acidente da memória, uma relação estranha com o tempo — e só depois aparecia uma palavra. A ordem é importante. A palavra não vinha impor ao mundo uma experiência imaginária; tentava encontrar uma forma suficientemente compacta para alguma coisa que já conseguíamos descrever. Quando a tentativa funciona, acontece o pequeno milagre que este livro procurou desde o princípio: lemos uma palavra que nunca aprendemos e, depois da definição, ela parece estranhamente atrasada, como se devesse ter chegado há muitos anos.

Nem todas conseguirão essa espécie de naturalização retrospectiva. Algumas talvez permaneçam visivelmente inventadas. Outras poderão parecer demasiado sérias para a insignificância da coisa que designam, e algumas demasiado ridículas para experiências que, quando acontecem, são inteiramente sérias. Essa desigualdade não é um defeito a corrigir; pertence ao próprio funcionamento da língua. Também o vocabulário existente contém palavras solenes para coisas minúsculas, palavras cómicas para problemas reais, sobreviventes de etimologias esquecidas, empréstimos que já ninguém sente como estrangeiros e construções que um dia foram novidades suspeitas antes de se tornarem perfeitamente banais.

O teste mais interessante não é, portanto, saber se estas palavras parecem oficialmente portuguesas. É saber se alguma delas encontra utilizadores. Uma palavra começa verdadeiramente a existir quando alguém a usa sem precisar de pedir desculpa por ela. Se, ao abrir o frigorífico pela quarta vez, alguém disser «estou outra vez a abrifrigar» e outra pessoa compreender imediatamente, já aconteceu alguma coisa que nenhuma decisão editorial consegue controlar. A palavra deixou de ser apenas uma proposta impressa e entrou no circuito imprevisível onde vivem as palavras reais: repetição, erro, deformação, ironia, mudança de sentido, esquecimento e reaparecimento.

É possível que algumas nunca saiam destas páginas. Não há tragédia nisso. Um dicionário pode também ser uma colecção de instrumentos experimentais, e nem todos os instrumentos precisam de encontrar uma função quotidiana. Há palavras que servem apenas para tornar visível uma experiência durante o tempo da leitura. Depois desaparecem, mas deixam uma pequena alteração no olhar. Talvez alguém nunca volte a dizer a palavra; ainda assim, depois de a ler, poderá reconhecer com maior nitidez aquilo que ela tentou isolar. Nesse caso a invenção não entrou no léxico, mas cumpriu outra tarefa: aumentou por instantes a resolução do mundo.

Também não devemos concluir que tudo precisa de nome. A ausência lexical pode ser fértil. Há experiências que perdem qualquer coisa quando são demasiado rapidamente classificadas, e há silêncios que se tornam mais pobres quando os obrigamos a apresentar documentação. Este livro não propõe uma administração total da consciência, como se cada variação emocional ou gesto doméstico devesse receber uma senha de atendimento e uma entrada própria. A invenção de palavras só é interessante enquanto permanecer uma forma de atenção, e não quando se transforma numa polícia do indizível.

Por isso, as palavras que continuam em falta não são simplesmente as que este dicionário se esqueceu de inventar. São também aquelas que ainda não sabemos que faltam. Algumas só se tornarão visíveis quando aparecer uma tecnologia nova; outras já existem como experiências há milhares de anos e continuam misturadas com

categorias demasiado largas. Algumas nascerão de mudanças sociais, outras de novas formas de convivência com animais, máquinas, cidades, clima e inteligência artificial. Muitas poderão surgir de regiões da experiência que uma determinada geração julgava irrelevantes e outra começará subitamente a observar.

Talvez o verdadeiro fim deste livro esteja, portanto, fora dele. Pode acontecer numa conversa, num comentário escrito à margem, numa criança que deforme uma palavra existente porque a língua ainda não lhe parece suficientemente precisa, num músico que precise de nomear um gesto que nunca teve nome, ou numa pessoa que, depois de reconhecer uma situação, descubra uma palavra melhor do que qualquer uma destas. Nesse momento, o dicionário não terá sido corrigido nem continuado: terá cumprido a sua função mais desejável, que é deixar de ser autoridade e tornar-se provocação.

Uma língua viva não é um edifício terminado, mas também não é um terreno sem memória. Herdamos milhares de palavras que carregam séculos de uso e acrescentamos-lhes, quase sempre sem cerimónia, pequenas alterações. Este livro exagerou deliberadamente esse direito. Abriu portas onde talvez não fossem necessárias, construiu divisões provisórias e colocou placas em lugares onde antes havia apenas passagem. Algumas placas poderão cair. Outras talvez fiquem. O importante é recordar que a arquitectura nunca esteve concluída e que os habitantes continuam autorizados a fazer obras.

Depois do Z, portanto, não vem o silêncio. Vêm todas as coisas que amanhã acontecerão antes de sabermos como lhes chamar. O dicionário fecha exactamente aí: não na última palavra inventada, mas diante da primeira experiência seguinte que, durante alguns segundos, ainda não terá nome.

BIBLIOGRAFIA SELECCIONADA

Sapir, Edward. Language: An Introduction to the Study of Speech. New York: Harcourt, Brace, 1921.
Whorf, Benjamin Lee. Language, Thought, and Reality: Selected Writings of Benjamin Lee Whorf. Org. John B. Carroll. Cambridge, MA: MIT Press, 1956.
Malotki, Ekkehart. Hopi Time: A Linguistic Analysis of the Temporal Concepts in the Hopi Language. Berlin / New York: Mouton, 1983.
Núñez, Rafael E.; Sweetser, Eve. «With the Future Behind Them: Convergent Evidence from Aymara Language and Gesture in the Crosslinguistic Comparison of Spatial Construals of Time». Cognitive Science, 30(3), 2006, pp. 401–450.
Levinson, Stephen C. Space in Language and Cognition: Explorations in Cognitive Diversity. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
Gordon, Peter. «Numerical Cognition Without Words: Evidence from Amazonia». Science, 306, 2004, pp. 496–499.
Frank, Michael C.; Everett, Daniel L.; Fedorenko, Evelina; Gibson, Edward. «Number as a Cognitive Technology: Evidence from Pirahã Language and Cognition». Cognition, 108(3), 2008, pp. 819–824.
Winawer, Jonathan; Witthoft, Nathan; Frank, Michael C.; Wu, Lisa; Wade, Alex R.; Boroditsky, Lera. «Russian Blues Reveal Effects of Language on Color Discrimination». Proceedings of the National Academy of Sciences, 104(19), 2007, pp. 7780–7785.

FICHA TÉCNICA

Título: Dicionário das Palavras que Ainda Não Existem
Subtítulo: Palavras para coisas que já existiam antes delas
Autor: Vítor Rua
Edição: Primeira edição provisoriamente definitiva
Local e ano: Lisboa, 2026
Copyright: © Vítor Rua, 2026
Chancela imaginária: Academia das Palavras Inexistentes — fundada amanhã
Todos os direitos reservados.

SOBRE O AUTOR



Vítor Rua compõe, improvisa, escreve, investiga e trabalha entre o cinema, o vídeo e as artes plásticas, como quem procura, em cada linguagem, uma passagem secreta para a seguinte. Vive em Lisboa, no planeta Terra, com a sua amiga e artista Ilda Teresa Castro, o cão Doutor Young Yang e a gata Professora Alva — uma pequena constelação doméstica onde a criação, a amizade e o mais-que-humano partilham a mesma órbita.